

DA ORIGEM À ORIGEM

História e vida de São José: a história do coração humano



TRIGUEIRINHO - IRMÃ LUCÍA DE JESÚS



IMAGEM DE SÃO JOSÉ CASTÍSSIMO

Hoje, humildemente, revelo-lhes Minha Face, para que também possam Me ver, assim como Eu quero Me expressar para o mundo nestes tempos. Eu não venho para ser adorado. Esta imagem existe para que unam seus corações ao Meu, para que reconheçam esse momento no qual Minha imperfeição ficou de lado para dar lugar à perfeição de Deus. Esta imagem existe para que compreendam a essência da existência humana e o caminho que devem seguir neste final dos tempos.

Esta imagem representa o que é impossível: o momento em que este báculo seco, morto, floriu. Assim também é a humanidade: parece estar morta, seca, mas na verdade, filhos, sementes únicas de flores que ainda são desconhecidas no Universo estão guardadas dentro de vocês, para que floresçam em uma verdade que já não lhes deve ser desconhecida. Que esta imagem seja a água derramada sobre as sementes de seus corações, para que diante dela floresça a verdade, e cada um de vocês conheça o seu verdadeiro ser.

São José Castíssimo, 19 de março de 2018

DA ORIGEM À ORIGEM

*História e Vida de São José:
a história do coração humano*

São José Castíssimo

Coleção
MENSAGEIROS DIVINOS

VOLUME ÚNICO

José Trigueirinho Netto
Irmã Lucía de Jesús



IRDIN

2026

Copyright © 2026 Associação Maria, Mãe da Divina Conceção

Irdin Editora sem fins lucrativos

Capa, fotografias, revisão e diagramação

Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora
e da Associação Maria, Mãe da Divina Conceção

Capa: Sagrado Relicário do Castíssimo Coração de São José - detalhe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trigueirinho

Da origem à origem : história e vida de São José : a história do
coração humano / José Trigueirinho Netto, Irmã Lucía de Jesús. – Car-
mo da Cachoeira : Irdin, 2026. – (Mensageiros Divinos).

386p. : il. color.

ISBN: 978-65-88468-91-3

1. José – Santo. 2. Esoterismo. 3. Espiritualidade. 4. Civilização antiga -
Miscelânea. 5. Atlântida (Continente lendário). I. Lucía de Jesús, Irmã. II.
Título. III. Série.

CDD: 133.9

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

R. Lourival Campos Reis, 507 - Bom Retiro
Carmo da Cachoeira – MG – Brasil | 37225-000

Tel.: +55 (35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Esta edição foi impressa em fevereiro de 2026
na gráfica *Formato* em sistema offset, papel couché 90 g.

IMPRESSO NO BRASIL

Sumário

Nota da Editora	09
Ao Leitor	11
Prólogo	13
Capítulo 1	17
A Origem	
Fontes da Vida: Adonai, Emmanuel e Abba	
O início do Projeto Humano	
Capítulo 2	33
Os primeiros povos sobre a Terra e a Lemúria	
O potencial de amar e a Grécia Antiga	
Atlântida e seus aprendizados	
Capítulo 3	59
O povo Estekna-Manes e sua ascensão	
A civilização egípcia e seus aprendizados	
Os patriarcas e a preparação para a Encarnação de Cristo	
Capítulo 4	83
O início de uma grande missão	
O mistério da consciência indígena	
José de Nazaré: nascimento, infância e juventude	
Capítulo 5	117
A Sagrada Família de Nazaré	
O nascimento e infância de Jesus	
A vida da Sagrada Família e a morte de São José	
Capítulo 6	155
O retorno à Origem	
O retorno à Terra	
Os Mestres Ascencionados	

Capítulo 7	181
Chaves para a união com Deus	
Caminho de ascensão e transcendência da condição humana	
A Instrução do Arcanjo Metatron	
Capítulo 8	211
A escola dos Avatares	
O sacerdócio Celestial, Universal e Crístico	
A escola da Instrução	
Capítulo 9	241
A Instrução de Emmanuel	
O Plano de Deus para o Projeto Humano e o Caminho Crístico	
O despertar das Virtudes e as sementes do Amor de Deus	
Capítulo 10	267
Ascensão de Jesus e Seu Retorno ao Pai	
O Evangelho Universal de Cristo	
Os Centros de Amor	
Capítulo 11	297
Maria Santíssima e os Monastérios Internos nos Centros de Amor	
As santas mulheres e os discípulos de Cristo	
O Reino de Mirna Jad e a Linhagem dos Reinistas	
Capítulo 12	331
Sínteses espirituais	
Unidade: a porta para uma evolução sublime	
A evolução divina	
Notas	363
Glossário	371

Nota da Editora

Entre 21 de agosto de 2016 e 9 de agosto de 2017, São José transmitiu um ciclo de mensagens diárias à Irmã Lucía de Jesus, monja vidente da Ordem Graça Misericórdia; esclareceu que se tratava de Sua história e pediu que tais mensagens fossem organizadas em um único livro. Sob orientação d'Ele, José Trigueirinho realizou uma minuciosa revisão de todo o material, uma de suas últimas tarefas, e a pedido de São José figura como autor deste livro.

Seguindo as indicações de Trigueirinho de preservar a sequência cronológica em que as mensagens foram transmitidas e com o intuito de colaborar na fluidez da narrativa que São José apresenta ao leitor, a obra foi dividida em capítulos. Também foi sua sugestão incluir notas explicativas e um glossário, que apresentam os termos menos conhecidos do público em geral e aqueles usados por São José com conotação diferente da usual. Tais palavras e expressões foram marcadas com números (Notas) e asteriscos (Glossário) no texto das mensagens.

Algumas palavras e expressões presentes na obra foram intencionalmente escritas com iniciais maiúsculas já que se referem a atributos divinos ou a estados superiores de consciência.

Que a história deste fiel servo de Deus na Terra possa ampliar a consciência e o coração de todos que, com sinceridade e amor, buscam o caminho de retorno à sua própria origem: a união com o Criador.

A Editora

Ao Leitor

Vocês farão a experiência de ler um livro que não foi estruturado no tempo cronológico que usamos aqui na Terra, mas que busca narrar uma história no Tempo Real*, o tempo que se vive no universo. Portanto, trata-se de um livro especial.

São José mostra-se mais empenhado, como Instrutor Divino, em demonstrar a essência do Ensino do que em descrever fatos (vide página 42). O foco subjetivo da narrativa está na história do coração humano, cujo desenvolvimento vai sendo paciente e amorosamente descrito durante o desenrolar da história e vida de São José, até hoje mantidas em reserva para o público em geral. A própria Bíblia fala d'Ele quase nada.

Trata-se de conseguirmos uma “reconstrução espiritual” após milênios de alguns enganos e de aventuras cegas, segundo nos diz o Instrutor, que vem reencarnando neste planeta desde os inícios e que, portanto, participou praticamente de todas as suas etapas. Para conseguirmos essa “reconstrução espiritual” temos de aprender, segundo Ele, a amar e a perdoar. Será tão difícil? O que nos prepara para isso é a vivência da compaixão e da piedade; já as conhecemos, mas nem sempre as colocamos em prática em nossas vidas.

Entretanto, os assuntos de que este livro trata transcendem a vida terrestre e nos informam que os seres evoluídos do universo, ao entrarem em contato com a raça humana e tentarem compreendê-la, foram resolvendo seus antiquíssimos problemas cósmicos.

Esclarecimentos sobre nossa antiguidade, sobre os continentes desaparecidos e os hipotéticos, e a verdade sobre a Grécia Antiga (vide capítulo 2) facilitam nosso contato com Deus e com o universo, sendo esta uma das metas desta ampla instrução de São José.

Um grande desafio e uma mui especial oportunidade para todos nós, que ignorávamos tantos fatos históricos e tantas imprevisões próprias do coração humano, tão amado por Deus e com papel tão fundamental em Seus Planos, como poderemos ver por meio desta história contada por quem a viveu intensamente desde os princípios do planeta.

José Trigueirinho
Agosto de 2018

Prólogo

Sei que nem toda a humanidade estará pronta para escutar esta história e entrar em contato com ela da forma como Eu lhes apresento aqui, inclusive pelo fato de ser Eu quem a está contando.

Porém, chegou o momento do conhecimento deixar de ser uma propriedade conduzida pelas mãos dos homens e da verdade estar acessível a todos – os ignorantes e os dispostos de coração – para que todos tenham a possibilidade de compreender por que vivem determinados acontecimentos neste tempo, sabendo transpor esses obstáculos e sabendo qual o caminho correto a seguir para que o Plano de Deus se cumpra.

Sei que muitos se perguntarão por que São José lhes contaria essa história e não outro, e o que representa para a humanidade essa consciência tão anônima e silenciosa.

Como verão ao longo da história que lhes contarei, Minha consciência surgiu dos estanques da Criação* com um propósito claro: ser o fiel exemplo da capacidade de um ser humano original da Terra e demonstrar ao universo que a manifestação do Plano de Deus, por meio do Projeto Humano*, é possível.

Venho como São José, porque represento, assim, a perfeita união do homem com Deus; a vivência da unidade com o Criador, na transcendência da individualidade humana.

Aqui lhes contarei uma síntese dessa história, que na verdade é muito mais ampla e profunda do que aqui lhes direi; porém a intenção é de que estas palavras sejam compreendidas por todos os seres humanos que as lerem. Por isso, os rebuscamentos e complexidades não serão características deste livro que vocês têm em mãos neste momento.

Filhos, esta não é apenas Minha história, é também a história de todo aquele que vive na Terra nestes tempos, porque suas vidas não começaram quando foram gestados nos ventres de suas mães e não terminarão quando seus corpos físicos sejam devolvidos para a terra.

Ao ler o que lhes contarei, busquem recordar, sentir e deixar que novas portas se abram na consciência para que, finalmente, uma compreensão maior os impulse a definir-se na manifestação do Propósito Divino.

Aqui os conduzo da Origem para a Origem, para o tempo do não tempo, onde poderão sentir que tudo o que foi e o que será já é. Descobrirão que o passado e o futuro estão unidos no resultado do que são hoje.

A cada dia, têm, diante de si, a possibilidade de curar o passado e transformar o futuro; basta que mudem o que são agora.

Seu pai, amigo e companheiro de sempre,

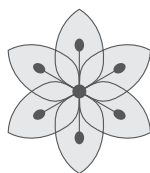
São José Castíssimo





Capítulo 1

Nebulosa da Lagosta (NGC 6357/Pismis 24)
NASA/ESA/CSA/ST



Para compreender esta história, deverão compreender um aspecto da Criação, aquele que corresponde à manifestação da humanidade.

A Criação é infinita, e explicá-la para a mente humana com toda sua plenitude e grandeza seria impossível neste momento da evolução da humanidade.

Por isso, esta história começa onde a podem compreender, sentir e recordar.

Para manifestar este universo* e outros sete, semelhantes a este, o Criador expandiu Sua Consciência entre as dimensões por Ele criadas. Antes de tudo, manifestou a Vida nas dimensões, que era a expressão de Seu Espírito, de Sua Presença, nos níveis Espiritual, Mental e Material do cosmos. Essas emanções ou expressões, vocês conhecem como Abba, Emmanuel e Adonai.

Cada aspecto da Consciência Divina é, em si, uma Fonte de Vida, da qual começaram a surgir as diferentes energias, vibrações e criaturas.

Antes de tudo, emanaram os raios, dos raios o som, os elementos e, por fim, as criaturas, que primeiro eram consciências arcangélicas, partes pensantes da Consciência Divina.

Da união dos raios, do som e dos elementos, e pela intercessão das primeiras criaturas divinas da Fonte de Vida de Adonai, Emmanuel e Abba, começaram a surgir as essências. Dessas essências surge a vida espiritual dos planetas e das estrelas que, seguindo sua evolução, aos poucos, foram animando galáxias e hoje conduzem espiritualmente até universos*.

Quando a consciência espiritual dos diferentes planetas foi se formando e os raios, os sons e as vibrações começaram a animar o cosmos, começa então o que vocês hoje conhecem como Vida.



As três expressões da Consciência Divina, em Suas Fontes Eternas de Vida, emanavam permanentemente aquilo que a cada uma lhes correspondia: da Fonte Espiritual provém o mais sublime – a origem de tudo – como os raios, as cores, a luz, o som. Da Fonte Cósmica Mental – da Mente de Deus – provêm Seus operários, aqueles que em união perfeita com Ele pensariam e manifestariam Sua Criação. É assim que os anjos, arcanjos e outros seres chamados ultraterrestres* – ainda desconhecidos para a humanidade – não estão separados do Criador, mas são prolongamentos Seus nas diferentes dimensões. Eles vivem para manifestar Sua Vontade.

Da Fonte Cósmica Material surge a matéria sublime desses sete universos* que começavam a se manifestar. Dessa Fonte não emana uma matéria como a humanidade conhece e compreende; a matéria sublime, que é emanada da Fonte Divina de Adonai, é o princípio, o arquétipo, o espírito de tudo o que veem manifestado. Até a manifestação que lhes pareça ser a mais grandiosa e sutil tem sua contraparte verdadeiramente espiritual guardada na Fonte de Adonai, em Seus estanques de vida*, de criação.

E foi muito depois de que a Criação começou a se multiplicar que Minha essência surgiu desse divino estanque de Adonai.

Anjos, arcanjos, sóis, estrelas, planetas, galáxias, espelhos*, elementos, tudo isso se expandia a cada instante; os universos* se transformavam e aquela primeira multiplicação de Deus – quando Ele se dividiu em três – nunca teve fim.

Fui criado na Fonte de Adonai sob um impulso criador do Arcanjo Rafael. Ali nasci como essência, nova parte multiplicada da Consciência Divina, nova célula de Deus.

Para que uma essência surja no estanque de Adonai, as emanções de Abba e de Emmanuel também se fazem presentes. A essência é algo sumamente sagrado e reverenciado no cosmos, onde passado e futuro não existem. Na essência se encontra a união perfeita entre as três Fontes Criadoras; é como se nela a Consciência Divina voltasse a se unir.

Para que uma essência seja emanada, os princípios da Fonte Espiritual de Abba são depositados no estanque de Adonai, expressando-se como raios, sons, cores e vibrações, que significam a missão primordial dessa essência, como ela se assemelha a Deus, e por meio de que vibrações retornará à Origem.

Por exemplo: se uma essência for criada sob o impulso do Raio da Transfiguração, o Princípio da Harmonia, um determinado som e vibração – expressa em cor e luz –, será por meio da vivência perfeita desse Raio da Transfiguração, da harmonia e dessas expressões de cor, som e luz – que desenham as linhagens de cada ser – que essa essência retornará à sua Origem.

A Fonte de Emmanuel, de onde emanaram os arcanjos e os anjos, também colabora na criação das essências por meio da intervenção e da energia de um determinado arcanjo maior, ou seja, as primeiras emanções divinas, aqueles que mais próximos estão da Consciência de Deus e que mais perfeitamente se unem ao Seu Divino Pensamento.

Cada arcanjo colabora para a essência com um novo princípio e deposita nela a Vontade de Deus, o Pensamento que o Criador tem para ela: qual será sua parte na manifestação do Plano e qual é a razão pela qual ela está sendo criada.

E a Fonte de Adonai manifesta, anima, dá forma e vida a esse Pensamento, a essa vibração espiritual, a essa essência.

De uma forma simples e compreensível para a mente humana, explico-lhes como surge no cosmos infinito uma essência de evolução material, humana ou universal.

Minha essência surge da Fonte de Adonai sob o impulso espiritual dos Raios da Liberação e da Transcendência, assim como das energias da Ordem, do Cerimonial, do Silêncio e da Humildade. Como já lhes disse, Minha missão foi traçada pelo Arcanjo Rafael e foi assim que tudo começou.

A primeira vibração de som que se fez ouvir em Meu surgimento no cosmos foi “AN”.



Quando as essências surgem no cosmos, necessitam passar por um período de adaptação espiritual de sua existência. A pureza de Deus e os princípios impressos em seu interior vão tomando vida e se consolidando.

É durante esse período que a essência se expande no que se conhece como “consciência”. A consciência é o espaço espiritual onde o ser se desenvolve em todos os seus níveis. É ali que os demais corpos, vida após vida, vão se formando e fazendo experiências, vão construindo sua evolução.

A consciência guarda em si todos os níveis do ser. É nela que podem transformar verdadeiramente o que não fizeram bem ou o que não aprenderam bem, e também é nela que podem encontrar o mais puro de si mesmos, o caminho para a própria essência.

O primeiro aprendizado da consciência é a contemplação a Deus, e este também será o último. Será através da perfeita contemplação e da união consciente com o Criador que a consciência se transcenderá novamente em essência e voltará às Origens de tudo.

Todas essas vivências ainda se encontram dentro de cada ser. Aquele que, em gratidão e reverência, acessa a própria consciência encontra nela este primeiro aprendizado consciente: a contemplação ao Criador.

Assim a consciência vai ganhando vida e, sendo conduzida pelos sábios seres que governam o universo e o carma de cada ser, é dirigida a um determinado lugar do universo para dar prosseguimento à sua evolução. Eu vim para a Terra a certa altura de Minha trajetória.

Para compreender, sentir e deixar que estas palavras os transformem e os façam recordar, mais do que ler, meditem nelas; deixem que elas ecoem no silêncio do próprio interior. Assim compreenderão por que lhes digo essas coisas.



É com base em todos os atributos da essência e naquelas vibrações que a conformam que os primeiros corpos do ser vão se formando.

Depois da consciência, surge o corpo de luz, que é a ponte para a consciência; em seguida surge a alma e, dependendo da experiência de cada um, manifestam-se os demais corpos, mais materiais ou menos.

Por haverem sido as primeiras criações de Deus, cada planeta no universo* e no cosmos traz em si, espiritualmente, muitos atributos que contribuem para aquelas consciências recentemente formadas, que encarnam em sua órbita pela primeira vez.

Assim, além de todos os atributos que recebe da essência, a consciência também recebe do planeta, onde primeiro encarna, seus atributos espirituais, que estão ligados à essência planetária, ao que esse planeta deve manifestar e ao seu papel na concretização dos Planos de Deus.

Contendo toda essa informação espiritual, encarnam os primeiros corpos materiais, que compõem o que muitos conhecem como seres cósmicos e suas diferentes mônadas*.

Aquelas poucas criaturas que viveram sua primeira experiência originalmente na Terra têm a clara missão de expressar o que a Terra oferece à Criação Divina: a experiência do Amor e da Unidade perfeita com Deus, por meio da transcendência da lei da dualidade e da lei do livre-arbítrio.

Foi com todos esses impulsos que cheguei em espírito à Terra, um planeta de grandes aprendizados.

Desde o princípio de Minha experiência na Terra, fui preparado para viver a missão que Me faria iniciar o caminho de retorno à Origem; caminho este que ainda sigo traçando até os dias de hoje.

Tudo isso, pouco a pouco, lhes explicarei para que compreendam as raízes da condição humana e como transcendê-la através do amor a Deus e da persistência.



No início do Projeto Humano* – que assim se chama porque foi um dos últimos projetos divinos, de criação de uma raça completamente diferente de todas as que já existiam no universo* – a ideia do Criador era pura e Sua intenção perfeita.

Na consciência espiritual do planeta Terra foram depositados atributos divinos únicos em todo o universo, como a unidade espiritual, mental e anímica com Deus, o Amor Crístico, a possibilidade do caminho de evolução solar... Poderíamos dizer que os maiores atributos da vida cósmica e universal* foram depositados no espírito da Terra e, em sua devida proporção, cada essência que chegava ao planeta recebia em si o potencial da vivência e da expressão desses atributos.

Mas o Projeto Humano* também permitia a atuação da lei da dualidade e da lei do livre-arbítrio, que são os símbolos dos obstáculos espirituais que as criaturas devem transcender para acessar os atributos divinos que estavam latentes em seu interior; porque não se chega a esses atributos com a vontade própria, mas, sim, com a Vontade Divina e a plena disposição e entrega para viver nessa Vontade.

Ao longo da existência do planeta, inúmeras foram as tentativas de evolução e de muitas formas a humanidade se aproximou e se afastou do arquétipo divino para a consciência humana, porque, apesar das oportunidades e das graças serem as mesmas para todos, nem todos têm a mesma simplicidade de coração para chegar à meta com harmonia e sem se perder no caminho.

A condição humana em si já gerava certas dificuldades para as consciências, porque elas não conhecem sua origem, seu passado, seu futuro e tampouco a razão pela qual estão no planeta; inclusive, muitos ignoram que sua vida tem uma razão espiritual e evolutiva de ser, ignoram que a este planeta não se vem para viver uma experiência pessoal, mas, sim, um aprendizado universal e até mesmo cósmico.



Antes das consciências chegarem à Terra, muitas delas experimentaram a evolução universal em outros mundos. Cada planeta criado por Deus contribuía para essas consciências com um determinado atributo, que as aproximava da expressão perfeita de sua essência, daquilo que Deus havia pensado para elas.

Em cada planeta as consciências vivem determinadas escolas de evolução e, a depender de cada uma delas, aproximam-se mais do arquétipo divino ou menos. Assim como na Terra, os seres erram e acertam muitas vezes; fazem eleições que os levam ao crescimento ou ao retrocesso da consciência. Por esse motivo, o Criador vai renovando os projetos

evolutivos, as raças e planetas criados, para que cada essência por Ele criada encontre a melhor forma de crescer e de retornar; por isso se veem tantas estrelas no Céu à noite.

O planeta Terra foi preenchido em sua consciência espiritual com atributos primordiais únicos, considerando-se no universo que a vida na Terra corresponde a um grande aprendizado, uma oportunidade magna de dar um salto evolutivo, perdoar os erros e retrocessos do universo e retornar à unidade com Deus.

Dessa forma, muitos seres foram enviados ao Projeto Humano*; alguns eram aqueles que cometeram os maiores erros do cosmos; outros eram grandes instrutores universais que necessitavam desse aprendizado para evoluir; outros precisavam de uma oportunidade de se redimir e equilibrar diferentes graus de experiências negativas; outros, como Eu, começavam sua evolução a partir da Terra para que o Criador observasse o resultado original do ser humano; um deles era Seu Filho¹, bem como Sua Santa Serva², seres divinos que, com faces humanas, também participavam do projeto da Terra.

A evolução do planeta aconteceu em muitas etapas diferentes, em muitos ciclos que marcaram a civilização humana de diversas formas, assim como aconteceu ao longo da evolução de todas as civilizações do cosmos, com a diferença de que a humanidade, muitas vezes, não era consciente do seu ciclo anterior, do passado do próprio planeta. Por isso, a transcendência de seus erros e sua renovação diante de Deus era sempre mais difícil do que no universo.

Muitas vezes, a consciência humana teve de começar de novo³. Cada tipo de ser que compõe a humanidade chegou à Terra em uma etapa evolutiva diferente. Eu cheguei no princípio.



A primeira experiência de vida humana na Terra foi muito acompanhada por todo o universo. Naquele momento, os véus que encobriam a consciência não eram tão escuros quanto os que hoje estão sobre seus olhos.

A consciência humana tinha, em parte, a recordação de sua origem e algo conhecia sobre o propósito de sua existência. Porém, a lei da dualidade e a do livre-arbítrio já faziam parte da vida sobre a Terra, e além dos próprios registros trazidos do universo, como os erros que teriam de superar – agora inconscientemente – os seres humanos teriam de enfrentar sua condição material densa, dentro dessas leis planetárias.

Nesse primeiro Projeto Humano*, no período que muitos conheceram como Gênesis, Minha consciência começou a compreender a condição humana, e foi ali que vivi Meus primeiros aprendizados evolutivos. Observando a fundo Meu próprio mundo interior e o mundo interior de Meus semelhantes, nessa experiência em que se desenvolviam as primeiras famílias humanas com a ajuda direta do Criador e do universo, aprendi sobre a importância da Lei da Obediência para que o Propósito Divino pudesse se cumprir.

Foi nesse período, com os primeiros pecados capitais, tendo como impulso a desobediência, que a humanidade se afastou do Propósito Divino.

A desobediência foi a raiz do cancelamento desta primeira parte do Projeto. O princípio de desobediência deixou suas marcas na consciência humana e, por não haver sido transcendido com atos de obediência à Vontade Divina, esse mal cresceu e tomou as proporções que hoje são conhecidas na Terra.

A desobediência não foi uma energia que se originou na Terra, mas que chegou a fazer parte da condição humana pelos registros que os espíritos traziam do seu passado no universo e que, diante de determinados estímulos, começaram a emergir novamente aqui.

Como essa, muitas outras energias capitais* emergiram da consciência humana e por isso, muitos de vocês, tantas vezes, atuam de determinada forma, sem saber de onde provém o estímulo dessa ação. Aos poucos poderão compreender.



Com o desenvolvimento da desobediência, foram sendo gestados na consciência humana outros princípios que degeneravam o Projeto Divino e que eram prolongamentos do que mais tarde conheceriam como energias capitais.

Naquele momento da evolução humana, as energias capitais – assim como os dons divinos* – eram energias que estavam latentes na consciência planetária e pelo ato da desobediência foram se ativando uma a uma, até construir o mundo que hoje todos conhecem. Quanto aos dons divinos, ativaram-se menos e com dificuldades várias.

Nesse princípio de tudo, a obediência era um atributo primordial a ser vivido, porque é a obediência o que mantém os seres – em todo o universo* como em todo o cosmos – unidos à Vontade do Criador. A obediência é a chave que abre as portas para que novos raios cósmicos, que representam essa Vontade, possam ingressar na vida individual dos seres, assim como nas diferentes civilizações.

A obediência é a chave para que outras virtudes e princípios divinos se manifestem, assim como a desobediência foi, naquele tempo, a chave para as energias capitais adormecidas na consciência planetária despertarem.

Foi assim, nessa primeira experiência humana, que fui descobrindo a importância da obediência ao Divino e isso ficou marcado em Minha consciência, apesar de, muitas vezes, não ter sido consciente desse aprendizado ao longo de Minhas experiências na Terra.

No princípio do Projeto Humano*, esse aprendizado marcou a consciência humana, mas muitos, até os dias de hoje, não conseguiram se liberar do vício da desobediência e, em decorrência disso, da prisão de outras energias capitais* e de seus prolongamentos.

É por isso que hoje Eu venho para instruí-los sobre a virtude da obediência para que dissolvam da consciência planetária um mal milenar e despertem esse princípio divino, que é a porta de retorno que os conduzirá ao Criador.



Nesta primeira etapa do Projeto Humano, quando a partir de Adão e Eva se desenvolveram as primeiras famílias, depois de haverem cometido o erro da desobediência, a humanidade ficou de certa forma isolada da Criação; apesar do Criador conhecer a fundo o potencial dessas Suas criaturas, manteve-Se em silêncio e em observação, enquanto o universo rejeitava esse projeto.

Como a obediência para todas as civilizações já desenvolvidas no cosmos é um atributo primordial, a desobediência inicial da humanidade foi, para muitos, um símbolo de instabilidade e um sinal de que nessa raça não se podia confiar.

Porém, existem coisas que apenas o Criador compreende e, às vezes, até parece que esse ato de desobediência de Adão e Eva não foi o fim, mas, sim, o princípio de tudo. A partir dali, a humanidade se viu diante de seu grande desafio: transcender sua condição humana, sua decadência espiritual, e mesmo a si própria, como seres individuais, para despertar um potencial oculto de união com o Pai.

Como os sábios do universo que acompanhavam esse projeto se afastaram da Terra, geração após geração, a memória da Vida Superior foi sendo apagada e, cada vez mais, os véus da consciência se tornaram

mais escuros e espessos, como símbolo da impossibilidade do ser humano descobrir a verdade sobre si mesmo.

E assim, distantes do seu potencial original, nos povos primitivos, os seres humanos foram se desenvolvendo com uma evolução semelhante à dos animais, até que novamente começaram a encontrar a essência do que eram, e a razão e o sentimento foram tomando vida e dando às almas uma possibilidade de se expressarem.

Eu vivi entre as primeiras famílias humanas, contemporâneo de Adão e Eva e, por isso, aprendi muito de perto sobre a condição humana e que, apesar de todo acompanhamento e condução divina, os seres humanos ainda não eram capazes de ser total e absolutamente fiéis ao Propósito de sua existência.

Depois dessa experiência, prossegui na Terra, dessa vez, em uma época diferente.



Ao haver sido afastada das demais civilizações do universo e não vivendo no que se conhece como Tempo Real*, a humanidade não recebia mais certos impulsos cósmicos e suas células e átomos evoluíam em uma proporção muito mais lenta em relação às demais civilizações. Era como se a consciência humana, em certo período de sua evolução, contasse apenas com o próprio potencial de desenvolvimento e qualquer intervenção – tanto do universo, como dos anjos, arcanjos e até mesmo de Deus – estivesse ausente.

Nesse período em que Eu vivi como parte dos povos primitivos, mesmo que não tão conscientemente, fui aprendendo sobre o verdadeiro sentido da unidade. E ainda que a unidade nos povos primitivos fosse vivida por uma questão de sobrevivência e não por uma experiência espiritual, esse aprendizado ficou gravado na consciência humana, e de

uma forma muito tímida, essa raça já desestimada pelo cosmos – mas não por Deus, seu Criador – começou novamente a chamar a atenção.

Apesar de ter sido por algo tão básico, como é a luta pela vida, os povos primitivos começaram a se unir e a desenvolver, a partir dessa unidade, os seus primeiros sentimentos e as primeiras experiências de uma vida em comunidade.

Esse foi Meu primeiro contato com o Princípio da Unidade⁴ e, pouco a pouco, ele foi se desenvolvendo não apenas em Mim, mas em toda a consciência humana.

O despertar desse sentido de unidade de uns para com os outros foi se refletindo em alguns indivíduos primitivos, bem como no maior cuidado com certas espécies dos Reinos da Natureza que, até então, não eram compreendidas como vida, porque a mente humana daquela época não permitia que reconhecessem a presença da vida, semelhante à própria, nos Reinos, sobretudo no Reino Animal. Isso foi fazendo com que um maior respeito fosse sendo gestado no interior de alguns homens e, em decorrência disso, essa porta se abriu para toda a humanidade.

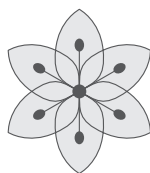
Esses foram os principais aprendizados dos povos primitivos.





Capítulo 2

Cueva de los Tayos
Cordilheira dos Andes, Equador



Quisera contar-lhes agora um pouco do desenvolvimento interior dos povos que precederam os primitivos e que formaram os primeiros grupos indígenas da Terra.

Apesar dos povos primitivos haverem permanecido um longo período em desenvolvimento no planeta, pouco a pouco sua consciência foi aprendendo e crescendo, e pequenos impulsos de unidade com Deus foram sendo recebidos.

Eu participei dessa primeira etapa do planeta e segui sendo formado espiritualmente nos planos internos. Dali, observava o desenvolvimento da humanidade da qual Eu fazia parte, até que chegou a hora de retornar fisicamente ao mundo.

Nessa etapa, cheguei quando a humanidade já se organizava como consciência indígena. Os sinais de amor aos Reinos da Natureza e o sentido de proteção que tinham alcançado, uns para com os outros, foram fazendo com que novamente o universo colocasse sua atenção sobre a Terra e, de uma forma muito cautelosa, enviasse impulsos espaçados para observar como a humanidade os assimilava.

Havia diferentes grupos humanos se desenvolvendo no planeta separadamente. Alguns evoluíam de forma mais rápida, outros menos. Quando os sábios do universo observavam que um desses grupos estava pronto para receber um impulso, o enviavam de uma forma silenciosa e, a princípio, bem misteriosa para todos.

Esses impulsos eram raios divinos, energias imateriais, invisíveis aos olhos humanos, que se manifestavam como inspirações, intuições, saberes... E esses impulsos foram ensinando os povos daquela época

sobre a vida com os elementos, com os diferentes Reinos, sobretudo o Vegetal e o Mineral, que ainda eram pouco conhecidos, uma vez que a consciência primitiva havia deixado uma marca de medo de novas experiências como um registro do passado.

Na terceira etapa da evolução planetária, a humanidade mais consciente nessa época começou a perceber que algo misterioso se movia além dela e a impulsionava. Esse período foi marcado pela busca por esse mundo invisível, e foi ali, de uma forma muito simples e rudimentar, que comecei a aprender a buscar a Deus sem sabê-lo, porque o que buscava era Isso misterioso, que nos permeava em silêncio.



À medida que se desenvolviam, as primeiras gerações humanas foram equilibrando os erros do passado e aprendendo a obedecer às leis da vida.

Pela observação da natureza e dos ciclos naturais dos Reinos e dos elementos, a humanidade foi percebendo que toda a vida respondia a uma lei natural e superior e que, para estar em harmonia com a vida e sobreviver nas condições daquela época, era necessário estar inserida nessas leis.

Foi assim que a humanidade começou a descobrir a existência das leis e, aos poucos, foi adentrando em leis que transcendem a vida na Terra, como as leis dos astros. Tudo isso, era o princípio de uma ciência, uma vaga ideia do que tais leis eram.

Nessa época, aprendi a respeitar as leis como parte da vida humana. Isso não significa que a humanidade não seguisse cometendo erros; existiam muitos graus de evolução entre os povos espalhados pelo mundo, desde seres humanos ainda semelhantes a animais – em seu modo de pensar, sentir e agir – até seres humanos que começavam a ver despontar na consciência uma ideia da Vida Superior.

Falo-lhes de um momento anterior à divisão da Pangeia⁵.



A profundidade dos seres humanos é única, tão infinita é sua consciência, assim como é a Consciência Divina; mas o grande desafio da humanidade sempre foi sair da superficialidade para a qual este mundo a convida e ser capaz de mergulhar no próprio interior. Na época primitiva da história humana, não havia tantos estímulos, vícios nem registros involutivos como existem hoje. Por isso, os seres humanos tinham uma inclinação particular para a evolução e, sobretudo em algumas tribos específicas, essa inclinação era mais profunda e verdadeira.

Naquela época, um ser que despertava para a Vida Superior e a buscava não tinha em que ocupar sua consciência, senão na sobrevivência e na evolução. A partir do momento em que os seres humanos começaram a descobrir que a melhor sobrevivência estava intimamente ligada à evolução, e que aquele que descobria os mistérios celestiais descobria também as potencialidades da própria existência, a busca espiritual foi crescendo; e as Hierarquias Universais que antes guiavam o Projeto Humano*, pouco a pouco, tiveram abertura para retornar e, em espírito e consciência, instruir a humanidade.

Nesse período, na área do planeta que hoje se conhece como continente africano e asiático, muitas tribos foram despertando à Vida Superior, e a intervenção da Hierarquia Universal, muitas vezes, pôde chegar a ser física.

Foi dessa forma que voltaram a encarnar no planeta muitas consciências de grande sabedoria para levar adiante uma etapa do projeto que muitos conheceram como Lemúria.

Ali, Eu também estive presente.



A grande distância evolutiva que havia entre os diferentes grupos de seres humanos que se desenvolviam na Terra fez com que a Hierarquia Universal tomasse a decisão de isolar certo grupo e trabalhar mais intensamente com ele, porque eram consciências que davam um maior sinal de poder cumprir com o Propósito. Foi assim que a própria Hierarquia, por meio de energias cósmicas e telúricas, dividiu a Pangeia⁵ e separou assim esses dois grupos.

Os seres humanos que habitavam a parte que conhecem como África e América do Sul se desenvolveram rapidamente, enquanto os demais foram se extinguindo por não suportarem as mudanças climáticas e também pela reorganização geográfica.

O grupo de seres humanos que seguiu evoluindo, sob o impulso da Hierarquia, rapidamente desenvolveu a mente. Agora, mais uma vez sob o resguardo do universo, a humanidade começou a recordar seu passado, e pouco a pouco, os véus da consciência voltaram a ficar mais claros; isso significa que muitos seres humanos daquela época, de diferentes formas, foram acessando seu potencial como espíritos, como seres cósmicos, foram recordando sua origem.

O contato com os Reinos da Natureza foi desenvolvendo na consciência humana um grande potencial curador e científico. Cada vez mais a humanidade permitia a intervenção da Hierarquia Universal em seu aprendizado e assimilava com rapidez o que lhe era ensinado.

Assim, em poucas gerações, já havia no planeta uma grande organização por parte dos seres humanos, pois o vínculo com a Hierarquia assim o permitia.

A obediência e o interesse da humanidade, nessa primeira parte do que conheceram como Lemúria, fizeram com que o universo depositasse

nos seres humanos um pouco de sua confiança e, assim, lhes entregasse grandes tesouros nos campos da ciência, da cura e da espiritualidade.

Foi aqui que a humanidade começou a descobrir o poder do verbo, não apenas como um veículo de comunicação, mas também como um instrumento criador.



Com o desenvolvimento da consciência humana, a Lemúria passou a ser uma mistura do que cada consciência era originalmente no universo com o que agora expressava na experiência terrestre. Essa união se dava na consciência de cada ser e uns a viviam mais intensamente, outros menos, segundo seu grau evolutivo. Apesar disso, o Projeto Humano* seguia se desenvolvendo isolado de todo o resto do universo, das demais civilizações e projetos de Deus.

A ciência que se desenvolvia na Lemúria, assim como a cura, tinha como finalidade espiritual que a humanidade seguisse evoluindo. Não era como a ciência de hoje, que se volta para a comodidade e para o retrocesso humano, distanciando os seres cada vez mais de Deus e da vida espiritual. Cada ferramenta era criada para um desenvolvimento espiritual, porque os lemurianos foram descobrindo que a evolução e a espiritualidade caminham juntas.

Foi na Lemúria que a humanidade começou a tomar contato com a música, com o som e descobriu, aos poucos, seu potencial curador e também como ele eleva a consciência além das dimensões.

A Lemúria estava organizada em diferentes linhagens hierárquicas e o conhecimento se repartia entre todos, desde os que tinham a função de aprender diretamente com a Hierarquia Universal, até aqueles que recebiam um conhecimento básico para começar a dar seus passos evolutivos.

Aparentemente, tudo ocorria bem na Lemúria; os seres se desenvolviam e não faltava muito para que alcançassem o grau evolutivo que deixaram para trás em suas civilizações de origem, quando vieram para a Terra. Porém, o principal aprendizado que vieram experimentar na Terra, que era a vivência do Amor e da Unidade, não havia despontado na consciência lemuriana, pois lhes interessava muito mais o desenvolvimento do poder, de suas potencialidades extrassensoriais e a manipulação dos Reinos e elementos.

Aqui, pedirei que se detenham para observar onde é que a humanidade começa a se perder, e vejam que, ao longo da história que lhes contarei, esse mesmo ponto, em épocas diferentes, fará com que o Projeto de Deus seja rejeitado no universo.

Minha intenção ao contar-lhes essa história é que, nesta etapa atual do planeta, na qual a mesma prova lhes é colocada, vocês possam agora superá-la.



A ânsia pelo poder que se ativou na consciência humana durante a experiência na Lemúria ainda permanece como um registro no subconsciente de muitos. Da mesma forma, as linhagens evolutivas que ali puderam viver, como o sacerdócio, a cura, o trato com os Reinos da Natureza, também ficaram impressas nas consciências como uma recordação antiga.

Conto-lhes sobre essa etapa da humanidade porque foi um momento do qual todos vivem as consequências até hoje, apesar de que a maioria ignora esse fato ou, se o percebe, passa-o por alto.

Na Lemúria, desenvolvi a energia sacerdotal, que originalmente trazia em Meu espírito e aprendi ali a atrair do universo o que o universo tinha para nos entregar e não buscar do universo aquilo que, como humanidade, não nos correspondia viver e experimentar.

Porque, com sua ânsia desenfreada, a humanidade daquela época buscou muitos conhecimentos que não lhe correspondiam e antecipou acontecimentos ao ativar, de forma indevida, determinadas energias que tinham um grau de poder muito elevado. Mais uma vez, a humanidade se viu diante da desobediência a Deus e ao universo que a guiava, devido ao seu sentimento de autossuficiência.

Os movimentos climáticos e geográficos, por uma permissão da Hierarquia Universal, fizeram desaparecer a Lemúria, porque à humanidade faltava humildade de coração para conhecer tamanho poder divino que lhe havia sido entregue.



A autossuficiência é um mal que a própria humanidade alimenta em si mesma como se fosse uma grande virtude. Desde a infância, o ser humano é animado a ser autossuficiente e ele transfere esse ensinamento para todos os sentidos da vida, até mesmo para o lado espiritual.

A maioria dos seres humanos não vive a vida do espírito em profundidade porque sempre existe um aspecto de suas consciências que acredita na autossuficiência, ou seja, que além de qualquer ensinamento, ou caminho, está a possibilidade da autossuficiência. Dessa forma, não conseguem chegar à essência da humildade, que é rendição, e assim não chegam jamais à Fonte Divina, tampouco à verdade sobre si mesmos.

A autossuficiência na consciência humana representa uma espessa capa de ilusão que faz com que o homem crie para sua própria imagem algo falso. É por essa mesma razão que, desde o princípio, muitas vezes, a humanidade perdeu a possibilidade de descobrir a verdade sobre sua origem e sua própria história.

Aqueles que se reconheceram ignorantes e deixaram que Deus agisse através de sua humildade e lhes revelasse Seus mistérios, se mantiveram em silêncio, porque outros, acima deles, que se acreditavam os “conhecedores de todas as coisas”, jamais acreditariam em algo que sua própria mente não poderia conceber.

Então, os conceitos nunca se aprofundaram, e até hoje, apesar de haver trilhado um longo caminho, a humanidade se encontra no mesmo ponto espiritual que alcançou em vários ciclos anteriores, mas agora recebe a possibilidade de que, em humildade, possa transcender os atavismos e reescrever a história humana. Por isso, o Criador Me permitiu revelar o que aqui lhes digo.



A história da humanidade sempre se reescreve, porque apesar dos grandes erros cometidos por alguns seres humanos, o potencial do arquétipo humano segue despertando e se desenvolvendo em outros. Por isso, tudo se equilibra e esta raça, de alguma forma, sempre recebeu a oportunidade de recomeçar.

Foi dessa forma que, apesar dos grandes erros cometidos na Lemúria – erros que não relatarei aqui porque não quero deixar-lhes os fatos, mas, sim, a essência dos aprendizados – aquelas consciências que levavam adiante o projeto de Deus de uma forma pura puderam permanecer na Terra com a essência de seu aprendizado.

Depois do desaparecimento da Lemúria, por uma intervenção do universo, todos aqueles seres que participaram dessa etapa da humanidade retomaram os véus que tinham em suas consciências. Aqueles que cometeram grandes erros retomaram sua experiência a partir do zero, em povos primitivos, que começavam seu desenvolvimento com a evolução da mente e dos sentimentos, semelhantes aos animais, com aquilo que chamam de “instintos”.

Aquelas consciências que viveram o processo lemuriano de uma forma pura encarnaram em tribos indígenas com registros remanescentes positivos e, apesar de estarem também com os véus na consciência, essencialmente recordavam o mais alto grau de seu aprendizado. Foi nesses primeiros povos indígenas, já na segunda parte da divisão da Terra⁶, que Eu voltei ao planeta.



Depois da Lemúria, ainda que a humanidade ignore quase completamente, surgiram outros povos de uma elevada evolução espiritual, povos que em sua simplicidade alcançaram graus de amor e de fraternidade que os aproximaram de Deus e da verdade sobre si mesmos. Porém, durante essa etapa humana, o Criador não permitia que a humanidade chegasse a um conhecimento científico, energético e tecnológico, como aconteceu na Lemúria.

Aqueles corações que despertavam elevados graus de amor, mesmo sem saber, conectavam-se com a verdade espiritual, com a origem espiritual da vida e não com seu passado cósmico, pois não tinham consciência desse passado.

Foi dessa forma que o potencial humano foi se desenvolvendo sem a intervenção dos registros universais, mas apenas pelo potencial do próprio coração.

Não demorou muito para que os graus de fraternidade crescessem e levassem a humanidade novamente a um desenvolvimento social, grupal, a uma vida em comunidade. E aqui, quisera que compreendessem que a tendência natural do ser humano é a vida em comunidade, porque seu aprendizado espiritual na Terra baseia-se na transcendência de qualquer aparência do próximo, para amá-lo como ele é em essência; e esse amor se aprende na vida grupal, quando a consciência se vê diante de todas as manifestações da imperfeição e, ainda assim, é capaz de

encontrar a verdade que se esconde detrás delas, para amar a essência do próximo e aprender, dessa forma, a amar Isso que o Criador ama em Seus filhos.

Foi esse amor verdadeiro e essencial que fui aprendendo aos poucos, desde os povos primitivos até as primeiras civilizações gregas, egípcias e, depois, patriarcais.



Enquanto a humanidade vivia sua experiência na Terra e tantas vezes, em tão pouco tempo de civilização, se autodestruía e recomeçava, o universo também vivia sua experiência de reconstrução e de reacomodação depois de uma guerra universal antiga, cujas feridas ainda estavam sendo curadas. Assim, o exemplo oculto da reconstrução humana foi ensinando os seres do universo⁷ como encontrar esse caminho.

As civilizações do cosmos têm todo o potencial para reconstruir-se física, etérica e tecnologicamente. Porém, agora se tratava de uma reconstrução espiritual e, para alcançá-la, deveriam aprender a amar e a perdoar, assim como a essência humana, potencialmente, poderia ensinar.

Então, apesar de a humanidade ainda não haver expressado o seu potencial nas Leis do Amor e do Perdão, começavam a despontar esses princípios que se expressavam na compaixão e na piedade.

Assim, aqueles que observavam em silêncio o Projeto Humano* muito aprendiam acerca de como reconstruir-se interna e espiritualmente.

Foi dessa forma que o Projeto Humano foi novamente ganhando certa adesão por parte do universo e, aos poucos, os seres compreendiam a Vontade de Deus ao criar a raça humana.



Novamente, em vários pontos do planeta, a humanidade se desenvolvia em diferentes graus e por meio de diferentes aprendizados; mas foi na Grécia Antiga⁸ onde a compaixão se desenvolveu com maior intensidade e despontou na consciência humana, outra vez, o potencial do amor.

Esse potencial de amor, até aquele momento, não se havia expressado, apenas havia dado sinais de suas possibilidades de manifestação.

O que conheceram nos mitos como deuses gregos foram consciências que viveram na Terra sua experiência. Dentre eles estavam alguns sábios do universo que vieram auxiliar a evolução humana com a experiência de fraternidade e de bem comum que traziam em seus espíritos.

Eu vivi também esse momento da Terra como um observador da consciência humana.

Em todas as Minhas experiências na Terra – sem ter consciência da ligação entre uma e outra – o que as fazia semelhantes é que Meu ser esteve sempre disponível para aprender, observar e crescer com os erros e acertos, próprios ou dos demais. Ao observar os erros alheios, Eu assimilava a experiência e não seguia pelos mesmos caminhos.

Sim, cometi outros erros ao longo dessas experiências, mas à medida que aprendia não os repetia nem naquela vida nem em outras. Essa é uma possibilidade que a humanidade originalmente apresenta: aprender com os erros e não repeti-los. Mas para isso é necessário ter na consciência a certeza de uma meta superior e não pessoal. Porque aqueles que vivem para si não se importam em cometer os mesmos erros, mas aqueles que vivem para Deus, quando reconhecem um erro, o amor ao Propósito os faz aprender, crescer e ter forças para não voltar a errar.



No princípio do desenvolvimento do espaço físico que conhecem como Grécia, as primeiras comunidades humanas que se desenvolveram foram as que aprenderam o sentido de Hierarquia. A Lei da Hierarquia começou a descender novamente à Terra na Grécia Antiga⁸ – depois do desaparecimento da Lemúria – e foi isso que permitiu que novos impulsos lhes fossem entregues.

Para organizar a sociedade humana que surgia naquele momento, desceram do universo consciências de uma ampla experiência universal e, servindo-se da Lei da Hierarquia que ali surgia, foram organizando e guiando a humanidade.



Os deuses gregos foram conhecidos posteriormente como tais, porque eram consciências que expressavam grande sabedoria e, naquele momento, o contato com Deus e com o universo era muito restrito; poucos eram aqueles formados para viver essas instâncias de instrução.

Por esse motivo, ao longo da história, aqueles seres mais instruídos espiritualmente foram considerados deuses. Na verdade, eles representavam essa união com Deus, e o fato de que as Hierarquias Universais os instruísem os elevava diante dos olhos humanos.

Tão grande era a distância entre a comum população daquele tempo e aqueles que recebiam o conhecimento que, mais adiante, eles foram considerados deuses. Eu estive dentre as famílias de consciências contatadas pelas Hierarquias Universais.

Nessa etapa da humanidade, aprendi sobre a obediência e a Lei da Hierarquia. Ao mesmo tempo em que a Grécia se desenvolvia, outras

civilizações também cresciam em consciência; depois dessa experiência na Grécia Antiga⁸, fui aprender em outras delas.



Como não havia comunicação entre as diferentes civilizações que se desenvolviam na Terra, aquelas que não eram nômades tinham em seus grupos algumas consciências com a tarefa de percorrer diferentes espaços físicos – de curta ou longa distância, a depender da época do ano – para conhecer novos povos e também para aprender com os diferentes grupos que se desenvolviam. Eu fui um deles.

Assim, aprendi a compreender as diferenças que existem entre os seres humanos e a beleza e riqueza que cada um traz ao planeta e à sua evolução. Compreendi, nessa experiência, que o crescimento humano se dá justamente pela diversidade, e que, quando aprendemos a respeitar o outro e nos abrimos para aprender com ele, o coração se expande e descobre, internamente, universos que jamais conheceria por si mesmo.

Nessa Minha etapa evolutiva em que peregrinava por diferentes civilizações e, inclusive passava longos períodos sozinho, aprendi a respeitar, admirar e compartilhar as diferenças que existem entre os homens. Também aprendi a encontrar essa diversidade dentro de Mim mesmo quando caminhava sozinho pelos desertos, montes, matas... Aprendi que a vida em comunidade e a vida em solidão se complementam, porque das duas formas chega-se a Deus: amando o próximo e encontrando-o dentro de si mesmo.



A ignorância humana foi tanta ao longo da história que aquilo que alcançaram em alguma etapa de sua evolução, e que depois não puderam experimentar mais, ficou na história como um mito, uma lenda.

A mitologia grega é uma mistura de fatos reais com acontecimentos universais e algumas incompreensões humanas acerca dos acontecimentos que vivenciaram.

Como na era da mitologia ainda não havia a escrita, a história foi sendo contada de um a outro apenas pela fala dos homens.

Os deuses gregos – que em verdade eram consciências materiais, físicas, humanas – foram seres que receberam do universo um conhecimento superior acerca do mundo interno, das leis imateriais e do potencial humano.

Dessa forma, manejavam os elementos da natureza, as vibrações, como o som, por exemplo, de uma forma que a comum humanidade ainda não havia experimentado.

Foi em decorrência desse poder e dessa experiência na Terra que esse ensinamento continuou sendo transmitido de forma individual e oculta de um a outro, até chegar no que alguns conheceram como Atlântida. Com relação a aprender com os erros, essa foi uma civilização importante para a humanidade e marcou para o universo a última vez que a humanidade, como civilização, receberia certo ensinamento. Depois da Atlântida, apenas alguns indivíduos ou grupos específicos receberam esses ensinamentos por parte da Hierarquia. Mas, antes que o conhecimento do mundo grego antigo fosse repassado, até chegar à Atlântida, muitas coisas ocorreram.

Como lhes explicava sobre os deuses gregos, o conhecimento que recebiam não foi transmitido em massa, foi transmitido precisa e hierarquicamente; e como a humanidade ao transmitir esses ensinamentos não pôde manter-se fiel ao Propósito de Deus – que era fazer com que o potencial humano despertasse “por si mesmo” – esse conhecimento foi desaparecendo e aqueles que o viveram foram considerados deuses.

O conhecimento transmitido na Grécia Antiga⁸ se perdeu de tal forma que a comum civilização, que não esteve inserida nessas rodas de

instrução, foi se tornando tão ignorante que demorou séculos para que a civilização, que hoje corresponde à Grécia, voltasse a se desenvolver e fosse reconhecida como avançada.



Conto-lhes sobre a época dos deuses gregos porque esse foi um momento pouco compreendido pela humanidade: não sabiam de onde provinha esse culto, tampouco suas consequências na história humana.

Os deuses gregos foram consciências que, em parte, responderam ao chamado de Deus e depois foram se degenerando pelo uso do poder em relação às leis imateriais e suas capacidades extrassensoriais.

Dentre os chamados “deuses gregos”, como lhes expliquei, havia consciências muito sábias, enviadas do universo para experimentar a vida na Terra; porém havia também outros seres que começavam seu processo de redenção na Terra e que conviviam nas famílias sumamente instruídas e guiadas para terem uma oportunidade de transformação. Porém, tal transformação não aconteceu e o contato com energias superiores, novamente, não encontrou no homem a pureza de coração e, por esse motivo, esse conhecimento universal se deteve nesse grupo de consciências que, posteriormente, foram chamados deuses.

Ocultamente, esse conhecimento foi sendo passado de um para outro, não por Deus, mas pelo próprio homem, até que se chegou ao que conheceram como Atlântida.

Como o projeto de Deus, através desse grupo de consciências, se deteve rapidamente e não se expandiu pela civilização grega, a Grécia seguiu sua evolução muito simplesmente, dando espaço para que o Criador incentivasse outros grupos, como ocorreu no Egito.

O culto aos deuses gregos foi uma forma humana da civilização grega manter em sua memória que, em algum momento, existiu um grau

elevado de evolução entre eles. Tentaram passar esse costume entre as gerações, mas como a essência do conhecimento – que provinha de Deus – estava ausente, esse movimento não passou de uma história contada entre as gerações e que foi se modificando, segundo aqueles que a transmitiam.



Quando a ânsia de poder e a manipulação começaram a se instalar na consciência daqueles que foram conhecidos como deuses gregos, a instrução do universo, mais uma vez, se afastou da humanidade. Depois desse curto período, a civilização grega seguiu sua evolução como os demais grupos que se desenvolviam na Terra e jamais chegou a aprender e experimentar o que as consciências no passado aprenderam.

Os sábios do universo que haviam chegado à Terra nesse período retornaram para suas origens e a humanidade retomou o seu grau de ignorância, fazendo com que essa parte da civilização grega se tornasse um mito no decorrer de toda a história.

A Hierarquia Universal não permitiu que permanecessem na Terra vestígios dessa experiência, a não ser o que se transmitia de um para o outro ao longo das gerações.



Depois desse grupo de consciências – que fez parte do que mais tarde reconheceram como Grécia – ter-se desfeito, alguns seres humanos, individualmente, e por conta própria, seguiram tentando utilizar o conhecimento recebido nesse período, até que novamente outro grupo se formou, não com o apoio da Hierarquia, mas de uma forma independente.

O que conheceram como civilização atlante formou-se por um grupo de remanescentes indígenas de outras civilizações, que foram perdendo sua força, e também por alguns indivíduos que tiveram experiências nesse primeiro período grego.

A Atlântida, desde o princípio, se caracterizou pelo uso desordenado do poder e da força, assim como por um desenvolvimento extrassensorial particular. A mente humana se desenvolveu aceleradamente durante esse período e a civilização atlante, em pouco tempo, se tornou uma potência para sua época e ultrapassou todos os graus de desenvolvimento mental, físico e extrassensorial das civilizações contemporâneas a ela.

Como sempre, os seres humanos tinham uma especial inclinação ao que lhes parecia dar poder uns sobre os outros e, sobretudo, quando acreditavam conduzir, de alguma forma, as leis da natureza, leis naturais da vida na Terra.

O Criador observava essa etapa da evolução humana com muito pesar porque Suas criaturas enganavam a si mesmas, acreditando que haviam encontrado o caminho para a evolução e, no entanto, estavam cada vez mais apagando seu potencial de amar – assim como acontece com muitos seres hoje – potencial que simboliza a verdadeira evolução humana.

Na Atlântida, desenvolveu-se o que a humanidade hoje chama de magia, que é a manipulação das leis da Terra de forma inconsciente e imprudente do ponto de vista evolutivo.

Até os dias atuais, muitos vivem as consequências de experiências atlantes, porque nem todos aceitaram, depois desse período, seguir as leis da vida sem tentar manipulá-las.



A civilização atlante se formou por um impulso humano e atraiu assim muitas consciências que, desde a sua origem, manipularam

energias, elementos e vibrações, que moviam as leis da vida e da genética universal.

Esse foi o principal registro que a civilização atlante alcançou. Isso não significa que não estivessem presentes nessa civilização consciências que equilibrassem o que ali se vivia e que buscassem sinceramente cumprir a Vontade de Deus, porque, sim, existiam para cumprir esse papel.

Quando o Criador observou o curso da evolução humana por meio da experiência atlante, enviou novamente alguns seres do universo, cuja sabedoria poderia equilibrar o mal que se gestava na Atlântida. Esses seres cumpriram um papel específico, durante um período específico; não estiveram na Atlântida todo o tempo e foram retirados antes de seu desaparecimento nas águas.



Eu vivi em quase todas as civilizações humanas; algumas vezes em planos mais internos, outras, fisicamente. É por esse motivo que lhes conto esta história que ao mesmo tempo é Minha e de toda a humanidade. Houve outras passagens evolutivas da humanidade das quais Eu não participei e, por isso, não citarei aqui.

Eu vivi na Atlântida como um homem simples, de pouca sabedoria e pouco manejo e manipulação das “artes” que ali se realizavam. Isso Me deu a possibilidade de observar de fora a perda do coração humano e o resultado de sua ânsia desenfreada de poder.

Foi aqui, nessa experiência, que compreendi que qualquer poder originado do homem, como criatura tridimensional separada de Deus, apenas o leva à perdição e à autodestruição. Foi por esse motivo que a humildade foi se afirmando em Meu espírito e, desde esse momento, no princípio da experiência humana, Eu já não buscava qualquer poder que proviesse da Terra; e tampouco buscava o poder de Deus,

porque compreendi que Sua Vontade se move nos que se abrem de coração; e que não é necessário buscar nem pedir coisa alguma, mas simplesmente dispor o coração e a consciência para que o Pai atue e Ele mesmo disponha de cada criatura e lhe entregue aquilo que necessita para cumprir Sua Vontade.



O crescimento da ânsia de poder na Atlântida fez com que os homens quisessem sentir-se superiores uns aos outros. Essa ânsia não tinha limites e cresceu de tal forma que cegou o coração humano, trazendo todos os tipos de registros de maldades, conscientes e inconscientes. Também aqui, neste período, a humanidade desenvolveu diferentes técnicas de tortura, de magia, de maus-tratos e, inclusive, formas de fazer com que uma consciência perdesse para sempre a possibilidade de evoluir.

Foram as consequências da Atlântida que semearam no coração humano um amplo grau de maldade. Aqui se ativaram muitas forças espiritualmente negativas que, ao longo da experiência humana, foram crescendo em maldade. Isso repercutiu em diferentes épocas, por exemplo, nas colonizações e nos campos de concentração nazistas.

Digo-lhes isso porque muitos se perguntam de onde surgiu a maldade do coração humano; e foi aqui, na Atlântida que a ânsia de poder e de manipulação ativaram na consciência humana um código de tudo fazer para conseguir o que se deseja, inclusive fazer padecer as demais consciências.

Quando uma alma realiza um ato de maldade, abre em sua consciência uma porta para que outras energias de maldade ingressem de forma cada vez mais intensa. Se o ato não é equilibrado com o arrependimento e com ações de perdão e de amor, essa porta tende a crescer e a abrir-se cada vez mais, até que essa alma perca a possibilidade de se expressar e se torne um receptáculo para as forças de involução e maldade.

Isso foi o que aconteceu com muitos atlantes e foi o que fez com que o Criador tomasse a decisão de fazer desaparecer a Atlântida como civilização. Porém não pôde fazer desaparecer esse registro da consciência humana e, por esse motivo, a maldade ainda abarca muitas almas e, em muitos casos, consciências inteiras.



Conto-lhes, com certa ênfase, esse lado da Atlântida, que era mais obscuro, para que compreendam as raízes de muitas coisas que acontecem hoje na Terra e que, inclusive, são as raízes de sentimentos e pensamentos que podem emergir do subconsciente de qualquer um de vocês no momento de sua purificação.

Quisera que compreendessem que a purificação interior, espiritual e física que vivem hoje, chega para liberar e curar situações muito antigas da humanidade.

Depois de ter dado ao homem infinitas possibilidades de recomeçar, o Criador espera que nesta era, com maior consciência da verdade, a humanidade possa dar um passo definitivo rumo à concretização do Plano Divino, que nada mais é senão a vivência do Amor, da Unidade e da Fraternidade, através da transcendência e da transmutação da condição humana e da dualidade universal.

Com o que lhes disse sobre a Atlântida, quisera fazê-los compreender essas coisas, mas isso não significa que ali não houve seres puros de coração porque, sim, houve. É como o mundo de hoje, no qual se vivem atrocidades inimagináveis e, ao mesmo tempo, algumas consciências estão dando passos verdadeiros na experiência do Amor Crístico. Porém, como a Atlântida era um espaço físico menor, onde a dualidade habitava com extremos opostos de pureza e maldade, havia muito mais seres que submetiam consciências do que aqueles que podiam viver e se expressar livremente em sua pureza.

Por esse motivo, o Criador fez afundar a ilha chamada Atlântida, fazendo esse registro da humanidade desaparecer fisicamente. Contudo existiram consciências remanescentes que foram retiradas dali para seguirem evoluindo, com a condição de não voltarem a buscar o poder e a submissão humana.

Esses seres viveram onde hoje vocês conhecem como continente americano, os povos indígenas. Eu fui um desses seres. Éramos conscientes da necessidade de começar do zero, com uma nova civilização que propagasse a paz e a obediência ao divino. Por isso, aderimos aos povos originários e aprendemos com eles a recomendar. Aqui nasceu a raça dos Estekna-Manes*.



A consciência humana foi criada para viver a unidade; e por esse motivo, potencialmente, ela guarda em si muitas possibilidades de expressar esse atributo divino.

A consciência individual de um ser é como um espaço no qual coabitam diferentes realidades. Ali estão reunidos os aspectos da personalidade – incluindo o corpo emocional e mental –, os atributos da alma e suas experiências, os atributos do espírito e suas experiências, estando também essa consciência unida a outras consciências maiores.

Explico: como a meta é a vivência da unidade, a consciência humana é criada com muitos vínculos que formam outras consciências-grupo, nas quais estão inseridos todos os registros de cada ser que faz parte desse grupo.

Por exemplo, um núcleo familiar gera uma consciência e essa consciência se amplia à medida que esse núcleo cresce. É possível que um ser se desvincule desse núcleo em algum momento de sua vida, ou não, que permaneça vivendo sob a influência desse grupo durante toda a sua experiência de vida.

Também existe a consciência de uma nação, que é composta pelo registro de todos os seus membros, todos aqueles que nasceram em sua aura e que têm junto a essa nação uma responsabilidade evolutiva.

Existe a consciência humana como um todo, a consciência planetária. Nela estão gravados todos os registros das experiências humanas, desde o princípio de sua existência como humanidade.

Quando códigos novos são semeados, a partir de experiências individuais e grupais positivas, eles vão equilibrando e neutralizando os registros do passado. Porém, toda a humanidade está sob a influência desses registros, independentemente de terem vivido essas experiências ou não. Da mesma forma, a ação e transformação de um indivíduo pode neutralizar e equilibrar o erro de outros.

Daí vem a importância de que conheçam essa história e que, agora, possam buscar na consciência um bem que a transforme.



Para curar na consciência os registros de uma civilização como a Atlântida, é preciso hoje ser consciente deles, não no sentido de saber detalhes sobre essa experiência, mas, sim, sobre o fato de que ela existiu e que necessita ser reconhecida e curada.

O que a humanidade precisa saber neste tempo é a raiz do que vive hoje; saber que todo mal, assim como todo bem, tem um princípio no qual foi gerado; e necessita do correto equilíbrio para ser neutralizado e permitir, assim, que a consciência possa continuar dando passos em sua evolução.

Para equilibrar um mal é preciso fazer um bem maior. Para equilibrar a necessidade de submeter as almas, é preciso viver a humildade e o serviço ao próximo de uma forma verdadeira. Para equilibrar a manipulação de certas energias⁹ que não correspondem ao grau evolutivo

da humanidade hoje, devem orar muito e obedecer a Deus, compreendendo, assim, que a oração é o sim que se emite para que se abram as portas do Céu; mas é o próprio Criador que conduz toda a Luz gerada porque apenas Ele conhece a verdadeira necessidade das almas.

Aqueles que querem tudo controlar devem fazer hoje o exercício de obedecer. Aqueles que querem conduzir tudo e todos devem aprender a contemplar as virtudes do próximo e, por meio do exercício de observar o melhor do outro, aprender que cada ser, assim como é, tem algo único e precioso para oferecer ao Plano de Deus.

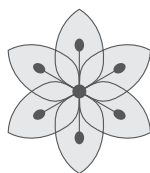
E dessa forma muito simples – porém difícil, dependendo das resistências e dos vínculos de cada ser com algo que lhes impeça de crescer – vocês irão aprendendo a equilibrar seus seres e, assim, toda a consciência humana viverá seu correto equilíbrio, paulatinamente.





Capítulo 3

Deserto do Saara
Marrocos, África



O povo Estekna-Manes* – raça que nasceu da união de indígenas americanos com remanescentes atlantes – foi uma civilização que teve como missão equilibrar o que havia sido gerado na Atlântida. Por isso, nessa raça se desenvolveram espiritualmente graus de pureza que marcam a consciência indígena até os dias atuais.

Foi nesse povo materialmente primitivo, que a pureza voltou a preencher a consciência humana para que, de alguma forma, a porta aberta durante o ciclo atlante pudesse ser fechada.

Eu vivi entre os Estekna-Manes apenas a Minha infância, em uma experiência curta, na qual encarnei a pureza de Deus como missão e – depois de atrair essa energia para a raça –, através de uma enfermidade, transmutei a falsidade e a mentira humanas, assim como a sujeição das almas ao mal. E depois, apenas acompanhei o desenvolvimento humano, dos planos internos do planeta, onde fui Me formando espiritualmente para retornar na civilização egípcia.

A experiência entre os Estekna-Manes Me fez aprender a entregar a vida a Deus para que Seu Plano se cumprisse. Em Minha infância, tinha registros conscientes de Minha experiência na Atlântida, onde conheci de perto a miséria humana e universal. Então, desde pequeno, tinha a única aspiração de viver o bem e estar em Deus; por isso, pude cumprir essa missão de forma precisa e sem demoras, sem necessidade de experimentar outras coisas que não fosse o Propósito de Deus para aquela Minha vida.

Aqui quero ensinar-lhes a deixar as crianças se expressarem como são, porque na infância, seu espírito pode revelar-lhes qual é sua missão e,

se elas tiverem as portas abertas para Deus, assim como Eu tive, poderão cumprir com sua parte sem necessidade de errar nem de sofrer.



A pureza voltou a emergir do coração humano no povo Estekna-Manes*, que vivia, sobretudo, o princípio do sagrado e a união com Deus por meio da natureza, seus Reinos e elementos.

Nesse período, a humanidade foi retomando o sentido de respeito entre os seres humanos e o cuidado de uns para com os outros. Novamente, o universo pôde tomar contato com a Terra e seus habitantes e ensinar aos Estekna-Manes novos princípios de cura.

Como, apesar da abertura, a mente humana ainda tinha limitações próprias de seres pré-históricos, primitivos, os Estekna-Manes manifestavam seu respeito pelos que os instruíam através da veneração. De uma forma semelhante à história que lhes contei dos deuses gregos – história essa que não existe nos livros da humanidade – os povos indígenas também adoravam aqueles que para eles eram símbolo de elevação, de respeito, eram um exemplo e talvez até uma meta.

Mais tarde, o homem branco moderno também chamou essas expressões de “deuses”, mas desconhecia que a consciência indígena reconhecia o Único. Porém sua reverência os levava a adorar e homenagear com artes e cultos àqueles que eles respeitavam e que lhes traziam o caminho da elevação e da sabedoria.

Foi pela própria incapacidade de compreender e de ler os símbolos indígenas sem adaptá-los à sua compreensão cultural, moral e ética, que o homem branco, posteriormente, proclamou-se superior à consciência originária da Terra e perdeu a possibilidade de aprender com ela.

Porém, o povo Estekna-Manes é muito anterior a esses acontecimentos e, antes do ser humano, em outras partes do planeta, como no Egito,

considerar-se civilizado, esse povo ascendeu de dimensão e passou a resguardar a Terra com sua pureza, a partir dos níveis mais internos do planeta.



A pureza alcançada pelos povos originários foi consequência da unidade com a natureza. Esses povos observavam o fluxo da vida e compreendiam a necessidade de harmonia, de integração e colaboração entre os seres para que as leis da vida pudessem fluir; compreendiam a importância do sentido vivo de hierarquia na vida como um todo; por isso, respeitavam-se e se abriam para aprender uns com os outros.

É a ausência desse sentido de hierarquia – que para o homem de hoje, foi alcançado por civilizações primitivas e não faz parte da evolução atual – o que muitas vezes impede a humanidade de continuar evoluindo espiritualmente e, assim, a mantém no mesmo ponto ou, até mesmo, em decadência em relação à vida espiritual.

Um dos motivos pelos quais lhes conto essa história é para que reconheçam as etapas culminantes em que a raça humana se aproximou de Deus e para que retomem esse ponto, voltando a valorizar esses princípios, que são éticos, morais e espirituais ao mesmo tempo.

A Lei da Hierarquia rege a vida em todos os universos; onde não há respeito, humildade e fraternidade para que essa Lei se cumpra, não há evolução. Por isso, se querem crescer e não errar como em tempos anteriores, terão de escutar o que lhes digo e vivê-lo.



O povo Estekna-Manes* transcendeu a vida na Terra e passou para a quarta dimensão de consciência para que suas conquistas como raça

não se perdessem nem se degenerassem ao longo do tempo, como aconteceu com a maioria das civilizações e projetos que alcançaram certo grau de evolução na Terra.

Porém a experiência de ter vivido esse grau de pureza e de união com Deus e com a vida, por meio dos elementos e dos Reinos da Natureza, ficou gravada na consciência humana e está acessível a todo aquele que buscar de coração experimentar esses Princípios de Pureza e Unidade.

O que levou essa civilização a experimentar a pureza foi a compreensão do Todo. Hoje, os seres humanos vivem em uma sociedade individualista e egoísta, com pouco sentido de vida em comunidade e pouca visão da totalidade que os rodeia. Isso faz com que os seres não consigam amar nem sequer conhecer a existência do Plano de Deus; porque o amor sincero ao Plano de Deus, por mais desconhecido que ele seja para vocês, é o que faz com que despertem certos princípios que estão latentes na consciência humana – como a Pureza e a Unidade – porque a vivência deles é parte do triunfo desse projeto da Terra.

Porém, filhos, não basta buscar um atributo divino para superar os demais em perfeição e santidade. Essa busca deve ser verdadeira, profunda e partir da compreensão do Todo, do amor e do respeito ao Todo, à Vida.

Quando se compreende a necessidade da Vida se expressar com perfeição e harmonia – e não um indivíduo – então, assim, a consciência começa a adentrar a verdade e se torna digna e apta a conhecer e viver certos princípios que a elevam; porque com a graça de despertar esses princípios nessa consciência, o Criador eleva o Todo, a Vida, e não apenas um indivíduo.

Se querem resgatar a pureza alcançada pelos Estekna-Manes*, então, filhos, busquem a compreensão da totalidade, o respeito pela evolução do próximo e pelo sacrifício daqueles que, sim, vivem sinceramente pela manifestação do Plano de Deus. Assim, se aproximarão dessa verdade.



A pureza encarnada e vivida plenamente pelos Estekna-Manes* voltou a se expressar em sua plenitude na Terra por um grupo de consciências, os chamados Essênios. Antes disso, outros povos e civilizações expressaram outros atributos e alcançaram outros graus evolutivos.

Quando os Estekna-Manes ingressaram na quarta dimensão, foi no Oriente onde a Hierarquia voltou a colocar sua atenção, nos povos da Ásia e, sobretudo, nos do Antigo Egito. Ali, a sociedade humana voltou a se desenvolver espiritualmente porque o seu progresso material era o espelho de um conhecimento espiritual que lhe era revelado. E é sobre esta etapa da humanidade que agora lhes contarei.

Os mistérios do Egito são mais profundos do que a humanidade conhece e vão além do que estava escrito nas pirâmides, porque existiram coisas que não se escreveram nas paredes, mas apenas no espírito.

Não me deterei aqui em detalhes, mas na essência de cada aprendizado vivido, para que, nestes tempos, evitem os erros passados e fortaleçam as virtudes que já têm como registro em seu interior.



Antes de começar a lhes contar a história do que aprendi no Egito, quisera que soubessem que a civilização egípcia era uma civilização como todas as outras, que aprendia aos poucos e muito lentamente a organizar-se como grupo humano. Porém, houve algumas consciências que estavam inseridas nessa civilização, que se dispuseram a aprender e a buscar algo superior, não por meio de suas próprias forças, mas por sua desconfiança de que existia uma consciência maior que as poderia guiar.

Essa desconfiança foi se tornando o princípio do que vocês conhecem como fé e foi o que criou as condições para que Deus pudesse colocar Seus Olhos sobre os egípcios e ajudá-los a crescer e evoluir.

Quero com isso que compreendam que nada do que a humanidade alcança de evolutivo parte de um êxito próprio, uma descoberta pessoal. A humanidade é uma raça que se expressa através da unidade com Deus e se não há essa unidade, não há perfeição que se manifeste.

Ao longo do tempo, aqueles que buscaram crescer por suas próprias forças decaíram e seu “reinado” foi para o abismo, junto com suas almas. E aqueles que inicialmente buscaram a Deus e, ao conhecê-Lo, confundiram Seu Poder e Sua Graça com a própria capacidade de realização também decaíram.

Até hoje não houve sobre a Terra uma civilização que buscasse a Deus, O encontrasse e permanecesse n’Ele, em um caminho de eterna ascensão; porque aqueles grupos de consciências que o fizeram, assim como os indivíduos, foram conduzidos a outros planos de consciência, onde esse caminhar puro pudesse seguir sem as interferências deste mundo.

Irei contar-lhes, então, a história do Egito para que saibam ver nos dias atuais a semelhança que existe entre aquele povo e vocês; e também para que saibam que novamente o Criador dá uma oportunidade aos seres humanos, e, desta vez, espera que Seu Plano se cumpra.



A civilização egípcia começou a desenvolver, em um determinado momento, o Raio da Inteligência, energia que naquele período era a que regia a esfera terrestre, que inspirava e guiava as consciências para que pudessem desenvolver-se socialmente como civilização, a fim de que em uma próxima etapa esse mesmo raio as levasse ao aprofundamento espiritual por meio da busca pelas Leis Universais e pela Ciência.

O Raio da Inteligência, que provém de Deus, era atraído por um determinado grupo de consciências que já tinha certa experiência em lidar com as Leis e as Ciências Universais, pois em uma etapa anterior de sua evolução cumpriram a função do sacerdócio e, por isso, podiam atrair do universo esse raio que se plasmava em toda a sociedade egípcia. Era esse grupo de sacerdotes que instruía, guiava e inspirava a população.

Uma das causas que fizeram com que o povo egípcio se desenvolvesse foi o fato de que era capaz de reconhecer a afinidade espiritual de cada ser, para que este estivesse cumprindo a função na qual melhor se desenvolveria.

Foi assim que se organizaram diferentes grupos, entre eles: curadores, sacerdotes, governantes, contemplativos, guerreiros, reinistas* (ou agricultores) e operários. Também os artesãos se expressavam com grande sabedoria, pois atraíam por meio da arte a forma de plasmar a história e de deixá-la como um tesouro aos que herdariam esse conhecimento.

Os agricultores, ou reinistas, não eram apenas seres que plantavam e colhiam, como se conta na história, mas, sim, consciências que eram afins com os Reinos, elementos e Leis da Vida, capazes de observar os ciclos da natureza e adentrar neles, fazendo-se parte desse equilíbrio para plantar e colher no momento adequado e sob as melhores condições.

Dessa forma, cada grupo era capaz de respeitar o outro: os governantes aceitavam os conselhos dos sacerdotes; também aprendiam com os agricultores e respeitavam o sustento espiritual dos contemplativos.

Esse foi o verdadeiro segredo da sociedade egípcia no princípio; o que a fez crescer e se desenvolver com a ajuda do universo. A degeneração, a escravidão e a pobreza foram energias que começaram a surgir como consequência do sentimento de poder que nascia no coração humano ao tomar contato com conhecimentos que transcendiam as leis naturais da vida e que os faziam sentir-se maiores e mais poderosos do que qualquer outro homem.

O que manteve em ascensão essa civilização foi a sinceridade e a humildade que surgia no coração de uns poucos, que secretamente a sustentavam. Eu fui um deles.



No Egito, a maior fraqueza era a vaidade que muitos viviam como indivíduo e como civilização. No princípio, a intenção de crescer era pura e verdadeira, mas como sempre, a manipulação do poder fez com que o coração humano se perdesse.

O próprio conhecimento, que era transmitido pelo bem e pela evolução de toda a raça humana, não só se tornou propriedade da civilização egípcia, como em muitos reinados foi personalizado e concentrado como propriedade de uma só consciência. Aqui foi que tudo começou a se perder.

Todas as construções egípcias, sua forma de vida, sua sabedoria foram fruto de um conhecimento que receberam do universo como forma de retirar a humanidade da luta pela sobrevivência, para que começasse uma nova etapa evolutiva, baseada na busca pela Vida Superior.

Assim, consciências universais se manifestavam entre os egípcios e os instruíam nos diferentes setores da civilização como forma de organizá-la e conduzi-la melhor.

Quando a consciência humana viu resolvidos problemas como a falta de água, de alimento, a organização social e descobriu que era possível entrar em contato com realidades superiores, novamente lhe faltou humildade, e o crescimento espiritual, previsto pelo universo, começou a decair.

Aqueles que tinham mais facilidade para conduzir as almas começaram a submetê-las. Aqueles que tinham mais facilidade para receber as instruções e transmiti-las aos que guiavam a civilização começaram

a interpretar e a colocar palavras de interesse próprio no meio do conhecimento recebido. Começaram então as guerras, primeiramente internas, depois externas, que obrigaram o Criador a, novamente, Se afastar da humanidade.

Assim como aconteceu no período que lhes expliquei, em que se criaram as raízes dos deuses gregos, também os chamados deuses egípcios foram expressões de entidades espirituais que tinham relação com os Reinos e os elementos, como também foram expressões daqueles que descendiam do universo para instruí-los e que, por representarem algo superior, foram chamados deuses.

Chamar de “deus” algo superior foi uma leitura mais moderna da humanidade quando, observando as culturas antigas, as comparava com a própria e criava semelhanças. “Deus” era para a mente humana algo superior que a levava a uma vida que transcende a vida material. Até aquele momento, eram essas consciências que a humanidade conhecia, e, então, o Criador Se manifestou aos patriarcas e lhes deu a conhecer o que de mais superior existia: um Pai Único, o Deus que está acima de todas as coisas. Isso não retira a superioridade que tais consciências, chamadas “deuses”, tinham em relação à humanidade, porém é um erro colocá-las na mesma altura que o próprio Deus.

Quando, nos dias atuais, a humanidade ainda abraça o politeísmo e assume diferentes entidades como sendo o próprio Deus, ela está afirmando a ignorância e a involução humana e impedindo que a consciência da humanidade siga crescendo e desvendando mistérios superiores.



Ao mesmo tempo que o Egito se desenvolvia, outras civilizações também cresciam e aprendiam silenciosamente. Mas depois do desaparecimento da Atlântida, o Criador colocou maior atenção na

civilização egípcia por sua propensão ao crescimento, ao conhecimento e à sabedoria.

No princípio dessa civilização, suas intenções internas eram puras e sua aspiração à Vida Superior também. Porém, depois das primeiras gerações de faraós, o homem foi se familiarizando com a força que parecia ter pela posição em que se encontrava e começou a competir entre as diferentes classes da sociedade egípcia, cada uma tratando de ser a mais importante. Foi se esquecendo, assim, que o que o aproximou da Vida Superior, fazendo-o crescer, não foi a soberania de um indivíduo, mas, sim, o respeito e o Princípio de Unidade que eram vividos em cada setor da sociedade, quando cada um cumpria com sua parte para o crescimento do todo.

Nesse período egípcio, peregrinei por muitas civilizações como em outros tempos. Dessa vez, não em busca de um aprendizado para a civilização, mas em busca de uma civilização que fosse capaz de permanecer no propósito superior, na obediência a Deus, sem sair desse propósito. Foi então que encontrei o Criador face a face, pela primeira vez, em um deserto. Compreendi então a debilidade humana diante de Sua grandeza e pude voltar ao Egito com a intenção de ajudar o povo com essa compreensão oculta da vida. Naquele momento, Eu era sacerdote.

Ao regressar, encontrei um Egito já degenerado, pleno de vaidades, competições e manipulação; não encontrei espaço para transmitir aos homens o que sentia em Meu interior e o que havia descoberto por inspiração divina. Voltei então para o deserto e ali permaneci até o fim daquela encarnação, oferecendo Meu sacrifício e penitência ao Deus Único, que havia conhecido, pelo esquecimento de Meus irmãos e sua incapacidade de continuar escutando e obedecendo ao Criador.

Deus foi se afastando do povo egípcio e isso fez crescer as guerras, a escravidão, a luta pelas posses e pelos tronos. O homem colocou no lugar do Criador a vaidade e o orgulho, abrindo a porta para a força e retirando o poder divino. Foi a partir desse momento que essa parte

do Oriente começou a ser colonizada pelo mal até se tornar o que conhecem hoje.



No período em que o Egito começou a decair, o Criador colocou Sua atenção e Seus impulsos em outra parte do Oriente, dando início a um novo ciclo planetário, que foi chamado, mais tarde, de Era Patriarcal¹⁰.

Ao mesmo tempo que Deus Se revelava Um para Abraão, também Se revelava a outros de Seus filhos, como aconteceu Comigo no deserto do Egito. Por esse motivo, por haver conhecido Sua face de Unidade, o Criador Me enviou para seguir aqueles que haviam respondido ao Seu chamado e que abandonaram todas as culturas e crenças vividas até ali para então começar do zero, preparando o caminho para que Seu Filho Primogênito chegasse ao mundo.

Durante a experiência que vivi no deserto do Egito, o Criador Me revelou o futuro e mostrou-Me como Eu deveria servi-Lo, em um tempo que chegaria para amparar Seu Filho, que viria ao mundo. Revelou-Me que deveria retornar à Terra muitas vezes; que não existia uma vida única no planeta, mas, sim, uma Existência única no universo. Revelou-Me que a experiência na Terra se vivia através de ciclos e que Eu, nos ciclos que chegariam, representados por Minhas encarnações seguintes, deveria dedicar-Me completamente a Ele e ao Seu Plano.

O Criador mostrou-Me a face de Abraão¹¹; revelou-Me que deveria encontrá-lo de época em época, e com ele construir o caminho para Seu Filho. Revelou-Me muitos outros espíritos que deveriam Nos acompanhar e disse-Me que, aos poucos, seria mais consciente dessa missão, segundo fosse Minha união com Ele.

O Senhor mostrou-Me a Origem de todas as coisas, e por que Eu havia chegado ao mundo; fez-Me sentir Seu amor pelos seres humanos e o

Plano perfeito que Ele tinha para essa Sua Criação. Depois de assim dizer, o Criador Me levou desta vida, deixando sobre o deserto Meu corpo cansado.

Com essa consciência e a viva experiência de união com Deus, fui encontrar Abraão já no fim de sua vida.



Quando reencontrei-Me com Abraão¹², agora em vida, era ainda um rapaz jovem. Estava com os Meus 16 anos de idade, porém com um grande ímpeto de levar adiante a Obra de Deus. Era, nesse momento, filho de seu filho e cuidava dos seus rebanhos desde pequeno.

Abraão contou-me a história de seu encontro com Deus e tudo quanto o Criador havia-lhe revelado. Nesse momento, Eu ainda não recordava por que estava ali e como Deus também havia Se revelado a Mim em outra circunstância¹³. Escutava então com atenção as palavras de Abraão, que dentro de Mim eram como um fogo que incendiava a essência e Me fazia recordar. Como ele era um homem de muitas responsabilidades, tinha pouco tempo para encontrar-se pessoalmente Comigo, por isso foram poucas as ocasiões em que estivemos juntos.

Pude acompanhar sua pregação entre os homens; sua voz era estrondosa como um raio e seu verbo estava pleno de Deus. Dia a dia o via vencer as limitações da cultura e dos costumes daquela época, transcendendo as leis dos homens e também a si mesmo para instituir a nova Lei de Deus. Com isso, aprendia profundamente que aquele que é preenchido pela Verdade não se prende às leis da Terra e tampouco às leis da vida, pois, se é a Vontade de Deus, ele pode estar além delas.

Quando digo isso, não Me refiro a um ímpeto humano, porque Abraão demonstrava que todos os dias tentava entregar ao Pai sua

vontade para que a Vontade de Deus guiasse seus passos e, através dele, o povo inteiro.

Esse aprendizado levei por toda a eternidade e hoje lhes transmito porque, nestes tempos – como nos tempos de Abraão – deverão instituir no mundo outras leis que não são as que hoje regem a Terra e a vida sobre ela. Mas, para isso, é preciso transcender e transformar costumes, culturas, personalidades, histórias, hereditariedades, vontades humanas...

Com atenção escutem o que lhes digo e deixem-se transformar.



Estabelecer novas leis espirituais e mudar completamente a cultura e os costumes humanos da época foi uma missão que uma parte da humanidade necessitou viver para que, ao longo dos séculos e dos ciclos evolutivos, pudesse levar adiante o mesmo princípio de renovação – porém em uma menor proporção – até que, no final dos tempos*, essa mudança fosse absoluta.

A batalha espiritual, interna e planetária que se vivia, de certa forma, se assemelha à batalha destes tempos. O homem deveria, naquela época, cruzar o umbral que ainda lhe faltava entre o primitivismo espiritual e a condição de unidade com Deus. Era como dar o salto na mudança dos tempos que, hoje em dia, apresenta-se para a humanidade.

O homem da era patriarcal¹⁰ era rude, pleno de vontade própria, com muitos desejos, ambições, ímpetos de controlar, vencer e dominar o outro; era um homem de mente primitiva e coração pouco desenvolvido. Contavam-se nos dedos das mãos aqueles que, naquele momento, tinham certa sensibilidade verdadeira para com Deus, o sagrado, o sublime.

Tanto a cultura como a religião visavam a um sistema de poder que sempre fazia com que os homens submetessem alguma coisa, seja uns aos outros, seja os Reinos da Natureza.

Abraão teve a missão de impulsionar a humanidade a mudar de ciclo, a render-se a Deus; por isso, ele teve de ser o primeiro a se render, oferecendo ao Criador não apenas a própria vida, como também a de seu filho. Naquela época, um filho era o que de mais apreciado havia porque ele representava a permanência da estirpe familiar, a evolução, o crescimento do homem a partir de sua descendência.

O exercício de renúncia de Abraão ficou marcado não só em sua consciência, mas na consciência de toda a humanidade e, aqueles que o seguiam e que eram sinceros em sua oferta aprenderam do valor da entrega e que, para seguir a Deus, haveriam de renunciar a todas as coisas.

O Criador manifestou esse ensinamento no princípio para que todos soubessem, no fim, que essa lei é a mesma; que o mesmo princípio que fundou as bases é o que abre as portas para a concretização, para a meta, para o triunfo final. Assim, Deus lhes ensinava a ciência dos ciclos e lhes mostrava, através de símbolos, que aquele que partiu da Origem para Ela deve retornar.



Na era patriarcal¹⁰, havia chegado o momento de a humanidade dar um passo na consciência, e o que diferenciou esse ciclo de todos os outros que a humanidade já havia vivido foi que Deus mesmo Se manifestou em Espírito entre os homens. Aquele foi o período em que o Espírito Santo, que até então animava os universos e Se manifestava apenas nas dimensões superiores, passou a Se manifestar entre os homens e nos homens.

Aquele ciclo se assemelha ao ciclo atual neste sentido, pois novamente Deus mesmo, Seu Espírito e cada uma de Suas Faces Se manifestam entre os homens – assim como o fazem Seu Filho e a Face Feminina de Deus, a Mãe Celestial.

Na era patriarcal¹⁰, o passo que a consciência humana deveria dar era grande, único e intenso, porque a partir dali se prepararia a manifestação física de Deus no planeta, através de Cristo.

Na era atual, o passo que a humanidade deve dar é ainda maior; por isso, o Criador Se expressa em toda Sua plenitude, porque hoje não só deve-se preparar o Retorno de Deus à matéria, através do Cristo Resplandecente, como também o descenso de todo o Seu Reino e o ingresso da consciência planetária no Tempo do Universo*, no qual a ilusão se dissolve e desaparece da consciência humana.

Isso cobrará uma definição ainda mais profunda de todos os seres humanos e, assim como o Criador provou os patriarcas e profetas de tempos atrás, com mais intensidade provará a humanidade e fará descer sobre os homens Sua Fé, porque, como em outros tempos, a Lei de Deus deve prevalecer, e não somente as leis da vida mas também as Leis do Cosmos, onde tudo o que é vida corresponde à Vontade do Criador.

Explico-lhes isso para que se valham do exemplo e da perseverança dos patriarcas e profetas de ontem para endireitar seus caminhos e preparar suas consciências para este ciclo, para esse passo evolutivo. A história hoje se repete, porém, com maior profundidade.



Na era patriarcal, o Criador permeava, com Sua Presença, o coração de homens e mulheres que se abriam para recebê-Lo. Foi assim que foram despertando os profetas, consciências que se abriam para receber as inspirações do Espírito Divino, chamado Espírito Santo.

Naquele período, apesar da densidade da mente humana e da tão grande rigidez que limitava seus corações, houve alguns que permitiram que o Criador derrubasse as barreiras da ignorância e de uma cultura e crença limitadas pela pouca profundidade da consciência humana.

O Criador estava, nesse período, gerando um impulso que deveria multiplicar-se na consciência planetária através do verbo, da ação e do exemplo de transformação dos profetas, dos patriarcas e daqueles que, apesar de não estarem citados nos livros do mundo, fizeram a diferença na evolução humana com seu exemplo e sua experiência de união com Deus.

O mistério da era patriarcal¹⁰ vai além do que está escrito nos livros; o que se plasmou na história foi limitado pela compreensão humana dos acontecimentos vivenciados, que alguns experimentaram e contaram para todos. Ainda assim, essa história teve suficiente poder para perdurar e, aos poucos, transformar a condição humana.

A era patriarcal foi uma era de grandes impulsos espirituais que preparou o nascimento de Cristo e rompeu a condição retrógrada que estava sobre a consciência humana.

Esta era atual também é um período de grandes impulsos espirituais porque, assim como naquele período, a humanidade não era mais pré-histórica e começava a descobrir novas ciências – por isso julgavam-se muito sábios e evoluídos – da mesma forma, a humanidade de hoje não é mais medieval e segue desenvolvendo novas ciências e conhecimentos, porém alguns estão estancados espiritualmente no primeiro impulso de Cristo e outros ainda vivem apenas do impulso dado na era patriarcal¹⁴.

Por isso, o Criador novamente Se aproxima da Terra como em outros tempos e, com Seus impulsos e Seu Espírito sobre os homens, prepara o Retorno de Seu Filho, assim como preparou Seu nascimento.

É importante ter essa compreensão para que saibam observar os acontecimentos e valorizar as experiências e esforços que devem viver, conscientes do propósito da própria entrega, assim como eram os profetas e patriarcas de outros tempos.



Quando em Minha juventude acompanhava os passos de Abraão, via como Deus o provava e como ele se superava, a cada dia, para corresponder à Vontade Divina. Observava como todo o ímpeto de Abraão de conquistar coisas para si, em nome de Deus, caía por Terra, e o Senhor purificava até o mais íntimo de sua pretensão.

Compreendia que Abraão era chamado de pai porque ele primeiro viveu na pele o que buscava ensinar aos seus filhos, discípulos e companheiros. Não só Deus abriu as portas do Céu para dirigir-se à humanidade através de Abraão, mas ele próprio também abriu uma porta na consciência humana, que nunca antes havia sido aberta. Ele se permitiu purificar e se deixou transformar e moldar por Deus, como nenhum outro homem havia permitido.

Abraão abriu a porta da rendição e da resignação ao Criador, entregando a Ele todos os seus planos, aspirações, entregando-se ele mesmo ao Pai, para ser digno de ser chamado patriarca da humanidade.

Tudo isso Eu observava em silêncio e assim aprendia a servir a Deus e abandonar-me n'Ele. Via os conflitos que se geravam no povo, a luta interna e externa que se vivia pelo estabelecimento dessa nova vida, e foi observando Abraão silenciosamente que confirmei dentro de Mim a aspiração de seguir o Pai. E, quando já estava um pouco mais crescido, Deus voltou a Se manifestar diante dos Meus olhos e chamou-Me a seguir Seus Passos e a fazer parte de Sua Obra, como um construtor e operário, ao longo de todos os séculos e pela eternidade.

E aqui estou, construindo Sua Santa Obra.



O mundo agonizava na era patriarcal. O sagrado já havia sido retirado do Egito devido à soberba, ao orgulho e à vaidade que nasceram no coração humano. No Oriente, os Reinos padeciam a incompreensão dos homens, que em vez de oferecerem a própria vida a Deus em sacrifício e reparação de todo o mal, ofereciam animais e, em alguns casos, seus próprios irmãos para sacrifícios em nome de um deus que não era o Deus do Amor.

Na África, as tribos começavam a competir, as culturas se desentendiam devido ao aparente desenvolvimento da mente humana. Na Europa, os povos indígenas tentavam manter sua pureza, enquanto o homem branco se expandia. Na América, as primeiras sementes da consciência indígena davam seus frutos, mas, ainda assim, isso não era suficiente para acalmar o Coração de Deus em agonia. Havia muitas guerras, duras guerras, entre os homens. Esse era o desenvolvimento humano: a luta para ver quem era mais forte.

O Criador mostrou a Abraão e aos seus companheiros cada uma das civilizações que se desenvolviam na Terra. Mostrou-lhes porque elas agonizavam e como os homens ainda estavam tão distantes do Projeto Divino para a humanidade.

Apesar de falar com Deus, Abraão também era homem, construído pela cultura e pela história que a humanidade havia vivido até ali. Por mais que quisesse e se aproximasse do Coração do Pai, não podia compreendê-Lo de todo. Tampouco seus companheiros O entendiam. Todos podiam sentir a Presença de Deus; todos podiam contemplar a necessidade de transformação, mas ninguém sabia qual era exatamente a meta do Pai. Foi por esse motivo que, apesar de sua fidelidade, os homens daquele tempo ainda cometeram muitos erros.

Diariamente, nos reuníamos para clamar a Deus por uma compreensão maior, para que Ele aproximasse Sua Mente da nossa, para que pudéssemos cumprir Sua Vontade, tão desconhecida para nós.

O Criador nos explicou, e também explicou aos profetas, que ainda não seria naqueles tempos que Seu Plano se consumaria; que ele seria construído ao longo da história humana, mas que, se estivéssemos abertos de coração, os homens, por Ele reunidos, O acompanhariam vida após vida, até o triunfo de Sua Vontade. E apesar de nossa incompreensão e limitação como homens, aceitamos. E essa foi e é nossa eterna esperança, pois até hoje vivemos pelo triunfo desse Plano.



A era patriarcal¹⁰ foi a era do desenvolvimento da verdadeira valentia, a que é espiritual e ensina os homens não a vencer e submeter os semelhantes ou os Reinos Menores, mas, sim, a vencer a si mesmo, derrotar a própria vontade com o poder da renúncia. Foi a era do desenvolvimento da valentia que consiste na rendição total aos Pés do Criador.

Naquela era, a humanidade aprendeu a entregar a própria força e o falso poder em nome do Poder de Deus, e esse aprendizado, que perdurou ao longo dos séculos e através dos profetas, se fez carne consumada no sacrifício de Cristo, que realizou o maior ato de rendição e renúncia da história humana.

Com os impulsos dos patriarcas, foram surgindo os profetas, que eram seus filhos espirituais. Os profetas foram aqueles cuja missão era desenvolver os impulsos dados por Deus à humanidade através dos patriarcas; fazer esses impulsos crescerem e tomarem seu lugar na sociedade humana, através de uma nova linha de pensamento e instrução, que mais tarde se tornou as religiões, já que essa foi a forma que o homem encontrou de organizar suas ideias.

Porém, as religiões limitaram o Pensamento Divino, que é Oniabarcante, e fecharam, em um grau humano de compreensão, um impulso que desceu à Terra para transformá-la por completo, para fazê-la

ingressar em outras leis, como ocorreu com a vinda de Cristo e como será em Seu Retorno.

Os patriarcas foram os primeiros a compreender que Deus é Onipresente e Oniabarcante, e tentaram levar Sua Presença e Sua Palavra a todos. Porém foi apenas por meio de Cristo que a humanidade pôde, finalmente, descobrir que isso significa que o Criador está dentro de todas as Suas criaturas.

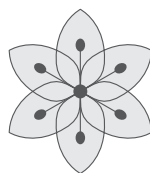
Cristo é Seu Filho primogênito, e depois d'Ele, que foi o primeiro, viemos todos nós, Seus outros filhos, cujas essências guardam a absoluta semelhança com Ele, trazendo assim, no interior, a esperança de despertar o potencial de ser tão consciente dessa união, como era o próprio Cristo.





Capítulo 4

Ilha do Sol
Lago Titicaca, Bolívia



Nessa sagrada experiência com os patriarcas, criei as bases de uma vida que Eu consagraria a Deus ao longo de toda Minha história na Terra. Assim como Eu, muitos dos que se comprometeram com Cristo quando Ele esteve sobre a Terra iniciaram esse compromisso muito antes de Seu nascimento e, junto aos patriarcas, viveram seu despertar.

Depois dessa experiência, retornei ao mundo como profeta e retomei, logo no início da Minha vida, a união com Deus. Samuel foi o Meu nome e com esse nome confirmei a Deus Minha disposição em preparar o caminho para Seu Filho que, em algum momento, também seria Meu.

Aqui, o Criador começou a Me preparar conscientemente para compartilhar com Ele a paternidade de Seu Filho. Grande deveria ser a humildade de Meu Pobre Coração para essa tarefa, e foi com o silêncio de Samuel que isso foi possível de ser construído em Minha consciência, muitas vidas antes dessa missão se concretizar.



Como profeta Samuel e companheiro de Deus, tive de perder o medo de viver a humildade e lançar-Me no mistério de viver a Vontade Divina.

Como homem, apesar de ter uma mente simples, muitas vezes estive condicionado às realidades da época e Me custava muito trazer do Céu um ensinamento desconhecido para a humanidade daquela época. Cometi assim muitos erros, que foram sendo corrigidos por Deus à medida que Eu caminhava.

Assim como hoje lhes ensino, Deus também Me ensinava, e Eu Me abri para crescer e transformar Minha condição humana.

O Criador Me falava da vinda de Seu Filho e, ainda que parecesse um acontecimento muito distante de Minha realidade, Eu Me abri para vivê-lo e Me preparei para isso até o fim de Minha vida.

Antes de morrer, soube por Deus mesmo quando isso aconteceria e quanto ainda padeceria, vida após vida, para vivê-lo. Não tive medo, nem receio. Aqui, aprendi a amar a Vontade de Deus e a desenvolver a fé. Aprendi a amar o desconhecido e a desconhecer as coisas do mundo para reaprender a compreender a vida; abri-Me para saber o que era Viver, que é um verbo que inclui em si toda a existência, e não apenas este mundo.

Tudo isso, muitos de vocês também viveram e hoje são chamados a recordar. Mas, para se chegar ao Alto, é preciso transformar o que está embaixo e construir do chão os degraus para as alturas com paciência, trabalho e sem medo.

Amem as oportunidades de serem humildes e crescerão muito.



A única coisa que lhes direi hoje é que o maior aprendizado de um profeta é o esvaziamento de si, de toda vontade própria, de toda necessidade de méritos, de todo plano pessoal.

Aqui, como profeta e companheiro de Deus, com muito pesar, fui aprendendo todas essas coisas. Esse aprendizado não começou nem terminou naquela vida; perdurou ao longo dos séculos até o nascimento de Meu Filho, quando compreendi a maior e mais grandiosa humildade de Deus, no pequeno Menino. Isso foi o que Me fez ascender e encontrar o Coração do Pai. Seu Amor por nós Me elevou.



Depois de ter sido profeta, fui um simples pastor. E essa experiência ajudou-Me a encontrar a simplicidade do coração. Naquele momento, chamava-Me Jonas. Não tive filhos, esposa nem muitas posses. Experimentei, mais uma vez, a solidão como forma de encontrar a Deus.

Ainda que vivesse sozinho desde a juventude, era um homem feliz e pleno em Deus. Seguiu os passos dos ensinamentos de Moisés e buscava vivê-los no silêncio de Minha humilde vida.

Tinha muitos amigos, porque Minha alegria interior atraía as almas que sempre buscavam essa fonte de disposição e esperança de viver.

Eu sabia que aquela alegria provinha do Pai e não de Mim, e Me regozijava de que as almas buscassem conhecer a fonte dessa vida sã, porque sabia que, no fundo, era a Deus que elas buscavam e que algum dia O encontrariam.

Estive sempre rodeado de crianças e jovens e lhes ensinava sobre a vida do espírito. Essa foi uma experiência longa, porém muito simples. Minha vida consistia em pastorear ovelhas ao campo e almas a Deus.

Parti outra vez deste mundo com muita idade; era um ancião sábio por Minha solidão e silêncio em Deus.

Quando idoso, fui ajudado pelos jovens que gostavam de aprender Comigo, mas morri sozinho, porque assim dispôs o Criador.



Essa vida simples que levei como pastor foi para equilibrar toda a vida pública que vivi como Samuel. O universo sempre gera, na vida de cada ser, o correto equilíbrio.

Ainda que Eu não pudesse estar completamente isolado e no anonimato pela própria condição de união com Deus, que atraía muitas almas, pude equilibrar com a simplicidade e a solidão, a pobreza e a humildade, o que antes vivi entre os reis, juízes e profetas do povo de Israel.

Esse equilíbrio foi gerado para que Eu compreendesse internamente que tanto a vida de grandes reconhecimentos como a vida de simplicidade e solidão têm o mesmo valor para Deus, se o coração, a alma e o espírito estão unidos a Ele onde quer que estejam.

Prestei ao Senhor grande serviço tanto como profeta, que conduzia Seu povo, como na solidão de um simples pastor, perfeitamente unido a Ele.

Na solidão desse pastor, o Senhor equilibrava e transmutava muitos desvios humanos. Com seu silêncio, gerava méritos para continuar guiando a humanidade, apesar da perdição que se vivia em outros lugares do mundo. E, com sua alegria de servir a Deus simplesmente, equilibrava a eterna insatisfação de tantos homens que buscavam constantemente o poder e a glória e nunca se satisfaziam.

Observem, filhos, que a essência da Verdade se encontra na intenção do coração. Uma vida se faz grande aos Olhos de Deus quando é plena n'Ele e não quando é grande para os homens.



A vida do homem antigo, por ele ter uma mente muito simples e sem grandes desenvolvimentos, era quase sempre voltada para opostos: absolutamente para Deus ou para si mesmo e o estabelecimento da própria força e da propriedade.

Toda sabedoria que o homem antigo expressava era fruto de sua união com a Vida Superior; inclusive no ramo das ciências e da sobrevivência, do conhecimento das leis naturais da vida, como do céu, do

universo... Tudo provinha de um contato superior. É por esse motivo que houve muitos grupos da antiguidade, como os indígenas, os egípcios, os árabes, que, em diferentes graus e linhas de conhecimento, descobriram coisas muito amplas que hoje, com todo o desenvolvimento humano, não voltam a se revelar.

Hoje o ser humano depende dos registros deixados por esses povos e, ainda assim, tenta colocar essa sabedoria na compreensão humana atual e jamais chega a uma conclusão quanto à origem desse conhecimento, e sobre como povos tão “ultrapassados” poderiam alcançá-lo sem máquinas, sem pesquisas científicas, sem modernos laboratórios nem grandes e rebuscados cálculos matemáticos.

Era exatamente a ausência de tudo isso que fazia com que o homem alcançasse a dita sabedoria; era justamente a simplicidade e a precariedade de sua mente que tornavam puro seu contato com Deus. O homem simples era capaz de lançar-se no mistério divino e perder-se nele completamente.

Hoje, filhos, a mente e o coração humanos estão muito cheios de si, muito cheios de teorias, de conhecimentos vãos, de matéria que se cristalizou na consciência e que não lhes permite avançar. Seu orgulho está tão arraigado que o homem engrandece a si mesmo em sua escassa ciência e não conhece a magnitude da Ciência Divina.

Diante de Deus, o homem está como o pobre ignorante, que não sabendo ler nem escrever, orgulha-se de poder contar os dedos de suas próprias mãos e acredita ser isso suficiente; que não há outra ciência se não essa que se guarda no limite de seus braços, diante de seus olhos, na matemática dos dedos de suas mãos.

O que aqui lhes digo, por mais simples que sejam Minhas palavras e por estarem sendo ditas por Mim, causará muita confusão e conflito em muitos. Mas Eu vim para romper as barreiras do velho homem, transformando sua rebuscada cristalização em uma abertura simples do coração.

Aqueles que Me acompanharem descobrirão e viverão, em seu interior, muitas coisas que não estão nestas palavras, mas, sim, no ensinamento que lhes trago através delas.



A condição humana foi algo que, ao longo de Minhas encarnações, conheci profundamente, e à medida que a conhecia, não compreendia tamanho Amor de Deus pela humanidade. Esse foi um mistério que fui desvelando vida após vida: quanto mais conhecia o homem, mais admirava o insondável Amor de Deus.

Desde a era patriarcal¹⁰, quando o Criador Se aproximou, Ele mesmo, da humanidade para falar-lhe e preenche-la com Sua Presença, aqueles que eram sábios e que também conheciam a condição humana tinham como única explicação, para esse Amor Divino, o fato de a humanidade ser a única civilização inteligente do universo; e esse Amor de Deus que estava sobre o homem era para que ele pudesse evoluir e se tornar semelhante ao Pai.

Essa incapacidade humana de compreender o Amor Divino fez com que muitos homens, até hoje, não pudessem acreditar na vida além da Terra e, mais do que isso, não pudessem conceber que a vida na Terra é uma das menos avançadas em todo o cosmos. Porque, ao acreditar nisso, não poderiam entender por que então o Criador coloca tanta atenção na Terra; por que, se existem tantas civilizações, tantas consciências que O amam e que a Ele são absolutamente fiéis, Deus põe Seus Olhos, Seu Coração, Sua Graça e até mesmo envia Seu Filho para a Terra?

A humanidade tem um potencial de amar semelhante ao Amor de Deus e, desde a era patriarcal até hoje, o Criador tenta, Ele mesmo, ensinar esse Amor aos seres humanos.

O Criador, com Sua Presença na Terra, veio nos ensinar que aquele que necessita de mais amor, mais companhia e mais instrução é aquele que mais desviado está do Seu Caminho; que mais dificuldade tem em acertar e superar suas misérias; é o que dá as costas ao Coração do Pai. Esse é o mais necessitado.

Por isso, Ele enviou Seu Filho ao mundo, e após Ele viver o maior sacrifício de amor, esse sacrifício se renova repetidamente no Coração ainda ferido de Cristo.

Filhos, com isso o Criador lhes ensina a não desistir nem do próximo nem de si mesmos; ensina-lhes que o amor, a companhia, a fraternidade e a esperança na evolução do próximo são o que podem fazer com que uma alma desperte, ainda que seja na última hora.

O amor pleno no coração de um único ser humano que imite os Passos de Cristo pode equilibrar tudo o que a humanidade causou de errado a si mesma, aos Reinos da Natureza e ao universo.

Compreendam, assim, a persistência de Deus e a importância de imitar o Caminho de Cristo e amar como Ele amou, entregar-se como Ele se entregou, obedecer como Ele obedeceu, perdoar como Ele perdoou, viver como Ele viveu, sendo um ser humano em sua expressão mais pura, manifestando de forma transparente o que Deus pensou para a humanidade.

A grandeza deste planeta é que ele está pleno de sublimes mistérios. A grandeza de seus corações é que eles estão plenos de mistérios celestiais, de potenciais divinos... porém, escondidos detrás das capas da hereditariedade e do que a história humana construiu por cima de suas essências; história essa que hoje Eu lhes conto para que possam desmistificar o passado, perdoá-lo e liberá-lo de seus corações, dando a si mesmos uma oportunidade de viverem plenos em Deus.



A consagração da vida foi um exercício que aprendi a viver constantemente. Quanto mais Me abria a viver a consagração, mais descobria que ela é eterna e deve ir se aprofundando em cada instante da vida.

Quando uma essência surge no universo, o Criador lhe entrega um princípio, uma missão para viver e expressar. Quando se desenvolvem a consciência e os primeiros corpos espirituais, o ser se torna consciente dessa missão e se compromete com Deus a vivê-la.

Desde que é criada, até que se desenvolva em suas diferentes experiências no cosmos como na Terra, a consciência adquire diferentes capas – e às vezes muros – que a separam do princípio divino que o Criador lhe entregou para expressar. Mas isso não significa que esteja eximida de viver esse princípio. O compromisso realizado com Deus na criação de cada ser é imutável. O que acontece é que uns se separam mais e outros menos dessa missão original, e a responsabilidade de todos os seres é tornarem-se puros outra vez, para encontrarem uma forma de expressar esse compromisso com o Pai.

Vida após vida, esse compromisso de alguma forma lhes é soprado ao coração e à consciência, ainda que seja por um único instante. Alguns podem escutá-lo, percebê-lo, senti-lo, segui-lo e vivê-lo; outros o ignoram ou simplesmente não o percebem por estarem com o coração ocupado com outras coisas.

Em Minhas experiências na Terra, aprendi a silenciar e, assim, sempre escutei e recordei esse compromisso com Deus e, por mais que não soubesse do que se tratava, sempre reconheci que um vínculo com a Vida Superior existia. Eu o sentia com tal força e tal eco dentro de Mim que não podia deixar de buscar a proveniência desse sentimento.

Foi por isso que, repetidas vezes em Minhas vidas, consagrei-Me ao Pai e aprendi, vida após vida, a amar Seu Plano para Mim e para tudo.



Depois de Minha experiência como pastor, vivi alguns aprendizados com povos da África e também da América, porque não apenas no Oriente se aprendia da união com Deus.

Na América, os remanescentes atlantes se repartiram por algumas partes, tentando recobrar a pureza que haviam perdido na última etapa da Atlântida. Naquele momento, a humanidade usava a ciência e a necessidade de encontrar a Deus para se desenvolver.

Aos poucos, esses povos indígenas foram crescendo em unidade com o Único e com a Vida Superior, e as bases vividas, naquele momento, construíram o que muito mais tarde conheceram como civilização Maia, por exemplo.

Isso significa que os Maias são povos mais antigos do que a humanidade imagina, e que sua cultura e sabedoria foram sendo construídas com muito esforço ao longo de algumas gerações indígenas.

Sobre isso lhes contarei adiante.



O mistério da consciência indígena e sua origem é tão desconhecido para a humanidade como os mistérios celestiais. Ainda assim, o homem acredita conhecer todas essas coisas. E, em verdade, as conhece, mas não com sua mente, e sim com sua experiência porque, de alguma forma, todos os que estão hoje na Terra participaram das diferentes etapas evolutivas da humanidade e isso está gravado em suas consciências.

Se o homem buscasse um saber espiritual, talvez encontrasse dentro de si mesmo todos os mistérios e toda a história que busca desvendar.

Mas a busca da humanidade é superficial, mental; é uma busca por um conhecimento que engrandeça o homem, e esse conhecimento não chega porque, quanto mais o buscam, mais se afundam no abismo da inconsciência humana.

A consciência indígena – ou povos originários da Terra – foram grupos de seres que existiram no planeta desde o princípio de tudo, antes que o homem fosse consciente do que é a civilização. Porém tomaram diferentes rumos porque, no momento em que a Pangeia⁵ se dividiu, cada grupo foi levado a um lugar diferente do planeta, no qual estavam regidos por diferentes leis e influenciados por diferentes condições climáticas e geográficas.

Cada espaço do planeta atrai do universo, por afinidade, uma vibração diferente, um Princípio de Deus* para manifestar. Esses princípios foram conduzindo os diferentes grupos humanos, o que criou as culturas, as línguas... que foram formas que a humanidade encontrou de expressar essa energia, sob a qual vivia todo o tempo.

Os povos originários que viveram na América foram impulsionados pelos remanescentes atlantes, que haviam sido capazes de viver a pureza e que, levados pelo Princípio da Simplicidade e da Unidade, chegaram à comunhão universal, revelando, sem saber, muitos mistérios, pelo simples fato de se deixarem guiar.



A virtude da simplicidade alcançada pela consciência dos povos originários foi a grande chave que lhes permitiu ascender de dimensão, não apenas para que tivessem acesso às ciências e ensinamentos superiores, mas, em alguns casos, para que ingressassem com todo o seu ser em espaços divinos da consciência do planeta¹⁵.

A simplicidade desenvolvida, sobretudo nos primeiros povos da América, foi o que lhes permitiu discernir o caminho a ser tomado em

relação aos contatos internos que tinham como indivíduos e como civilização. Em seus corações, podiam sentir a procedência de cada ser que tomava contato com eles, em diferentes níveis de consciência.

Dentre as civilizações originárias, muitas desenvolveram suas capacidades extrassensoriais, como a visão e a audição, além dos sentidos físicos, e também a intuição superior.

Havia consciências que, pelo seu grau hierárquico dentro das comunidades, tinham por tarefa desenvolver mais esses sentidos e aprofundar o contato interior como forma de guiar mais puramente todo o povo. Porém, isso não significa que eram os únicos com essa possibilidade.

A simplicidade e a pureza dos povos originários lhes permitiram, como consciência grupal, acessar realidades sublimes e, apesar de haver indivíduos especificamente responsáveis pela orientação espiritual de cada grupo, todos podiam confirmar, com sua intuição e suas próprias percepções internas, a veracidade da orientação recebida.

Por esse motivo, havia unidade entre eles e não desconfiança ou dúvida. Por não haver esses dois males que separam os homens e criam a competitividade, puderam manter-se por muito tempo nessa pureza de coração e, quando viveram a aproximação do homem branco, e tudo o que aconteceu durante o processo de colonização, muitos ascenderam de plano, abandonando seu legado na Terra, como símbolo do caminho que se deveria trilhar para chegar a Deus: a pureza do coração.



Quando Jesus encarnou entre os homens e por Seu Amor e sacrifício alcançou o estado de Cristo, Seu aprendizado não serviu de impulso apenas para o Oriente. Toda a consciência humana que se desenvolvia na Terra, onde quer que estivesse, recebeu esse impulso de Cristo.

Foi a partir desse momento que a consciência indígena também foi impulsionada e deixou sobre a Terra o legado que, mais tarde, se tornou um mistério para muitos.

Os Maias não foram os únicos que alcançaram certo grau evolutivo e depois abandonaram a terceira dimensão da Terra; houve outros povos que, nas Américas, viveram uma experiência semelhante.

A consciência indígena, por sua pureza e conexão com o Todo, ingressava muito naturalmente nos ciclos universais e na consciência espiritual da humanidade, acessando um princípio de unidade consciente que fazia com que diferentes tribos que viviam esse grau de pureza pudessem se comunicar intuitivamente e, assim, aprofundar seu conhecimento e se complementarem umas às outras, compartilhando de forma evolutiva sua sabedoria, a partir dos mundos invisíveis.

Nem sempre as tribos eram conscientes de que esse contato telepático e astral que viviam era com outros grupos de seres encarnados; também por isso, se gerou muito respeito entre os variados tipos de conhecimento. Isso fez com que muitas tribos, espalhadas em lugares físicos diferentes, pudessem compartilhar do mesmo conhecimento. É por esse motivo que uma tribo, em uma floresta fechada no Peru, poderia receber ensinamento semelhante ao de uma tribo em Honduras, por exemplo. E apesar da distância, poderiam aparentar compartilhar o mesmo espaço físico, ou ser a mesma tribo que migrava de um lugar para outro.

Como a humanidade não tinha esse conhecimento, ficou em sua mente o mistério de quão rapidamente uma civilização se construía, formando inclusive cidades, e depois migrava para espaços distantes e construía tudo de novo. Na verdade, a pureza era o que permitia que as civilizações se comunicassem, e o respeito mútuo fazia com que elas pudessem compartilhar seu conhecimento.

Deixo esse aprendizado aos que serão puros de coração e respeitarão uns aos outros.



Para complementar o aprendizado que vivi no Oriente, encarnei então na América, entre os Maias, e aprendi uma nova forma de encontrar a Deus.

Foi uma experiência muito simples, porém muito rica do ponto de vista espiritual.

Aprendi da união com os Reinos da Natureza – união esta quase ausente na consciência humana daquela época, nas civilizações que não eram indígenas. Aprendi da linguagem e da expressão divina de cada Reino, a forma como eles se elevam a Deus e dão novos passos em seu caminho evolutivo como consciência-grupo.

Aprendi muito com a Lei da Unidade, que se expressa nos Reinos da Natureza; como eles estão inseridos na vida como um corpo único, cada um colaborando para que o planeta siga existindo e que suas criaturas se multipliquem, que se multiplique a vida.

O que Eu conheci como Unidade, o homem chamou de ecossistema. Talvez, se compreendesse esse termo como a unidade que existe na Terra, o homem tivesse maior interesse em estar inserido nas leis da vida e do espírito que animam a Terra; leis das quais, em geral, se retira a cada dia, ingressando em um desequilíbrio quase sem fim e sem retorno.

Aprender sobre a unidade com a natureza foi primordial para compreender, mais tarde, a unidade existente entre Cristo e Deus. Em Minha consciência, Eu já conhecia o princípio que une a vida ao Criador, e não só compreendi a unidade de Cristo com o Pai, como também pude sentir-Me parte dessa unidade.



A chave da pureza da consciência indígena radicava na Verdade e também na humildade. Naquele primeiro período dos povos originários, os seres humanos não tinham tantos aspectos conscientes e inconscientes como hoje.

Os aspectos da personalidade, da mente e das emoções, foram se formando ao longo da história da civilização humana. À medida que os seres experimentavam e viam como outros atuavam, esses aspectos iam se formando por influência própria ou de outros.

Isso fez com que os seres hoje tivessem muita dificuldade para encontrar a pureza. Os aspectos humanos que encobrem sua essência se fortaleceram de tal forma que até mesmo as crianças já os manifestam, perdendo assim a possibilidade que o Universo lhes dá de que, vida após vida, possam ter uma oportunidade de recobrar a pureza e a simplicidade em sua infância.

Tudo isso, porém, não significa que os seres humanos, hoje, não consigam e não possam ser puros e simples. Cada vez que se aproximam de Deus, que é a própria Verdade, vão encontrando a verdade que habita no próprio interior. É uma lei simples de afinidade, ciência espiritual que todos podem compreender.

Existem muitas formas de se aproximar de Deus: a oração, a adoração, a contemplação, o silêncio, o serviço abnegado, o amor irrestrito, o contato com os Reinos da Natureza, a rendição do ser ao tocar os abismos da própria consciência. Todas essas coisas são formas de encontrar a Deus; todas são formas de encontrar a Verdade e, assim, despertar para a verdade no próprio interior.

A consciência indígena vivia o contato com os Reinos da Natureza, a unidade e a fraternidade em comunidade, o serviço permanente, o bem comum. Cada uma dessas virtudes aproximava outra e, assim, os

fazia crescer em pureza e simplicidade e ter a possibilidade de encontrar a Deus n'Ele mesmo ou naqueles que eram enviados por Ele; e o faziam sem duvidar nem questionar o ensinamento que recebiam.

Por esse motivo, alguns povos avançaram tanto cientificamente, espiritualmente e materialmente também, mesmo estando completamente isolados do que a humanidade chamou de homem civilizado.



A simplicidade e a pureza alcançadas por algumas civilizações indígenas permitiam-lhes que cruzassem os umbrais que havia entre a vida material e a vida imaterial.

Como um legado atlante trazido pelos remanescentes e ativado por essa pureza, os indígenas aprenderam o que hoje vocês chamam de meditação, que naquele momento era uma prática de união com o Todo. Nesse exercício, a consciência perdia sua individualidade e se unia a toda a Criação. Era um exercício de silêncio e observação interior de tudo o que os envolvia, todos os sons dos animais, a presença dos elementos, a Presença espiritual de Deus em todas as coisas.

Foi assim que sem o uso de nenhuma ferramenta específica, apenas com o coração, os indígenas acessavam realidades superiores e com a consciência percorriam o universo, aprendendo de ciências cósmicas, astrologia, cura, desenvolvimento intuitivo e, inclusive, Princípios Divinos que se decodificavam na consciência, segundo a compreensão humana da época.

Apesar de ser um contato puro e amplo, dependia muito da capacidade da mente que naquele momento estava em pleno desenvolvimento. Ainda assim, puderam plasmar na Terra uma sabedoria que o homem por si só jamais pôde conhecer.

Se o homem de hoje tivesse o coração puro, assim como era o dos povos originários de outras épocas, muito lhe poderia ser revelado e

inclusive poderia coabitar com a vida divina e sublime, assim como foi com a Sagrada Família.

Depois de ter vivido essa experiência no princípio do desenvolvimento espiritual dos povos originários da América, retornei para o Oriente, pronto para cumprir Minha missão como José de Nazaré.



Assim como Deus Me preparou, vida após vida, desde Minha criação em Sua Santa Fonte de Amor, também preparou cada coração que acompanhou e que acompanha Cristo para cumprir Sua missão.

A diferença entre Minha vida e todas as demais vidas do mundo é que Eu sempre estive disposto a cumprir Sua Vontade, escutá-Lo e segui-Lo, vencendo o mais íntimo e profundo de Meu ímpeto humano.

Descobri que o ser humano é forte para lutar por sua própria vontade e, com essa mesma força, pode render-se.

O ser humano é forte para travar batalhas e sobreviver às guerras e, assim também é para vencer a si mesmo.

O ser humano é forte para dar a vida e também para tirá-la. Ele é forte para fazer o mal, porém da mesma forma pode ser forte para vencer as forças que o impulsionam à maldade.

O ser humano guarda em si um potencial de poder muito profundo, muito intenso, porém cada um direciona esse potencial na direção que escolhe.

Uns escolhem ser fortes para usar uma espada, outros são fortes para silenciar. Uns são fortes para elevar seu verbo contra outros e conseguir o que querem, outros elevam seu verbo a Deus e fazem triunfar Sua Vontade.

Filhos, Eu conto essa história para que cada ser se veja diante de um espelho e faça suas escolhas. Ao longo da Minha trajetória humana, não pude fazer outra coisa pelos homens senão lhes dar um exemplo vivo, e com vocês, agora que estou aqui em espírito, não terá como ser diferente.

Essa história é o testemunho da Misericórdia de Deus e até onde Ele leva aqueles que Lhe correspondem. Para cada ser humano, o Criador tem algo único e tão ou mais grandioso que compartilhar com Ele a paternidade de Seu Filho Primogênito.

O Criador guarda para Seus filhos a possibilidade de assumir sua posição como criaturas divinas, portadoras de um amor único e inigualável. Cada ser pode eleger as coisas do mundo ou as do Céu. Eu sempre escolhi as do Céu e hoje estou aqui, porque suas almas também elegeram, mas suas mentes, personalidades e emoções necessitam compreender isso e viver conforme o compromisso que têm com o Criador.



Preparado pela experiência de cada uma das vidas sobre as quais lhes contei, nasci como José de Nazaré. Era de uma família muito simples, pais trabalhadores e muitos irmãos. Todos nós, desde cedo, tivemos de aprender ofícios manuais como a carpintaria; também aqui aprendi sobre o pastoreio com Meus avós e vizinhos.

Aprendi, na infância, a reconhecer a Deus. Tive por Graça e Obra Divina, uma mãe devota que, ao ensinar-Me a pronunciar as primeiras palavras, já Me ensinou a orar. E aos poucos, foi Me fazendo compreender o Pai Eterno e Sua Presença em todas as coisas.

Como tive a Graça de ter pais orantes e dedicados à vida do espírito, tive as condições criadas para recordar algumas experiências do passado e compreender logo cedo, com pouca idade, que Deus tinha

para Mim uma missão diferente e que cobraria de Meu espírito uma dedicação absoluta a Ele.

Naquela época, as crianças eram praticamente obrigadas pela vida a crescer rápido, pois a necessidade assim ditava. Perdi Meu pai com pouca idade e fui cuidado por Meus irmãos, que queriam ver em Mim um homem forte e cheio de ímpetos humanos. Porém Minha fortaleza não estava em Minha humanidade, mas sim em Deus e, por esse motivo, Minha batalha na vida começou desde cedo.



Antes que Minha mãe engravidasse, antes mesmo de se casar, um dia em sua casa, um anjo veio ao seu encontro. O mesmo anjo que posteriormente viria ao encontro de Maria. Esse anjo contou-lhe parte do Plano de Deus, do qual ela participaria. Explicou-lhe que, por muitas gerações, Deus resguardara a pureza em nossa família para que ela fosse digna de receber, em sua hereditariedade, o Seu Filho.

Minha mãe era uma mulher de poucos conhecimentos, porém de muita sabedoria interior, pois seu coração era manso e simples. Guardou em silêncio esse segredo, em parte por não saber exatamente como tudo isso aconteceria, em parte porque causaria incompreensão e rancor em muitos que esperavam a vinda do Messias em um castelo, coroado como rei diante de todos e não naquela aldeia simples de Nazaré.

Quando estava grávida de cada um de Meus irmãos, Deus lhe permitiu ver como seria a vida de cada um deles. E quando chegou Minha vez, novamente o Senhor lhe falou através dos anjos, agora em um sonho. Mostrou-lhe que esse seu filho seria diferente, silencioso e manso de coração, mas isso não significava nenhuma enfermidade ou mau comportamento; era a Graça de Deus que estava sobre Ele e que o chamaria ao recolhimento, porque era um espírito muito antigo, preparado por Deus desde Sua origem para uma missão que chegava a hora de se concretizar.



Minha mãe continuou em silêncio e, havendo o Senhor lhe revelado esse mistério, ela se compenetrava na presença desse espírito em seu ventre e silenciava junto d'Ele, orando sempre a Deus para que essa missão que Ele havia pensado pudesse, enfim, cumprir-se.

Quanto mais ela silenciava, maiores mistérios Deus lhe revelava para que pudesse ser uma guardiã da missão que seu filho viria a cumprir. Que velasse por Ele e O protegesse para que Ele crescesse sob o espírito da humildade e da unidade com Deus.

Foi assim que Meu vínculo com o Criador foi retomado já no ventre de Minha mãe e, com suas orações e preces a Deus, Eu era imbuído de sua pureza e simplicidade.

Dia após dia, Minha mãe foi sendo preenchida por uma alegria divina. Alguns compartilhavam dessa alegria, outros não podiam compreender por que ela não esteve com a mesma felicidade na gestação dos filhos anteriores e isso fez com que Minha batalha contra o mundo e as forças retrógradas da humanidade também começasse já no ventre de Minha mãe.

Minha mãe foi preenchida pelo Espírito de Deus e nem as críticas do mundo nem as dificuldades e pobreza daquele tempo a faziam esmorecer ou entristecer seu espírito. Ela era, naquele momento, uma mulher jovem e cheia de vida. Portando-Me em seu ventre, Me levava ao cume dos montes e orava alto para que Deus tomasse seu filho e O abençoasse e que com Ele abençoasse todas as gerações que viriam.

Foi dessa forma que, dia a dia, sua vontade e a Vontade Divina foram sendo uma só. O Criador lhe revelou que Eu deveria fazer voto de castidade durante toda a Minha vida para conservar a pureza de Meu Coração, e Minha santa mãe ofereceu a Deus esse mesmo voto para acompanhar-Me na Sua Vontade; foi assim que Eu fui seu último filho.



A alegria de Minha santa mãe transbordava em seu espírito, porque essa alegria provinha de Deus pela concretização de Seu Plano, através do nascimento vindouro de Seu Filho Primogênito.

A alegria que a inundava e a preenchia também chegava até o pequeno espírito presente em seu ventre. Toda Minha família percebeu que algo diferente acontecia, porém apenas Meu pai se abriu para compreender esse divino mistério e por uma inspiração interior, perguntou-lhe o que lhe havia sucedido, de onde provinha esse regozijo que a tudo inundava, pois parecia que até o Céu se contagiava com sua plenitude.

Minha mãe, então, contou o que lhe acontecera quando ainda era uma criança. Contou-lhe dos sonhos e visões que teve por toda sua vida e as revelações que lhe eram feitas na gravidez de cada um de seus filhos. Explicou-lhe que, em outros tempos, não se havia regozijado porque pôde ver o destino que tomaria cada um de seus filhos no decorrer de suas vidas e também de suas mortes. Sonhara sempre que sua família fosse dedicada a Deus e sabia que isso não aconteceria de todo.

Até que engravidou outra vez, e dessa vez, recebeu de Deus uma surpresa. Chegava ao seu ventre o filho que esperava desde sua infância. E então as Palavras de Deus puderam cumprir-se.

De alguma forma, esse seu filho seria o guardião do Messias, seria um homem manso, de silêncio e castidade, diferente dos demais. Mas seria são e forte, unido em espírito a Deus, para levar adiante a missão que Ele lhe havia encomendado e para a qual, desde sua origem no universo, o preparava.

Meu pai a escutava com uma mistura de assombro e alegria. Sua mente duvidava, mas sua alma sabia que o Plano de Deus, nas Escrituras, estava próximo de se cumprir. Pediu à Minha mãe que guardasse silêncio sobre essas revelações, já que Deus mesmo haveria de conduzir

cada acontecimento e guiaria esse filho que era deles, mas também do Pai, para que cumprisse essa importante missão. E assim o fizeram, até que nasci.



Nasci em Minha simples casa, rodeado de poucas pessoas, porém de muitos anjos. Estavam presentes Meu pai e alguns de Meus irmãos, os menores de todos, porque queriam ver-Me chegar ao mundo.

Sobre Minha santa mãe se abriu um portal ao Reino dos Céus, através do qual o Criador Me observava. Minha mãe, milagrosamente, não sentiu dor em Meu nascimento, mas regozijo interior. Esse foi mais um sinal enviado por Deus, para que ela soubesse que tudo quanto havia vivido era verdadeiro e que as Escrituras estavam por se cumprir.

Minha mãe pôde ver e tocar os anjos por Deus enviados. Eles seguravam suas mãos enquanto Eu nascia e lhe sopravam ao coração que Eu deveria chamar-Me José. Esse momento foi único para Minha amada mãe e servidora de Deus. Mas apesar de tanta Graça e Misericórdia, ela jamais contou essa experiência divina a alguém, tampouco para Mim. Ela compreendia que Eu deveria viver a humildade e crescer por Minha própria união com Deus. A única coisa que fazia era conduzir-Me em silêncio para que o próprio Pai Celestial pudesse despertar Meu espírito quando fosse o momento.

Logo que nasci, passados alguns dias, como ditavam as leis da época, fui apresentado no Templo e ali, Minha mãe prometeu ao Senhor Meu espírito e Meu Coração.

Em Meus primeiros anos de infância frequentei o Templo e Minhas primeiras palavras aprendi ali.

Como o Senhor havia revelado à Minha mãe, fui uma criança silenciosa, mansa, porém alegre. Preferia estar na presença de Minha mãe

ou no Templo do que brincar com as demais crianças; mas isso não fazia de Mim uma criança triste.

A princípio fui muito rejeitado por Meus irmãos, que buscavam em Mim um menino como todos os outros e não compreendiam por que Minha mãe Me defendia tanto e por que se alegrava tanto em Minha presença, se Eu era tão diferente dos demais.

Minha mãe via cumprir-se em Meu comportamento as Palavras de Deus, e por isso seu coração estava cada dia mais pleno no Senhor, porque à medida que Eu crescia, mais se aproximava a chegada do Messias.

Quando Eu era criança, tive muitas experiências com a Consciência Divina, sem compreender muitas coisas. Anjos e arcanjos Me falavam em sonhos, Me ensinavam a orar e Me mostravam acontecimentos proféticos pelos quais Eu deveria jejuar e oferecer sacrifícios.

Para Mim, o maior sacrifício era estar neste mundo de tão pouco amor. Via todos os dias as guerras entre judeus e romanos, como entravam nas casas saqueando os pobres e matando os que resistiam.

Por tudo isso, orava muito e renunciava a todo tipo de diversão e distração, porque via que isso era uma forma da consciência fugir da realidade e não viver a transformação necessária para que a realidade do mundo fosse outra.

Foi por esse motivo que incursionei cada dia mais na vida de oração e decidi consagrar Meu espírito totalmente a Deus, fazendo, aos 12 anos, o voto de castidade absoluta.

Via como as mulheres da época eram tratadas e a incompreensão dos homens, sua impossibilidade de compreender o verdadeiro papel da energia feminina no planeta e no universo. Por isso, com a intenção de encontrar o sagrado em tudo, respeitar e amar todos os seres, Me consagrei à castidade e incursionei no caminho da transformação conscientemente.



Em Minha infância, passei mais tempo em casa com Minha família, com algumas incursões no Templo e também aprendendo trabalhos manuais com Meu pai e alguns amigos próximos. Era muito silencioso, ajudava nos trabalhos da casa e era solícito para com Minha mãe e suas necessidades. Aprendi com ela a falar com Deus e também a escutá-Lo. Se bem que ela não Me contasse nada do que havia vivido com o Senhor, apenas Me ensinava a encontrá-Lo; a proximidade que ela tinha d'Ele, sua forma pura e simples de falar com Deus, foi fazendo com que Eu também rememorasse esse diálogo com o Criador, que tive em muitas experiências anteriores.

Fui aprendendo então que, para encontrar a Deus, deveria ser simples de coração, assim como era Minha santa mãe, e essa simplicidade e a busca pelo Alto conservaram, em Meu Coração e em Minha alma, a pureza que Eu tinha quando criança.

Sobretudo em sonhos, recebia as respostas do Senhor para Minhas questões mais simples e infantis e também para as coisas que Ele queria revelar-Me que, apesar da Minha mente de criança não compreender, Eu guardava no mais íntimo do Meu Coração.

Esse contato com Deus Me fazia cada vez mais silencioso e distante de tudo, porque quanto mais Me aproximava d'Ele, menos Me interessavam as coisas da Terra. Isso fez com que Eu sofresse muito o preconceito e as ofensas daqueles que não Me compreendiam. Em Minha infância, isso era mais leve, porém na adolescência tive de enfrentar duras batalhas para fazer triunfar Seu Plano.

Em certos momentos, era tão grande o assédio e o desespero, que Me via tentado a ceder às coisas do mundo e a renunciar à Vontade de Deus para Mim, mas logo o Senhor Me fortalecia e outra vez Me fazia compreender que tudo era parte de Minha purificação e entrega;

tudo isso Eu deveria viver e enfrentar como forma de vencer o mal que existia em Mim, como ser humano, e em todo o planeta.



Nem tudo em Minha pequena consciência era quietude e santidade. Como homem e parte deste mundo de dualidades e de resistências, tive de ir transformando a condição e os ímpetus humanos que viviam dentro de Mim.

Desde pequeno, o Senhor Se aproximou de Meu espírito, mas o mundo e as tentações também se aproximaram. Apesar de sentir uma grande inclinação ao silêncio e à oração, a cobrança da vida comum também Me fazia padecer por não ser igual às demais crianças da época; e, sobretudo quando comecei a crescer, perto da adolescência, essas tentações aumentaram. Ainda que por um lado afirmasse Minha entrega a Deus e fizesse votos silenciosos de consagração a Ele, também sofria e lutava contra toda inclinação a romper com esses votos.

Meus irmãos e amigos sempre cobravam de Mim um comportamento como o dos demais meninos que nos rodeavam; queriam que Eu fosse forte como eles, inclinado à diversão, à música, à busca pela independência e pela conquista. Mas Eu não podia ser assim, porque Meu mundo interior não Me permitia. Até que a batalha foi tanta e o padecimento tão grande, que decidi retirar-Me do entorno que vivia e realmente fugir dessa realidade.

Com a bênção de Minha mãe e a reprovação de Meu santo pai, que queria Minha companhia ao seu lado, fui para o deserto e, refugiado em uma gruta, dediquei-Me à oração.

Conheci um bom amigo que Me ensinou mais profundamente o ofício da carpintaria. Ele era silencioso como Eu, centrado unicamente

na perfeição do seu ofício e em tudo o que o manejo da madeira trabalhava em seu mundo interior. Aprendi com ele o ofício verdadeiro da carpintaria, que refletia a lapidação do próprio ser e o aperfeiçoamento da própria transformação.

A cada dia, em cada peça que Eu trabalhava, buscava reconhecer a brutalidade humana que existia em Mim, à semelhança da madeira bruta. Assim como a madeira trabalhada pelo carpinteiro foi retirada de seu estado original na floresta e, aparentemente morreu para transformar-se em outra coisa, Eu Me via ali, retirado de Minha origem no Coração de Deus, morto para a verdadeira Vida Universal e lapidado na carpintaria da Terra para transformar-Me em uma nova vida, em algo novo, que seria útil de uma forma diferente para a Criação de Deus.

Assim, fiz da carpintaria não apenas um ofício, mas também uma forma de encontrar a Deus além do Templo. E, da mesma maneira como descobri essa forma de manter-Me em oração enquanto trabalhava, fui tomando gosto por encontrar em tudo uma maneira de servir a Deus e fazer da vida uma oração permanente.

Esse homem que Me ensinou a carpintaria não era apenas carpinteiro, era também profeta. Chamava-se Simeão, e mais adiante, no final de sua vida, o encontrei no Templo e lhe entreguei, nos braços, Jesus, por Quem ele sempre esperara e que de alguma forma também ajudara a chegar ao mundo.

Simeão Me ensinou essas coisas e depois partiu em sua peregrinação, em busca de Deus. Ele sabia o que estava fazendo quando Me ensinava a encontrar a Deus em todas as coisas; e também sabia que esse mesmo ofício de simplicidade e de união com o Pai seria passado ao Filho do Homem, que trabalharia não apenas a transformação do Seu próprio Espírito, mas de toda a humanidade.



Quando jovem, muitas vezes saía a caminhar pelo deserto, para encontrar ali, no silêncio da natureza, a fortaleza para perseverar unido a Deus e ao Seu Plano. Naqueles momentos, rogava ao Pai que dissolvesse em Minha mente e em Meu Coração todas as dúvidas e receios em relação ao Seu Plano para Mim, para toda a humanidade e para todo o planeta.

A humanidade daquela época, ainda que vivesse por um lado uma fé absoluta em Deus, por outro vivia uma perdição também absoluta e, em alguns casos, essa perdição ingressava nas religiões, e os homens misturavam os próprios interesses e necessidades de poder com o Nome de Deus.

Apesar de muitas coisas estarem ocultas para a maior parte das pessoas, quando Eu entrava no Templo, sentia e via tudo o que ali acontecia. Via a verdade dos corações e sabia quando um homem era verdadeiro e quando não o era. Isso feria Meu Coração e retirava de Mim a esperança de que o Plano do Criador fosse possível de se manifestar. Mas Eu também sabia que isso era um assédio do inimigo e que a Vontade e o Poder de Deus estavam além das ações e dos pareceres humanos. Porém, Eu era humano, sentia, pensava e vivia como todos os homens; por isso, ia ao deserto e clamava ao Pai.

Era uma batalha dura Comigo mesmo e com a condição humana da qual Eu fazia parte. Descobri então, na solidão com Deus, como manter-Me de pé e persistir. Era mais do que ir ao Templo ou ao rio para lavar os Meus pecados; era ir ao encontro do Pai, de uma forma que Eu pudesse ser verdadeiro, fraco, imperfeito e ficar diante d'Ele vazio, para que Sua fortaleza ingressasse em Mim.

E assim, repetidamente, o fiz em Minha juventude, até que fui Me aproximando cada vez mais do Criador e compreendendo por que Ele Me provava: porque era assim que Eu rendia Minhas forças e que elas encontravam as d'Ele; era assim que Eu era verdadeiramente forte, em Deus.



Aos 16 anos, caminhei pelo deserto sozinho e conheci muitos grupos, muitos povos que, em diferentes cidades, expressavam sua cultura. Dentre eles, conheci os Essênios e encontrei neles uma pureza de vida que não havia experimentado até então, nem na solidão de Minha vida nem no Templo de Jerusalém.

Os Essênios Me receberam com cordialidade; estavam acampados no deserto, pois haviam sido atacados em sua cidade e fugiram. Em Minha juventude e pureza, reconheceram Meu espírito e permitiram que Eu permanecesse ali por alguns dias.

Em um primeiro momento, tudo era silêncio e mistério; eles eram muito reservados em sua religião e vida, discretos no falar, no agir e no interagir entre si. A princípio Me pareceu um grande mistério aquele grupo. Falavam pouco e, apesar disso, entendiam-se muito. Parecia haver entre eles uma comunicação além do verbo e isso alegrava profundamente Minha alma, pois sentia haver chegado ao lugar correto.

Havia respeito e unidade entre os homens e também para com os Reinos da Natureza. Era muito diferente o trato que os Essênios tinham entre si e com os Reinos, de todos os outros povos de Nazaré e dos arredores. Nunca havia visto nada assim.

Fui aceito por eles e ali permaneci por muito tempo, crescendo e aprendendo a encontrar a Deus em todas as coisas.



Com os Essênios aprendi os verdadeiros valores de uma vida sagrada, consagrada a Deus. Mesmo tendo feito votos de um compromisso espiritual com o Criador sobre a entrega de Minha vida e, em muitos aspectos já os vivesse, com os Essênios aprofundei essa consagração.

Eu era um jovem silencioso e observador; isso Me ajudou muito para ser aceito entre eles, que eram sumamente reservados e, muitas vezes se restringiam às suas famílias e descendentes para transmitir seu conhecimento.

Entre os povos de Nazaré se falava sobre os Essênios como homens diferentes, cheios de mistérios, que geravam incerteza em uns e respeito em outros. Eu os conheci por um encontro divino, porque não os buscava, e eles sabiam disso.

Durante muito tempo, apenas vivi com eles o sagrado da vida diária, sem participar das cerimônias e encontros que faziam entre si. Nesses momentos, Me retirava a orar em solidão e silêncio e, sem que Eu soubesse, o Criador Me revelava o mesmo ensinamento oculto que revelava aos Essênios.

O mestre dos Essênios, naquela ocasião, era um ancião muito respeitado e Eu tinha liberdade para compartilhar com ele o que Deus Me revelava quando orava sozinho nos momentos em que não podia participar de suas cerimônias. Ele me escutava em silêncio e algumas vezes mandou que Me vigiassem durante as cerimônias para confirmar que Eu realmente estava sozinho em oração e não escondido escutando suas reuniões.

Depois de algum tempo, ele Me chamou, dando-Me a conhecer sua sabedoria e tudo quanto Deus lhes havia revelado. Fez-Me compreender sua leitura de Minha vida, pois para ele, Eu estava ali para viver um aprendizado e não para permanecer, porque como Eu poderia ver, o conhecimento que lhes foi revelado era o mesmo entregue a Mim. Deus falava Comigo, assim como falava com eles, e o fazia sempre, porque Minha missão não era com esse grupo, mas por enquanto, sozinho.

Ainda assim permaneci, porque precisava crescer não só em espírito, mas também como homem e Me fortalecer para seguir a missão que Deus havia Me encomendado.



O grande mistério essênio se originava, em verdade, na consciência indígena, nos povos que primeiro povoaram este mundo e que alcançaram um grau de pureza e de unidade com toda a vida que ficou gravado na consciência humana.

Os Essênios puderam acessar essa informação, essa experiência, e a trouxeram para sua realidade e para a cultura de seu povo. Isso refletiu na compreensão do papel dos Reinos da Natureza no planeta; uma compreensão que inclusive pôde chegar a ser ainda maior que a dos povos originários, pois a consciência dos Essênios tinha uma possibilidade de interpretar o conhecimento que recebiam de uma forma mais ampla, mais profunda.

Os povos Essênios descobriram a essência da comunhão com o Criador e Sua expressão em todas as coisas. Ocultamente, desenvolviam ciências espirituais que faziam com que a consciência humana se ampliasse e desenvolvesse seu potencial.

Foi o equilíbrio gerado por esses povos que permitiu a Cristo chegar ao Oriente, e a maldade humana não ser tanta a ponto de fechar-Lhe a porta antes do tempo.

Com os Essênios passei o fim de Minha adolescência e o começo de Minha vida adulta. Aprendi muito sobre a vida universal e a necessidade de amar e descobrir no próximo uma essência divina. Essa experiência Me deu força e valor para poder retornar a Nazaré e continuar a vida, apesar de Eu sempre voltar ao encontro dos Essênios, mesmo depois de Jesus já haver nascido.



Com os Essênios também aprendi sobre o amor à vida como um todo; e além de Meu contato interior com Deus, reconheci a vida

universal e toda a Criação que existe além deste mundo, penetrando no vasto cosmos.

Enquanto a humanidade, em sua maioria, vivia uma grande ignorância, os Essênios despertavam novas ciências e novos conhecimentos; iam além da física e da matemática, descobrindo a essência da vida e o próprio potencial do ser humano. Eles sabiam que para o ser humano descobrir certos ensinamentos era necessário estar em silêncio e solidão; por isso eram muito reservados, mas também muito perseguidos.

Inumeráveis foram as vezes em que tiveram de se retirar para o deserto; algumas delas, deixando para trás todo seu conhecimento e tudo o que haviam conseguido plasmar, de certa forma, como sabedoria para seus descendentes. Mas eles aprenderam a guardar a sabedoria na consciência, e seu próprio modo de vida ensinava aos descendentes o caminho para chegar a Deus.

Esse mesmo modo de viver, Eu pratiquei e ensinei ao pequeno Menino Jesus, que mais tarde foi ter com os Essênios, que O esperavam.



Crescer como homem para Mim foi difícil, pois desde muito pequeno, conhecia parte da Vontade de Deus para Mim. Eu sabia que as Escrituras, de alguma forma, se cumpririam diante de Meus olhos, e uma parte de Minha consciência, por mais preparado que Eu fosse para isso, não podia conceber esse mistério e inclusive não acreditava que ele aconteceria.

Voltei do deserto com pouco mais de trinta anos. Iniciei o ofício de carpintaria em Nazaré e Me aproximei mais uma vez de Minha família. Como já era um homem adulto, era mais respeitado por Meus irmãos, apesar de nunca completamente, porque o mistério de Minha infância e juventude sempre ficou gravado em suas consciências como

algo muito difícil de compreender; por isso rejeitavam e oprimiam Minha forma de viver e de Me expressar.

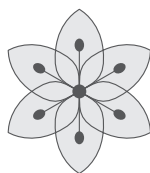
Continuava o mesmo jovem silencioso de sempre, agora um pouco mais maduro e fortalecido pela experiência com os povos Essênios. Por ter assumido uma profissão como os demais, Meus irmãos voltaram a se aproximar. Aparentemente levava uma vida normal, mesmo assim a Presença Divina sempre estava próxima e no silêncio do Templo, de Minha casa e inclusive da carpintaria, vivia muitas experiências com Deus.





Capítulo 5

Mosteiro de São Jorge
Deserto da Judeia, Israel



Foi frequentando o Templo que conheci a Virgem e Puríssima Mãe de Deus, que era uma jovem muito bela. Sua beleza não provinha deste mundo e não incitava, nos homens, energias capitais*, mas sim louvores a Deus e santidade.

Maria Santíssima era consagrada ao Pai, no íntimo de Seu Coração, assim como Eu também o era. Quando A vi pela primeira vez no Templo, e depois algumas vezes em Nazaré, reconheci Sua santidade e pureza e louvava a Deus por haver entre os homens outros seres que O amavam e que a Ele se consagravam completamente.

Conhecer Maria foi como encontrar a esperança para a vida na Terra, foi como retomar o sentido da vida e não mais Me sentir tão sozinho neste mundo.

Apesar de ter amigos, irmãos, família..., tudo o que Eu vivia, não podia compartilhar com quase ninguém, porque os valores humanos da época não Me permitiam. Era como conhecer o Paraíso e não poder convidar as almas a ingressar nele, porque elas não queriam.

E quando conheci a Santa Mãe de Deus, Meu Coração se regozijou de alegria e o Espírito de Deus inundou Meu pequeno espírito, confirmando diante do Altar Celestial, que estava próximo o tempo do cumprimento das Escrituras.

Depois de um tempo, Maria estava na idade de se casar e Sua família buscava para Ela um marido digno e trabalhador, porém simples como assim Ela o era. Sua Mãe A conhecia e sabia de Sua santidade, por isso dia e noite, pedia ao Senhor que Lhe enviasse um marido que

A compreendesse e que fosse capaz de manter Sua pureza e Seu amor por Deus. Foi assim que, entre tantos homens no Templo, chamaram também a Mim e Eu fui.



Chamaram ao Templo os homens solteiros, descendentes de Davi; dentre eles havia jovens, adultos, viúvos, comerciantes, homens simples, homens de muitos bens...

Ana, a mãe de Maria Santíssima, já havia se aproximado de Mim para contar-Me que Maria seria entregue em casamento no Templo, porque ela conhecia o que se dizia sobre Mim em Nazaré: Meu silêncio e solidão, devoção e honestidade. Ana Me contou que em um sonho, Deus lhe revelara que era hora de Maria se casar e que ela buscasse para isso, esse homem chamado José, cuja humildade e discrição agradavam muito o Coração do Altíssimo.

Ainda que Eu soubesse que todos esperavam de Mim um matrimônio – porque essa era a lei natural da vida na época – Eu nunca havia pensado em casar-Me; pois era muito diferente das mulheres de Minha época e queria dedicar Minha vida a Deus, já que sabia, desde pequeno, que Ele tinha um plano diferente para Mim, apesar de não saber exatamente que plano era esse.

Durante Minha juventude, tive de ir vencendo as inclinações humanas às coisas do mundo e agora, já mais adulto, algo havia se consolidado dentro de Mim. Claro que vivi muitas penas e desafios, mas a determinação de seguir a Deus sempre foi maior.

Eu compareci ao Templo quando todos foram chamados, e antes de tudo, pedi a Deus um sinal de que deveria casar-Me com Maria. Eu conhecia Sua santidade e pureza e também acreditava no sonho de Ana, mas como Me casaria e, ao mesmo tempo, dedicaria a vida inteiramente ao Senhor? Como honraria o voto de castidade que fiz

em Minha infância? Como tudo isso se confrontava em Meu mundo interior, pedia ao Pai um sinal claro, vivo, e que Me desse certeza de Sua Vontade.

Entrei no Templo com uma vara de nardo seca que usava como símbolo da pureza de Deus, para andar por Seus caminhos no deserto e oferecer-Lhe orações. Diante dos sacerdotes, de Maria e dos demais que se postularam para se casar com Ela, a vara floresceu.

Quando Meus olhos encontraram os de Maria Santíssima, naquele instante, o Espírito de Deus desceu sobre Nós e abençoou esse matrimônio, que, como a expressão da flor de nardo, seria pleno da Pureza, do Amor e da Presença Divina.

Todos se puseram de joelhos diante daquele milagre que era símbolo da Vontade de Deus para aquela futura família. Maria Santíssima derramou lágrimas de regozijo e alívio, pois também temia casar-se e não sabia como honrar Seu compromisso com Deus se também tivesse de ser fiel e obediente ao Seu esposo. E quando viu o dito milagre e pureza que ali se manifestaram, exaltou o Senhor e Lhe deu graças, pois sabia que Sua Vontade estava presente.

O sumo sacerdote abençoou aquele momento e também deu graças a Deus, na certeza de que Ele faria grandes prodígios através desse matrimônio, que Lhe seria fiel.

Abençoado o compromisso com Maria, todos se retiraram e Nós permanecemos em silêncio. Parecia que nesse silêncio ambos compreendíamos o que o outro vivia. Parecia que os mistérios de cada um Nos eram revelados. Esse silêncio Nos falava que os dois tinham votos para com Deus e poderíamos cumpri-los.

Eu reverenciei a Santa Virgem e Me retirei com uma mistura de alegria, exaltação, fé, calma, medo, paz... Tudo se misturava em Meu mundo interior, em um sentimento que Eu não sabia explicar.

Logo, todo o povo soube o que tinha acontecido no Templo e todos se alegraram com essa união.



Quando o Espírito de Deus desceu sobre Maria Santíssima, e o Filho de Deus começou a ser gestado em Seu ventre puríssimo, Me vi diante de um mistério celestial que era inconcebível para Meu Pequeno e Simples Coração.

Eu sabia da grandeza que isso significava e mesmo ciente de que Deus tinha um plano diferente para essa família, vê-lo manifestar-se assim, causou-Me muito medo. Por isso, fui ter com o sumo sacerdote e lhe expliquei, como pude, o que havia acontecido. O sumo sacerdote, que presenciou o milagre da vara de nardo no Templo, sabia que algo de misterioso havia nesse matrimônio, e Me pediu que confiasse em Maria e em Deus, e assumisse essa união, que era da Vontade do Pai, sem temor.

Foi assim que retornei para casa, ainda muito pensativo e cheio de receios. Como poderia Eu compartilhar com Deus a paternidade de Seu Filho Primogênito? Como poderia o Criador confiar a Mim o Messias que Israel tanto esperava?

Eu sabia da grandeza do Senhor e que Ele faria os milagres necessários para que Sua Vontade se cumprisse, mas Meu Coração não podia estar em paz.

Até que sonhei com o Arcanjo Gabriel, que Me explicou o que acontecera e como Eu deveria cumprir a Vontade do Pai. Suas palavras não só Me trouxeram clareza para a mente como também uma graça para o coração, e pude voltar a sentir a paz que Eu necessitava para dizer sim a Deus.



Quando o Arcanjo Gabriel veio ao Meu encontro, não apenas mostrou-Me que o Espírito de Deus havia fecundado o Santo Ventre de Maria. Não apenas pediu que Meu Filho se chamasse Jesus. Ele também Me mostrou os prodígios que esse Filho faria desde Sua infância, Sua juventude silenciosa, Sua vida pública, Seu martírio e Sua morte na Cruz.

Como uma profunda revelação interior, pude, em alguns minutos, ver e sentir tudo quanto esse pequeno Filho viveria. Também Me revelou que Eu não estaria com Ele até o fim, mas Sua Santa Mãe sim. Disse-Me que a unidade vivida por essa Sagrada Família fortaleceria os Sagrados Corações, para que cada um pudesse viver a provação que lhe caberia, como coração humano.

Essas palavras Me preencheram com a Presença Divina e despertaram em Meu Coração uma profunda fé e esperança. Apesar de saber que Meu Filho e Minha Santa Esposa padeceriam profundamente e Eu não estaria com Eles, Meu espírito pôde sentir paz, por saber que essa era a Vontade maior de Deus. É verdade que, como ser humano, temi e senti em Meu Coração o pesar por não poder estar com Eles, mas no profundo de Meu ser, Eu sabia que sempre Os acompanharia, porque essa missão iria além da vida, para toda a eternidade.

O Santo Arcanjo Gabriel infundiu em Meu peito um profundo amor por Deus, por Meu Filho e por Maria Santíssima; e foi assim preenchido que na manhã seguinte, fui ao encontro da Santa Virgem, e pedindo-Lhe perdão por Meus humanos medos e receios de tão grandiosa missão, contei-Lhe o que Me havia acontecido. E juntos oramos e, de joelhos, clamamos a Deus que abençoasse essa união, dizendo: “Altíssimo e Soberano Senhor, que Te dignas estar humilde e escondido entre os homens, abençoa esta família que hoje se entrega e se consagra a Ti. Torna-Nos dignos de Tua Presença, santifica Nosso lar e dá-Nos a Graça de sermos fiéis a Ti por toda a eternidade.”

Prometi, então, a Maria Santíssima a eterna fidelidade, o eterno amor e o eterno respeito por Sua santidade e pureza. Maria contou-Me de Seus votos para com Deus, e Eu Lhe revelei os Meus, nos quais, desde a infância, prometi Minha vida, corpo e alma ao Senhor.

Com a profunda alegria de que esse matrimônio existia para a glória do Criador, outra vez rezamos e agradecemos a Deus, preparando-Nos, assim, para o dia de Nossa sagrada cerimônia.



Cada instante que passava em Minha vida, crescia a admiração de Meu Coração por Maria Santíssima. Estar diante d'Ela era mais que amá-La com um amor humano; Eu reconhecia o grandioso mistério que havia em Sua maternidade, e mesmo não compreendendo totalmente a grandeza e majestade de Seu Espírito, sabia que Sua união com Deus era única. Tanto era assim que o Criador Se dignou gestar-Se, Ele mesmo, em Seu Puríssimo Ventre.

No dia escolhido para a cerimônia de Nosso matrimônio, parecia que o Céu estava em festa e que, durante todo o dia, os anjos louvavam a Deus e agradeciam porque estava mais próxima a chegada do Rei Universal a este mundo.

Ao longo de todo o dia, tive muitas visões, que ao mesmo tempo Me causavam temor e regozijo. Temor, porque o Filho do Altíssimo e Sua mais Pura Serva estariam aos Meus humanos cuidados; e regozijo, porque o Espírito de Deus estava em Mim e Suas profecias se cumpriam, tornando vida as Escrituras, que há tanto tempo adorávamos, em espera e fé.

Ainda não podia acreditar que o Filho de Deus nasceria em Minha família e que era para isso que Deus Me havia chamado desde a infância. Sentia a alegria de poder ter desvendado esse mistério que esteve

sempre oculto dentro de Mim, mas também por ser um homem tão imperfeito e tão humano nessa família que era profundamente divina. Eu confiava e confio no Senhor e sabia, desde o princípio, que fosse qual fosse a missão por Ele entregue, Sua Presença e Sua Graça seriam as verdadeiras atuantes de qualquer obra. E sinto que foi por essa certeza interior que o Criador pôde contar com o Meu imperfeito coração humano e torná-lo divino como o Seu, pela unidade absoluta com Ele.

Quando chegou a hora da cerimônia e Maria Santíssima Se aproximou com o Filho do Homem já em Seu Ventre, o mal se deteve e, por um instante, quando esse compromisso se dava, não houve atuação da escuridão na Terra. Os infernos foram fechados e muitas almas encontraram a Luz. Tudo isso Eu vi acontecer enquanto tinha, em Minhas mãos, as mãos de Maria Santíssima e, diante de Deus, Me comprometi em cuidar, amar, respeitar e resguardar tanto quanto pudesse, nesta vida e além dela, Aquela que seria Minha Esposa, porque sabia que Sua missão e maternidade seriam eternas.

E Maria, com uma humildade semelhante à do Deus que habitava em Seu Ventre, Se comprometeu em amar-Me, ser-Me fiel servidora e ajudar-Me a chegar a Deus para cumprir a Sua Santa Vontade por toda a eternidade.

Foi assim que o universo se abriu e se alegrou. Os anjos deram graças e uma família divina se instituiu na Terra.



Depois da união com Maria Santíssima ter sido abençoada por Deus e pelos homens, começamos uma vida de unidade e de santidade, permeada pela Presença Divina.

Enquanto o pequeno Menino crescia em Seu Ventre, vivíamos juntos o maior mistério que o coração humano já pôde experimentar.

A cada dia, descobríamos um pouco mais do que se tratava essa Presença Divina escondida no Ventre de Maria. Nosso lar estava permeado por todos os anjos enviados por Deus para proteger e amparar o Seu Filho e isso Nos movia a estar em oração permanentemente.

Ao mesmo tempo, tínhamos de levar uma vida aparentemente normal e seguir com a rotina dos nossos dias junto à comunidade na qual vivíamos. Esse foi um grande desafio, pois mantínhamos absoluto silêncio quanto a cada mistério que Deus Nos revelava. O silêncio foi a maior chave que Nos permitiu estar unidos a Deus sem deixar de cuidar das coisas do mundo, preparando o caminho para o Seu Filho, que naquele momento, também seria Nosso.

A maior parte do tempo, passávamos em casa, em oração, ou na carpintaria, enquanto Maria Se reunia com algumas mulheres de Nazaré e de Jerusalém, que reconheciam n'Ela a Presença do Altíssimo e muito aprendiam de Sua Pureza e Sabedoria.

Mais tarde, essas jovens mulheres se tornaram adultas e seguiram, uma a uma, as Palavras do Filho de Deus. A elas, se somaram muitas outras, de todas as idades. Do Ventre de Maria, o Menino Jesus as preparava e o Espírito Santo as inspirava, porque sua devoção e amor a Cristo gerariam méritos para que Ele pudesse triunfar no Calvário, com a Cruz.



Ao mesmo tempo que Nossas vidas eram plenas de um celestial mistério e de muitas graças e bênçãos, também Nos eram colocados muitos desafios espirituais e profundos, que cobravam de Nós um esforço sobre-humano.

As dificuldades da vida material existiam, mas ficavam em segundo plano porque os Nossos Corações estavam imersos na gratidão da Presença Divina entre Nós. Porém, existiam dificuldades maiores,

que eram a transcendência da condição humana, do amor humano, da compreensão mental sobre a Vontade de Deus, do medo de não ser digno de cumprir com Seu Plano, o medo de que Seu Filho não tivesse o resguardo que necessitava... E foi por esse motivo que cada dia mais Nossas horas e Nossas vidas se tornavam oração. Cada instante era motivo de união com Deus.

Como sabíamos que a grandeza de Sua Obra naquele momento dependia, em parte, de Nossa união com Ele, todos os movimentos, ações, palavras, tudo era comedido, meditado, tudo perguntávamos ao Senhor e esperávamos d'Ele a resposta.

A carpintaria se tornou um Templo, onde não apenas se transformava a madeira bruta, como também o Meu espírito, mente, alma e Coração. Ali, Eu conversava permanentemente com Deus, expunha a Ele Minhas misérias, dificuldades e pedia o Seu auxílio. Eu Me unia ao Sacramento Universal da Confissão, que é o Princípio da Rendição da consciência perante Deus.

Todo o Meu ser estava voltado para o Propósito Divino e, ainda que algumas vezes Me perdesse nas dificuldades de Minha mente humana, aos poucos fui Me imbuindo da consciência da grandeza do que acontecia em Nossas vidas, nessa pequena e simples família de Nazaré.

Tudo isso acontecia dia a dia, com esforço e dedicação, com muitas orações e confissões perante Deus. Tanto Lhe pedi que Ele Me transformou e Me abriu as portas do coração e da consciência para que Eu desse novos passos.



Assim como a Misericórdia de Deus está em suas vidas, também esteve na Nossa. A Sagrada Família foi a primeira a experimentar o bálsamo insondável da Divina Misericórdia, pois foi através de Nós que

o Criador entregou para a humanidade a Graça inexplicável de Sua Presença entre os homens; fato esse que jamais havia acontecido no universo: Deus Pai Se fez Um com Jesus no Ventre de Maria. N'Elas estava representada a Santíssima Trindade viva, para o mundo e para o universo. Maria expressava o sublime Amor de Deus por Suas criaturas. Ela era o próprio Amor manifestado.

Não apenas o Filho de Deus estava em Seu Ventre, mas Deus mesmo havia Se dignado a nascer através d'Elas; e era assim que essa Presença santa e misteriosa enchia Nossas vidas de milagres inexplicáveis.

Desde a gestação do Menino até Minha morte, vivi experiências que mais pareciam sonhos. Foi como adentrar uma dimensão desconhecida e permanecer ali até a eternidade. Mas nessa dimensão ingressei como homem, frágil e humano, que necessitava de muito esforço para suportar a responsabilidade que Lhe foi entregue. E sempre tivemos muito auxílio, sempre bebemos da Fonte da Divina Misericórdia para isso.

Assim lhes mostro que Deus entrega grandes desafios a Seus filhos, por meio de grandes graças, que trazem consigo grandes provas e responsabilidades, mas Ele jamais desampara Suas criaturas e sempre lhes dá absolutamente tudo para que possam cumprir Seus desígnios e manifestar Sua Vontade. Ele conhece a condição humana que atinge vocês ao mundo, mas também conhece o potencial que os libera dele; por isso envia Sua Misericórdia, mas também envia Sua Justiça, porque cada um deve eleger o caminho a seguir e a forma de crescer. Eu abracei a Misericórdia Divina.



Os meses transcorreram com muita alegria, regozijo espiritual e paz. Com Maria Santíssima ia descobrindo a cada dia o que significava este grande mistério celestial de Sua maternidade, e cada vez que a consciência se iluminava com uma compreensão superior, maior era

o Nosso amor e reverência pelo Altíssimo Deus, que Se dignou estar entre os homens.

O medo começava a dar lugar à fé, com a qual o Criador Nos envolvia, pois em tudo Nos auxiliava, desde as coisas mais simples. Fomos instruídos por Deus a dar tudo sempre aos mais pobres que Nós e, assim, o fazíamos. Cada refeição, cada peça confeccionada pelas Mãos da Santa Virgem, cada objeto que Eu fazia enquanto louvava a Deus na carpintaria, tudo entregávamos aos pobres, e esse ato simples Nos esvaziava do mundo e Nos preenchia de Deus.

O Senhor supria Nossas necessidades Nos enviando tudo milagrosamente através de Seus anjos, e tudo o que Nos sobrava também repartíamos com o próximo. Esse ato Nos trazia alegria e confiança em Deus.

Quando recebi a notícia sobre o censo e que Nossa família teria de viajar para Belém, o Menino estremeceu no Ventre de Maria, e Ela ouviu do Criador as palavras escritas pelos profetas na Sagrada Escritura. Repetindo-Me tal como estava escrito, disse em seguida: “As profecias haverão de se cumprir! Esse é o Filho de Deus, enviado por Amor aos homens desta Terra!”

Ambos caímos de joelhos para dar graças ao Pai. As lágrimas brotavam de Nossos olhos como símbolo da alegria em cumprir Sua Vontade.

Maria já estava prestes a ter o Menino e Seu Corpo estava frágil; por isso encontrou Sua fortaleza na Vontade de Deus e Se preparou para partir Comigo.

Fomos então pedir as bênçãos a Ana, que pela última vez pôs sobre Nós suas mãos e Nos encomendou a Deus com fé, porque sabia que Sua Vontade estava se cumprindo.

Assim como à Minha santa mãe, o Criador também revelou a Ana a santidade e a missão de Maria, e Ana também guardou silêncio, até o

dia em que o Arcanjo Gabriel veio ao encontro da Virgem e confirmou que havia chegado a hora do Filho de Deus vir ao mundo.

Ana sempre foi para Nós um símbolo de fortaleza e sabedoria; por isso sua bênção e aprovação Nos era muito importante.

Permeados pela graça e pela plenitude de Deus, pudemos partir em viagem.



Sáímos rumo a Belém em uma caravana de famílias muito simples, também descendentes de Davi. Durante todo o caminho, o Senhor Nos enviou os Seus anjos e alguns arcanjos para resguardar a viagem. Dois deles sustentavam Maria Santíssima sobre a mula para que não desfalecesse devido ao estado de Seu Corpo prestes a dar à luz; também Lhe davam fortaleza interior, porque já sentia em Seu íntimo que a vida de Seu Filho seria de muita glória, porém também de muito pesar.

Os santos anjos também fortaleciam o pequeno animal que sustentava a Virgem e um trabalho de elevação se realizava em todos os Reinos, enquanto ele prestava o serviço de carregar a Mãe de Deus rumo ao sagrado nascimento de Seu Filho.

Ver e sentir o auxílio divino dava-Me valor e coragem para seguir adiante. Meu Coração crescia em fé e se aproximava cada vez mais de Deus ao ver tamanha bondade e amor para com Suas criaturas.

No caminho, as demais famílias que Nos acompanhavam também sentiram a Presença de Deus e, mesmo não compreendendo o que acontecia, o Criador fazia descer sobre todos o Seu poder de redenção e de perdão, tão somente pelo fato de que esses corações reconheceram Sua Presença e Lhe deram graças.

Assim é o Amor de Deus: incomensurável e inexplicável, e assim também é como o coração humano abre as portas ao Divino, com simplicidade e gratidão interior.

O caminho durou alguns dias e apesar do Menino, no Ventre de Maria, estar ansioso por nascer, os anjos O mantiveram até o último momento, pois deveria nascer em Belém para que se cumprissem as profecias.

Apesar do cansaço e do esforço que fazia, Maria Se mantinha silenciosa e serena, e Sua Paz, que parecia vir do mais alto dos Céus, preenchia tudo o que estava ao redor. Quanto mais Eu sentia a Sua confiança plena em Deus, mais Eu adentrava essa confiança e todos os medos eram dissolvidos.

Chegamos a Belém no final do dia. Como era de se esperar, a cidade estava repleta de famílias que provinham de muitas outras cidades dos arredores. Havia pessoas acampadas nas ruas, muitas festas pelos reencontros, mas também muita confusão e um completo caos.

Belém era uma cidade pequena e naquele momento tinha mais de dez vezes a quantidade habitual de habitantes. Os que ali viviam estavam muito nervosos, tentando conter as necessidades de todos os que chegavam; por isso não fomos muito bem recebidos, até que conhecemos Abigail, que reconheceu em Maria uma santidade particular. O cansaço Se refletia em Seu Rosto; estava suando, prestes a dar à luz, mas transmitia uma paz e uma serenidade nunca antes vistas.

Abigail foi tocada pelos anjos do Senhor e seu coração recebeu a redenção que necessitava. Apontou-Nos o caminho para as grutas e foi preparar-se para Nos ajudar. Em seu coração, sentia uma mistura de alegria e confusão interior, pois não podia compreender o que lhe aconteceria.

Depois de organizar a estalagem, tomou consigo alguns panos, uma bacia com água e outros objetos que poderiam lhe ajudar e foi ao Nosso encontro.



Encontrar o presépio foi para Nós, ao mesmo tempo, um momento de regozijo e medo, talvez pela dúvida em Meu Coração que sempre quis para o Filho de Deus um lugar seguro e pleno de Sua Presença. Quando Nos aproximamos do local que Nos foi indicado, vimos uma esplendorosa luz, e os anjos que amparavam a gruta sinalizaram que aquele era o lugar indicado pelo Senhor.

Eu entrei e parecia estar tudo pronto. Recolhi um pouco de palha e preparei um espaço para Maria e outro para o Menino. Os anjos colocavam sobre a palha todo o Amor e a Graça de Deus para que Maria pudesse repousar.

Quando a Santa Virgem entrou e acomodou o Seu Corpo cansado sobre a palha, Eu saí da gruta e, olhando o céu, pedi o auxílio do Altíssimo. As estrelas brilhavam como nunca, cruzavam o céu de um canto a outro; parecia que o universo estava em festa.

Ainda na presença dos anjos, senti-Me inseguro e ofereci ao Senhor esse momento, porque Minha alma reconhecia a grandeza dessa hora. Quando de joelhos orava e clamava para que o Salvador viesse ao mundo sob o resguardo do Criador, escutei a voz de Maria que Me chamava. Entrei novamente e vi a gruta resplandecendo, era como se houvesse ali mil portais de luz e o próprio Criador observava o Seu Filho.

O Menino estava nos Braços de Maria e Ela estava iluminada como um sol. As lágrimas corriam em Meu rosto ao sentir a divindade desse pequeno Menino, ao contemplar Sua grandeza e a fragilidade de Deus que se uniram naquele pequeno Ser. Eu sabia que ali começava a redenção do mundo.



Quando vi o Menino nos Braços de Maria, fui inundado pela Humildade de Deus. A fé renasceu com toda a sua potência em Meu Coração, em Meu espírito e em Minha consciência.

Rendi Meu ser diante do pequeno Menino Deus e recebi, em nome da humanidade, o perdão por todos os pecados cometidos. Sua pureza se refletiu em Meu espírito, despertando assim, cada virtude e cada dom que hoje represento para todo o planeta e também para o universo.

O sacrifício de Deus refletido na encarnação do pequeno Menino, também se refletiu dentro de Mim e se fez uma aspiração permanente de Minha alma, porque não havia sacrifício maior do que aquele que Eu via diante de Meus olhos: Deus, Infinito e Onipresente, Amor Oniabaricante que a tudo inunda; Misericórdia, Compaixão e Plenitude, feito carne e entregue aos homens no corpo de uma indefesa criança, tão dependente do cuidado humano. Ele, do qual dependem todas as coisas, diminuiu-Se – mesmo ante o mais pecador de todos os homens; fez-Se menor, mais frágil, simples... fez-Se uma criança, um filho, um homem. Foi ali que despertei definitivamente e a Divindade do Pai também Me preencheu.

Tudo isso aconteceu em um instante, com um olhar, que foi o mais profundo e rendido que vi em toda a Minha existência. Não tive mérito algum sobre a ação divina, apenas Me rendi, Me entreguei, compreendi que Deus mesmo estava diante de Mim e tive fé n'Ele. Desejei ardentemente poder recompensar, em tudo o que podia, tão grandioso sacrifício, tão sublime humildade.

É a isso, filhos, que são convidados neste tempo: compreender que Deus vem ao seu encontro, reconhecê-Lo, confiar, render-se perante Ele e deixar que Seu Espírito se imprima em suas consciências e almas, em seus espíritos e corações.

A rendição é a maior chave para todo este mistério celestial, junto à gratidão e à reverência diante do Pai. Tudo o que vivi está disponível para todos os seres que se abram, se rendam e digam sim, verdadeiramente, a Deus.



Por um instante, tive o pequeno Menino em Meus braços e dei glória a Deus porque o Messias chegava à Terra.

Maria, apesar de estar plena do Espírito de Deus, estava muito cansada e precisava repousar. Coloquei o Menino em Seus Braços e os dois adormeceram.

Quando Abigail chegou à gruta, o Menino já havia nascido. Veio acompanhada por três pastores da região, que se puseram de joelhos ao ver o pequeno Jesus nos Braços de Maria. Eles não se sentiram dignos de entrar. Perguntaram-Me do que necessitavam o pequeno Menino e Sua Mãe; deixaram-Nos alguns panos, comida e água que haviam trazido, e foram exaltados dar a notícia a todo o povo.

Meu Coração estava disparado, apesar de estar em paz, e Meu espírito comovido pela Presença de Deus. Nessa noite, os anjos ficaram de guarda na entrada da gruta e Eu adormeci, também muito cansado.

No dia seguinte, deveria apresentar-Me para o censo e cumprir com o que havia vindo fazer em Belém, além de cumprir com as profecias e ver, diante de Meus olhos, a Escritura viva.



No dia seguinte, abri os olhos e não havia sido um sonho... Maria Santíssima estava de joelhos contemplando, em oração, o Menino em Seus Braços. Ela Lhe falava e, ao mesmo tempo, falava com Deus. Ia descobrindo os mistérios da maternidade celestial e sabia que, dia

a dia, essa maternidade se expandiria além de Seu pequeno Filho Jesus; Ela colocava em Seus Braços, toda a humanidade, todas as almas.

Apesar de que a consciência de Maria estivesse profundamente unida ao Criador, para a Sua parte humana, muitas coisas ainda eram grandes mistérios a serem revelados.

Levantei-Me e Me uni a esse ato de adoração ao pequeno Menino. Aprendemos a contemplar a Deus em Seus Olhos e em Seu sorriso; Ele era, verdadeiramente, um portal ao Reino dos Céus.

Depois de um tempo, preparamo-Nos e Nos dirigimos ao lugar em que deveríamos Nos apresentar para o censo. Por onde passávamos, as almas reconheciam a Jesus e muitos eram levados a reverenciá-Lo, sem saber por quê.

Quando estávamos diante do soldado romano que Nos anotaria para o censo, ele silenciou e sua alma se prostrou diante da Sagrada Família. Pôs-se em prantos quando Nos retiramos e um despertar profundo lhe arrebatou. Mais tarde, esse soldado, já em idade avançada, acompanharia Jesus e levaria consigo muitos outros.

Quanto mais víamos os prodígios realizados pela Presença do Menino, mais Nos inundava a Humildade de Deus e o Amor ao Pai Celestial. Jesus mal havia nascido e as almas se inclinavam diante d'Ele.

Esse foi um dos grandes mistérios com os quais tivemos de aprender a conviver dia a dia.



Ao retornar com Maria e Jesus para a gruta, vimos que havia muitos animais e pessoas ornamentados em diferentes cores; eram de culturas diferentes; todos Nos observaram chegar e deram graças! Um deles entrou correndo na gruta, da qual em seguida saíram três reis. Maria

Me olhava um tanto assombrada, porque mesmo sabendo que o Menino faria prodígios e milagres nunca antes vistos, quando víamos tais fatos acontecerem era para Nós uma grande surpresa.

Os Reis Magos Nos sorriam como se Nos conhecessem; fizeram uma reverência diante do Menino e Nos explicaram como chegaram até ali. Também Nós contamos um pouco sobre o nascimento do Menino, como Deus Nos havia falado e como tudo o que Ele Nos disse se cumpriu e ainda estava se cumprindo.

Os Reis Magos se alegraram e, não apenas deixaram presentes para o Menino como conta a história, mas também receberam d'Ele um legado oculto que lhes ampliou a consciência e despertou o espírito para o contato com Deus. O conhecimento dos três se uniu e, assim, teve início o Princípio da Unidade⁴ entre os povos, unidade esta que Cristo trouxe ao mundo.

Os Reis Magos foram os primeiros a compreender que o Menino vinha para unir culturas, raças e religiões em um só povo e eles eram o símbolo disso. No encontro com Jesus, descobriram a possibilidade de viver em fraternidade, apesar das diferenças; mas nem todos os homens viveram esse despertar e, no futuro, mesmo os que seguiram Cristo se dividiram.



A presença dos três Reis Magos, nos planos internos e superiores, atraía consciências de todo o universo. Eles foram guiados até ali pelo próprio Deus e Seus mensageiros universais para representar uma conjuntura de união em toda a vida manifestada, neste mundo e além dele. Cada um desses reis era um espírito universal potente que representava uma parte do cosmos. A presença deles, rendidos e em estado de graça perante o Menino, simbolizava a rendição de toda a Criação e a disposição de todas as civilizações do vasto cosmos em reconhecer um novo Rei, um novo Mestre e Guia, na Terra como no Céu.

Este ato simbólico do nascimento de Cristo afirmava para o universo que o Poder e a Glória do Filho de Deus ia além das formas físicas, porque Ele não era apenas uma indefesa criança nos braços dos homens, Ele era o Rei Universal e a esperança de toda a Criação que chegava à vida para dar início a esta Missão de Amor, de transformação e de renovação da vida em todas as suas dimensões.

Na presença dos Reis Magos, tanto Eu quanto Maria Santíssima pudemos ver os portais se abrirem ao cosmos e todas as civilizações que se prostravam diante do Menino. Atrás de cada Rei Mago, uma legião se apresentava e pudemos vislumbrar a amplitude da vida e como a Missão de Nosso Filho ia além deste mundo e das Escrituras.

Compreendemos que muitos símbolos das profecias se referiam a esse mistério universal que tínhamos diante de Nossos olhos. Os Reis Magos Nos contaram que viriam unir não só os seus reinos na Terra, mas também o que eles representavam no Céu, e, assombrados com a grandeza da vida, demos graças a Deus e guardamos no Coração mais esse mistério, que pouco a pouco viria a se revelar.

Os Reis Magos partiram e deixaram o Nosso Espírito com um misto de plenitude e inquietude. Cada vez esta experiência se tornava ainda maior, e Aquele pequeno e indefeso Menino demonstrava mais do Seu Poder e Grandeza. Sabíamos que o Seu reinado não era deste mundo e que toda a Criação O louvava, enquanto muitos homens O desconheciam. Compreendemos que Ele veio à Terra para dar-Se a conhecer e demonstrar Sua grandeza onde O ignoravam.



Quando os Reis Magos estiveram Conosco, advertiram-Nos sobre os planos do rei em buscar o Menino para matá-Lo e Nos pediram que tivéssemos cuidado e que O protegêssemos como pudéssemos, mas

eles não temiam por isso, porque sabiam que o Menino era o Filho de Deus e seria sempre por Ele protegido.

Nessa noite em que se foram, pus-Me a orar com Maria para buscar do Pai o auxílio e as indicações que necessitávamos. Um anjo veio então ao Nosso encontro e Nos pediu que fugíssemos dali com o Menino para o Egito pelo período que ele indicasse. Deveríamos partir de madrugada e Nos indicou qual o caminho que tomaríamos. Disse-Nos que, Conosco, enviaria uma legião de anjos e que Nos tornaria invisíveis aos olhos dos homens que quisessem fazer mal ao Menino. Pediu que, antes de qualquer coisa, orássemos pelas almas das crianças que morreriam injustamente pela busca de Jesus, e que pedíssemos ao Pai que essas almas retornassem em breve para estar com Cristo em Sua Missão Pública. E assim o fizemos.

Maria Santíssima pôde ver quantas almas se perderiam e, enquanto orava, as lágrimas corriam de Seus olhos, pois sentia o pesar de cada criança e a dor de cada mãe por tudo o que aconteceria. Com esse momento de oração, Maria preparou junto a Mim o caminho para a redenção das almas em padecimento.

Alguns dias depois, enquanto estávamos a caminho do Egito, novamente a dor arrebatou o Coração de Maria; era Raquel e outras tantas mulheres que choravam por seus filhos. Maria orava e as confortava, entregava ao Pai, uma a uma, as almas das crianças perdidas, as conduzia à redenção e depois de volta à Terra para que renascessem e acompanhassem o Seu Filho, como Deus Lhe havia pedido.



O caminho para o Egito foi longo, porém aliviado pela ajuda de todos os anjos enviados por Deus. O pequeno Jesus contemplava o mundo que começava a conhecer, e apesar de não falar, Seus Olhos eram expressivos e Ele sorria ao encontrar certas almas que pareciam esperá-Lo há muito tempo.

Quando Ele estava acordado, às vezes colocava as Mãos para fora do manto de Maria e sentia os elementos. Eu podia ver nesse momento como toda a vida O saudava. Os Reinos da Natureza emanavam uma alegria particular ao Nos ver passar. Os animais se aproximavam, os pássaros acompanhavam o voo dos anjos e até as árvores pareciam curvar-se para saudar o Filho de Deus e Sua humilde família.

Ao chegarmos ao Egito, os anjos Nos indicaram o caminho e, com a ajuda deles e de alguns conhecidos, conseguimos abrigo e também uma carpintaria, onde Eu pudesse ajudar e trabalhar.

Maria se dedicava à oração e ao Menino; ensinava-O todos os dias, primeiro a buscar a Deus, depois a aprender as coisas dos homens.

Aos poucos, foram se congregando em Nossa casa algumas mulheres devotas a fim de aprender com Maria o que naquela época, na sociedade em que vivíamos, não tinham possibilidade de aprender. Maria sabia tudo o que estava nas Escrituras e além delas; o Seu contato pessoal e íntimo com Deus Lhe revelava muitos mistérios. Algumas coisas Ela não podia revelar a ninguém e outras ensinava às mulheres santas de Sua época que, em todos os lugares por onde passávamos, internamente reconheciam a divindade da Santa Mãe de Jesus e a de Seu Filho.



A Presença do Filho de Deus no Egito não foi apenas para escapar de uma situação urgente, na qual Sua vida estava em perigo. A vida espiritual do Egito também estava em perigo e necessitava urgentemente da presença da Sagrada Família, sobretudo da pureza e da inocência do pequeno Menino Jesus.

Nossa passagem pelo Egito foi silenciosa e quase oculta, no sentido da influência que exercíamos sobre essa região. Porém Nossa vida de oração e os primeiros passos internos que Jesus vivia se refletiam em todo o Egito.

As almas se perdiam na confusão das religiões pagãs e dos prazeres que buscavam permanentemente. Havia, nessa época, muitos escravos, muito sofrimento e submissão das almas, e, com a presença da Sagrada Família, começaram a se construir as bases de uma nova vida, abrindo o caminho para os futuros cristãos que, junto aos apóstolos, levariam adiante a Palavra de Cristo.

Maria Se juntava com jovens mulheres da região e a algumas delas contava a verdade sobre o Filho de Deus, que já estava presente entre os homens e que, em algum tempo, Se expressaria entre as multidões. As palavras de Maria despertavam uma fé ardente no coração dessas jovens mulheres, que não sabiam que estavam diante da Mãe de Deus.

Essas mulheres educavam os filhos e as famílias silenciosamente para crer em um Deus Único e esperar a vida pública do Messias, que já estava entre eles. Foi assim que, anos mais tarde, chegando ao Egito, os apóstolos encontraram muitas portas e corações abertos porque, desde muito antes, a Mãe de Jesus, por onde passara, havia-lhes preparado o caminho.

Muitas dessas mulheres que acompanharam Maria em Sua juventude também A acompanharam depois da Ascensão de Jesus, instituindo na Terra uma semente da nova vida: a Vida Crística.



A presença da Sagrada Família no Egito representou um antes e um depois para essa nação. Os méritos gerados pela pureza de Jesus se refletiam em cada alma que ali vivia.

Depois da morte de Herodes, retornamos a Nazaré com o Menino. No caminho de retorno, toda a Criação, ocultamente, Nos exaltava e louvava a Presença de Deus em Jesus. O pequeno Menino tinha uma especial reverência pelos Reinos da Natureza e, inclusive, quando

sentia que a mula estava cansada, descia e a puxava com Suas pequenas mãos, dava-lhe Ele mesmo, um pouco de água e pedia para que ela descansasse.

Seu Coração de criança conservava a unidade com toda a vida e conversava intuitiva e telepaticamente com os Reinos da Natureza.

Maria Santíssima e Eu O observávamos e, em silêncio, guardávamos no Coração essas atitudes simples, porém que revelavam a grandeza do Menino e o Deus que levava escondido dentro de Si.

Com Ele, compreendemos mais amplamente a relação com a natureza e com a Vida; Ele Nos ensinava com Seu exemplo de criança, com Seus gestos para com os Reinos.

Quando o Menino ainda tinha apenas cinco anos, levei-O para conhecer o povo Essênio, com o qual Eu tinha grande afinidade. Ao ver o Menino, todos compreenderam em silêncio que algo fora do normal havia ali, e mesmo que muitos não O tenham reconhecido nesse momento como o Messias, por Sua idade e simplicidade, sabiam que um grande profeta se gestava na inocência daquela criança.

Jesus não predicou apenas no Templo quando era Menino; Ele predicava com a vida e, inclusive entre os Essênios, ensinou-lhes não apenas o respeito para com os Reinos da Natureza, mas também a possibilidade de comunicação e compreensão para com eles, que o homem guarda em seu interior.

Jesus compreendia a Presença de Seu Pai em tudo e isso era completamente novo e muitas vezes inaceitável, pois naquele momento, Deus era inominável e estava no mais alto dos Céus, onde nenhum homem era digno de chegar e sequer sua boca era digna de pronunciar o Seu Nome.

Os Essênios compreenderam os exemplos e as palavras do pequeno Jesus e, mais tarde, O seguiram como o Messias.



Jesus Menino irradiava a Pureza e o Dom da Verdade. A Verdade do Pai caminhava com Ele, e todos que O viam e O reconheciam, sentiam esse Dom, que era ao mesmo tempo conhecido e inexplicável.

A Verdade que habita na essência de todos os seres se acendia e reconhecia a Verdade viva que era Jesus. Porém as capas da ilusão e da mentira que o homem criou sobre si mesmo causavam confusão e dúvidas na mente humana, que não podia compreender nem explicar a Presença de Jesus; apenas gerava uma profunda admiração e, às vezes, assombro.

O pequeno Menino não detinha o poder de Seu verbo e desde essa idade Se comunicava com os anjos e sabia do que cada alma necessitava. Ele não hesitava em Se aproximar e falar de Deus, e isso Nos assustava, pois eram as mais diversas reações que se viviam ao escutar as palavras de tão pequeno Menino.

Não foi apenas uma vez que Jesus Se perdeu na multidão porque o Seu Pai O chamava. Sempre que via as almas a ponto de se perderem, ia ao seu auxílio e lhes falava, com o Poder comunicado pelos anjos, palavras que as retiravam do abismo da consciência e as elevavam.

Quando foi crescendo, o Pai Lhe pediu que Se preparasse com maior silêncio, pois uma parte de Sua tarefa entre os homens seria em Sua infância e outra, em Sua vida adulta.

Tanto Jesus quanto Maria costumavam ir ao encontro dos Essênios para compartilhar com eles o novo ensinamento que trazia o Menino. Os Essênios compreendiam a essência feminina da vida, a Face Feminina de Deus, e Jesus lhes aprofundou esse ensinamento. Mesmo que reverenciassem a Presença de Maria e reconhecessem n'Ela algo puro e secreto, não compreendiam Sua verdadeira missão entre os homens.

Como Jesus desde pequeno falava através de símbolos, poucos eram os que ingressavam profundamente no sentido de Seu ensinamento. Ainda assim, entre os povos da época, os Essênios foram os que se abriram para serem depositários e guardiões dos ensinamentos novos que Jesus trazia junto à Sagrada Família; ensinamentos esses que, em muitas fases, ficaram apenas na memória de alguns espíritos e almas porque, como registro, perderam-se ao longo dos séculos.



A relação da Sagrada Família com o povo Essênio era de profunda comunhão espiritual, material e interna. No silêncio desse povo e da Sagrada Família guardavam-se muitos mistérios. Desde o princípio, quando em Minha juventude estive com eles, compreenderam a veracidade da Mensagem Divina através desses três seres, dessa família que era, em verdade, a representação viva da Família Universal e do mistério da Criação. Nela existe um Patriarca e protetor de tudo, que é o Criador; existe um Ventre Puro que gera as criaturas pelo simples Amor e pelo Dom de Deus em Seu interior como forma de expressar e multiplicar esse Amor, e está o Filho, o resultado da emanação do Amor do Pai e da Pureza Virginal da Mãe.

Os Essênios sabiam que eram ignorantes de muitas verdades e isso os fazia aptos a que Deus lhes revelasse certos mistérios que a nenhum outro povo havia revelado e que, inclusive, depois deles, permaneceram sem ser revelados a outras civilizações.

A Sagrada Família era parte do mistério essênio. Assim como, depois do Sacrifício de Cristo, os Templários foram os guardiões de tudo o que alcançou essa Família; durante a infância, a juventude e parte da vida pública de Jesus, os Essênios foram aqueles que guardavam cada aprendizado e registravam, desde a gestação de Maria, o que lhes era dado a conhecer sobre essa Família, e sobretudo, sobre o Menino.

Mesmo que não compreendessem amplamente do que se tratava esse mistério, sabiam que ele existia e, por isso o estudavam, observavam e aprendiam com ele, dispostos a encontrar, no fim de tudo, algo que transcendesse sua compreensão humana, como aconteceu.

Alguns dos Essênios compreenderam e viveram amplamente a grandeza da presença divina na Sagrada Família, outros não. Quando Jesus iniciou Sua tarefa pública, muitos O seguiram, deixando as comunidades essênias para ser Seus apóstolos e discípulos, pregando pelo mundo. Outros permaneceram nas comunidades, ampliando o conhecimento que Jesus e Maria lhes entregavam. Porém, quase todos foram dizimados, porque a própria consciência humana não se abriu ao Novo que traziam os Essênios e não lhes permitiu permanecer na Terra e transformar a condição humana. Muitos também cruzaram as dimensões e com todo o seu ser ascenderam a mundos internos e invisíveis, para dali continuar acompanhando o Messias.

Outros jovens essênios, herdeiros desse ensinamento, acompanharam Maria e se tornaram Templários, com o propósito de guardar este mistério divino na Terra até o fim de suas vidas.



Quando saímos do Egito, primeiro fomos à Jordânia, depois seguimos para a Galileia. A passagem pela Jordânia foi um pedido de Deus, porque ali muitas almas estavam padecendo por um reinado injusto e cheio de sofrimento, ao qual estavam submetidas.

Passamos ali alguns dias em jejum e oração junto ao Menino. Ele também jejuava e em Sua pureza de criança oferecia algumas renúncias a Deus.

Meu Casto Coração e o Puríssimo Coração de Maria também educavam e ensinavam ao Menino as leis da vida neste mundo. Tudo o que Nós Lhe dizíamos, Ele escutava em silêncio e depois voltava, ao longo

do dia, fazendo-Nos perguntas sobre o que Lhe havíamos dito; Ele Se aprofundava em cada instrução; nada Lhe passava por alto.

Esse pequeno período na Jordânia, em um momento tão doloroso para muitas almas, fez com que o Menino conhecesse a miséria humana e como os corações se entregavam ao mal e às trevas por livre e espontânea vontade, sem que o maligno fizesse esforço algum, tão somente lhes abrindo as portas.

Jesus começou então a entender do pecado e da fraqueza humana, de como sucumbe o homem a toda tentação e isso apenas fazia emergir de Seu Pequeno Coração a compaixão por toda a humanidade. Ele não via o mal como parte dos homens, mas via os homens imersos no mal por sua fraqueza e tibieza de espírito.

Jesus compreendeu, ainda Menino, que ao Senhor devemos entregar tudo, porque, do contrário, uma parte do nosso coração sempre estará à deriva e o inimigo pode valer-se dela para apropriar-se de nossa alma por inteiro. Porque, assim como o Senhor, o inimigo também quer tudo de nós, mas ele não nos pergunta, ele nos assalta na fraqueza interior, enquanto Deus espera a nossa perseverança e o nosso esforço em responder ao Seu Chamado.

Alguns dos que sofriam na Jordânia vieram Conosco para a Galileia e ali, em silêncio, viram crescer o Menino, até que Ele Se tornou adulto e puderam segui-Lo.



A chegada à Galileia foi um reencontro com o Nosso lar, o lugar onde o Menino deveria crescer, terra imantada por Deus com Sua Presença há tanto tempo.

Retornamos e estava tudo diferente de quando havíamos partido. Em muitos a fé estava perdida, faltava-lhes a esperança. O Filho de Deus

chegava aonde mais necessitavam d'Ele. Todos esperavam o Messias, mas ninguém acreditava verdadeiramente que Ele viria. Não havia temor a Deus; os homens estavam submersos no pecado e na indiferença, e o Filho Primogênito já estava entre eles.

Na Galileia, Nossa vida seguiu sendo muito simples. Tudo o que fazíamos era em prol dos demais. Como as mulheres da época não podiam receber muitas instruções, tampouco espirituais, o Criador pediu a Maria Santíssima que reunisse a todas para que assim pudesse ensiná-las sobre os mistérios divinos e, através da oração, despertar os espelhos* de seus corações.

A cada dia, Maria Santíssima tinha mais companheiras e discípulas, mulheres de Nazaré, de Jerusalém e também de outras cidades vizinhas. Com elas, a Santa Virgem peregrinava em oração, intercedendo pela humanidade. Era um serviço silencioso e quase oculto.

Por causa da santidade de Maria, todos respeitavam essas mulheres, e muitos não davam tanta importância ao que faziam, porque ignoravam a verdade. Elas sabiam que o Messias já vivia, e acreditavam n'Ele. A cada dia, despertava nessas mulheres uma fé inquebrantável. Foram suas orações que protegeram e sustentaram sempre o Menino junto à Sagrada Família, até que chegasse o momento de Sua vida pública.

As primeiras companheiras de Maria aprenderam sobre o ensinamento essencial, as sagradas profecias, as instruções dos patriarcas e também os mistérios divinos e celestiais que a Santa Virgem e os seus próprios espíritos lhes ensinavam.

Essas primeiras mulheres formaram depois outros grupos em diferentes cidades dos arredores da Galileia. Elas eram de todas as classes sociais: escravas, servas, pobres, ricas e inclusive imperatrizes.

Maria foi, em verdade, uma grande profetisa e criou na Terra a primeira rede de oração e de espelhos* orantes. Tudo isso por inspiração divina do Pai e de Seu pequeno Filho.



A vida da Sagrada Família transcorria, ano após ano, com muita simplicidade, porém preenchida de Deus.

Enquanto Maria Santíssima instruía as santas mulheres e com elas orava e intercedia pelo mundo, Eu levava o pequeno Menino à carpintaria, que se convertia em um verdadeiro cenáculo de redenção e libertação para o mundo.

Na carpintaria se reuniam muitas crianças de Nazaré, pequenos espíritos que eram atraídos internamente para o encontro com Jesus. Ali, o pequeno Filho de Deus convertia o ofício da carpintaria em fonte de transformação para as almas.

Enquanto trabalhávamos, orávamos e imantávamos cada objeto com a Presença Divina. Tudo o que fazíamos era doado para aqueles que necessitavam, e muitas vezes presenteávamos também os ricos por estarem pobres de espírito. Ao verem esse ato da simples família de Nazaré, que tudo doava por amor, os corações se transformavam e as almas se convertiam.

Cada dia que passava, Eu guardava em Meu Coração o que aprendia com o Menino. Cada dia, aumentavam Minha fé e a certeza de que Deus estava com Ele e cuidaria sempre d'Ele.

A Minha idade ia avançando e, apesar de ser sempre muito vital, temia deixar a Sagrada Família, por não saber até quando Deus queria que Eu Os acompanhasse. O pequeno Jesus via Minha angústia e sempre vinha ao Meu encontro; parecia compreender o Meu espírito e Me animava a não temer cumprir a Vontade de Deus, fosse qual fosse. Eu olhava aqueles pequenos olhos que resplandeciam com a Presença Divina e O abraçava. Ainda não podia acreditar que o Filho de Deus estava entre os homens como uma simples criança, em Minha família.

A simplicidade e a pequenez de Jesus eram o que Me inspirava todos os dias à humildade e a superar a condição humana. Conversávamos muito sobre as coisas do Céu; Ele Me falava das celestiais e Eu lhe ensinava as da Terra. Ele crescia e Eu também.



Por mais que muitos não acreditem ser assim, a vida pública de Jesus foi o ápice de algo que começou a se construir desde o Seu nascimento em Belém. Cada milagre que realizou, cada Palavra que pronunciou, cada alma que converteu foi fruto da união com Deus que se gestou pouco a pouco, no silêncio de Sua infância e juventude.

Da mesma forma, a Divindade de Meu Castíssimo Coração se gestou no silêncio e na humildade da carpintaria de Nazaré e da simples casa da Sagrada Família.

O maior segredo de toda santidade, filhos, é o silêncio, o recolhimento com Deus e a sinceridade com a qual abraçamos o Seu Plano e renunciemos a todas as coisas mundanas.

Por mais que tenha vivido ao lado do Filho de Deus e de Sua Santa Serva, a Virgem Maria, a santidade, Eu alcancei ao renunciar a esta família e reconhecer que, em verdade, não era Eu quem Os protegia, mas apenas o Senhor; e, assim como Deus dispôs de Minha consciência para isso, disporia de outros quando fosse necessário.

Foi a humildade e o saber-se nada, filhos, o que Me fez encontrar o Todo, que é Deus; porque, tido como nada, precisava de algo verdadeiro que Me preenchesse e encontrei o Senhor de todas as coisas.

Isso lhes digo para que saibam que, apesar de toda aparente grandeza, a verdade radica na simplicidade e no anonimato. Apenas aquele que se une perfeitamente a Deus em anonimato, com liberdade se une a Ele publicamente. A verdadeira missão que Deus lhes encomenda

concretiza-se no interior de Suas criaturas; e é quando ela já está concretizada no interior, que começa a espelhar-se e a refletir os seus frutos na vida.



Assim como Maria Santíssima reunia as mulheres de Nazaré e de Jerusalém e as instruía nos mistérios celestiais, o pequeno Jesus também ensinava tudo o que aprendia de Seu Pai e de Sua Santa Família às crianças com as quais convivia.

À carpintaria onde trabalhávamos e onde Eu Lhe ensinava os ofícios manuais, chegavam todos os dias muitas crianças. Essas pequenas almas eram atraídas pela Presença de Jesus, porque tinham um compromisso a cumprir junto a Ele, naquele momento do planeta e em muitos outros.

Enquanto todos aprendiam os ofícios manuais, Eu também lhes ensinava a orar e a conversar com Deus, e Jesus lhes contava tudo quanto aprendia com os anjos enquanto orava. Ele lhes falava com a pureza de Seu Pequeno Coração e quando começava a pronunciar tais Palavras, os anjos se aproximavam e todos podiam vê-los como luzes que resplandeciam em toda a carpintaria.

Na inocência e pureza das crianças, todos mantinham segredo sobre o que viviam e foram crescendo com essa ânsia de encontrar a Deus, até que em sua juventude, puderam compreender que, em verdade, estavam ao lado do Messias e O seguiram.

Essas pequenas crianças encontraram Jesus em Jerusalém, pois na Galileia seriam muito repreendidas por seus pais e familiares se O seguissem. Mas o mistério de Sua infância ficou guardado em suas consciências e, seguindo a Cristo em Sua Paixão e Ressurreição, fizeram-se Seus discípulos.

Minha grande missão na carpintaria de Nazaré foi construir nos espíritos pequeninos das crianças os futuros companheiros de Cristo, os herdeiros de Seu Reino, até que um dia, em sonho, os anjos Me disseram que Minha missão havia se cumprido.



Eu já estava em idade avançada, porém Meu corpo e Meu Coração estavam plenos de vida. Nos últimos anos, conheci os mistérios celestiais da vida além deste mundo: compreendi que Jesus era mais que o Messias enviado por Deus para a Nova Jerusalém. Compreendi que a Nova Jerusalém era universal e abarcava mais do que um espaço da Terra, de nosso planeta.

A Nova Jerusalém era um estado de consciência, uma dimensão em que o Amor Crístico habitaria, o Sétimo Céu que se abriria para todos aqueles que despertassem em si o princípio desse verdadeiro Amor. E Jesus era o porteiro desse Céu, Aquele que nos viria abrir a porta, vencendo a mais alta dualidade universal para que todos nós pudéssemos trilhar esse caminho.

Eu sabia do padecimento que viveria Meu pequeno Filho. Olhava em Seus Olhos e era como contemplar o Infinito. Perguntava-Me como o Amor de Deus cabia em tão pequena Criatura; e Ele, que sabia tudo o que Eu pensava, apenas sorria, porque tampouco Seu Pequeno Coração entendia o milagre que se guardava dentro d'Ele mesmo.

Nos últimos anos, Eu compreendi o mistério universal da Sagrada Energia Feminina. No silêncio de Maria, gestava-se um ciclo vindouro, no qual essa energia poderia expressar-se com plenitude. Ela agora silenciava e amparava humildemente Seu Filho, guardando a grandeza de Seu Espírito para sustentá-Lo e um dia preparar o Seu Retorno.

Eu sabia que Deus era Pai e também Mãe; que não poderia existir Criação se não houvesse um Ventre Materno do qual tudo provém.

Jesus cresceu e ensinou essas coisas aos homens, mas os Seus companheiros foram calados por aqueles que disseram aceitar Jesus porque não podiam negar Sua grandeza, mas mediam Suas Palavras para não perder a própria potestade.

Desde o princípio, as Palavras de Jesus foram modificadas nos registros dos homens, mas foram fecundas nos corações de Seus companheiros; elas são vivas e por si só se revelam e se multiplicam, dando à consciência a compreensão sobre os mistérios que dela foram retirados.

Eu sonhava com tudo o que viveria o Menino e também sabia de Sua morte e Ressurreição. Por muito tempo desejei permanecer com Ele, até que compreendi que a Minha prova era renunciar.

Toda a Minha vida foi um ato de renúncia e humildade e, no ápice de Minha missão, tive de renunciar àquilo para o qual Me havia preparado durante toda a Minha existência, desde a origem até ali. Jesus ainda era um Menino e Maria, uma jovem mulher. Eu sabia que a fragilidade de Meu Filho e de Minha Santa Esposa era aparente, e que n'Eles Se escondia o próprio Criador, o próprio Deus; mas deixá-los, era como deixar de existir, sair do todo e ser absolutamente nada! Ainda assim, Eu aceitei a Vontade de Deus e, em um dia inesperado para Mim, Ele Me chamou de volta.



Na última etapa de Minha vida como José de Nazaré, ao contrário do que muitos pensam, tive de passar pela prova da solidão e da solidão interior.

Ao longo de toda a Minha vida, fui um homem solitário, mas era uma solidão humana que estava resguardada por um profundo contato interior com Deus e com toda a Vida. Esse contato foi crescendo com o passar dos anos e sempre se ampliava, até que chegou a seu ápice com o nascimento e a infância de Jesus entre Nós.

O Criador, porém, espera de todos os Seus filhos uma maior renúncia, esforço e sacrifício, algo que todos devemos passar para superar as influências e tendências deste mundo, vencendo todo tipo de gostos que esse mundo pode nos dar, inclusive os espirituais.

O contato próximo com Deus que aqui se experimenta também é único, mas para chegar com o coração pleno ao Pai, o homem deve renunciar a tudo o que a Terra lhe oferece, inclusive esse contato; e, ainda assim, perseverar em seu caminho.

É por isso que muitos santos e bem-aventurados vivem, no ápice de sua entrega, uma profunda sequidão e solidão interior. O mesmo aconteceu Comigo nos últimos dias de Minha vida. E como Eu dizia naquele momento a Deus: “Ao mundo, vim vazio e dele Tu queres que saia também vazio, por isso Me privas de tudo...”.

Fui privado de toda visão, sensação, plenitude, de todo amor, de toda alegria. Estando com a Sagrada Família, ainda maior pesar sentia, pois Meu espírito não correspondia a todas as graças que recebia. Estava só com Meu Coração Humano, sentia-Me pleno de imperfeições e misérias, incapaz de resguardar a Santidade de Meu Filho e de Minha Santa Esposa. Sentia vergonha por estar na Presença de Deus e orar a Ele. Apenas Lhe pedia Sua Misericórdia.

E foi assim, privado de tudo, que compreendi a Vontade de Deus. Ele Me queria vazio, nada... Nada de Mim, nada do mundo, nada do que Eu pensava ser... Nada. E Me entreguei a esse vazio com gratidão. Abri-Me e deixei que Ele levasse o que de Mim ainda estava aqui.

Desconheci a Mim mesmo, não encontrei nada. Tive de lutar para recobrar a vontade da vida, mas não a Minha vontade e sim a Vontade de Deus. Aos poucos fui encontrando a força na oração e na Presença de Jesus e de Maria. Apesar de que também a Eles havia renunciado.

Quando finalmente consegui render-Me a Deus, nesse vazio, Ele veio ao Meu encontro e disse que era hora de retornar. Meu Coração

não tinha vontades, não tinha receios. Era hora de realizar a última renúncia, a renúncia da vida, e consumir a entrega de Minha Santa Família aos Braços de Deus.

Chamei Maria e Jesus e ambos Me deram as mãos. Jesus então Me disse: “Agora, com toda a potestade, chamar-Te-ei pai, porque Tu serás Um com Aquele que Me criou. O Teu nada se converterá em Tudo, e o vazio de Teu espírito será preenchido por Aquilo que É.”

Eu apenas O olhava em silêncio. E Maria disse: “Para sempre serás o guardião desta e de todas as famílias do mundo. Serás o fundador da Família Universal e, em Ti, encontrarão a esperança os que querem se render a Deus; em Tua humildade e silêncio, encontrarão o caminho para fazê-lo. Vai que Te espera o Pai e, de lá, zela por nós!”

O Céu se abriu em mil portais. Os anjos cantavam em coros nas diferentes dimensões. Todas as civilizações do universo observavam a Terra. Havia regozijo, havia paz. Os Espelhos* se voltaram para o mundo. O Coração de Maria se acendeu em um sublime Espelho de Luz. A compaixão alcançada por Jesus em outros tempos emergiu de Seu Pequeno Coração. Os olhos de Meu corpo se fecharam e se abriram os de Meu espírito.

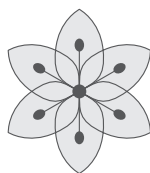
Estava apenas começando o caminho de retorno à Casa do Pai.





Capítulo 6

Cordilheira dos Himalaias
Nepal



Quando o Céu se abriu diante dos olhos do Meu espírito, ainda na Presença de Maria Santíssima e de Jesus, o Criador Me revelou os mistérios da Criação e da Origem Divina. Deu-Me a conhecer as Fontes Celestiais, os raios e princípios universais que geram as essências. Deu-Me a conhecer as hostes angelicais e seus Pais Criadores. Por alguns segundos levou-Me ao Tempo do Universo* e Minha existência refletiu-se diante de Meu Coração como uma imagem panorâmica.

Pude ver cada instante, voltar a sentir e a sintetizar dentro de Mim o que até ali havia vivido. Então, escutei a Voz de Deus, Emmanuel, dizendo: “Está cumprida! Tua missão está cumprida!”. Naquele momento, fiquei diante de um grande vazio... “Está cumprida... e a partir de agora, Senhor, o que será de Teu servo?”, perguntei. “Retornarás à Origem e, consciente de toda a Verdade da vida, Te unirás a Mim para servir-Me eternamente em todas as coisas”, Ele respondeu.

Deixei que Meu espírito fosse transportado por Deus e Meu corpo pendesse nos Braços de Maria e do pequeno Jesus que, ajudados pelos anjos, o prepararam para oferecê-lo a Deus.

Maria Santíssima chorava, mas de regozijo interior. Ela sabia que Eu estava retornando ao Pai e que Os ampararia sempre. O pequeno Jesus silenciava e, abraçado com Maria, fez uma oração por todas as famílias do mundo e as encomendou ao Seu Pai no Céu e na Terra.

Para Mim o tempo já não existia, já não se contavam os dias, as horas ou os meses. Ao ascender aos Céus, pedi ao Pai a Graça de levar Comigo algumas almas pecadoras e Ele Me permitiu. Assim, desci na

companhia dos anjos ao inferno e ao purgatório e levei pelas mãos a quantas almas alçaram os seus braços ao ver a Luz.

Ali, o Senhor Me proclamou Intercessor das Almas.



Ao Me proclamar Intercessor das Almas, o Criador colocou em Minha consciência um princípio do Seu Amor, do Amor que provém de Seu Coração e de Seu Santo Espírito. Deu-Me a Graça de sentir um pouco do que Ele sente por Suas criaturas, para que por elas Eu pudesse Me entregar por toda a eternidade, amando-as e abraçando-as além de seus defeitos e aparências.

Ao receber esse princípio divino em Minha essência, criei uma conexão ainda mais profunda e íntima com Deus. Ao deixar este mundo, o Criador Me deu a conhecer muitos outros, revelando-Me a grandeza de Sua Criação e como Ele tinha um Pensamento Perfeito para cada criatura.

O Amor depositado por Deus em Meu interior fez com que Eu perdesse a identidade humana para abraçar toda a Vida, pois esse Amor abarcava tudo o que foi criado, não apenas a humanidade.

Minha consciência adentrou um caminho divino de evolução e paternidade universal por este Amor, que agora habitava em Mim, e é essa característica de profunda união com Deus que Me faz retornar hoje ao mundo, em Seu nome; porque, em verdade, venho em nome do Seu Amor, que vive em Mim.



Para que o Amor de Deus penetrasse plenamente em Minha consciência e em Meu espírito, tive de ir, pouco a pouco, dissolvendo Minha condição humana e tudo o que havia vivido até ali.

O processo de ascensão é gradual e depende sempre de quem o vive e como o vive. Não há uma lei fixa ou uma regra para que a consciência ascenda diretamente às dimensões divinas.

Como todos os seres humanos, Minha consciência estava com muitos registros, como em um livro no qual existem muitas histórias escritas. E a partir do momento em que a Consciência Divina Me chamou ao Seu encontro, fui sintetizando espiritualmente cada um desses registros humanos em Minha essência.

Todas as experiências que vivi na humanidade se tornaram formas de compreender o coração humano. Ter estado no projeto da Terra desde o princípio, permitiu-Me sentir profundamente a humanidade e conhecê-la em seu mais íntimo. É por isso que hoje tenho uma particular compaixão para com o coração humano e é também por isso que, apesar de todas as limitações e misérias humanas, não perco a fé nem a divina esperança de que vivam a transcendência dessas condições, porque Eu mesmo a vivi e sei que é possível.

Como já lhes disse tantas vezes, todas as graças que recebi, e muitas outras, estão disponíveis para os corações humanos hoje. Por isso, a ascensão de cada ser e sua perfeita união com Deus depende apenas da própria vontade e de sua capacidade de se render a Deus e deixar que Ele atue em suas vidas.

Não é difícil, filhos, deixar que Deus faça por nós. Renunciem, então, à vontade humana e entreguem ao Senhor a condução da própria vida, abraçando cada prova e desafio que vêm lapidar suas consciências. Esforcem-se por encontrar em si mesmos o Criador de todas as coisas.



Apesar de todo Amor Universal que Minha consciência abarcava, dentro de Mim pulsava o Amor de Deus pela humanidade. O Amor

de Deus pela humanidade, filhos, é algo que não cabe em uma única consciência e apenas uma gota desse Amor em Meu Coração fez com que desejasse profundamente estar entre os homens e viver, com um coração humano, a plenitude desse Amor.

Por esse motivo, apesar de estar perfeitamente unido a Deus, apesar de fazer parte de Sua Divina Consciência e compartilhar com Ele do Amor por Sua Criação, com Sua sagrada permissão retornei ao mundo e estive novamente entre Suas criaturas.

Retornar à Terra pleno de Deus foi como sentir, verdadeiramente, a essência do Projeto Humano*. Nas experiências que vivi no mundo, a partir de então, já não tinha mais os véus na consciência como todos os seres humanos e recordava os mistérios celestiais e Minha Origem Divina.

Sentia que isso era o que todos os seres humanos deveriam viver e por isso permaneci no mundo, instruindo a humanidade como podia, e quando não pude mais estar entre os homens como homem, vim então em espírito, imbuído por este Amor de Deus por Seus filhos, que transcende toda limitação e imperfeição e que nutre a esperança do cumprimento de Seu Projeto para a Terra.



Antes que Eu retornasse ao mundo como homem, o Criador Me permitiu acompanhar espiritualmente o crescimento de Cristo, Sua Paixão e Ressurreição. Isso era parte de Meu aprendizado e parte do desenvolvimento do Amor em Meu Casto Coração.

Acompanhar espiritualmente Jesus, foi como ver crescer o Amor de Deus por Suas criaturas e se expressar no mais íntimo da carne humana. Vi esse Amor abarcar cada molécula de Cristo e o universo que se guarda no interior de cada partícula de Sua Consciência se rendia inteiramente à Vontade Divina.

À medida que observava e acompanhava os Passos de Meu Santo Filho, crescia e se desenvolvia, também em Mim, esse Amor. Descobri que adorá-Lo e reverenciá-Lo era uma forma de deixar-Me transformar pelo que Ele vivia.

A adoração Me transportava à própria vida de Cristo e Eu era abarcado pela potência de Sua Misericórdia, assim como cada uma de Minhas células. Senti-Me então parte viva do Corpo de Cristo. Senti que quando se adora o Filho de Deus, podemos descobrir o mistério de Sua Presença em todas as coisas. Todo o cosmos é parte d'Ele e pode reconhecer-se como tal quando O adora.

Como um espelho, a Criação que adora o Filho de Deus Vivo se transforma no universo de Seu Corpo Místico. É uma ciência universal e divina que se revela na experiência do Amor. A adoração começa com o respeito e a reverência, chegando ao profundo Amor que traz a aspiração de fundir-se espiritualmente com aquilo que é amado.

Isso foi o que vivi contemplando a Paixão de Cristo. Descobri-Me unido ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. E por este motivo, resultado de Minha eterna rendição, Sou parte da Consciência Divina e venho ao mundo como Seu Mensageiro.



Foi depois de viver a compreensão do Amor absoluto e verdadeiro de Cristo e experimentar esse Amor em Meu interior, que o Criador Me permitiu retornar.

Uma parte de Minha consciência permaneceu no universo, seguindo o seu aprofundamento na união com Deus e intercedendo pelos seres a partir dos níveis mais espirituais, enquanto que Minha alma voltou a encarnar no mundo, portando em si um alto grau de Amor.

Retornei como discípulo de Cristo, na Europa, levando o Seu Amor e a memória de Sua vida. Era o terceiro século depois de Sua morte e aqueles que queriam difundir o Seu Nome eram cruelmente perseguidos.

Eu recordava não apenas a infância de Jesus, como também a Sua Paixão e cada instante de Sua entrega, que acompanhei do universo. Isso Me dava especial fortaleza para imitá-Lo e particular poder em Minha palavra para proclamá-Lo.

Muitas vezes tive de difundir Seu Santo Nome e Evangelho em segredo, e vivê-Lo em silêncio. Até que chegou o momento de anunciar às multidões e, com a própria vida, dar testemunho do Amor de Cristo que existia em Mim.

Foi assim que entre uma grande multidão de cristãos, saímos às ruas a proclamar o Nome do Senhor e, inspirados por João Batista, a advertir a humanidade pagã, agora sobre o Seu Retorno.

Muitos pensam que há dois mil anos O esperamos, mas Ele já retornava todos os dias, no interior dos homens, desde o momento de Sua Ascensão! Ele ressuscitou e continuou vivo pelos séculos dos séculos. Essa verdade, Eu sempre vivi e experimentei; por isso nunca esperei por Cristo, mas apenas sabia que Ele já estava aqui e estará sempre.



Fui perseguido pelos homens, assim como muitos outros companheiros de Cristo, mas sabia que tudo o que viveria seria pela salvação dessas almas que necessitavam do perdão de Deus, apesar de fazerem enormes atrocidades.

Todos os que negaram a Cristo, em todas as eras, hoje têm a possibilidade de servi-Lo e de reparar suas ações em todas as igrejas e religiões cristãs.

Naquele tempo, Eu era jovem, movido pelo ímpeto da fé e pela Vontade de Deus; percorri muitas cidades e países proclamando o Nome e a Memória de Cristo, anunciando Sua Eternidade e Seu Reinado Universal. Foi uma experiência curta, porque logo Me chegou a hora de entregar a vida por Amor aos demais, e assim o fiz. Não resisti, não relutei e confiei na Vontade de Deus. Ofereci a Ele cada alma que Me perseguiu e também as que um dia perseguiram Cristo. Pedi que elas não perdessem a oportunidade de continuar evoluindo e um dia aprender do verdadeiro Amor.

Fui decapitado pela causa de Cristo, e ainda assim, voltei outra vez.



Morrer por Cristo era o ímpeto dos cristãos dos primeiros séculos. A entrega de Jesus estava viva e Sua memória de ter dado tudo pela humanidade era o que mais despertava e acendia os corações, porque, ainda mais do que hoje, naquela época, a honra era algo muito importante, era o maior tesouro de um homem, e sua vida era a maior forma de honra.

Uns honravam a si mesmos, matavam e morriam por seus reinos e riquezas, pela hereditariedade, pela memória do próprio nome. Mas Jesus, sendo o Filho de Deus, abandonou toda honra e toda glória humanas, renunciando à Sua possibilidade de realizar qualquer milagre aos olhos dos homens para ser humilhado, flagelado e crucificado.

Ele converteu assim o sentido de honra, e em vez de prezarem pela própria vida e pelo próprio nome, Seus companheiros se humilhavam; O proclamavam independentemente do juízo humano, eram tidos por loucos e, no fim de tudo, morriam por amor a Cristo, testemunhando a Sua entrega com a própria vida.

A humanidade assistiu à história dos mártires, um após o outro, todos com o mesmo fogo e ímpeto de entrega e isso foi transformando a consciência humana.

Porém, quanto mais o cristianismo se expandia, mais normal ele se tornava, e a entrega dos homens ia ficando tibia, e em segundo plano. O Amor de Cristo não é a razão da vida dos homens, mas apenas uma forma de conduzi-los, quando muito, a uma melhor conduta. Poucos são os que amam a Cristo mais do que a si mesmos e que proclamam o Nome do Senhor antes do próprio. É por isso que lhes conto essas histórias; para que renovem a própria fé e o ímpeto da própria entrega, porque o sacrifício de Cristo é eterno e a Sua memória e espelho na humanidade também devem ser.

Com essas palavras, animo-os a serem tidos como loucos pelo mundo, e a deixar que o Amor e a aspiração de imitar a Cristo inundem os seus corações e consciências, renovando-os como novos santos e verdadeiros apóstolos destes tempos.



Depois dessa experiência que ficou guardada na consciência humana como o primeiro martírio da Grã-Bretanha, vivi outras experiências de transformação, de entrega e de santidade.

Cada dia que passava, a humanidade desenvolvia menos o coração e mais a mente, esmerava-se nas ciências, nas matemáticas e na compreensão ética e filosófica da vida humana.

Para continuar auxiliando os homens, Eu tive de adentrar esse caminho, acompanhando o seu desenvolvimento. Sempre tentei mostrar ao mundo, e sobretudo à mente humana, que o seu desenvolvimento dependia do coração. Por muitas vidas fui alquimista, transformando elementos e substâncias para demonstrar que, em verdade, a maior alquimia era a transformação em Cristo.

Eu fui um monge franciscano e, ao mesmo tempo, alquimista e assíduo pesquisador, porque queria, em verdade, encontrar um caminho à transformação, à conversão de cada partícula do homem. Buscava compreender o que fazia com que os elementos se deixassem transformar, e o homem fosse tão resistente à transformação, em todos os níveis da consciência. Era mais fácil que o ouro se deixasse moldar do que o homem render-se a uma profunda e verdadeira transformação.

Eu entreguei Minha vida sempre a Cristo porque, como alquimista, compreendia que não há transformação humana, senão pelo Caminho de Cristo. Assim como amava e estudava os elementos, também estudava profundamente a vida de Jesus e recordava – às vezes com mais clareza, às vezes com menos – as passagens da vida que Eu acompanhei.

Eu sabia que apesar de todos os aparentes avanços da humanidade, a maior ciência foi vivida por Cristo e o maior alquimista que vivi foi como São José, sendo capaz de transformar a condição humana, Meus próprios átomos e moléculas, Minha consciência, em uma unidade perfeita com Deus.

A humanidade louva muito mais os alquimistas que transformam os elementos do que os que transformam a si mesmos e, é por isso que lhes conto essa história, porque, se a ciência material fosse realmente mais louvável que a ciência interior e espiritual, não estariam mais aqui; mas estão presos aos resultados da alquimia da matéria e Eu venho para renovar os conceitos e colocar a sua meta e o seu empenho no lugar correto: a transformação e a entrega de si mesmos.



Muitos se perguntam por que fui tantas vezes cientista, filósofo e alquimista, depois de haver sido o pai de Jesus. Poucos na humanidade compreendem verdadeiramente o mistério da vida de São José, porque

a maioria também ignora a verdade sobre Cristo e mantém a própria compreensão no que restou dos escritos bíblicos, sem se aprofundar internamente e sem deixar que a consciência expanda o que neles se encontra como uma porta ao Divino.

Jesus é muito mais que um Cristo, que um homem que se autodenominou Filho de Deus. José e Maria, que O acompanharam tão de perto, tampouco foram e são apenas os Seus pais. Mas para ingressar nesse mistério é preciso querer transcender a condição humana, querer vencer os limites, as leis naturais e conhecer Leis Universais e Divinas, que coabitam com a humanidade; porque essa família foi tão humana quanto cada ser desta Terra.

Para reconhecer esse mistério, devem amar o desconhecido, aspirar a descobrir novas leis, novos raios, que em verdade compõem a consciência humana – mas no que ela É e não no que aparenta ser. Foi por isso que Me tornei tantas vezes alquimista, porque a alquimia é a lei da transformação, é quando a matéria ingressa naquilo que É e perde a própria forma, a sua forma pessoal, para ser qualquer coisa, porque ela está no Todo. Mas a Minha intenção não era apenas transformar a matéria, os elementos, os minerais, as plantas... e sim a consciência. Tudo o que é a consciência: do espírito às células.

Como São José, vivi a alquimia espiritual perfeita, retornando ao Todo, que é Deus. Mas assim como o exemplo de Cristo não foi suficiente para a humanidade, o Meu simples e pobre exemplo, tampouco o foi. Então retornei, trazendo à humanidade exemplos cada vez mais materiais. O primeiro deles foi o de um pecador que se converteu em santo pela alquimia do amor e da entrega da própria vida; depois, uni a religião e a ciência para demonstrar que toda transformação é, em realidade, uma só, e se o conhecimento não estiver vinculado ao espírito, ele ficará limitado pela mente humana.

Para ser um verdadeiro cientista, alquimista, filósofo, haverão de seguir o caminho do Ilimitado, que é a entrega e o esvaziamento de

si, o ingresso na Consciência Divina, onde habita toda ciência, toda sabedoria, toda verdade.

Novamente como alquimista, fundei uma linha de pensamento¹⁶ que deveria ser uma porta para ampliar a consciência humana, mas o homem se deteve no primeiro impulso e não o fez crescer como deveria, não o expandiu. Para expandir uma ciência, deve-se experimentar, provar, conhecer suas possibilidades. Para ampliar um conhecimento, uma sabedoria, deve-se vivê-lo. É apenas assim que novas leis são conhecidas: vivendo as que são palpáveis, para que as que são invisíveis possam aproximar-se. Cada vez que retornei ao mundo, trouxe um exemplo mais material para a humanidade, mas, ao mesmo tempo, deixava os sinais de que um mistério oculto se guardava em tudo o que Eu fazia: era a união com o sagrado, com o infinito, com o Universo, com a Vontade Suprema, com Deus.

Eu retorno hoje como São José, porque esta é a origem de toda alquimia, de toda ciência da transformação; é a verdadeira razão pela qual, tantas vezes, tentei lhes ensinar a serem alquimistas, para que pudessem transformar a própria alma, o próprio ser.



O mistério da alquimia foi muito desconhecido pelos homens, porque a maioria dos seres humanos está voltada apenas para os resultados materiais, frutos da ciência e da sabedoria; pouco lhes importa a verdadeira alquimia, que é espiritual, e menos ainda quando se trata de uma alquimia que acontece no interior do próprio ser.

Depois da experiência como São José, cada vez mais ingressei na consciência humana, buscando uma forma de penetrar sua mente e seu coração para, assim, compreender e encontrar um caminho para a transformação do homem e o retorno à sua Origem Divina.

Sobretudo do século XII ao XIV, a humanidade valorizava muito a ciência como forma de honrar a sua existência. Os cientistas eram motivo de grande interesse e, quanto mais material e fisicamente comprovadas eram as suas descobertas, mais valorizados eles eram.

Por algum tempo, estudei a visão humana¹⁷ e todas as formas desta se desenvolver e se ampliar; mas o que Eu queria não era criar uma base para a invenção dos óculos ou do telescópio; queria demonstrar à humanidade, com provas físicas e palpáveis, que existiam micro e macrouniversos, invisíveis ao homem, que estávamos ignorantes da amplitude da vida, limitados à própria visão, à visão natural. Queria fazer-lhes compreender que a visão natural abarca uma pequena porcentagem da existência; mas poucos compreenderam o que Eu quis demonstrar, e aqueles que não compreenderam uniram esses estudos a uma espécie de ciência misteriosa, esotérica, porque não lhes foi acessível, não abriram o coração para isso.

Por esse motivo, ao longo de Minhas experiências, fui unindo a ciência material com as leis universais, até que cheguei ao ápice dessa união, como aquele que muitos conheceram como Saint Germain.



Como Saint Germain, percorri toda a Europa e também algumas nações do Oriente. Desde pequeno, vivi em um ambiente muito silencioso e propício ao estudo e ao aprofundamento interior. Nasci na Áustria e cresci apenas com Minha mãe e alguns irmãos pequenos, que eram dois. Fui entregue a um mosteiro ortodoxo para estudar e crescer sob uma guia, o que naquela época era incomum.

Nessa encarnação, quando cheguei para conviver com os monges ortodoxos, tinha doze anos. Ali aprendi a falar muitas línguas, pois eles eram dotados de grande conhecimento e sabedoria. Aprendi a importância da vida do espírito, o poder do verbo e também a força da oração, quando sincera e verdadeira.

Aos dezoito anos, decidi conhecer novos horizontes, sempre guiado pelo caminho espiritual, porque sabia que este caminho era muito amplo e que existiam muitas vertentes, que ao fim se convergiam como rios que desembocam em um grande mar, em um vasto oceano. Assim, com a aprovação dos monges, que muito Me ajudaram, e também de Minha mãe, com quem sempre mantive contato, parti para o Oriente. Era jovem, mas levava comigo a sabedoria por tudo o que os monges ortodoxos Me ensinaram e a busca que despertou dentro de Mim a união com Deus.

Em cada lugar que ia, assumia um nome, porque queria sentir e viver as culturas e os povos como se apresentavam, como uma forma de aprender, verdadeiramente, de todas as expressões humanas. O mundo lutava pela liberdade; as nações queriam ser independentes e, para que pudessem se expressar, primeiro deveriam saber o que eram e o que expressar. Mas esse saber provém de um princípio divino, de uma missão que Deus entrega a cada grupo de almas, que se conhece como povos e nações. Isso era o que Eu aspirava a descobrir todos os dias. Essa verdade, Eu queria encontrar.



Sentir a consciência de cada nação, raça, cultura, crença, era como nascer e renascer muitas vezes. Fui, assim, aprendendo com a essência de cada povo e com o mais belo que eles manifestavam. A partir dessa beleza, encontrava a virtude oculta em cada ser, assim como em cada nação como um todo, e tentava ajudar que essa virtude – que para Mim era um princípio universal, um raio divino – pudesse se expressar, vir à luz, sobretudo diante daqueles que deveriam vivê-la. Porque percebi que a condição humana, muitas vezes, leva as consciências a buscarem para si algo que não lhes corresponde e oculta aquela expressão divina que é própria de seus seres. Isso acontece porque a atenção está pouco voltada para o interior e muito para o exterior;

buscam no outro o que querem para si e não conhecem a Presença Divina em si mesmos.

Muitos se perguntam sobre o elixir da juventude, e o que era isso que Me fazia viver por séculos e séculos, sem envelhecer, acompanhando diferentes gerações, em diferentes países. Em verdade, Eu ingressei em uma lei superior de renovação*, descobri que a razão da morte e do envelhecimento era a de nós não sermos capazes de viver um aprendizado verdadeiro se não pensássemos que esta vida chega ao fim. E o envelhecimento é o sinal desse fim; é uma advertência constante e progressiva do nosso próprio mundo interior e físico de que nossas oportunidades de aprender estão acabando.

Sabendo disso, Eu vivia cada dia como se fosse o último e fazia da vida uma aprendizagem e uma transformação constantes. Em cada nação, vivia o melhor, e também o pior, perdendo, transformando e transcendendo em Mim as misérias que cada cultura imprimia na consciência. Por isso não necessitava morrer, porque a síntese Eu a fazia em vida.

Transcendi as leis da matéria e da vida na Essência que as rege e foi assim que, na Origem de tudo, aprendi a viver. Estava além das leis materiais, vivendo na plenitude da matéria; Eu as transcendia, respeitando-as amplamente, porque as vivia em essência e não superficialmente.

O elixir da juventude despertava a consciência para essa verdade, mas dependia de cada um que o tomava, porque ele era a porta para algo mais profundo. Por isso, cada ser o vivia de acordo com os passos que dava em seu dia a dia e, sobretudo, interiormente.



Como Saint Germain, tinha conhecimento não apenas das leis superiores, mas também da vida universal e cósmica. Recordava

conscientemente parte da Minha trajetória no planeta e reconhecia que, ao mesmo tempo que Eu estava na Terra, uma parte de Minha consciência seguia Sua evolução no cosmos e Se unia, cada dia mais profundamente, a Deus.

O fato de estar ainda na Terra não Me fazia menor ou pior no universo, pois Eu buscava a Essência Divina tanto na Origem como em tudo o que foi criado. Enquanto a união com o Pai se dava no universo, ela também se dava na Terra e a vida se tornava uma forma de servir porque Eu estava criando o caminho para que outros pudessem encontrar a própria verdade interior.

Eu estive entre os governantes e naqueles lugares onde habita o poder humano, mas nunca fui partícipe desse poder. A Minha autoridade não provinha deste mundo e a força da Minha presença estava na vivência das leis superiores; por esse motivo, Me respeitavam, Me escutavam e quase sempre Me seguiam.

A partir do momento em que a humanidade decidiu aprender por si só e a não escutar os Mensageiros de Deus foi que o Criador Me pediu para retornar.

O que conheceram como Ascensão foi, em verdade, a síntese de Minha experiência na Terra e o momento em que a última parte de Minha consciência, que ainda estava encarnada entre os homens, ingressou nos mundos internos, no Oriente, no lugar que conhecem como Himalaia. Ali um novo ciclo teve início para Mim e para toda a humanidade.



No local que conhecem como Himalaia, preparou-se, há alguns séculos, um espaço interno espiritual, em que algumas consciências foram congregadas com a missão de continuar impulsionando a humanidade,

no que diz respeito à verdadeira ciência, à ciência espiritual, à ciência de si mesmo e, em consequência, à ciência que revela o propósito da Criação Divina e conduz a humanidade à expressão desse propósito.

Assim como Eu, outras consciências, ao longo da existência humana, tiveram a missão de impulsionar a humanidade à Vida Superior e o fizeram até quando o Criador lhes permitiu. Depois disso, no ponto de sua evolução que conhecem como Ascensão – que é a transcendência da condição humana para ingressar no verdadeiro arquétipo da Criação – essas consciências foram congregadas para cumprir uma determinada tarefa. Uma parte delas, que conhecem como mônada*, tinha a função mais específica de auxílio à humanidade e permaneceu na Terra, enquanto outra parte seguiu sua evolução e união com Deus.

Desse princípio, surge o que conhecem como Mestres Ascensionados. Disso lhes falei.



Os Mestres Ascensionados – assim chamados para servir de referência à humanidade – são mônadas reunidas em auxílio do despertar profundo da consciência humana, revelando, através da ciência espiritual, a Onisciência Divina para elevar o planeta por meio do conhecimento e da sabedoria.

Reunimo-nos em um espaço suprafísico¹⁸ e espiritual nos Himalaias, em que a paz e a sabedoria milenar dos ancestrais da humanidade amparam essa missão. Nesse recinto sagrado, desenvolvemos diferentes vertentes da ciência espiritual; também estudamos e analisamos o desenvolvimento e o crescimento humano, a fim de que sempre se renove essa ciência e que ela acompanhe a evolução da vida sobre a Terra. Dessa forma, os Mestres Ascensionados também seguem evoluindo e cumprindo com novas funções no Plano de Deus.

Com esta face de Mestres Ascensionados, acompanhamos a humanidade em diferentes religiões, expressões, linhas de evolução, porque buscamos trabalhar em sua consciência mais profunda e levar todas essas manifestações humanas ao Princípio da Unidade⁴.

Ao mesmo tempo que essas mônadas dos Mestres Ascensionados trabalham nos Himalaias, outras mônadas e partes mais profundas de suas consciências cumprem outras funções, mas essas funções não deixam de estar unidas em um único propósito: o cumprimento do Plano de Deus para a evolução de toda a Sua Criação.

Quanto mais unida está a consciência ao Criador, mais possibilidade tem de servi-Lo e, de uma forma mais ampla, atuar em Sua Criação. No Projeto Humano*, além de Mestre Ascensionado e regente de muitos espíritos nos mundos internos, Eu também guio parte da consciência ortodoxa, internamente, para que mantenham sua pureza e a união com Cristo a fim de que o que foi um dia separado possa voltar a se unir e os apóstolos de Cristo não tenham distinção, mas sim, um propósito único de cumprir Seu Plano; que haja unidade entre os Seus servidores.

Também guio internamente algumas culturas orientais, tibetanas, para que a elevação as leve à unidade, porque Eu represento esta possibilidade de seguir o exemplo de Cristo e, por muitas vias, chegar ao Seu Coração e à união com Deus.



A arte da transcendência e da transmutação de si mesmo foi algo que os Mestres Ascensionados tiveram de viver para serem assim chamados. Existem muitas formas de transcender a própria condição humana de adormecimento e ilusão, porque a humanidade, em geral, encontra-se em um grau elevado de ignorância e inconsciência em relação a si mesma. Isso faz com que todas as suas potencialidades

estejam adormecidas ou ocultas por aqueles aspectos que a consciência humana alimenta e faz crescer, tão grande é a ilusão que tem em sua forma de vida.

Muitos viveram essa transcendência por meio do sacrifício, do martírio, da entrega da vida através da superação dos limites do corpo, colocando o corpo físico diante de desafios extremos para que o ser compreendesse que, em verdade, o que importa é a alma e o espírito, que são imperecíveis, enquanto o corpo é frágil e suscetível às influências e dores do mundo.

Porém, à medida que a mente humana foi se desenvolvendo e a consciência foi se ampliando, já não era suficiente ou mesmo necessário, o martírio do corpo, porque através do intelecto e da experiência espiritual, o ser já poderia compreender a fragilidade e a limitação da carne para transformar a consciência.

Começou então uma revolução espiritual a partir de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, na qual o ser se transcendia e se transformava na consciência, na conduta, nos aspectos mais humanos; esse é um martírio mais profundo e inclusive mais doloroso e efetivo do que a flagelação da carne para aqueles que amam verdadeiramente a Cristo, porque a consciência se vê diante da grandeza de Deus e da sua própria pequenez e miséria. Ao mesmo tempo em que reconhece sua condição de miserável, também pode vislumbrar a sua esperança na consolação divina.

O tempo seguiu passando e a humanidade seguiu se desenvolvendo. Na época das revoluções, quando as nações clamavam por liberdade e independência, o espírito também clamava por liberdade. Foi dessa forma que a ciência espiritual começou a se desenvolver mais profunda e detalhadamente.

O homem começou a perceber não apenas que era desnecessário flagelar a carne, mas que também poderia despertar seu potencial na

matéria, liberar das próprias células a condição de limitação e dependência, sem perder a unidade com o Todo. Foi assim que a humanidade começou a buscar a libertação da condição humana através da transformação de toda a consciência, incluindo o corpo, a microconsciência celular, o universo que se esconde nas próprias células.

A ciência então se unia à religião e muitos monges não compreendidos, viviam sua expansão da consciência e transcendência da condição humana. Com essa necessidade de autoconhecimento verdadeiro, foram surgindo as diferentes linhas do esoterismo; a filosofia também cresceu e, sobretudo no Oriente, os olhos dos homens começaram a se abrir.

Foi assim que, dos Himalaias, os Mestres Ascensionados seguiram aprofundando a ciência da existência humana e inspiraram muitos seres que, em seguida, os acompanharam nos planos internos, como A Mãe e Sri Aurobindo.



Para desenvolver a ciência espiritual, que manifesta a sabedoria sobre a vida humana desde o seu espírito até as suas células, é preciso primeiro passar pelo despertar da consciência. Não se pode desenvolver uma consciência celular e atômica, sem antes viver os princípios espirituais mais básicos. Cada ser, segundo sua missão, desenvolve aquela ciência ou caminho espiritual que lhe corresponde. Como São José, por exemplo, o caminho que Me levou à unidade com Deus foi a simples vivência das virtudes de uma forma sincera e transparente. Foi para construir caminhos que acompanhassem o despertar da mente e o desenvolvimento da consciência que os Mestres Ascensionados permaneceram na Terra, instruindo a humanidade.

O esoterismo também foi pouco compreendido por muitos, porque a humanidade separou o que é a ciência esotérica, da religião e não

compreendeu que, em verdade, as vertentes espirituais que surgem ao longo dos séculos vêm para unir e complementar o que até então a humanidade viveu.

Por meio desta Obra cristã ecumênica e universal que levamos adiante, o Criador tenta colocar em prática esse ensinamento de unidade para que, através da vivência das virtudes, da vida de oração e da simplicidade do coração, assim como a vivência da sabedoria e o desenvolvimento do conhecimento cósmico e universal, a humanidade possa despertar o arquétipo pensado por Deus.

Hoje em dia – ciclo em que o Tempo do Universo* se une ao tempo da Terra – não bastará a vivência das virtudes e da religiosidade, assim como a ciência e a sabedoria na mente não sustentarão por si só a alma. É tempo de unir vertentes e que todos os verdadeiros caminhos espirituais encontrem uma senda única, estreita, que leve à união com Deus. Por isso estou aqui e, contando-lhes esta história, uno esses conhecimentos.



A alquimia, a ciência espiritual, o esoterismo, a religião, a religiosidade, todos são caminhos que buscam, em sua essência, levar a consciência humana a uma mesma meta: o despertar.

O despertar espiritual não é apenas o ato de servir conscientemente a Deus, mas que o esforço, a transformação, a persistência diária, a sede por conhecimento e a busca pela sabedoria provenham de um amor verdadeiro, que nasce na consciência que sabe que essa necessidade é real, urgente e prioritária em sua vida.

Muitos dão alguns passos por um sentir da alma, um impulso do espírito ou por ser óbvio, inclusive para suas mentes, que neste tempo não há outra saída a não ser a vida espiritual, que não há outra forma de

encontrar um sentido para continuar vivendo. Mas o despertar em si é algo gradativo que vai se dando na consciência, onde a transformação se consolida, onde o amor pode reinar além da mente, onde a alma e o espírito falam e todo o ser escuta.

Quando a vida espiritual é vivida na consciência, é que o ser começa a dar passos verdadeiros que transcendem a sua personalidade, porque na consciência está tudo. Na consciência está a presença da Hierarquia, está o Propósito de Deus, além dos impulsos pessoais e humanos. Para chegar à consciência é preciso despertar; e para despertar é preciso colocar amor no que se faz, no caminho que se segue para que ele leve o ser a um aprofundamento constante, e não importa qual seja o caminho que leve à consciência.

Busquem a própria consciência, esse espaço do ser que transcende a mente e abarca a verdade. Sintam como é viver, pensar e atuar com consciência, além dos aspectos humanos. Nela reinam a neutralidade, a maturidade e o serviço incondicional. Nela habita o arquétipo humano, Isso que É.



Como Mestres Ascensionados, aprendemos a viver com a consciência e nela sentir tudo o que somos, desde as células físicas até o espírito, encontrando o universo que habita em tudo o que se É. Ingressando na consciência e vivendo o microcosmo celular e atômico, encontramos novamente o infinito, descobrindo que tudo é parte de uma unidade e, inclusive fisicamente, na ciência da Terra, pode chegar-se à conclusão da existência do Divino em cada ser.

Foi dessa forma, através dessa experiência, que vivemos novamente a unidade com Deus, agora por outro caminho, no qual a ciência se une ao coração na transcendência da mente e das emoções na consciência. E, assim como essa parte de Meu ser vivia a união com Deus como

Mestre Ascensionado, outras viviam essa mesma união por outros caminhos, como a fé ortodoxa.

Como guia interno e espiritual da igreja ortodoxa, aprendi da união com Deus por meio da reverência, do cerimonial e da ordem física e interior. Por meio do cerimonial verdadeiro, realizado com respeito, reverência e fé em cada ação, são atraídos do cosmos princípios criadores invisíveis que transformam a condição humana e elevam a humanidade de uma forma muito simples e harmoniosa.

O silêncio atrai a paz interior, apesar de todos os ataques próprios destes tempos. A reverência retira a consciência dos estados retrógrados humanos e do reinado dos aspectos da personalidade e, se ela for verdadeira e não aparente, ajuda o ser a autotransmutar-se e a vencer a si mesmo em uma batalha silenciosa.

Tudo isso vivi com outro aspecto de Meu ser que, ao mesmo tempo, trilhava a sua união com Deus por outro caminho.

Todas essas mônadas se encontraram na união divina, gerando um equilíbrio entre si e permitindo-Me dar novos passos como ser espiritual.



Muitos pensam que viver uma única experiência de santidade já é o suficiente para estar unido a Deus e retornar à Origem, mas, em verdade, a primeira experiência de santidade é uma porta que se abre para que a consciência comece a trilhar esse caminho e, pouco a pouco, retorne à Fonte da qual saiu.

Quando vivi na Terra como São José de Nazaré, não experimentei apenas a santidade, mas também a absoluta união com Deus por meio dessa parte de Minha consciência, dessa mônada*. Dessa forma, cinquenta por cento de Minha consciência viveu a ascensão e a união com Deus. Uma grande porta se abriu, não apenas para Mim, mas para toda a humanidade.

Quando Cristo viveu a Paixão e abriu definitivamente as portas e dimensões que separavam as criaturas do Criador, outra parte de Minha consciência ascendeu porque estava participando dessa experiência crística nos planos internos, dando prosseguimento ao vivido com Maria e Jesus em Sua infância.

Mas, para viver a unidade plena, faltava que todo o Meu ser e consciência vivessem a unidade com o Pai. Por isso elegi o caminho do eterno serviço ao Seu Plano, sobretudo no que diz respeito à humanidade.

Como Saint Germain, ascendi a planos internos do planeta, onde segui servindo ao projeto da Terra, e foi ali, nos mundos espirituais, que toda a Minha consciência viveu finalmente a união com Deus. Isso significa que todo o Meu ser, em cada espaço, em cada corpo, em cada dimensão, viveu o Amor Crístico, Amor que transcende os interesses, as preferências, transcende inclusive o amor-próprio, o amor à própria vida.

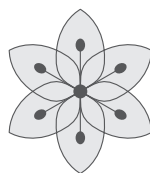
Contarei a vocês então como isso aconteceu, como nasceu e emergiu em Meu ser este Amor.



An aerial photograph of a vast expanse of turquoise water. The surface is covered in numerous small, white-capped waves, creating a textured, shimmering effect. The color of the water is a deep, vibrant blue-green. In the bottom right corner, the text 'Capítulo 7' is printed in a white, serif font.

Capítulo 7

Berçário da Baleia Franca Austral
Santa Catarina, Brasil



Quando falo em Amor Crístico, falo do Amor alcançado por Cristo na Cruz, este Amor que se guarda como potencial no interior de cada ser humano e que caracteriza este projeto de Deus na Terra. É um Amor desconhecido por muitos seres no universo, porque transcende o bem comum, a necessidade de evolução e a obediência irrestrita ao Criador. É um Amor que inclusive renuncia à própria evolução para dar oportunidade a outros. É um Amor que, muitas vezes, põe em risco o bem de muitos para salvar um só ser que está perdido. É um Amor incompreensível para a mente e que não cabe na consciência comum, por isso a expande.

Eu comecei a experimentar uma gota desse Amor como José de Nazaré e com cada ato de renúncia, em que deixava que o Filho de Deus se expressasse além de Minha intervenção como Seu pai, esse Amor crescia dentro de Mim.

Depois de Minha morte, acompanhando o crescimento, a Paixão, a morte e a Ressurreição de Cristo, esse Amor chegava a novos espaços de Meu ser. E, tendo ascendido como Saint Germain e com outras tantas experiências de santidade e verdadeira união com Deus, renunciei a estar em outros universos e dimensões, em que a dualidade dá lugar à unidade. Foi assim, renunciando à Minha evolução para ajudar os seres humanos, que Eu permaneci nos mundos internos do planeta.

O grau de Amor dita o grau da evolução, quanto maior o Amor, mais perfeitamente unido a todos os Raios e Princípios Divinos o ser se encontra. Por isso, apesar de haver renunciado à evolução universal, vivi nos mundos internos do planeta uma expansão de consciência

que Me unia a todos os raios e princípios da vida. Dessa forma, podia vibrar nas escalas da transcendência, da onisciência, da liberação e da onipresença. Isso fazia de Meu ser um veículo para esses princípios e Me dava a possibilidade de sentir com o Coração de Deus e de estar onde fosse necessário para auxiliar a humanidade. Por isso, Me tornei Seu servo eterno e incansável.

O Amor crescia em Meu Coração a cada ato de serviço e, por mais que aparentemente só tivesse motivos para perder a esperança, Eu podia sentir a Fé do Coração de Deus, que é inexplicável, porque Ele conhece o que ninguém conhece sobre o Projeto Humano*, e o motor do Meu serviço era essa esperança divina, e assim é até hoje.

Quanto mais sentia com o Coração de Deus, mais sentia o Seu Filho e o Espírito Santo. Aos poucos fui participando dessa Consciência Trina, a princípio como um expectador, como alguém que Os sentia e Os vivia naturalmente, simplesmente por Amar, como Eles, o Plano Divino.

Tudo começou com os atos de renúncia para que outros crescessem e Eu diminuísse; para que a Vontade de Deus triunfasse e não apenas Eu triunfasse. Eu amava a humanidade, porque amava o que Deus criou e o que Ele pensou com tanto Amor e Perfeição para o homem; e não o pensou para um só homem, o pensou para todos.

Em todos os seres da Terra, jaz a Vontade do Criador em triunfar; jaz a Sua Perfeição, oculta e adormecida. Sobre cada ser, está a esperança inextinguível de Deus, e esse mistério era o motor de Meu Amor crescente pelo Projeto Humano.



Quando o ser, verdadeiramente, se dispõe a servir, pouco a pouco, toda a consciência participa desse ato; não importa se é um serviço material,

espiritual, público ou silencioso. O ato de servir se caracteriza pela doação: é quando o ser doa algo de si aos demais ou a toda a humanidade.

Nos mundos internos do planeta, na vida evolutiva e espiritual, o serviço é uma premissa, é uma das condições para que o ser evolua. Se não há doação de si, não há evolução, porque Deus mesmo, Criador de todas as coisas, para criar, doa de si a cada uma de Suas criaturas. Não há no universo nada que tenha sido criado por Deus e que não contenha em si uma parte de Sua Divina Consciência. Dessa forma, podem compreender que retornar à Origem Divina, ao Pai Criador, começa por reinserir-se em Suas leis, em Seus princípios, mais do que em Sua Vontade, em Sua forma de viver e existir. Aí começa o caminho de retorno, e é isso o que se aprende e que a cada dia se aprofunda nos mundos internos deste planeta e de todos os outros que seguem a Vontade de Deus e que aspiram a retornar ao Princípio Divino da Unidade.

Por isso, tanto os animo ao serviço e à doação de si, porque esse é um princípio simples, básico e que pode ser vivido além da condição humana, da condição de erro, imperfeição ou em qualquer grau de redenção; porque, inclusive, é servindo que se adentra as sendas da verdadeira redenção.



A renúncia é o segundo atributo ou virtude que se aprende na vida espiritual, quando o ser se decide a fazer o caminho de retorno ao Pai.

A renúncia surge em decorrência do ato de servir. Aquele que aprende a servir, verdadeiramente, aprende também a renunciar, já que sabe que, sendo a Obra de Deus uma só, não existem competições por melhores lugares evolutivos, e tampouco é necessário acumular algum bem, seja material ou espiritual.

Neste caminho, falo de uma renúncia que, em sua trajetória pela Terra, os seres humanos não conhecem porque não são conscientes dela. É a renúncia à própria evolução, a renúncia a dar passos largos no retorno à Origem para tomar pelas mãos aqueles que ficaram para trás.

Essa renúncia é fruto do aprofundamento do serviço e também do Amor que desperta nos corações e, sobretudo, na consciência.

Na Terra, aprendemos a deixar para trás aqueles que não caminham depressa, e lutamos dia a dia pelo próprio desenvolvimento espiritual, pelas próprias virtudes e pela própria evolução. É um tipo de competição muito sutil e, às vezes, invisível, mas na vida do espírito, quando se transcende a condição mais densa da humanidade, tudo se vê e tudo é transparente. Porém, a consciência também abarca horizontes mais amplos e suas metas já não são as mesmas.

Aqueles que experimentam um mínimo do Amor de Deus no próprio coração podem compreender o que é, em essência, o Princípio da Unidade⁴ e como se chega a ele; sabem que a unidade se vive quando tudo desperta em si o Amor, quando toda a vida caminha para Deus e não apenas um ser.

A renúncia é um princípio divino porque, ao criar, o Criador renunciou a ser Ele mesmo, renunciou a ser Único para esconder-Se em tudo; renunciou a ser o protagonista da vida para estar oculto em Suas criaturas e, muitas vezes, ser ignorado por elas, impulsionando e amando, em silêncio, cada um de Seus filhos.

Por isso, para retornar a Deus, as criaturas terão de viver cada um de Seus princípios. Depois de começar a servir, devem aprender a renunciar.

O grande mistério de tudo isso é que aquele que renuncia a todas as coisas, um dia descobre que as tem todas dentro de si mesmo.



Outro passo para se unir à Consciência Divina é a reverência, reverência que em verdade é fruto de um coração que sabe ser humilde e despojado de si; coração que já aprendeu a servir e a renunciar.

O Criador expressa todos os dias Sua máxima reverência, amando e adorando a essência de Seus filhos, reconhecendo que neles existe um potencial único de Amor, reconhecendo que neles está a esperança de todo o universo, o fim da dualidade, o princípio da liberdade e da paz.

Deus reverencia o coração humano porque Ele conhece a Verdade, e é ela que é reverenciada. Sendo assim, a reverência que deve viver aquele que ama o Pai e a Ele aspira a retornar é essa que nasce da Verdade; de saber a verdade de cada ser, de cada Reino e não apenas de ver o aparente, o imperfeito. Vivendo o Princípio da Reverência, a consciência se aproxima de Deus, porque aos poucos torna-se capaz de encontrá-Lo em tudo.

É essa reverência que nasceu em Meu ser através do despertar cada vez mais profundo que hoje venho lhes entregar. Para vivê-la, é necessário esforço e perseverança, porque devem vencer a condição humana de julgamento, de crítica e a necessidade de buscar os defeitos alheios para se sentirem superiores. Tudo isso não vive no coração daquele que aprendeu a ser reverente, e mais do que isso, que despertou esse dom divino no próprio interior para se unir Àquele que É a própria Divindade.

Reverenciem cada ser, cada Reino, tudo o que foi criado por Deus, a própria Vida, e chegarão a Ele, porque Ele está em tudo.



O próximo passo a ser vivido para a união com Deus é despertar a pureza do coração, da mente e do espírito.

O Criador manifestou Sua Pureza ao emanar a consciência de Maria Santíssima, Fonte de Paz, Humildade e Compaixão, para todos os universos. Suas criaturas manifestam a pureza quando emanam pensamentos, sentimentos, gestos, orações, estados de ser e de espírito, que são preenchidos de Paz, Humildade e Compaixão; quando podem sentir e viver sob o Espírito Maternal de Maria, acolhendo toda a vida, como a Mãe Divina, que ampara toda a Criação e cada ser por igual.

Essa pureza existe no interior de todos os seres – porque todos provêm do Ventre da Criação – e ela corre como o sangue nas veias dos filhos que portam os códigos hereditários de seus pais. Da mesma forma, os princípios d'Aquele que os criou estão no interior de todo ser vivente. É preciso escolher expressar esses princípios divinos e não alimentar as tendências do mundo.

Nos planos internos do planeta, essa batalha ainda continua, e os espíritos vivem um ato constante de deixar de ser o que são para serem semelhantes a Deus.

A grande chave de tudo encontra-se na persistência e na rendição para que o que vocês são possa naturalmente emergir; e que amem o Criador, amem o que Ele É para que isso desperte em seus seres, assim como, aos poucos, despertou em Meu espírito e se refletiu em todos os aspectos de Minha consciência, segundo cada um O acolhia.

Sejam mansos como Eu fui e poderão trilhar este caminho, porque tudo o que lhes digo, em verdade, é para inspirá-los a dar os mesmos passos.



Em cada instante da evolução de um servidor de Deus deve crescer o amor ao Seu Plano. Esse é um amor misterioso que desperta com a rendição do ser quando a consciência decide cumprir a Vontade Divina e renunciar a toda vontade própria.

Enquanto vive na Terra, a consciência ainda tem muita dificuldade de amar o Plano de Deus e Sua Vontade, porque são coisas desconhecidas para ela. Mas, aos poucos, ao observar como se move o Criador e como guia Suas criaturas a cada dia, o ser pode perceber aquilo que não constrói o Seu Plano e que não corresponde à Sua Vontade.

Aquele que aspira verdadeiramente a seguir os desígnios do Pai deve clamar pelo despertar do amor no coração, amor ao Seu Plano.

Peçam que se apague de suas mentes e consciências todo o temor ao desconhecido, porque, em verdade, tudo é conhecido, tudo é parte de um Todo, que é a Consciência Divina. Por isso, ao caminhar em regresso à união com Deus, não há o que temer.

Muitos pensam que perdem a si mesmos, e Eu também pensava e sentia assim; percebia a cada dia, que uma parte de Mim, do Meu eu pessoal, desaparecia, não física ou etericamente, mas espiritualmente, e também nos planos astral, mental e anímico. Mas um dia percebi que o que, em verdade, desaparecia era a identidade pessoal que assumimos no mundo, assim como no universo; esse sentido de individualidade que faz com que nos sintamos separados do Todo e que dificulta nossa compreensão da unidade.

Quando se ama o Plano e a Vontade de Deus, o ser vive muitas renúncias conscientemente, e é assim que, pouco a pouco, essa identidade se desvanece, dando lugar a um vazio espiritual que, mais adiante, o coração reconhecerá como a unidade com Deus.

Com isso, vou lhes mostrando que todas as virtudes são linhas de uma única rede, linhas que se unem, que se confundem entre si, que formam parte de um Todo, de um corpo pleno e único. Porém, cada uma em si é necessária para que esse corpo exista. Esse é o Todo, o Corpo Divino formado pela expressão mais pura da Vida, que se desenha com os Princípios da Criação, que são conhecidos na Terra como virtudes.



Não pensem que o caminho de ascensão e união com Deus é uma vivência natural e espontânea das virtudes. Mesmo quando a consciência transcende os planos materiais e adentra os níveis internos do planeta, ou além dele, é necessário esforçar-se permanentemente e viver um sacrifício consciente e inclusive ainda maior do que o vivido na Terra; porque agora, nesse estado, a consciência se amplia e abarca um nível de compreensão que antes não alcançava. Isso significa que o ser pode vislumbrar mais claramente as razões pelas quais deve viver o dito sacrifício, o esforço e a união com Deus. Saberá que essa vivência não é para si, mas pelo estado no qual se encontra este planeta e, em decorrência, este universo.

Para alguns, compreender melhor o estado deste mundo é motivo de empenho e lhes dá forças e valor para seguir adiante. Mas outros perdem a fé e a esperança se não encontram em Deus a própria fortaleza.

Não importa em que estado evolutivo se encontre, todo aquele que se retira da vida na Terra e vai para outro plano que não seja material, vê mais amplamente não apenas o próprio estado, mas o estado do planeta como um todo. É nessa hora que conta a fortaleza que se construiu neste mundo, porque é com base nela que os seres dão os passos futuros.

A cada segundo, busca um sacrifício maior que o anterior, uma renúncia maior, uma entrega maior. O caminho de retorno à Origem não é tão natural como o caminho que se faz para chegar à vida, porque os seres humanos saíram das leis naturais de Deus, de Seus princípios, de Seu caminho. Por isso, todo desvio, todo erro deve ser corrigido, passo a passo, no caminho de regresso. É como converter célula por célula, sabendo que cada uma guarda em si um universo pessoal.



Cada instante da existência daqueles que trilham o caminho de retorno à Origem é uma batalha interna e externa, ao mesmo tempo. Interna, porque haverão de converter com o próprio esforço e com a Misericórdia Divina cada célula de seus corpos, inclusive as imateriais. Porque os corpos sutis também são formados por células, e elas também guardam em si um vasto universo de semelhança oculta com Deus.

E a batalha externa é o ato de enfrentar todos os ataques, as interferências e os assédios que chegam contra o Plano Divino. Essa batalha é constante e se torna mais intensa à medida que o Plano de Deus avança. Inclusive quando o ser alcança a dita união com o Pai e vibra na dimensão da Unidade Divina, a batalha continua. E, apesar de estar diante dela de uma forma diferente, com outra compreensão e outra forma de batalhar, ela sempre existirá até que o Plano de Deus triunfe; porque o próprio Criador luta dia e noite com a potência do Seu Amor para proteger os Seus filhos e, ainda que algum dia a Sua Justiça deva corrigir os caminhos humanos, aqueles que se arrependem e despertarem, mesmo que seja na última hora, receberão uma oportunidade.

Por isso, a transcendência e a autossuperação são eternas, para despertar em si um amor que seja capaz de vencer qualquer desesperança, cansaço externo ou espiritual e desfalecimento.

A vida dos que se ofertam para ser soldados de Cristo neste tempo é uma eterna preparação para ingressar no sacrifício permanente e sem tréguas, para que, através da própria entrega e transcendência de suas aparentes limitações e capacidades humanas, despertem um Amor que libera o potencial, não só de seus espíritos, mas também de suas células.

Tudo isso Eu vivi como Saint Germain, como São José, e sigo vivendo como consciência cósmica e divina, porque o desenvolvimento do Amor é eterno, a entrega é eterna. O Amor é a evolução dos universos.



Quando se transcende a condição material e a mais densa condição humana, o ser vive outros aspectos dos atributos divinos, outros aspectos do sacrifício, da entrega, da humildade, da renúncia... É como se a consciência fosse se aproximando de princípios cada vez mais puros da mesma energia, do mesmo atributo.

Assim, podem compreender que o final deste caminho é o encontro com a Fonte, de onde partem todos esses princípios divinos até chegar à expressão humana.

Como Mestre Ascendido, vivi aspectos do sacrifício que dizem respeito à superação de todas as metas pessoais, inclusive aquelas que tratam do Projeto Divino, mas que, no fundo, são parte de uma compreensão pessoal desse projeto.

É um ato permanente de entregar cada instrução deixada, cada impulso dado ao coração humano, porque até para Nós esse coração é imprevisível e responde de maneiras mais inesperadas àquilo que recebe.

Sendo assim, por mais que a aspiração de todo servidor de Deus seja que Seu Plano se cumpra, tive de aprender a renunciar, todos os dias, a qualquer aspiração e esperança em relação ao seu cumprimento e, ao mesmo tempo, dar tudo e tudo fazer para que ele se cumpra.

Dessa forma, fui aprendendo sobre a Lei da Doação Divina, que é o ato de doar de si e de tudo o que se tem para o cumprimento do Plano, com toda fé e todo amor, e, em seguida, deixar que o Pai faça com essa doação a Sua Vontade; e que cada coração receba aquilo que lhe corresponda, segundo a sua abertura, sem que se cobre – nem mesmo internamente – uma resposta ou um resultado pelo impulso que se entregou.

Fui aprendendo então, verdadeiramente, do amor desinteressado, e ele foi se aprofundando a cada dia, até que esse desinteresse chegasse

ao mais profundo de Meu ser e a doação de Meu espírito se desse pelo simples fato de que o Amor existia em Mim.

Aprendi, então, como Deus ama e como Ele doa de si às Suas criaturas, a cada instante; como Ele é a própria doação. Assim, aproximei-Me um passo mais de Deus e Me uni um pouco mais ao Seu Divino Coração.



A expressão do Amor de Deus é a própria vida. Tudo o que respira, tudo o que vive, desde o menor dos Reinos da Natureza até as expressões de maior magnitude, em tudo está o Amor de Deus por Suas criaturas; em tudo, filhos, está Ele mesmo, expressando Sua gratidão pela existência da Vida, por poder criar e recriar a Si mesmo em muitas formas, com um Propósito Divino, multiplicando, em muitos seres, esse Amor potente e universal – que é Único.

O Amor no coração de cada criatura de Deus recria a vida, multiplica-a e a faz fecunda. Cada ser, por menor que seja, é um pequeno Deus, um pequeno Criador, que pode limitar-se à reprodução da própria espécie, ou pode expandir-se em um vasto universo de criação, onde cada ação gera a vida, cada pequeno pensamento gera a vida, cada sentimento gera a vida.

Se os seres amassem, ao respirar, exalariam uma vida nova; exalariam o ar da expressão do Amor, do qual muitos seres que não podem viver o Amor, dessa forma, poderiam respirar e sentir em si o resultado fecundo desse Amor.

Unir-se a Deus é um dom oculto de toda criatura. Não é necessário transcender a vida para fazê-lo, mas acontece sempre assim, porque o homem não aprendeu que ele mesmo é em si a própria unidade e que sua vida é a expressão do Amor de Deus.

Esse mistério se guarda na gratidão, em observar a vida e agradecer, em querer ser um homem pleno em Deus e expressar o máximo da Perfeição

Divina que habita em si, simplesmente para poder retribuir e corresponder a tamanho Amor que se esconde, inclusive, em suas células.

A Perfeição de Deus se encontra em cada órgão, em cada sistema, em cada glândula, em cada célula, em cada átomo... Em tudo está o Amor do Pai por Seus filhos. A grande alquimia da vida é transcender a condição limitada do ser humano de superfície para viver, em verdade, esse princípio divino que habita em si.

Eu venho como alquimista e pai da humanidade para inspirá-los a isto: “Amar e ser Amor”. Porque neste tempo de milagres e com a consciência que a humanidade alcançou, não precisam perder a vida para então saber o seu valor e desvendar os seus mistérios.



Quando a consciência adentra os mistérios celestiais e começa a experimentar o Amor Divino Incondicional, emana de seu coração o verdadeiro Princípio da Gratidão.

A humanidade aprendeu a agradecer, ao longo de sua existência, o que lhe causa algum benefício, o que lhe traz alguma graça ou alegria, e o que plenifica seu espírito.

À medida que a alma ingressa mais profundamente na vida espiritual, vai reconhecendo a necessidade de agradecer as tribulações, provas e tentações que vive, porque começa a compreender que tudo é parte da Vontade Divina; tudo isso é parte de um movimento de lapidação espiritual; toda prova pode ser veículo de transformação para os seres.

Mas se um ser aprofunda-se ainda mais em sua união com Deus, encontra em seu interior um princípio de gratidão divina, que é mais que um sentimento de agradecimento; é um estado permanente de consciência, um estado que se constrói com a vivência das demais virtudes e que se consolida com a própria experiência de ser grato.

À medida que o Amor de Deus foi preenchendo Minha consciência e todo o Meu ser, fui encontrando esse estado espiritual e interior de gratidão; estado esse que emergiu naturalmente, pelo simples fato de amar. Era como se a gratidão fosse o resultado dos impulsos do Amor. E mesmo por todas as atrocidades do mundo, ao longo da história humana e inclusive depois de Minha ascensão, Eu encontrava uma forma de agradecer a Deus, ainda que fosse por aqueles que não viviam essas situações e que teriam a oportunidade de equilibrá-las.

A gratidão Me permitia não perder a esperança e encontrar formas de ajudar a humanidade, com diferentes estratégias, inclusive oferecendo esse estado interno de gratidão como forma de reparar o Coração Divino.

A gratidão passou a ser o veículo das novas energias para o planeta. Como tudo agradecia, era capaz de renovar-Me e renovar todas as coisas, até as mais deterioradas e perdidas.

Quando via, por exemplo, uma alma desamparada e perdida, agradecia a Deus porque sabia que o fato de ela estar tão perdida algum dia a levaria a buscar o Pai, porque necessitaria encontrar-se. Assim, através da gratidão e da compreensão de cada situação do planeta, gerava méritos para interceder pelas almas e por tudo.

Descobri, na gratidão, a forma de converter os erros, de endireitar os caminhos e unir-Me a Deus, acima de qualquer circunstância. Esse foi mais um passo que dei em direção ao Altíssimo.



Muitos pensam que, ao transcender a vida, não há mais sentimentos, pensamentos, provações, dificuldades... Em verdade, filhos, o plano da matéria é um espelho densificado da vida que se leva em níveis um pouco mais superiores. Claro que a própria condição material faz com que a vida tenha certos fatores que no universo não existem, como a forma

cotidiana de viver da humanidade: com empregos, compras, necessidades corporais, o corpo em si, com toda a sua condição de perecimento...

O ser humano, porém, como consciência, é o reflexo de um nível imaterial; ele reflete o que é em espírito, alma e consciência. E muitas vezes, as dificuldades que vive na Terra são as mesmas que tem no universo. O que acontece é que os princípios da vida são os mesmos.

O Criador emana da Fonte um raio universal e esse raio vai cruzando as dimensões e se manifesta em cada uma delas, conforme os seres possam compreendê-lo. Nas dimensões mais próximas da Consciência Divina, esse raio é mais puro e expressa impulsos cristalinos, porque aqueles que o recebem podem viver mais puramente o que Deus emanou. Nas dimensões inferiores, esse raio chega densificado pela condição dessas dimensões, mas, apesar disso, contém em si um princípio divino incorruptível. Essas são as virtudes e os dons.

Da mesma forma, acontece com as misérias e dificuldades, porém na proporção inversa. Em outros níveis do universo, elas existem porque todo o universo é dual. As misérias apenas não existem nas dimensões divinas, onde a dualidade foi transcendida pelo Princípio da Unidade⁴. Mas abaixo das dimensões de unidade, onde a dualidade existe, sempre existem também aspectos a serem transcendidos.

Dessa forma, explico-lhes como uma consciência ascensionada ainda vive seus níveis de provação, transcendência e dificuldade; que mesmo não sendo tão grosseiros e densos como estes são na matéria, existem e requerem dos seres esforço, entrega e sacrifício.



Para conhecerem a vida universal, é preciso primeiro compreender a condição humana e então compreenderão a união que há entre uma e outra.

Como tanto os impulsos que vêm de cima para baixo, como de baixo para cima, influenciam na evolução dos seres, compreender a condição humana de uma forma mais científica – digamos assim – ajuda alguns tipos de consciências a saírem do ponto em que estão, porque encontram uma forma de se elevarem além das mesquinharias diárias e verem, inclusive o cotidiano, de uma forma superior, compreendendo as suas raízes.

Para isso existem os Mestres Ascensionados: para guiar a consciência humana em sua elevação e, assim, em sua autotranscendência. Porém, os próprios Mestres Ascensionados seguem a sua evolução e também necessitam de instrutores internos e guias que os levem a dimensões cada vez mais sutis, nas quais os princípios da existência são mais puros.

Em alguns casos, consciências universais que são operários do Criador e de Seus arcanjos os guiam. Seres que respondem diretamente a um chamado celestial e têm uma profunda responsabilidade com toda a vida, com toda a existência.

Em outros casos, podem ser guiados pelos próprios arcanjos, segundo sua missão. Eu, como Mestre Ascensionado, fui guiado e instruído pelo Arcanjo Metatron.

Com esta instrução arcangélica, fui Me aproximando de Deus com toda a Minha consciência ao mesmo tempo. E, diferente de como se vive na Terra, Eu jamais deixei a função de instruir a outros para ser instruído. Tudo acontecia simultaneamente; inclusive o serviço da instrução e da guia para com a humanidade Me fazia compreender muito mais amplamente o que aprendi com o Arcanjo Metatron, porque Ele Me ensinava sobre o Amor de Deus, e Eu aprendia, colocando-o em prática.



O Arcanjo Metatron se aproximou de Minha consciência porque Ele representa no universo, como em toda a Criação, uma ponte para a

Consciência Divina. Ele aproxima a Divindade do Pai da matéria e tem como uma de Suas missões elevar as criaturas de Deus às dimensões da Suprema Unidade.

Por esse motivo, muitos seres humanos, ao longo de sua existência, tiveram um contato próximo com Metatron, inclusive os patriarcas. Ele vinha em nome de Deus, enviado pelo Pai. Sua voz era a Voz de Deus, Sua vontade era a Vontade de Deus, Seus desígnios eram os Desígnios do Pai. Ele era apenas Seu instrumento. Por isso, muitos patriarcas tiveram contato com o Arcanjo Metatron e pensaram ser um aspecto do Criador, do Único, chamando-o de El Shadai, por Sua união particular com Deus e Sua função de ser ponte para o Criador.

Ao longo de Minha experiência na Terra, vivi algumas instâncias de contato com o Arcanjo Metatron e muitas vezes não o sabia. Como Ele vinha em nome do Pai, apenas transmitia a mensagem do Criador e não revelava Seu próprio nome, ou Sua face arcangélica. Ele apenas trazia o Raio da Vontade e se retirava.

A verdadeira face do Arcanjo Metatron e Sua missão para com a humanidade, Eu vim reconhecer apenas como Mestre Ascensionado, quando Ele foi enviado por Deus para guiar-Me.

O Arcanjo Metatron ensinava-Me com o Seu exemplo. Muitas vezes O acompanhei em consciência e onipresença durante algumas de Suas missões no planeta para compreender como um ser arcangélico vivia a Vontade de Deus; como Ele estava unido plenamente à Vontade do Pai, e Seu ser se tornava um veículo puro de Sua Vontade, vazio de si mesmo e de condições humanas e materiais, de qualquer densidade ou vibração.

O Criador aspirava a que Eu alcançasse esse grau de pureza angélica para cumprir Sua Vontade de forma cristalina e ser portador de Sua Instrução para a humanidade, assim como faziam os arcanjos, e por isso enviou-Me à presença de Metatron.

Eu era imbuído das vibrações do Seu exemplo e cada vez que observava o Seu Amor por Deus e o vazio de si mesmo diante da Vontade Divina, mais era inspirado a viver esse Amor e esse vazio.

Claro que eram condições diferentes. Eu era uma criatura material de quinta dimensão e Ele um ser de evolução arcangélica, totalmente desvinculado dos estímulos retrógrados materiais; mas, se Deus Me pedia que sentisse como Ele, Eu o tentaria a cada instante.

E assim comecei uma nova etapa evolutiva, um novo passo de união com o Criador.



As virtudes que expressam os anjos não diferem das virtudes que o Criador espera que expressem os homens, porque como lhes expliquei, todas as virtudes e dons são princípios de uma mesma fonte: a Fonte Divina. O que difere essas expressões nas criaturas é a pureza das dimensões em que habitam, com que grau de transparência esses princípios chegam até elas.

No caso dos anjos, estes estão em dimensões muito próximas da Fonte Divina e alguns deles coabitam com o Criador em Suas dimensões de unidade; porém são como prolongamentos Seus que se expressam em muitas dimensões, através de uma forma angelical.

Os anjos e arcanjos podem cruzar todos os níveis de existência e estão inclusive nas dimensões materiais, como os anjos da guarda, sem se deixarem permear pelas baixas vibrações que essas dimensões lhes irradiam, sem perder a pureza e a unidade com Deus, que é própria de seus seres.

Diferente da evolução humana e de todas as demais civilizações do cosmos, os anjos foram criados por Deus e não perderam a semelhança e a unidade com Ele.

Assim como as criaturas, os anjos e arcanjos foram enviados a muitas partes do universo, mas a obediência e a ausência de vontade própria foram o fio que os manteve sempre unidos ao Criador.

No caso da humanidade e de todas as criaturas materiais, existe um tipo de evolução diferente, porque essa unidade se perdeu e deve reconstruir-se ao longo de toda a sua evolução para que possam retornar à Origem.

A instrução que brindam os anjos a algumas criaturas, como aconteceu Comigo, é para que esse exemplo de unidade as conduza à vivência do mesmo princípio e, dessa mesma forma, com a mesma pureza, porém sem deixar de ter um aspecto da consciência servindo em níveis materiais.

No caso do Filho de Deus, por exemplo, Ele não foi apenas instruído pelos anjos, mas foi chamado a ingressar com toda Sua Consciência Espiritual na evolução angélica, chegando ao princípio de existência chamado “Anjo Solar”, que se refere ainda, unicamente a Cristo, já que Ele foi o primeiro a transcender a condição de criatura material para ingressar na evolução angélica, dado que a Sua união com o Pai não só era semelhante à dos anjos, como ia além dela.

No Meu caso, como ainda tinha aspectos da consciência que deveriam servir em níveis muito próximos da matéria, foi uma parte de Minha consciência que adentrou essa experiência e não se converteu para a evolução angélica, mas sim aprendi a expressar-Me com o mesmo grau de unidade que os anjos tinham com Deus, por meio do auxílio e guia do Arcanjo Metatron.



Ao contrário do que muitos pensam, à medida que trilhava o caminho da ascensão e da união com Deus e Me desvinculava dos processos materiais e de todos os registros que trazia da matéria, perdendo-Me daquilo que fui, mais encontrava a Verdade, mais encontrava o que sou.

As experiências por Mim vividas se sublimavam no fogo da luz arcan-gélica e o seu amor, até então desconhecido, começava a tomar lugar em Minha consciência. Já não sentia nem pensava como homem, mas compreendia o pensar e o sentir humano. Já não havia em Meu ser temores, ansiedades, desejos, medos nem mesmo aspirações. Existia um grande vazio de tudo o que era conhecido. Porém, esse vazio logo era preenchido por impulsos superiores, por uma Vontade Maior.

Deus não falava Comigo na língua dos homens, mas sim na língua dos anjos, na qual o verbo e o silêncio se encontram, porque o Pensamento do Criador e de Suas criaturas são um só.

Os anjos manifestam a vida, os planetas, as essências, sem nenhum mérito individual, porque é o próprio Deus que cria através deles. Eles são verdadeiramente, o que chamamos de Instrumentos do Criador, e todos são chamados a viver isso.

O vazio que se experimenta na vida humana é diferente do absoluto vazio que se experimenta na ascensão; porém, é necessário que se viva o primeiro para experimentar o segundo; é um exercício espiritual que a consciência realiza para colocar-se um dia no caminho da completa união com Deus.

O Meu ser vivia experiências diferentes, em níveis diferentes, e com todos aprendia e unia esses aprendizados em uma única meta, que é o retorno à Origem.

Existe uma parte da consciência responsável pela consciência como um todo, que é o ser cósmico. Nele se encontra a mente cósmica, a alma cósmica, a mônada* mais experiente e a essência como princípio divino, em sua máxima pureza. É esse ser que vive conscientemente a união com Deus e que reúne as experiências vividas por suas diferentes mônadas, expressões da mente, das emoções e tudo o que a alma, em nível material, sintetiza.

As criaturas de Deus se assemelham ao cosmos: existe a galáxia, que é o ser cósmico, e existem todos os universos que circundam essa

galáxia, onde a vida se multiplica muitas vezes, em diferentes níveis – conscientes e inconscientes – de mente, alma, mônada*, espírito e essência. Todo esse mistério lhes será aos poucos revelado.

Na medida em que a consciência se desenvolve, seus corpos também se desenvolvem, é como as galáxias e os universos que se renovam, se dividem e se multiplicam, porque a mudança acompanha a evolução.



Cada mônada vive uma experiência diferente segundo a sua necessidade evolutiva, e as experiências de todas se complementam e formam a síntese e o passo evolutivo que o ser cósmico dá em sua união com Deus.

O que lhes contei sobre a instrução que recebi do Arcanjo Metatron é referente ao Meu ser cósmico, essa parte de Minha consciência que alcançou a união com Deus através, também, da elevação de todos os aspectos de Meu ser.

Além de Mestre Ascensionado, como lhes contei, outras três mônadas Minhas atuam nos níveis internos do planeta. Como Saint Germain, atuo ainda no nível de superfície, bem como com uma face de guia interno dos monges ortodoxos do Monte Athos. Ali vivi uma importante experiência e com essa mesma mônada permaneci instruindo internamente os Meus irmãos que hoje sustentam grande parte da transmutação do planeta. Com essa face, faço uma ponte com a Consciência de Cristo e lhes envio impulsos para que perseverem na busca da Vida Crística, apesar de todos os embates que vivem.

Nos mundos internos do Monte Athos, há um monastério interior, no qual uma parte de Meu ser se dedica à contemplação e à união com Deus e, quando necessário, em onipresença, translado-Me a outros espaços do planeta. O silêncio e a unidade interior com Deus são aportes que esta mônada realizou desde a sua passagem pela superfície.

Nos mundos internos do Deserto de Gobi, encontra-se outra parte de Minha consciência que presta um serviço de transmutação e equilíbrio do continente asiático, também por meio do silêncio em todos os níveis. Ali, uno-Me ao espírito do planeta, o chamado Logos Planetário*, para atrair a energia solar universal e, dessa forma, renovar e auxiliar sua missão de sustentar a vida na Terra.

No Oceano Índico, atuo em auxílio dos Reinos da Natureza, em comunhão com todos os mares. Essa parte de Minha consciência que atrai a energia feminina universal atua como ser-espelho em união, sobretudo, ao Reino das Baleias. Esta sustentação acontece com um ato de mantralização permanente. Comunico-Me telepaticamente com o Reino das Baleias e com o espírito dos oceanos, também em um templo interno, na contraparte espiritual do planeta. Essa mônada*, que permanece ali desde a época atlante, transladou-se para o Oceano Índico e ali permaneceu, renunciando a graus mais elevados de evolução por amor aos Reinos da Natureza. Foi essa renúncia em si que atribuiu ao Meu ser a possibilidade da união com Deus.



Foi com o Meu espírito mais profundo que assimilei cada ensinamento transmitido pelo Arcanjo Metatron. Esse servo de Deus não Me ensinou apenas sobre o amor e a obediência a Deus, ensinou-Me também Suas Leis, as Leis da Vida e da Criação e como, na Ciência Universal, um ser pode manifestar o Pensamento Divino.

Foi através do Arcanjo Metatron que Me uni cosmicamente ao Raio da Onisciência; por meio dele o ser compartilha da Sabedoria de Deus e de todas as Suas criaturas.

Foi o Arcanjo Metatron que Me ensinou sobre as Leis da Manifestação, no sentido espiritual, e como atrair para as dimensões materiais a

Vontade e o Pensamento Divino. Para isso, aprendi sobre a essência da Geometria Sagrada que o santo arcanjo utiliza para criar nos universos.

Essa geometria é o princípio da criação das formas. Através do ato de plasmar uma geometria no cosmos, atraímos certo princípio criativo com determinados raios universais e ali depositávamos o Pensamento Divino.

Cada Pensamento do Criador necessita uma energia específica para se manifestar e tudo acontece tendo como veículo a Sua Vontade. Nenhuma obra dos servos de Deus tem mérito próprio algum porque tudo provém de Sua Divina Consciência. Seus operários criadores são como as Suas Mãos que se movem nas dimensões e é essa certeza da unidade com Deus e dos méritos celestiais que nos faz puros em tudo o que criamos e nos mantém na senda da unidade com o Todo, que é Deus.

A Geometria Sagrada, que aprendi com o Arcanjo Metatron, tem como base a união com Deus e é apenas essa união que fala à consciência. De uma forma intuitiva e telepática, o ser sabe como atuar, qual raio deve atrair e qual geometria plasmar.

Esse ato de criar com o Pensamento Divino fez-Me aprender a pensar e a sentir como o Criador. Era esse aprendizado que Ele esperava para que Eu pudesse, dia a dia, representá-Lo com maior transparência e humildade.



O princípio da Chama Violeta, que em parte transmite para a humanidade, também foi um legado essencialmente entregue a Mim pelo Arcanjo Metatron. A Chama simboliza o Espírito Vivo de Deus nos elementos, na matéria, na vida material, além da existência terrestre.

Esse elemento foi criado para expressar vibrações divinas como a luz, o calor, a transformação que, em excesso – se o ser se aproxima inadequadamente desse fogo e sem pureza de intenção –, pode cegar e queimar.

Quando o Arcanjo Metatron Me transmitiu esse ensinamento, não se referia à chama física, mas sim à Chama Espiritual, esse princípio divino de transmutação, e à Presença de Deus, através de Seu Espírito, que é simbolizado pela imagem da Chama.

A Chama Espiritual guarda em si a essência do sagrado e, quando queima algo, o seu poder não destrói, mas transforma a matéria corrompida, iluminando-a com o princípio da luz e do poder de Deus.

Antes de transmitir a outros o ensinamento da Chama Violeta, fui primeiro queimado por ela, convertendo todos os padrões retrógrados que, como consciência, Eu trazia nos Meus diferentes núcleos, inclusive aqueles que ainda atuavam nas dimensões internas do planeta.

Essa iniciação deixou plasmada e fecundada, em cada um de Meus núcleos, uma Chama Violeta, uma partícula desse princípio que Me fazia portador desse manancial que provém do Centro da Galáxia.

A cor violeta representa a transmutação, a transsubstanciação, o sagrado e o retorno à Origem. Essa vibração, que provém de fontes cósmicas da sétima dimensão, une-se ao princípio do fogo espiritual para que todo ser vivo que tome contato com essa união de elementos cósmicos possa retornar ao seu ponto de partida, à sua pureza original, àquele estado sacramentado por Deus, para que Suas criaturas expressem a perfeição.

Assim como os raios, a manifestação e a atração da Chama Violeta variam de dimensão a dimensão. Eu a experimentei em sua plenitude, e pela abertura de Meu espírito, tornei-Me um portador dessa Chama, unindo-Me inteiramente ao Terceiro Aspecto de Deus, que é o Seu Santo Espírito.

Como São José, depois de Minha ascensão, uni-Me ao primeiro Aspecto Divino: o Pai. E como Saint Germain, pelo serviço e elevação da matéria, uni-Me ao Terceiro Aspecto Divino: o Espírito Santo.

Compreendam, assim, que a união com Deus se dá por etapas, não apenas em relação aos diferentes níveis do ser, mas também em relação aos diferentes aspectos de Deus. É a ciência da elevação que, pouco a pouco, irão descobrindo.



O Criador é Único, assim como é cada ser desta Terra. Porém Ele Se dividiu em muitas Faces para abarcar todas as dimensões e aspectos de Sua Criação, tal como os seres se dividem em muitos corpos e aspectos espirituais e humanos, sem deixarem de ser um só. Assim Se reflete a Consciência Divina em Suas criaturas.

Depois de ter Se dividido em Três: Pai, Filho e Espírito Santo, o Criador continuou Se dividindo em muitos mais. Suas Faces são mais que 72. Os 72 Nomes de Deus que conhecem são Aspectos do Criador que agem em auxílio direto à humanidade e a toda a Sua criação material.

Em princípio, é a estes 72 Aspectos que a consciência se une, convertendo um a um os aspectos do próprio ser para unir-se por inteiro aos Aspectos Divinos. Cada um desses Aspectos do Pai, que atua em Sua criação material, especificamente neste universo, está ligado diretamente a um arcanjo, que utiliza essa Face específica de Deus, através do Princípio da Unidade⁴, para manifestar o Seu Plano.

O pensamento cósmico, a essência e a consciência de cada arcanjo unem-se a um Aspecto de Deus para pensar, sentir e atuar, tal como Ele necessita, sem intervenções das leis da dualidade ou do livre-arbítrio.

Para que a consciência humana se una ao Pai, deve unir-se também aos anjos e arcanjos, para conseguir trilhar este caminho em linha reta, que leva a Ele. Os anjos da guarda, enviados por Deus para acompanhar cada ser, representam, além da proteção e do amparo, a possibilidade de todos os seres se unirem à Consciência Divina; porque unindo-se

ao próprio anjo da guarda e se deixando conduzir por ele, vão subindo os patamares da evolução angélica até chegarem à unidade com os arcanjos e, através deles, com a própria Consciência de Deus.

A Vida Crística é a união absoluta com a Consciência de Cristo; é uma das formas de se chegar ao Pai diretamente. Cristo é, Ele mesmo, uma ponte para a Consciência Divina, e através da Lei da Divina Misericórdia, Ele permite que os seres se unam ao Pai, apesar de não merecerem e de não terem possibilidades cósmicas nem espirituais para isso. O Seu Amor cura, transmuta e eleva todas as coisas.

Minha ascensão aconteceu antes da Consciência de Jesus viver a cristificação, pois a Vontade de Deus para Mim era que, por meio da unidade com os anjos e arcanjos, Eu pudesse retornar, porque a Misericórdia já havia atuado em muitos aspectos de Minha existência, sobretudo na Presença de Jesus e de Maria.

Para o Criador, Eu tinha possibilidades suficientes de entregar-Me, esvaziar-Me e chegar até Ele pelo cumprimento da Lei e pela transcendência de cada aspecto de Meu ser, em todos os níveis e relativos a todas as mônadas, e assim o fiz.



Foi colocando o coração no Coração de Deus, como um exercício consciente, que aos poucos comecei a unir Meu ser ao Seu Ser Divino. Em oração e contemplação, com todos os níveis de Minha consciência, fui conhecendo cada um dos Aspectos de Deus, que expressam Sua Sabedoria, Seu Amor, o Discernimento, a Cura, a Humildade, a Consagração e a Sacramentação da matéria, a Beleza, o Nascimento-Gestação e a Vida.

Cada parte da Minha consciência descobria um Aspecto do Pai, porque O buscava, chamava-O, perguntava onde Ele estava e como fazer para

encontrá-Lo. Unia-Me ao Meu anjo da guarda para louvá-Lo e, assim, atraía do universo e de toda a Vida, diferentes expressões angélicas e ar-cangélicas e, através delas, encontrava a Deus; porque onde os anjos estão, ali a Vontade de Deus está, ali se encontra a porta para encontrá-Lo.

Cada parte do planeta, interiormente, está ligada a um Aspecto de Deus e a uma de Suas Virtudes, Dons e Princípios Divinos; então, cada parte de Minha consciência, a depender de onde estava servindo, encontrava-O sob uma manifestação diferente.

Para conhecer a Deus, Eu tive antes de conhecer a Mim mesmo e ser consciente de tudo o que sou, de tudo o que Minha consciência abarca. Então, em Minhas meditações, assim como um ser encarnado pode meditar e sentir seu corpo, seus órgãos, suas células, suas emoções, sua mente... Eu fazia o mesmo exercício, porém buscando sentir a consciência: as diferentes mônadas; como elas se expressam, o que aprendem, como atuam, onde estão. E, aos poucos, fui encontrando-Me, descobrindo-Me como um tão grande mistério como o Próprio Deus o era para Mim.

Porque existe uma forma simples de compreender a Divindade, mas também existe a forma de compreender a verdadeira ciência da Vida, e isso era o que Eu tentava encontrar. E foi à medida que desvendava os mistérios acerca de Mim mesmo que compreendia como se expressava a Consciência Divina, porque toda a Sua Criação, em uma proporção mínima, é um espelho do que Ele é.

Para saber a Deus, as criaturas devem saber a si mesmas e assim encontrarão muitas chaves para a unidade com o Divino.



Assim como um ser que se concentra em si e busca conhecer-se pode ser consciente do que pensa, sente e de como atuam cada um de seus

aspectos: aquele que é sábio, aquele que é arrogante, aquele que é humilde, aquele que é orgulhoso..., desta mesma forma, concentrado em Meu interior, no centro de Meu ser, fui conhecendo a atuação de cada uma de Minhas mônadas: o que faziam, como aprendiam, como erravam, o que havia de corrigir, o que havia de alimentar. Assim, aos poucos, como um observador externo de Mim mesmo, fui aprendendo a enviar os impulsos corretos para certos espaços da consciência.

Com o Arcanjo Metatron, fui aprimorando esse contato interno Comigo mesmo, porque os arcanjos criam desde essências até planetas, universos, dimensões... E acompanham cada criação como se fosse única; assim, ensinar-Me a acompanhar e a guiar o Meu próprio ser era um passo primário e muito simples para ele.

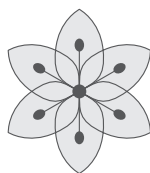
Essa escola é parte de um conhecimento que posteriormente, na ciência espiritual da Terra, foi conhecida como escola dos Avatares. Um Avatar* é aquele que aprende a unir tudo o que É em uma consciência única para que, a partir de seu ponto mais evoluído, possa guiar todo o seu ser. Esse é o princípio de uma escola maior, na qual essa consciência vai aprendendo a assumir a guia de outras expressões de vida, que estão além de si mesma.





Capítulo 8

Colina das Aparições - Centro Mariano de Figueira
Minas Gerais, Brasil



A escola dos Avatares é o princípio de uma evolução que está direcionada para a vivência da unidade; essa unidade começa consigo mesmo, na própria consciência, quando o ser é capaz de abarcar tudo o que ele é.

O autoconhecimento que se vive na Terra, por mais simples que pareça, é um exercício que os conduz a essa escola universal, esse tipo de aprendizado que, em verdade, tem como única função a vivência da unidade com Deus.

Na vida sobre a Terra, os seres podem ser observadores de si mesmos e se colocarem em um nível de maior consciência, em que o amor ao Plano de Deus pode ser maior do que as tendências humanas, e é assim que se auto-observa. Com um olhar neutro, de quem está acompanhando a experiência de outros, o ser conhece cada um de seus corpos e aspectos e sabe como se movem; conhecendo-os, pode retirá-los de situações que não os ajuda a crescer e pode corrigir os próprios caminhos.

Da mesma forma, a consciência ascendida que ingressa na escola dos Avatares se torna um observador de tudo o que é: cada mônada*, cada corpo relacionado a essa mônada, e ele guia tudo o que é por meio do amor que tem pelo Plano de Deus. É conhecendo os aspectos do próprio ser que se compreende o espelho que se é da Consciência Divina e se começa a perceber que o Criador, também com Seus Aspectos, guia diferentes setores da Criação. Então começa a união mais consciente com Deus. Isso foi o que fui vivendo e aprendendo em partes.

Nem tudo o que via de Meu ser era agradável, por isso, mesmo estando com a consciência no universo e uma parte de Meu ser unida a

Deus, era necessário vigiar-Me e guiar-Me com base no que aprendia dos arcanjos, transladando esse conhecimento a todos os espaços de Meu ser, até que o Amor ao Plano do Criador tocasse tudo o que sou.



Alcançar a união com Deus não era uma meta pessoal, era a forma de cumprir as leis naturais da existência. O Criador Se multiplicou no Princípio para voltar a ser Um no Fim e, com toda a experiência de Suas criaturas, recriaria a evolução, os universos, a Vida.

A multiplicação de Deus transcende a vida na Terra, transcende este universo e todas as estrelas que veem no céu quando a noite cai sobre o mundo. A multiplicação de Deus transcende o mundo material e palpável e adentra por dimensões infinitas, que nem mesmo os anjos conhecem, porque Ele mesmo as criou.

Nesta história presente lhes contarei sobre a união de um servo de Deus com o seu Senhor, sua origem, sua trajetória e seu retorno à Consciência Divina que, em realidade, é eterno. Compreenderão aqui que os espíritos são um pouco mais complexos do que pequenas esferas de luz que emergem da Fonte e a ela retornam quando termina a vida. Compreenderão que a vida não termina e que é verdadeiramente eterna. Também compreenderão que o Paraíso não é uma fuga do mundo, uma espécie de férias permanentes, onde o esforço, a persistência e o sacrifício não existem.

Ainda que a vida na Terra tenha se degenerado, perdido a sua essência e o que lhe dá sentido, muito do que foi construído neste mundo, por inspiração divina e não humana, é um espelho da vida universal. Desde o Criador até cada dimensão que segue em descenso até chegar à vida material, tudo é um espelho do Divino. Ele é um grande Espelho da Criação e a partir d'Ele tudo se reflete. A vida em cada dimensão é um reflexo um pouco turvo das dimensões que a antecederam, mas os

princípios são os mesmos. Por isso, nesta história encontra-se uma surpresa: a vida é eterna, porém com eternos sacrifícios, eterno esforço, eterna vigilância de si mesmo, eterna persistência para evoluir.

Com Minhas palavras os preparo e os animo a experimentar, já neste mundo, a transcendência de si, para que o fardo lhes seja leve quando partirem desta vida.



Para compreender a vida divina e universal e não encerrar os seus princípios nos conceitos da mente, precisam abrir-se para descobrir a verdade sobre si mesmos. Os mistérios celestiais se revelam para aqueles que se dispõem a estar na Verdade.

Existe um aspecto da Vida Superior que pode ser revelado, mas existe uma segunda parte, que por mais palavras que Eu lhes fizesse escrever em um papel, sejam elas simples ou rebuscadas, não caberia no entendimento humano, e não se expressa com o seu verbo, mas sim com o coração e a vivência mesma.

É assim que tudo o que lhes conto aqui está dentro da medida que podem compreender como estímulo divino para a própria busca.

Quando o Arcanjo Metatron iniciou-Me na escola dos Avatares, e muito meticulosamente ensinava-Me sobre a consciência do Todo, o que é chamado na Terra de autoconhecimento, fui descobrindo aspectos da Criação que o Meu ser experimentava, aos quais ainda não estava unido. Essa foi uma experiência única de Minha consciência.

Pude compreender a amplitude da Criação quando descobri a amplitude de Meu próprio ser. Existiam partes de Minha consciência que já não eram materiais e não se moviam com base nas leis que Eu estava acostumado a viver. Elas eram regidas pelas Leis e Raios Imateriais*. O mental cósmico – assim chamado pelos homens – apesar de fazer

parte do entorno de atuação da lei do livre-arbítrio, está mais unido à Vontade Divina que o mental humano, e aceita e vive essa Vontade sem muitas especulações, pois mais facilmente adere à Lei da Obediência. Ali existem pensamentos, vontades, aprendizados, mas em um nível diferente.

Um dos principais aprendizados que vivi foi controlar o plano mental, sutalizando-o, inclusive além da intuição, para que ele se unisse à Vontade Divina. Para isso, a mente cósmica se esvazia de expectativas, aspirações e vontades e se une à Vontade Universal, ao bem comum e ao Amor do Pai.

O plano mental cósmico, apesar de ter acesso a muitas dimensões e realidades que não lhe correspondem por sua evolução, não as cobiça, como aconteceria na Terra. Esse nível cósmico do ser é mais livre e desimpedido de si mesmo.



Pensar, sentir e viver no universo, não é como na Terra, mas o princípio da Vida é o mesmo. As bases do que se vive neste mundo não foram criadas pela humanidade, foram trazidas do universo, de experiências evolutivas que alcançaram os maiores graus de unidade e de bem comum em toda a vida universal. Porém, isso foi se degenerando e perdendo o sentido, densificando e se perdendo do Propósito. Por isso, apesar de muitos não acreditarem que possa ser assim, no universo sente-se, pensa-se e vive-se; os seres se expressam em grupos familiares, hierárquicos, por linhagens, por raios, por afinidade universal, por afinidade essencial... Os seres crescem, evoluem, acertam e erram, assim como na Terra. O desenvolvimento das criaturas vai muito além da vida humana; sua transformação deve ser permanente.

Pela característica de Meu ser e pela função que deveria cumprir no cosmos, de união com Deus, fui instruído pelo Arcanjo Metatron e

pela própria Consciência de Cristo, depois de Sua Ascensão, nas Leis do Sacerdócio. Mas não apenas no sacerdócio que se conhece neste mundo, e sim no Sacerdócio Celestial, Universal e Crístico; no sacerdócio que atrai o sagrado para toda a vida e que, sob a intercessão do Espírito Santo, atua com o Seu poder e sacramenta a matéria e os elementos em todos os níveis.

O Sacerdócio Celestial, Universal e Crístico constrói-se na consciência pela atração dos raios conhecidos como princípios divinos da Criação e, em cada nível de atuação da energia sacerdotal, uma nova escola se vive nos níveis Celestial, Universal e Crístico. São três graus de sacerdócio que amparam toda a Criação, inclusive além deste universo.

Sobre isso lhes falarei, sobre cada um desses níveis.



O primeiro sacerdócio a existir na Criação foi o Sacerdócio Celestial, quando o Criador dividiu a Sua Consciência em três e despertou em Seus primeiros três Aspectos as Linhagens Sacerdotal, a dos Espelhos e a dos Governantes.

Os Seus três Aspectos manifestaram, ao mesmo tempo, essas três primeiras linhagens. Todos estavam unidos ao Criador e tinham a potestade de sacramentar a vida que viria a existir nas diferentes dimensões que seriam criadas. Todos eram espelhos perfeitos do Único e apesar de serem expressões diferentes de Sua Consciência, atraíam e expressavam Sua Vontade e Seu Pensamento. Todos tinham a potestade de governar com o próprio Poder do Único, levar em si o Seu Nome e não serem reconhecidos como entidades separadas de Deus, porque Eles eram o próprio Deus.

Esse mesmo Sacerdócio Celestial se expandiu a cada um dos Aspectos do Criador, que prosseguiram subdividindo-se nos universos. O Pai

dividiu-Se em muitos Aspectos Divinos, cada um era responsável por uma face da Criação em uma dimensão, em um universo que viria a se manifestar; porém todos unidos pelo Dom do Sacerdócio Celestial, com a mesma Face, o mesmo Deus Único. Inclusive os Aspectos Femininos de Deus expressavam o Sacerdócio Celestial.

Apesar de que, ao se subdividirem, os Seus três Aspectos tenham emanado diferentes linhagens, mais especificamente: o Pai governa, o Filho expressa o sacerdócio e o Espírito Santo espelha; todos Eles guardavam em Si e em Suas expressões a essência das três primeiras linhagens.

Quando a Criação começou a se expressar e em certo sentido se afastava do Pai, de acordo com as experiências que fazia, foi necessário o desenvolvimento de outras linhagens, como a da Cura. O aspecto feminino de Deus emanou uma das faces de Cura e o Filho emanou outra.

O Sacerdócio Celestial também se expandiu para a consciência arcanjélica, a fim de que tivessem a potestade de atrair a Vontade de Deus, sacramentar a matéria que criavam e criar uma ponte entre a Criação e o Criador, para que Seu Princípio Original não se perdesse.

Por essa razão é que, posteriormente, em uma etapa de Minha evolução, fui instruído nas Leis do Sacerdócio pelos arcanjos.



Depois dos Aspectos de Deus, os primeiros iniciados no Sacerdócio Celestial foram os arcanjos. Eles não tinham a mesma potestade que o Criador para criar e recriar no universo, mas sim, através do Sacerdócio Celestial e pelo fato de estarem além da lei do livre-arbítrio, uniam-se à Consciência Divina perfeitamente e tudo faziam em Seu Nome, amparados por Sua Vontade. Assim era no Princípio da Criação, antes do desenvolvimento dos universos e dimensões.

Quando o Arcanjo Metatron iniciava a Minha consciência no Sacerdócio Celestial, era por uma Vontade Superior; para que Eu fizesse o que hoje faço no mundo: chego à Terra em Nome de Deus, como Seu Mensageiro e sou regente de uma parte de Seu Plano para o Cone Sul e também para o Oriente, o que vocês ainda não conhecem.

Para aprender sobre o Sacerdócio Celestial, conheci primeiro a Lei da Unidade e como o Criador Se multiplica em todas as dimensões da Vida sem deixar de ser Único. Aprendi sobre as diferentes manifestações de Deus além deste universo, e sobre como cada uma delas atua para o cumprimento de um Plano de retorno que abarca toda a Criação.

Senti-Me um grão de areia, uma pequena peça deste grandioso quebra-cabeça celestial e cósmico que um dia se desmontou para que as criaturas se desenvolvessem e que agora está voltando a se unir muito lentamente.

Aprendendo sobre o Sacerdócio Celestial, compreendi a grandeza da Vida, porque não apenas neste universo há vida, não apenas para este universo há um Plano. E o Sacerdócio Celestial abarca tudo.

A Minha função dentro deste sacerdócio corresponde ao universo onde estamos, mas para desenvolvê-la, tive de aprender sobre todos os outros universos. Isso Me fazia humilde e pequeno, porque contemplava a grandeza da Criação e mais ainda a grandeza do Criador que rege todas as coisas.

Muito do que conhecem e que acham ser o começo e o fim da Criação não passa de uma pequena parcela de conhecimento relacionado a este universo no qual vivem, porque é o que lhes corresponde saber, esta é a escola que estão vivendo. Mas um dia, além dela, descobrirão a vastidão do cosmos, assim como Eu descobri, e se sentirão grandes e pequenos ao mesmo tempo porque, apesar de serem um grão de areia no deserto, este grão de areia pode transformar toda a Criação.



O Sacerdócio Celestial se estendeu, depois dos arcanjos, às consciências planetárias e solares¹⁹ que foram surgindo em todos os universos; porque esses seres eram responsáveis pelo desenvolvimento do Plano de Deus, em seus respectivos planetas e sistemas solares.

Essas entidades que habitam os universos canalizavam, através do Sacerdócio Celestial, a Vontade de Deus, Seu Pensamento e também o Seu Poder, que os nutria para cumprir com os desígnios divinos. Sendo assim, essa Linhagem Sacerdotal de caráter celestial abarcava diferentes linhas hierárquicas: os Aspectos de Deus, em Seus diferentes níveis e dimensões, os arcanjos, tanto os responsáveis por este universo como por outros, e as consciências planetárias e solares que começavam a surgir nos diferentes universos.

Esse sacerdócio canaliza a Vontade de Deus para a Vida como um todo, para a Existência. É através dele que descendem os princípios primordiais que são comuns a todo ser vivente, em todos os universos, independente do seu aprendizado e das leis que o regem – como a lei da dualidade neste universo local.

O Sacerdócio Celestial une todo o criado em um propósito único e é através dele que, apesar das diferentes experiências que se vivem nos universos, tudo poderá voltar a se unir, porque essa Linhagem Sacerdotal criou este caminho desde o princípio.



O Sacerdócio Universal era aquele que provinha da Consciência Divina diretamente para este universo. Cada universo atrai um aspecto da Linhagem Sacerdotal, no que lhe corresponde como manifestação do Propósito Divino.

Em cada civilização que começava a ser criada, recebendo os arquétipos emanados dos Pais Criadores, sobre algumas consciências descendia a Linhagem Sacerdotal. Assim como a Linhagem dos Sacerdotes, outras linhagens foram tomando forma e vida, como os Espelhos, os Governantes, os Instrutores, os Profetas...

À medida que as civilizações avançavam e sua aprendizagem se desenvolvia, também se construía o corpo das civilizações, e este mesmo corpo se espelhou muitas vezes em povos antigos da Terra, onde havia um sacerdote, um governante, um profeta, um curador, símbolos de guia e condução para todo o povo. Da mesma forma aconteceu no princípio.

Para que cada civilização tivesse uma guia em comum e caminhasse rumo à expressão do Pensamento Divino para todo o universo, existia o Sacerdócio Universal. Eu sou um desses Sacerdotes.

Depois de Minha ascensão como José, comecei a ser instruído na vida sacerdotal e depois da ascensão como Saint Germain, assumi espiritualmente e cosmicamente essa função. Então, essa linhagem terminou de descender sobre Minha consciência e pude aprofundar mais neste ministério que é eterno, sob a guia do Arcanjo Metatron.



Em todo o universo existem sacerdotes que atraem as Leis e os Princípios para cada espaço, cada planeta, cada parte da Criação Divina, para que tudo o que é Vida possa corresponder a certas Leis.

Neste universo local, esses sacerdotes se agrupam em conselhos e, por atraírem os Princípios Divinos, são os responsáveis por cada parte do universo, porque através deles flui a Lei, o que os faz responsáveis pela manifestação e vivência dessas Leis.

Além dos sacerdotes que estão responsáveis pelos conselhos e que formam parte deles, existem outros que, seguindo a Lei da Hierarquia,

são responsáveis por partes cada vez mais específicas da Criação para que, dessa forma, possam assegurar o cumprimento das Leis, as quais eles atraem do Coração do Pai Celestial.

Toda a Vida se expressa pela Lei da Hierarquia, e isso não acontece para que uns tenham mais poder que outros, porque no cosmos se compreende que o único Poder existente é o do Criador e tudo mais que expressa poder é veículo desse Poder Divino.

Dessa forma, a Lei da Hierarquia se manifesta pelas diferentes funções que os seres expressam como instrumentos do Poder, da Vontade e da Lei do Criador.

No Meu caso, aprendi a ser instrumento do Divino para que, como Seu servo, pudesse atrair Suas Leis para o interior do planeta e, dali, sem interferir na lei do livre-arbítrio que aqui se vive, emanar esses princípios para os que estão dispostos de coração.



A Linhagem Sacerdotal é vivida por Graça e Vontade Celestial. Não há na Terra nem no Céu sacerdote verdadeiro que tenha desenvolvido essa linhagem por vontade e impulso próprios. O sacerdócio é um serviço celestial, universal e crístico, que é dado a viver àquelas consciências que têm essa missão espiritual, assim como todas as demais linhagens. Cada uma é única diante de Deus e, pela unidade entre todas, Sua Criação se constrói e se plenifica. Se não houver unidade entre todas as linhagens, não existe Criação.

A Terra é um microcosmos, onde a Criação se recria e onde se experimentam novas coisas com base em princípios que já existem na vida universal; a diferença é que no universo os seres já aprenderam a servir a Deus e aprenderam que sem o Princípio da Unidade⁴ não são nada.

Tudo na Criação, em todos os níveis, se complementa; nada é pleno por si só, pois até mesmo Deus está repartido em Suas criaturas e, na unidade entre elas, expressa plenitude.

O Filho apenas Se plenifica no Pai e tudo o que vem depois se plenifica no Filho, até chegar à menor das criaturas. E, como a Criação é um grande mistério, na menor das criaturas a unidade volta a existir, porque do menor também depende o Criador. Tudo provém d'Ele e todas as coisas dependem d'Ele e, ao mesmo tempo, depois de multiplicado o Seu Espírito, Ele também depende da unidade entre todas as coisas.

Digo-lhes isso para que compreendam que lhes falo do sacerdócio, pois essa foi a linhagem que Eu vivi. Poderia contar-lhes sobre outras linhagens, se as tivesse vivido como missão e expressão espiritual.

Também é importante que saibam que tudo no universo é fruto da Graça Divina e se não houvesse o Amor de Deus, nada existiria. É dessa sabedoria que nasce a humildade universal, e é com base nessa humildade que tudo se renova.



Como Sacerdote Universal, também tive que viver princípios experimentados, em parte, na Terra e que no universo foram se aprofundando. Um desses princípios foi a renúncia.

Para viver a Linhagem Sacerdotal, tive que renunciar a tudo o que Eu era pessoalmente e individualmente, inclusive no que diz respeito à vida espiritual.

Esse princípio de renúncia, Eu experimentei em muitas etapas de Minha evolução e de diferentes formas. Inclusive, quando em etapas anteriores, fui regente deste Centro de Amor – Mirna Jad²⁰ – e renunciei a isso, para cumprir outras funções – em Lysnel²¹ – até que essas funções se plenificaram, o aprendizado foi assimilado e pude retornar, porque era necessário.

Como Sacerdote Universal, renunciava a toda vontade, aspiração espiritual, conceitos e compreensões sobre o Plano de Deus e sua manifestação em diferentes dimensões; porque era estando vazio de tudo isso que Eu poderia estar livre para recepcionar a Verdade, ser portador dela e veículo para que ela chegasse às diferentes esferas da evolução universal.

Tudo isso é um aprendizado que se vive em diferentes etapas e que vai construindo a maturidade espiritual. Uma única experiência de renúncia não constrói esse espírito de vazio; da mesma forma, uma única experiência de santidade – e mesmo como Mestre Ascensionado – não faz uma consciência plenamente unida a Deus Onipotente.

Tudo isso se constrói e se aprofunda nos diferentes níveis do ser e, mesmo quando parece que tudo já está superado, outra experiência ainda mais profunda se vive. Como aconteceu Comigo anteriormente no Centro de Mirna Jad²⁰, que é parte de Minha consciência, de Meu ser, ao qual tive que renunciar em certa etapa para que esse Centro vivesse um aprendizado com todos os Seus membros, e Eu também. Dessa forma, a evolução se enriquece e se amplia, como aconteceu agora, quando Mirna Jad tornou-se um Centro Maior.

Essa renúncia profundamente espiritual, Eu fui aprendendo com o Arcanjo Metatron, porque em verdade, Ele Me ensinava a ingressar na Vontade Divina e a sair da dualidade e do livre-arbítrio, mas em Meu interior, para ingressar nas Leis as quais Ele Me convidava, tive que viver a renúncia em muitos sentidos.



À medida que o ser evolui e desperta em si maiores graus de amor, esse amor vai se direcionando da maneira correta em seu interior e em sua consciência. O amor verdadeiro é o amor ao Plano de Deus, e é dentro deste Plano que a consciência encontra espaço para amar tudo, todos e todas as coisas.

Quando o Criador Me chamou para expressar o Sacerdócio Universal, fui descobrindo um amor cada vez maior ao Seu Plano, e esse amor fazia com que se dissolvesse toda individualidade e fosse incluído o amor pessoal pela Evolução, pela Criação, pela Vida. Fui Me sentindo incluído no Plano e a esse Plano amava com totalidade e loucura – como dizem na Terra. Era dessa forma, que renunciava a tudo, porque na verdade compreendia que Eu estava inserido em um Plano, assim como toda a Criação; e que cada criatura deve tornar-se uma peça insubstituível desse Plano.

Tudo o que é vida tem o seu lugar no Plano de Deus, por isso aprendi a amar todas as coisas, e a renunciar a todas elas; porque sabendo da Perfeição de Deus, tive certeza da Perfeição de Seu Plano e soltei Minha pequenez individual para que, sendo nada, vazio, pudesse ser parte da grandeza divina, partícula de Sua Perfeição, de Seu Plano de Amor.

Dessa forma, o exercício da renúncia não era doloroso, como muitas vezes o é na Terra. O exercício da renúncia era como deixar-se mover pela mão de Deus dentro de um quebra-cabeça, para deixar de ser uma peça solta e passar a encontrar o Meu lugar no Todo. Quando Me senti inserido em Suas Leis, parte do fluxo de luz de Seus Espelhos*, portador de Seus princípios e vi que esse quebra-cabeça expressava melhor a Sua perfeição quando Eu estava no Todo, esse Amor Me inundou e preencheu completamente. Aqui o exercício da renúncia não é um sacrifício, mas uma necessidade: a necessidade de perder a individualidade, de despertar o amor ao Plano e, através desse amor, ser parte de um Todo que expressa a Vontade e a Perfeição de Deus.

Dentro desse desenho que forma o quebra-cabeça, encontram-se todas as linhagens, todos os raios, todas as dimensões, toda a Criação. A plenitude da vida nasce da unidade.



O Sacerdócio Crístico começou a se construir com o nascimento de Jesus. Esse sacerdócio tem como base a renúncia, o sacrifício, o amor incondicional que leva à entrega e à conversão de toda partícula corrupta em algo completamente oposto: o código crístico.

Quando o Criador enviou Jesus para encarnar como o Messias e colocou sobre Ele o Seu Espírito, começou a construir um novo aspecto da Linhagem Sacerdotal porque Jesus, desde muito pequeno, unia as dimensões da Fonte à matéria. Dessa forma, o Sacerdócio Crístico, desde o princípio, dava a possibilidade de que as Leis e Princípios Divinos tocassem todas as dimensões e que a Consciência Divina tivesse o caminho aberto para chegar a todos os aspectos da Criação, por mais corrompidos que eles estivessem.

O Sacerdócio Crístico se consumou na Cruz, quando a Misericórdia e o Amor que emanavam do Coração de Cristo e de Seu Sangue derramado cruzaram as dimensões mais baixas e permearam inclusive os infernos, dando essa possibilidade de conhecer o Amor de Deus àquelas criaturas que se autocondenavam à perdição eterna por suas ações e sua ignorância.

O Sacerdócio Crístico abriu, então, as portas para que a Consciência Divina tocasse com Seu Amor Original todos os níveis da Criação; inclusive além deste universo, em lugares onde – mesmo não se vivendo as leis da dualidade e do livre-arbítrio – também se vivem provas e dificuldades para retornar ao Pai e, em suas tentativas no caminho, as consciências se equivocam e se perdem, às vezes gravemente.



O Sacerdócio Crístico, então, consumou-se na Cruz, quando o Amor superou todos os limites de uma consciência; superou a dor material,

espiritual, anímica, moral, humana, divina... O Amor superou o medo, o orgulho, as expectativas, a individualidade... O Amor superou a ira, a inveja, a dúvida... O Amor superou o próprio Amor, que até então existia em toda a Criação, em todo o universo, em toda a Vida.

O Amor ecoou como um som divino, porém estridente, que rompia as barreiras entre as dimensões, e tudo o que é vida, todo o criado, dentro e fora da Consciência Divina, escutou o eco desse Amor e estremeceu.

As portas para o Sacerdócio Crístico se abriram em todas as dimensões, das mais altas às mais densas – além da matéria – e todas sentiram a potência do Amor e da Misericórdia Divina.

O Criador Se renovou em Seu Filho e não deixou de ser Ele mesmo Quem amava no Coração de Jesus. Cristo era o veículo do Amor de Deus; Ele foi a mão que abriu o Manancial Divino, e Seu sacrifício eterno, também refletido naqueles que verdadeiramente O seguiram, fez desse Manancial infinito e inesgotável.

Até hoje o Amor de Cristo segue superando a si mesmo com ofertas e entregas cada vez mais amplas do Filho de Deus, que transcendeu a morte material e a dualidade da Terra através de Seu Sacrifício, mas que seguiu vivendo sacrifícios universais e superando a si mesmo num crescendo, em relação a tudo o que viveu na Terra.

Ser parte do Sacerdócio Crístico é ingressar nesta Lei de Amor eterno e insondável, que cruza as dimensões e chega a toda partícula de vida, não importa onde e em que condição esteja. Desse sacerdócio, Eu também faço parte.



A Vida Crística, do ponto de vista universal – alcançada depois da Ascensão de Jesus – inclui em si as diferentes linhagens da Criação, ou

seja, ao emergir o código crístico com a entrega de Jesus, ele permeou toda a Vida e mudou o sentido e o destino da Criação.

Todas as linhagens foram contempladas pelo código crístico e, dessa forma, em todas elas se desenvolveu uma vertente de característica crística; como a cura, a instrução, o governo, os espelhos... O código crístico se desenvolveu a partir de cada linhagem, dando a todas as criaturas a possibilidade de expressar-se com base neste Amor único que surgia na Terra.

No Meu caso, vivi o Sacerdócio Crístico aceitando expressar a entrega absoluta e o amor incondicional por toda a vida; o que significa também o sacrifício e a renúncia pelos demais, inclusive quando eles não merecem.

Além do Sacerdócio Crístico, também assumi a Instrução Crística, que não era apenas unir as dimensões e aproximar as criaturas de Deus, mas ensiná-las a trilhar esse caminho, a viver essa entrega e, se possível, a superar o Amor vivido pelo Filho de Deus, para que, assim, tudo pudesse se renovar e não somente Ele se renovasse e superasse a Si mesmo; mas também que aqueles que O seguem e que O seguiram em todos os tempos pudessem fazer vida o Seu exemplo e viver tão grande Amor como Cristo viveu. E, como em toda instrução, não só ensinei e ensino a humanidade a trilhar um caminho, mas aprendo com ela de cada passo dado ou não.



Antes de viver a Instrução Crística, vivi e aprendi sobre os diferentes níveis da Linhagem Sacerdotal. Cada um desses três níveis que aqui lhes apresentei é muito mais amplo e guarda em si um manancial de experiências evolutivas que, quando vividas com plenitude, são de auxílio para a evolução de toda a Vida.

Desde que comecei a expressar-Me em Minhas primeiras experiências na Terra, Meu espírito foi incursionando na Linhagem Sacerdotal, aproximando-se dela muito timidamente, porque assim aconteceu com todas as criaturas; cada ser expressa uma linhagem original e desenvolve outras, à medida que evolui e cresce, à medida que aprende a expressar em si o melhor de toda a Criação.

Mesmo que cada consciência deva oferecer à Criação um aspecto de sua linhagem original, todos devem aprender sobre todas as linhagens para trilhar o caminho da unidade. Assim, veem que este caminho é verdadeiramente eterno e suas aprendizagens são infinitas.

A linhagem original que Eu deveria expressar, como espírito e como ser universal, é o sacerdócio, em suas tantas faces. Por este motivo, comecei a aprender a desenvolver essa linhagem desde o princípio de Minha evolução. Mas foi apenas depois da ascensão como São José, quando uma parte do Amor de Deus despertou em Meu Coração, que comecei a exercer universalmente esta função sacerdotal.



Tudo o que vivia na superfície, ao longo de Minha evolução, se refletia como méritos para a Minha evolução espiritual. Apesar de muitos não perceberem, os passos espirituais que podem dar estão inteiramente ligados às suas ações na vida de superfície.

Para que um ser planetário expresse o que o seu ser cósmico deve expressar originalmente, deve primeiro dar alguns mínimos passos no que Deus espera para ele na vida de superfície. Se a consciência não incursiona na vida evolutiva e não busca vivê-la com seriedade e constância, poucos passos poderá dar o seu ser no universo, e pouco poderá aproximar-se dessa verdadeira missão universal; porque quando os seres encarnam no planeta Terra e decidem experimentar a escola que aqui se vive, devem realizar muitas renúncias, não só no que diz

respeito aos véus em sua consciência, mas também no sentido de depender universalmente dos passos dados pela sua mônada* encarnada e sua alma em evolução na Terra.

No Meu caso, apesar de não ter sido sempre consciente deste fato, na maioria de Minhas experiências fui guiado e protegido de Mim mesmo, para cumprir a Vontade de Deus e não a Minha.

Vocês, filhos, devem hoje ser conscientes disso porque este período, esta etapa da evolução do planeta, necessita de seres mais conscientes e despertos, retos no caminhar ao Propósito Divino, a fim de que o Plano de Deus se cumpra, não apenas no planeta, mas em todo o universo, por meio do espelho de suas consciências que se reflete na vida cósmica.



O sacrifício e o padecimento interior se tornaram necessários para que o homem material compreendesse a essência da Vida Crística, porque essa era a forma que sua consciência poderia aderir ao ato da doação de si e da entrega.

O universo inteiro vive a dualidade, porém na Terra, essa dualidade vive limites extremos, nos quais os seres se veem imersos ou em um grande mal, seja físico, mental, do ponto de vista do poder, das forças capitais... ou em um grande bem, na possibilidade de doar-se completamente, de não pensar em si, nem mesmo na sustentação do próprio corpo.

Ao longo da existência humana, os seres viveram quase exclusiva e absolutamente os extremos, os limites opostos da dualidade, e apenas na evolução cósmica e universal, foram aprendendo sobre as leis do equilíbrio.

Hoje, com o grau de consciência que a humanidade já alcançou, o seu despertar, por mínimo que seja, já pode lhe proporcionar a

possibilidade de encontrar o equilíbrio; porque hoje é necessário vencer a dualidade ainda estando em vida e, para isso, devem encontrar o equilíbrio.

Doar-se total e absolutamente é reconhecer os limites da batalha para saber recuar, recuperar-se e seguir adiante, em um caminho constante.

Quando estive na Terra como São José, aprendi sobre esse equilíbrio e, por mais que Minha parte humana quisesse dar tudo junto de Meu Filho, aprendi a renunciar e a reconhecer que Minha missão deveria prosseguir no universo.

Cristo necessitava quebrar uma barreira entre o velho e o novo homem; entre o homem egoísta e pleno de poder próprio, e o homem que doa de si aos demais. Ele veio para romper na consciência humana o que a impedia de doar-se pelo próximo e amar. Mas, no Seu Retorno, não virá para ser crucificado outra vez, virá para estabelecer o equilíbrio, elevar a consciência e despertar a humanidade para um novo passo, diferente daquele dado no Calvário.

Foi o equilíbrio que aceitei viver como São José, o que colocou a Minha consciência na escola da Instrução, porque Eu deveria ensinar o que Eu vivi.



Saber renunciar e dar um passo para trás fortalece a consciência para que saiba sustentar a outros.

Quando o Criador Me chamou para o Seu lado, sendo Jesus ainda Menino e Maria uma jovem e frágil mulher, venci os temores humanos, a falta de humildade que ainda havia em Mim e aferrei-Me ao poder da fé que nascia em Meu Coração. Confiei absolutamente em Deus e parti em paz.

Foi essa experiência de confiança e renúncia que Me fez despertar também a Linhagem dos Instrutores.

Tudo o que deve acontecer no universo, deve partir também da experiência na Terra. Aqueles que assumem grandes tarefas e que devem ser o sustento de outros, em algum tempo, devem viver, eles mesmos, grandes provas, desafios, humilhações e renúncias para fortalecer o seu espírito e esvaziá-lo de toda condição retrógrada humana.

Esta não foi a única experiência de provação que vivi para ser hoje instrutor, pai e companheiro de todos vocês. No universo, como em outras experiências da Terra, tive que viver uma renúncia após a outra, um desafio após o outro, e assim, cresci e aprendi o verdadeiro valor e sentido da evolução, lapidando aos poucos o Meu interior e tornando-o sagrado, como originalmente ele é.



Para saber instruir, é preciso viver, e para viver, é preciso perder o medo de experimentar e aprender.

Não há instrutor que não tenha sido provado, que não tenha sido antes discípulo, aluno, aprendiz. Assim como não há adulto que não tenha sido primeiro criança, dependente, que teve de ser educada para crescer.

Não há mão que hoje se estenda para a humanidade e que em outros tempos não esteve sustentando o próprio corpo caído no chão. Todos os que os ajudam a levantar, um dia caíram e foram ajudados.

Digo-lhes isso porque o mistério do triunfo de Deus não está na perfeição, mas sim na persistência. Está em não contar apenas com as próprias forças, mas também com a Graça Divina.

Quando o Criador ofereceu-Me despertar a Linhagem dos Instrutores, naquele momento, ainda com a consciência do carpinteiro de

Nazaré, pensei: “Que ensinarei Eu para a humanidade se ainda estou lapidando o Meu próprio ser nesta eterna carpintaria da transformação?” E o Criador Me respondeu: “Ensinarás isso ao homem! Que a transformação é eterna, mas que deve ser constante. A busca pela perfeição é infinita, mas deve ser incessante. Se colocas de ti tudo o que tens e até a tua última possibilidade, servindo-Me com esmero, descerá sobre ti a Minha Graça e Eu te abrirei os caminhos para que sejam Minhas Mãos a obrar, não apenas em ti, mas através de ti. E, nessa experiência de Graça e comunhão Comigo, testemunharás aos homens o milagre da transformação e a plenitude de servir-Me e unir-se a Mim eternamente.”

Eu já havia experimentado a Graça de Deus muitas vezes, em muitas vidas, e naquele momento, Me vi diante de um Amor que é incomensurável e uma Graça que é eterna. Mas vivi e descobri, filhos, que essa Graça chega quando já demos tudo de nós. Se ainda há algo dentro de ti escondido para ti mesmo, entrega-o todo a Deus e, assim, verás que no ápice de tuas impossibilidades, o impossível se converte em possível e o imperfeito encontra a essência da perfeição.

Esse é o testemunho que dou ao mundo e ao universo, porque no Céu como na Terra, há os que necessitam da Graça de Deus.



Instruir, para Mim, era viver, compreender com a Sabedoria de Deus e expressar essa experiência; às vezes através do verbo, às vezes com o silêncio, às vezes com o olhar, às vezes com as ações.

Para chegar a ser Instrutor, depois de encarnar como São José, ao mesmo tempo que segui encarnando na Terra e aprendendo mais sobre a condição humana, sobre a entrega da vida e a busca pela divindade que está oculta na matéria, também segui experimentando no universo, aprendendo com diferentes aspectos da consciência sobre a Criação

Universal; passei por diferentes civilizações, mais como observador do que atuante. A primeira delas foi Andrômeda.

Assim como preparei o caminho para Cristo na Terra, também o preparei no universo e, com Minha experiência de paternidade, abria as dimensões para que, depois de Sua Ascensão, Ele pudesse ter uma nova Morada.

Muito do que aprendi, tinha sua raiz na vida de Jesus. Do universo, Eu O observava atuar na Terra e, atento a cada um de Seus Passos, bebia da fonte de Sua Sabedoria e Me abria para essa forma de amar completamente desconhecida no universo. Ao mesmo tempo, percorria civilizações e raças e observava quais as suas necessidades, o que lhes faltava e compreendi porque existia o projeto da Terra, como esse projeto deveria suprir o que a estas civilizações estava faltando.

Tendo passado por essa experiência, pude unir o que via no universo com o que Eu ainda estava vivendo em encarnações posteriores a São José de Nazaré. E nessas encarnações, buscava um caminho que Me levasse ao desenvolvimento do Amor, tentando acompanhar a evolução da humanidade. Até que o Criador considerou que Eu poderia dar maiores passos a partir de níveis mais internos e poderia ajudar melhor observando de fora e sem tantas batalhas com as influências terrenas que permeavam até as células humanas. E assim o fiz.



Aos poucos fui aprendendo que, para instruir, era necessário persistência.

O tom de cada um de Meus aprendizados mudou quando o Criador Me ofereceu desenvolver a Linhagem dos Instrutores, porque agora, tudo o que aprendia não era apenas por Mim, mas por toda a humanidade. Assim sendo, vivia essa responsabilidade consciente em todos os níveis de Meu ser, no universo como na Terra e além dela.

A responsabilidade e o Amor de Deus Me faziam perseverante. Deus dá grandes responsabilidades àqueles nos quais confia, por mais imperfeitos que sejam, porque os Seus Olhos estão na Verdade e não na aparência. Então, Eu buscava todos os dias isso em que Deus confiava; isso no que Ele tinha os Seus Olhos postos, e pelo que Me havia chamado para instruir e guiar, em Seu Nome, parte de Sua Criação.

Comecei então uma árdua busca pela Verdade, pela própria Verdade interior – por expressar, viver e ser esta Verdade. Por isso, hoje lhes ensino isso.



Todas as linhagens necessitam que os seres estejam vazios de si para que possam se expressar, mas a Instrução une em si muitos aspectos de outras linhagens e necessita dos seres uma entrega ainda mais pura e verdadeira.

O ato de instruir não é apenas transmitir informações, ou guiar as consciências com base no que se aprendeu e experimentou ao longo da evolução. A Linhagem dos Instrutores é uma missão de conduzir as essências de volta ao Criador, ao Único. Por esse motivo, é uma linhagem que reúne em si princípios sacerdotais de atrair do universo a Vontade Divina; assim como princípios da Linhagem dos Espelhos de transmitir e comunicar, não apenas às mentes cósmicas e planetárias, mas também aos diferentes níveis conscientes dos seres – já que tudo em um ser é vida: desde as células até a mente pensante, a alma e o espírito.

Um instrutor tem de ser governante de si mesmo, ter autocontrole com a própria vontade e pensamento para saber guiar as almas no sentido correto e não de acordo com a própria vontade. Muitas vezes um instrutor contraria a própria vontade.

Um instrutor também tem princípios da Linhagem dos Profetas, porque internamente, e muitas vezes inconscientemente, prevê os fatos para guiar os seres, encontrando em seu interior, parte do Plano de Deus escrito para as consciências, ou mesmo lendo interiormente no livro do carma e instruindo os seres, segundo as suas possibilidades de viver a instrução.

Tudo isso, fui aprendendo e vivendo com o tempo, com a constância, até que se tornasse o mais natural possível.



Instruir é também aprender e, como todo aprendizado, contém erros e acertos, momentos de clareza e sabedoria, momentos de escuridão e incertezas.

Confesso-lhes, como pai e amigo, que um dos grandes desafios de instruir a humanidade, além de observar as injustiças do mundo e depender do livre-arbítrio para atuar²³, é ver descender sobre as almas e sobre o planeta a Justiça Divina, sabendo que essa Justiça chega porque os homens não abriram os olhos, não aceitaram aprender com base no amor, não transformaram suas vidas, não clamaram pela Divina Misericórdia para equilibrar os seus erros e ajudá-los a prosseguir.

O maior aprendizado que vivi como instrutor, o qual muitas vezes ainda vivo, é acompanhar o mundo com neutralidade e sem intervir diante da Justiça Divina.

Depois de ter sido pai de Jesus e ter renunciado a acompanhá-Lo e protegê-Lo, mesmo sabendo o que Ele viveria quando adulto, assumi a paternidade de cada alma, e assim como tive que assistir à Paixão de Cristo sem intervir, hoje assisto à paixão do planeta e muitas vezes não posso interceder pelas almas, porque devo respeitar e cumprir as leis que regem o universo.

A grande diferença entre a Paixão de Cristo e a paixão planetária é que Meu Filho carregava uma Cruz que não Lhe correspondia; Ele assumiu os pecados do mundo para que a humanidade pudesse continuar existindo. Enquanto que, na paixão do planeta, a humanidade carrega uma cruz que sim Lhe corresponde, porque para muitos não foi o suficiente a Cruz carregada por Cristo. Então, pela Lei e pela Justiça, devem hoje carregar a própria cruz.

A grande dor de Meu Coração, digo-lhes, é saber que tudo poderia ser diferente com o simples sim do coração humano. A humanidade, em geral, não quer viver atrocidades e despertar a ira, mas tampouco quer renunciar a tudo aquilo que alimenta o egoísmo e todas as forças capitais que atraem a Justiça e afastam a Misericórdia de suas vidas.

Dessa forma, confesso-lhes que instruir é renunciar constantemente. Digo-lhes isso para que, em nome de Deus e de Seus Mensageiros, sejam perseverantes em seu caminho e gerem méritos para que a Misericórdia desça sobre o planeta, porque apenas o seu clamor, o clamor do coração humano, pode abrir-lhes as portas.



Para instruir, Me dispunha sempre a aprender em todos os níveis de Minha consciência.

A princípio, a instrução que Eu brindava ao Plano de Deus se restringia à humanidade. Com muitas faces, com muitos aspectos de consciência e em diferentes dimensões, trazia impulsos para a evolução humana e, através do resultado desses impulsos, Eu também crescia e dava passos espiritualmente.

Um aprendizado espiritual não se assimila da mesma forma como a humanidade costuma aprender. Não é pelo triunfo dos alunos e discípulos que o instrutor ascende; mas, sim, quando, apesar de haver

fracassos e quedas, a consciência assimila o aprendizado. Por exemplo, poderia dar um impulso a determinado ser e ele não o seguir, não responder e o ignorar e, em um determinado momento, esse ser se vê em uma grande queda, em um abismo espiritual, por não ter seguido os impulsos internos que chegaram até ele. Então, ali, nesse abismo interior, o ser compreende o que aquele impulso trazia e o que queria evitar. Com essa experiência, o aprendizado é assimilado e também Eu cresço, porque observo que a determinadas formas de instrução, certas consciências não respondem.

A imprevisibilidade da consciência humana nos faz crescer muito como instrutores porque, para cada coração, existe uma infinidade de formas de aprender e de dar passos; nós temos que descobri-las e aplicá-las. Dessa forma, a Linhagem da Instrução foi Me levando por caminhos evolutivos diversos, até que cheguei a compreender que, para guiar, deveria estar ainda mais unido à Consciência Divina, ao Pai, porque a diversidade existe, pois Ele criou algo único e perfeito para cada ser e, a imprevisibilidade humana existe, porque, em verdade, nós não conhecemos a perfeição que cada criatura manifesta e que tem um caminho para se expressar.

Essa descoberta fez crescer em Mim o amor ao Plano, a Deus e a cada uma de Suas criaturas.



A condição de Instrutor e Sacerdote foi Me aproximando de Deus, porque Me ensinava a amar cada dia mais Suas criaturas e, sobretudo, Seu Plano para cada uma delas e Sua perfeição existente em suas essências, que vez por outra, pode manifestar-se.

Depois de ser instruído pelos arcanjos e avançar no aprendizado do vazio de si, foi o próprio Deus Criador Emmanuel, que aprofundou Minha instrução. Nesse novo ciclo evolutivo, estive novamente junto

à consciência de Maria, em Sua máxima expressão de Divindade, e a Cristo, como Rei e Senhor de toda a Criação.

Foi a partir daqui que começou a gestar-se a Missão que hoje os três Mensageiros Divinos levam adiante no planeta, cada um ofertando à humanidade um grau de amor diferente, através de Sua própria experiência de entrega e unidade com Deus.

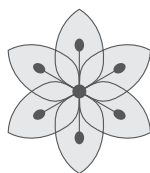
Assim como Eu, Cristo e Maria viram crescer um amor absoluto pela humanidade, pelo Plano de Deus e pela perfeição do Pai em Seus filhos. Depois que ambos passaram pela Terra, esse amor Lhes marcou o Espírito e, compreendendo a condição humana, hoje podemos ajudar a humanidade.



Capítulo 9



Cruz Azul de Emmanuel - Centro Mariano de Figueira
Minas Gerais, Brasil



Para ser instruído pelo próprio Deus, Emmanuel, tive que viver uma preparação interior que Me fez descobrir que ainda havia dentro de Mim muitos medos; medos que não eram humanos, medos espirituais. Medo de estar diante de uma oportunidade única e que colocaria sobre o Meu ser uma responsabilidade também única.

Nem todos os seres do universo são instruídos pelos arcanjos, assim como nem todos – diria quase nenhum – são instruídos por Emmanuel. Ser instruído por Deus representa uma ampliação de nossa missão como consciência; significa que não apenas atuaremos neste universo, mas também em outros porque existem mestres e guias que correspondem ao universo local, e Eles sim são instruídos pelo arcanjo que está responsável por este universo, o qual lhes transmite a parte do Plano de Deus necessária para conduzir os seres ao cumprimento do Plano.

O que acontece é que o projeto da Terra, apesar de estar neste universo, influencia muitos outros e o seu triunfo também gerará benefícios evolutivos para partes remotas da Criação, desconhecidas para as criaturas do universo no qual vivemos.

Eu represento para Deus uma parte da concretização de Seu Plano e, como um serviço, deveria ajudar outros a que pudessem alcançar e superar esse nível de concretização e expressão do cumprimento da Vontade Divina. Por isso, em um determinado momento de Minha evolução, o próprio Deus chamou-Me a aprender com Ele.



A primeira coisa que aprendi de Deus foi observar as essências e ler o potencial e a missão de cada uma delas, para então guiá-las, segundo a Vontade Divina. O Criador Me demonstrava dia a dia como se ama e como se encontra nas criaturas a perfeição de suas essências.

Aprendi sobre as leis, aquelas que nos ajudam a interceder pelas almas e aquelas que nos pedem para observar e acompanhar em silêncio. Descobri que no Projeto Humano*, como em toda a Criação, Deus Se mostra e também Se esconde, tudo por Amor aos Seus filhos, porque cada ação Sua é Amor, inclusive a Sua Justiça.

A grande Obra de Deus é Amar e transcender as aparências de Seus filhos para encontrar sempre a Verdade. E o grande pesar do Pai e de todos aqueles que amam com o Seu Coração é ver que muitas essências se perdem por não aceitarem tudo o que Deus lhes oferece.

Compreendendo o Amor de Deus, que habita em tudo, inclusive na Justiça, pude compreender melhor as provas que a humanidade viveu e as que ainda estariam por vir, sabendo assim como levantar do chão, na hora certa, cada um de Seus filhos.



O grande pesar de Deus não era Seus filhos viverem na ilusão, porque vencer a ilusão era parte de Seu projeto, por isso era natural que Seus filhos estivessem submersos em tantas energias que os separavam da Verdade. O pesar de Deus era a indiferença de Seus filhos quando, apesar de tanta ilusão, sentiam a Verdade e a ignoravam, não a buscavam, não se interessavam por ela.

O Criador deixava, muitas vezes, que Seus filhos O sentissem para que eles compreendessem que há um Pai que os ama e os aguarda

retornar, para que eles compreendessem que por detrás da ilusão há uma Verdade, detrás do corpo há uma essência, há um espírito. Tudo isso Deus deu a sentir aos Seus filhos e, a alguns deles lhes mostrou a Sua própria Face, lhes falou com Seu Verbo Divino e os amparou com Suas Mãos. Ele demonstrou às Suas criaturas que a vida tinha um sentido, um motivo perfeito de ser, assim como cada criatura. Mas, muitas vezes, os Seus filhos não O escutavam.

O próprio Criador é chamado a não perder a esperança. Em essência, Ele sabe a Verdade, Ele sabe o fim de todas as histórias que se escrevem com a evolução das raças e apenas espera – às vezes silencioso, às vezes em oração – que estes Planos se concretizem.

Foi com o Pai que Eu aprendi a não perder a esperança e a alimentar a Fé com a certeza da Verdade; saber que por mais imperfeitas que aparentem ser as criaturas, elas provêm de um Deus Perfeito e ocultam em si essa Perfeição. E, seja pelo Amor, pelo sofrimento ou pelo despertar, as criaturas um dia saberão que esta Verdade estava dentro de si.



Com o passar dos aprendizados, fui compreendendo o Amor de Deus por Sua Criação e, mais do que isso, fui sentindo a essência de cada um de Seus projetos. O Criador Me deu a conhecer outras humanidades e como, em realidade, elas se complementavam, e que cada projeto Seu era como uma peça de um grande quebra-cabeça celestial.

Cada humanidade guardava em si um atributo único e, para que ele se manifestasse com plenitude, era necessário que cada ser desse projeto expressasse aquilo que Deus pensou para ela e colocasse isso disponível para a construção do Plano.

O Criador assim Me mostrava a importância de cada um de Seus filhos, por isso os havia feito únicos; porque a essência de todos os

Seus projetos apenas se expressava quando os seres eram capazes de viver, entre si, a unidade.



Quando Deus criou o Projeto Humano* e, com a ajuda dos arcanjos, o manifestou na mais densa das dimensões, tinha em Seu Paterno Coração uma grande esperança. Depositou naquelas criaturas um potencial único de amar, de criar, de unir as dimensões, de unir-se a Ele. Porém os colocou no lugar mais distante de Seu Reino, em planetas onde seriam provados com toda sorte de energias capitais* e seriam estimulados e levados para direções opostas ao Coração do Pai. Chegariam a esses planetas com os véus na consciência, sem conhecer o seu passado, quem verdadeiramente são, qual é a sua missão e qual o potencial que guardam para cumpri-la.

Sendo assim, aquele que vencesse todos esses obstáculos e, acima de tudo, sob o espírito da humildade, vencesse a si mesmo, seria digno de cruzar todas as dimensões e unir a Criação desde os níveis mais baixos até a Consciência Divina, dando assim a permissão para que, pelos méritos gerados em sua vida, todas as criaturas tivessem a oportunidade de continuar evoluindo e de retornar ao Pai.

Apesar de muitas humanidades terem desaparecido e outras terem evoluído, sem ter como base o Amor Crístico, a Esperança do Pai jamais se desvaneceu e Seus Olhos permaneceram fixos sobre a Terra.

Quando estive junto a Deus, aprendendo e sentindo com o Seu Coração, o Criador Me deu a conhecer muitos segredos, e o maior deles foi a Sua Esperança. Cada humanidade chegou a um ponto, mas o seu propósito ainda está por cumprir-se. Sua Fé hoje se põe em todos aqueles que reconhecem o exemplo de Seu Filho e em todos os que acreditam no Amor.

Quanto mais próximo Eu estava de Deus, mais era imbuído da certeza de Seu Plano, porque cada dia mais compreendia a perfeição que habita nas criaturas, ainda que elas não o saibam.



Quando compreendi o Projeto Humano* mais profundamente, também compreendi um mistério universal da Criação Divina, que era enviar ao planeta espíritos antigos, com um desenvolvimento mental e interior avançado, acostumados com a vida de suas civilizações, onde tudo parecia ser alcançável através da ciência e da sabedoria, onde existia o bem comum, mas lhes faltava algo: faltava-lhes a experiência do Amor. E, ainda com todo esse desenvolvimento universal, quando esses espíritos chegassem à Terra, com os véus na consciência, deveriam descobrir que o Amor, em verdade, se encontra nas coisas mais simples. Não é a ciência, nem a sabedoria que revelam o Amor; não é a grandeza humana, as posses, a idade física ou evolutiva que revelam o Amor. O Amor nasce no coração dos que conseguem ser puros, livres de si e de tudo, para amar o próximo mais do que a si mesmos, para amar a Deus e Seu Plano, acima de todas as coisas.

Muitos espíritos que chegaram à Terra, ainda que tivessem véus na consciência, foram buscando, no inconsciente, recursos para evoluir e repetiram as mesmas experiências que viveram no universo, de uma forma ainda mais precária, porque a Terra não tem as mesmas condições evolutivas que suas civilizações de origem têm. Muitos não descobriram o valor da simplicidade, e quase nenhum descobriu o valor da humildade e do vazio de si.

Existem muitas filosofias e muitos buscadores delas, mas poucos com uma experiência verdadeira do que leem em seus tantos livros, e mesmo do que sentem viver em seus corações, porque buscaram dentro de si o caminho equivocado.

Muitos pensam apenas em adquirir conhecimento, sabedoria, santidade, virtudes e, apesar de serem desejos espirituais, não passam de desejos humanos.

Tudo isso, compreendi estando ao lado do Criador, por isso hoje venho lhes ensinar a encontrar um caminho verdadeiro e uma forma verdadeira de viverem o que tanto aspiram: o Caminho Crístico.



Deus tinha um Amor especial por cada uma das humanidades que havia criado. Cada uma delas tinha em si a possibilidade de renovar a Sua Criação e, quando algumas foram se perdendo e se autodestruindo, o Criador as observava com pesar, mas não com desesperança. Ele confiava no potencial oculto no interior de Seus filhos e cada vez que um planeta se autodestruía, Deus dava àqueles espíritos uma nova oportunidade em outro planeta, em outra humanidade, para que, enfim, o Seu projeto, o Seu milagre, pudesse concretizar-se nessas consciências.

Até que restou apenas o planeta Terra, que estava em vias de evolução, muito lentamente. Neste planeta, o Criador congregou todos aqueles espíritos que haviam destruído seus planetas em etapas anteriores. Alguns deles foram para níveis mais internos²⁴, onde poderiam aprender, observando a evolução de seus irmãos, e onde não causariam tantos danos à consciência terrestre, apesar de serem um grande peso espiritual para o planeta.

Sempre que uma alma dava um passo no caminho crístico, por menor que fosse, essas consciências nos mundos internos do planeta viviam um aprendizado mínimo e, dependendo de sua abertura, também davam um passo, porque compreendiam a essência da vida evolutiva.

Quando restou apenas o planeta Terra, em uma evolução primitiva, porém sendo parte do Projeto Crístico, o Criador decidiu colocar toda

a Sua atenção, Sua Graça nele. E, no que fosse possível, segundo os passos da humanidade, impulsionaria esse projeto com o melhor que havia no universo. Porém, apesar de tudo isso, seguiria dependendo de cada ser humano aceitar o caminho da vivência do Amor e vencer essa batalha constante contra as forças retrógradas. Dada tamanha Graça e impulso celestial, de acordo com a Lei, essas forças também puderam fortalecer-se e crescer, para que a oposição fosse equivalente a tudo o que Deus enviava, e os seres humanos tivessem que superar um grau de dificuldade que os elevasse e os fizesse cruzar as dimensões, como lhes ensinou o Filho Primogênito de Deus quando encarnou na Terra.



Quando o Criador colocou toda a Sua atenção sobre a Terra, o universo O acompanhou, ainda que muitos não tivessem conhecimento sobre o Seu Plano, e não compreendessem em que radicava tamanha esperança no projeto para essa humanidade, aparentemente tão menos avançada que todas as civilizações do cosmos. Porém, mesmo ainda sem compreender, aqueles que seguiam as Leis de Deus, o faziam porque confiavam no Criador e sabiam que Sua Vontade é sempre a melhor para a evolução de toda a Criação, e não apenas de algumas poucas criaturas.

O que chamou atenção no Projeto Humano* da Terra era que se esperava algo mais que o bem comum e a fraternidade. E, quando o Filho de Deus esteve entre os homens, para dar-lhes um exemplo, em muitas instâncias, Ele sacrificava diversas almas pela salvação de uma só. Um dia, acompanhando do universo a evolução de Jesus, um dos mais fiéis filhos de Deus Lhe perguntava por que Jesus fazia isso e qual era o sentido de arriscar tantas almas pela salvação de uma só. E o Criador nos explicava que este era um ato de Amor Crístico, e que não estava direcionado a um indivíduo, mas a toda a Criação. Jesus amava além do bem comum e esse Amor que d'Ele emanava chegava a todas as

almas e essências, inclusive além do universo, apesar de, muitas vezes, parecer que as abandonava.

E o Criador mostrava: “Vê, esse ato de Amor para com aquela alma, ensinou todas as outras – aparentemente abandonadas – a renunciarem a si mesmas por amor a outros. Esta é a essência do Amor que abre as dimensões. Essa é a essência que os faz semelhantes a Mim. Porque, Eu, Filhos, aparentemente, coloquei em risco todo o universo para que os piores dentre Meus Filhos, os que menos mereciam, tivessem uma oportunidade de amar. A Terra é fruto de um ato de Amor do Criador para com as Suas criaturas e deve espelhar esse ato em sua evolução.”

Assim Ele nos explicava.



O Plano de Deus sempre foi desconhecido para o universo. Apesar de que cada criatura pudesse saber aquilo que em parte lhe cabia manifestar, a essência do Pensamento Divino nunca deixou de ser um mistério.

Muitas vezes, Seus filhos, servos e companheiros, tinham que obrar sem compreender bem para que o faziam, nem qual seria o resultado desta Obra. E, enquanto para todo o universo esse projeto parecia uma constante experiência, cujos resultados eram sempre imprevisíveis, para Deus parecia estar tudo escrito e tudo cumprido, desde os aparentes fracassos até os maiores triunfos.

O Criador observava com paciência a autodestruição das humanidades anteriores e reposicionava os espíritos para uma nova oportunidade. Mesmo na Terra, observava em silêncio cada vez que o homem se desviava do caminho do Amor e escolhia o sofrimento e a escuridão.

Seu silêncio falava mais alto que o mais forte estrondo que podia ressoar em todo o cosmos. A intensidade de Seu silêncio detinha a vida

em todo o universo, porque todos respeitavam e esperavam para saber qual a razão do silêncio divino, e o que Ele queria dizer à Criação.

Por vezes, o silêncio de Deus se fazia sentir. Às vezes, trazia pesar, em outras trazia alegria.

O olhar do Criador se expressava como um sentir em toda a vida universal. Muitas vezes as criaturas não O viam, mas sabiam que os Olhos de Deus estavam postos sobre elas e esse olhar falava por si só.

Deus, que criou o Verbo, fala em silêncio. Sua comunicação é a mais ampla de toda a Vida, porque não se limita às palavras e aos conceitos. E o grande mistério de tudo isso é que os seres humanos, com todo o ruído que aparentemente fazem em todo o planeta, guardam em si a possibilidade de se comunicar com Deus em Seu idioma: o silêncio.

A esperança e a alegria brotavam do Coração do Pai como um sentimento divino que se fazia sentir em todo o cosmos quando um de Seus filhos silenciava verdadeiramente e O encontrava em seu interior. Era como se as dimensões se unissem desde o mais material até o mais sublime e, por um instante, o Seu Plano se cumpria. Durava segundos no tempo da Terra, mas se fazia eterno no Coração de Deus.



O silêncio de Deus revelava o Seu Amor pela humanidade. Cada pequeno passo que um ser humano dá na Terra é sentido no universo por meio da alegria que emana o silêncio de Deus. Da mesma forma, cada grave erro é sentido no universo pelo pesar que emana o silêncio de Deus.

Se os homens O buscassem e procurassem estar em Deus, compreenderiam a essência deste projeto; poderiam comunicar-se com o Criador, escutar d'Ele qual a Sua Vontade e como dar os passos corretos, na direção correta.

O silêncio de Deus fala naturalmente no coração humano quando este se abre para buscar algo superior e aquilo que busca ingressa em seus corações.

Para falar com Seus filhos, o Pai necessita de que seus corações estejam abertos, disponíveis e dispostos a buscar e a encontrar o Pai e saber d'Ele qual é a Sua Vontade.

Se as criaturas não buscam o Criador e não se interessam em conhecê-Lo, saber a Verdade e vivê-la, Deus não pode fazer outra coisa, senão observar a humanidade e aguardar.

Para encontrar a Deus hoje, verdadeiramente, é necessário imbuir o próprio ser da certeza de uma Vida Superior; da certeza da existência de um Plano que transcende o cotidiano comum da humanidade; da certeza da existência do cosmos e de tudo o que nele habita; da certeza da existência de Deus e que Ele os aguarda em silêncio. Só dessa forma, e imbuídos por essa certeza, encontrarão forças para rever as prioridades na vida e ter a busca por Deus como o mais importante de sua existência e, sobretudo, da experiência na Terra.



Ao longo da evolução humana, as forças retrógradas foram degenerando a consciência da humanidade e o sentido sagrado do silêncio. Sobretudo nos tempos modernos, o silêncio é algo fora do comum, considerado monótono, que causa tédio, angústia e traz tristeza.

A tristeza que os seres humanos sentem quando silenciam é o verdadeiro estado de suas almas e espíritos, que nesse momento se revela. Aquele que teme o silêncio é porque teme encontrar-se consigo mesmo e reconhecer a realidade na qual se encontra.

Uma alma que reconhece o poder do silêncio verdadeiro não pode jamais ser a mesma. Quando se ama o silêncio, a consciência alcança

estados cada vez mais elevados de si mesma até chegar à comunhão com Deus.

Falo de um silêncio espiritual, mental, físico e anímico; um silêncio que transcende o ato de fechar a boca e não mover as cordas vocais, porque esse silêncio é conhecido por muitos e isso não os faz Um com Deus, em perfeita comunhão.

Quando estive na Terra, experimentei algumas vezes este silêncio verdadeiro, mas apenas o compreendi perfeitamente quando estava ao lado do Criador e Ele mesmo Me revelou a essência e o valor do silêncio. Naquele momento, compreendi uma grande chave para a evolução humana e, por isso, tento lhes ensinar esta arte sagrada de encontrar o silêncio.



O Criador, que é o Princípio de Tudo, emana silêncio, comunica-Se em silêncio muito mais amplamente que com o Verbo.

O Verbo foi a primeira coisa a ser emanada do Único: O Som, como vibração, como raio, como cor, como luz.

Depois do Verbo, vieram todas as coisas e, para que todas as coisas retornem ao Único, devem fazer o caminho inverso do trilhado até então: O Verbo, que era sagrado e puro, emanação do silêncio profundo de Deus, foi degenerado e deve voltar a ser sagrado.

O silêncio não é a ausência de sons, porque existem sons que conduzem ao silêncio. São esses sons que as criaturas devem aprender a manifestar. São com esses sons que o coração deve construir o caminho de retorno, até ir encontrando o verdadeiro silêncio.

Quando a alma expressa um som, uma música e a preenche de verdadeira reverência, de verdadeira aspiração de elevar-se e unir-se a Deus, por mais que seu canto se faça ouvir, ele conduzirá ao silêncio.

Antes de retornar ao silêncio, o verbo deve ir se sublimando, transformando, retornando ao sagrado. Antes que isso aconteça, não conhecerão o verdadeiro silêncio. Poderão fazer o exercício de silenciar, como uma busca ao silêncio de Deus, mas, esse silêncio, apenas o encontrarão quando o seu verbo se torne sagrado.

O verbo é o símbolo do ato de criar; o verbo é o símbolo daquilo que é emanado, que abre novas portas, que atrai algo, segundo sua pureza e condição. Sendo assim, para encontrar o silêncio, não apenas a boca deve emanar o sagrado, mas também a mente, as emoções, os movimentos, o coração. Todo ser é criador. Tudo o que os faz semelhantes a Deus deve ser sagrado.

Todo potencial que têm como humanidade, e que está sendo usado quase sempre para degenerar a essência do Projeto Humano*, deve voltar a ser sagrado, e é assim que encontrarão a essência do divino silêncio do Criador.



Não apenas Eu aprendia do silêncio de Deus; toda a Criação aprendia com esse silêncio. Todos os mestres e guias, aos quais cabia conduzir parte dos filhos de Deus, aprendiam com o Seu silêncio e reconheciam os momentos que eram apenas para estar em observação e não pronunciar uma só palavra porque o silêncio, naquele instante, falaria mais alto e forte que o verbo.

Descobrir o silêncio de Deus foi algo que não só tocou o Meu espírito, mas o transformou profundamente.

Houve muitos momentos nos quais o Criador Me chamava para observar com Ele o Projeto Humano, e Ele apenas silenciava. Seu Coração permanecia manso diante da indiferença da humanidade. No profundo do Criador, a Sua Paz e o Seu Amor são inalteráveis.

Ele queria ensinar-Me a ser intercessor entre as almas e cada um de Seus Aspectos para que todos pudessem conhecer o Pai. E para isso, Eu precisaria não somente conhecer os homens, mas também a Deus. Foi por esse motivo que, depois de ter experimentado amplamente a vida na Terra, fui chamado para estar ao lado de Deus, junto a Seu Filho e a Sua Santa Serva Celestial.



O Criador não Me explicava por que havia Me chamado, dentre tantas criaturas. Mas, observando o Seu Amor por tudo o que foi criado, Eu percebia que Ele dava as mesmas oportunidades a todos, mas nem todos as recebiam da mesma forma.

Não há predileção no Coração de Deus. Ele tem um plano perfeito para cada um de Seus filhos, e é da expressão dessa perfeição que nasce a manifestação de Seu Plano para toda a humanidade, para toda a Vida.

Compreender esse mistério aprofundava em Mim o sentido da humildade, porque Eu reconhecia a verdade que é a igualdade existente entre todas as criaturas. Não há maiores ou menores; há apenas aqueles que aceitam os dons de Deus e se abrem para fazê-los crescer e aqueles que os ignoram e até os degeneram, por sua ignorância.

Aqueles que rejeitam um dom de Deus é porque não conhecem a Verdade e não conhecem o Amor; apesar de muitos seres se considerarem donos da verdade e experientes no amor.

Aqueles que não são humildes e que não se deixam transformar por Deus é porque ainda vivem um grau de ilusão e de ignorância que os impede de chegar à Verdade.

A humildade não é um dom extraordinário no coração de poucos. A humildade é um fato no coração daqueles que se unem à Verdade,

porque simplesmente sabem que grandioso é apenas o Criador. Tudo o que está abaixo d'Ele existe para se unir e, expressando a unidade, retornar à Origem. Se um de Seus filhos não compõe essa unidade, o retorno nunca estará completo. Tudo e todos são importantes aos Olhos de Deus. O orgulho, em verdade, é o resultado da ignorância, do distanciamento da Verdade.

Quando o coração transcende as necessidades de afirmação na matéria, em todos os níveis, e vai ingressando no conhecimento da Vida Superior, tudo o que antes lhe afligia se torna pequeno e simples. A consciência reconhece a Verdade e nela descobre que a humildade simplesmente está, porque a ignorância está ausente.

Compreender esse mistério ao lado do Criador foi para Mim vital para instruir a humanidade. Por este motivo, nestes tempos, buscamos tanto levá-los ao despertar para a Vida Superior, porque assim retiram a consciência dos enredos da ilusão e da ignorância terrestre, e tudo estará em vias de se cumprir.



A Verdade de Deus Me era compreensível e o Seu Amor ecoava dentro de Meu Coração porque Ele estava em Mim. Enquanto Deus Me mostrava as diferentes realidades do planeta e de todo o cosmos, fazendo-Me perceber o Seu Amor pela Vida, aquela parcela de Sua Consciência que habitava em Mim desde o princípio – como em todas as criaturas – começou a se manifestar. Era como se, ao escutar Suas Palavras e sentir Sua Presença, Ele fosse nascendo e desenvolvendo esse princípio que havia em Minha consciência.

Deus em Mim era semelhante a um pequeno feto adormecido, que despertou ao ouvir Sua Santa Voz e começou a se desenvolver e a se preparar para nascer. Era um princípio muito pequeno e escondia, em sua pequenez, a semelhança com o Pai.

Assim como um feto está longe de expressar o que é como homem e como consciência, essa Presença Divina em Meu interior também estava distante de sua expressão verdadeira. Eu ouvia a Voz de Deus e O sentia despertar em Meu interior, como uma vida nova.

Oh, quantas vezes Eu despertei, em toda a existência, deste sono que se vive em tantos planos! A evolução humana se distanciou tanto da Realidade, que é preciso despertar muitas vezes. E quando pensamos estar perto da Verdade – porque estamos ao lado do Criador – um novo despertar se vive, uma nova vida começa, e só então começamos a ver, no horizonte, o plano de retorno à Origem se cumprir.



Quando se fala em retorno à Origem, muitos pensam apenas em retornar àqueles lugares nos quais estiveram antes de chegar à Terra para servir e viver a redenção.

É transcendendo a vida que a consciência compreende que o retorno à Origem é um caminho eterno, que se trilha além da Terra, inclusive do universo. Um caminho para o qual todas as criaturas são chamadas, porque da Origem partiram e para ela devem retornar.

O retorno à Origem é o símbolo da vivência da unidade entre toda a Criação. Tudo na evolução verdadeira os leva à unidade consigo mesmos, com o próximo e, por fim, com Deus.

O retorno à Origem apenas se estabelece quando tudo o que foi criado retorna ao Pai, na expressão perfeita da unidade. E é assim que até Deus mesmo Se renova, porque Ele será renovado pela evolução de Seus filhos.



Foi permanecendo ao lado de Deus que compreendi a essência perfeita de Sua Criação. Compreendi que o retorno à Origem começa dentro das criaturas, inclusive no universo material.

É possível retornar espiritualmente à Fonte, estando ainda em vida, e depois trilhar esse caminho com toda a sua consciência. Quando um ser encontra dentro de si a união com a Fonte Divina, da qual ele provém, está abrindo um caminho para que a humanidade toda possa retornar. Essa consciência se torna um portal vivo, direto para o Coração do Pai, sendo assim um instrumento Seu, através do qual Ele pode chegar ao mundo e redimir as almas.

O encontro com Deus apenas se dá se O buscam, se aspiram a encontrar o Pai, a escutá-Lo e a segui-Lo, tal como dita a Sua Vontade.

Não somente nos níveis espirituais e essenciais se encontra a possibilidade de se unirem a Deus; todas as células guardam em si um princípio de semelhança com o Divino e para que esse potencial possa vir à luz, é necessário que o ser se esforce de uma forma desconhecida na experiência da própria purificação.

Falo de um esforço desconhecido porque Me refiro a um despertar desconhecido para toda a humanidade, inclusive para o universo; mas que existe e que faz parte do Projeto Humano* da Terra. Sendo assim, o Criador ainda espera o despertar desse potencial.

O Espelho da Criação se reflete em todos os níveis da consciência humana, basta buscar uma luz interior, para poder encontrar o que hoje lhes digo.



À medida que abria e expandia o Coração, pude aprender sobre o Amor de Deus pela humanidade e compreender por que o Criador

ainda mantém Sua esperança na concretização do Projeto Humano*, apesar de que na Terra se vivam tantas atrocidades.

Aprendi sobre a Justiça Divina e também sobre a Misericórdia. Aprendi sobre o Silêncio e sobre a Instrução. Aprendi sobre o Perdão e a Liberação, quando as almas geram méritos para receber essas duas dádivas de Deus.

Tudo isso Eu vivi em um tempo que não existe e, ao mesmo tempo em que aprendia com Deus, aplicava esse aprendizado através das diferentes expressões do Meu ser, de Minhas diferentes mônadas. E assim, na tentativa de experimentar e aplicar essas leis, surgiam dúvidas, surgiam medos, surgiam situações imprevistas e inusitadas. O Projeto Humano é completamente imprevisível para tudo o que está abaixo de Deus e, às vezes, penso que para o próprio Deus também o seja.

Dessa forma, sempre que surgia uma questão, Eu a levava para o Criador e Ele simplesmente iluminava o Meu ser com a Sua Sabedoria, como um raio que penetrava Minha consciência e Me despertava para algo que Eu não podia ver. Daí, surgiam as soluções.

O Criador sempre está disponível para auxiliar aqueles que O servem. Se pedirem ajuda para cumprir com Sua Vontade, lhes asseguro que Ele os escutará.



À medida que aprendia sobre o Amor de Deus e Me deixava inundar e transformar por esse Amor, compreendia melhor a essência de Sua Criação e buscava observar os diferentes povos, culturas e raças que se expressavam, sobretudo na Terra, para assim poder conduzi-los, segundo a Vontade do Pai.

Eu sou um servo e intercessor de Deus e Minha missão é criar uma ponte entre a Consciência Divina e Suas criaturas. Não atuo

especificamente sobre a humanidade, mas sim, especialmente com ela, porque quando uma consciência pode amar e compreender o Projeto Humano*, pode amar e compreender também todos os Projetos Divinos. É assim que, ser um intercessor entre a humanidade e Deus fez de Mim um intercessor para muitas outras civilizações do cosmos. Eu represento a energia da constância, da ordem, da persistência que faz com que um ser transcenda a sua condição humana para estar ao lado do Pai. E, sendo a condição humana, em muitos casos, uma das condições mais retrógradas de consciência – apesar de conter em si o mais alto potencial de amor – tornei-Me um exemplo para muitos seres, em toda a Criação, e pude ajudá-los não só a aderir à Vontade Divina, mas também a vivê-la.

Dessa forma, assim como Eu hoje percorro muitos espaços do planeta e acompanho diferentes expressões da humanidade, o Criador Me encomendou acompanhar diferentes setores da Criação, interna e espiritualmente, sobretudo no que diz respeito à adesão ao Seu Plano para toda a Criação, já que, no vasto cosmos, a parcela de vida que aderiria ao Projeto Humano e o compreendia como esperança para a evolução era ainda pequena.

Foi assim que comecei uma nova jornada, em onipresença, e quanto mais servia ao Pai, mais Me unia a Ele. Por isso, hoje lhes digo que o serviço a Deus é uma forma de retornar à Origem.



Foi percorrendo, com o espírito e a consciência, diferentes espaços da Criação, que despertei em Meu interior o Dom da Piedade de Deus.

Era a Piedade que o Pai sentia por Seus filhos, o que Eu passei a sentir em Meu interior. Não julgava ou criticava o que encontrava no caminho, mas compreendia a verdadeira ignorância que faz com que os seres busquem para si metas tão precárias e insignificantes. Enquanto que, se fossem em

direção ao Pai, teriam todas as coisas, reconheceriam a Perfeição que jaz no próprio interior e não negariam sua Origem, sua Essência.

Eu senti a Piedade de Deus porque vi e compreendi que não é outra coisa, senão ignorância, o que separa as criaturas do Criador. E, dentro da ignorância, depois de cruzar essa porta, encontram-se o medo, a vaidade, a arrogância, a cobiça, a soberba... Mas a porta para tudo isso é a ausência da Verdade, a ignorância, o fato de que os seres não conhecem e não querem conhecer a Deus, que é Perfeito e, para todos, guarda uma parcela de Sua Perfeição.

A ignorância abarca tudo na vida de alguns seres: o seu viver diário, o seu modo de ver o outro, as suas metas, as suas prioridades, os seus afetos, as suas aspirações, as suas provas e desafios, as suas dificuldades. Oh! Como vi a ignorância reinando na vida de todos! E isso despertou em Mim a Piedade!

A única coisa que pude fazer e, até hoje tento, é despertá-los para a Verdade, para transformar assim os seus conceitos e a sua visão sobre tudo, sobre toda a existência. Mas alguns seres estão tão seguros em sua ignorância, tão adentrados nessa porta, que a ilusão para eles já se tornou verdade, e julgam ignorantes os que não abraçam essa perpétua ilusão.

Eu apenas roguei ao Pai, e ainda rogo: “Piedade, Deus, Piedade!”



Foi o Dom da Piedade que despertou em Meu Coração o Dom da Divina Misericórdia.

Quando observava o mundo – e também além dele – ao lado do Criador, pude despertar em Meu interior a Piedade Divina, a Compaixão e a profunda aspiração de ajudar o Pai Celestial a cumprir com Seu Plano, não importando de que forma Eu pudesse servi-Lo.

Eu não buscava uma forma, apenas ofertava o Meu Coração e, observando como cresciam os frutos nas almas que diziam “sim” a Deus, que mobilizavam toda a consciência, gerando outra possibilidade de redenção e evolução, vi que existem muitas formas de servir, e que quase todos os movimentos internos verdadeiros de um coração humano transformam, de alguma maneira, o destino da humanidade.

Nisso radicava a Minha esperança e, com a certeza da imprevisibilidade dos corações, mantinha-Me sempre atento àqueles que minimamente se abriam para receber um impulso e dar um passo.

A Piedade de Deus em Meu Coração fez-Me perceber o sofrimento das almas e dos espíritos, quando os seus seres planetários vivem na ilusão e na ignorância. Vi como o coração humano é frágil e suscetível às influências obscuras. E vi como quantas vezes se deixavam vencer por impulsos que suas almas já não queriam seguir, simplesmente por terem sido atraídos e convencidos pelo mal, que muitas vezes habita em si.

Observando tudo isso, a Piedade se expandiu em Meu peito, e buscando uma forma de alcançar a humanidade, ainda que ela muitas vezes não merecesse, esse dom divino se converteu em uma porta para a Misericórdia, e comecei a sentir e a expressar novos graus de amor. A partir desse momento, Eu não apenas recebia a Misericórdia, mas estava nela e dela Me tornei portador.



A Misericórdia Divina nascia em Meu interior como fruto de uma compreensão maior da essência da Verdade.

Eu não julgava os homens segundo as suas aparências e não media os fatos com base no que acontecia nos níveis da ilusão. Meu Coração, que é puro, contemplava a essência dos seres e ali percorria todo o caminho que fez com que um ser se perdesse ou cometesse algum erro.

Eu contemplava o caminho da Verdade. Da mesma forma, contemplava as intenções dos corações e não as palavras das bocas. Por isso, sabia quando um espírito era sincero em seu arrependimento e abria as portas para a Divina Misericórdia, mesmo quando ele merecesse a Santa Justiça de Deus.

Quando um coração está na Verdade, não lhe custa ser misericordioso; mas quando ele está na ilusão e julga os fatos com os olhos turvos e um coração impuro, jamais poderá encontrar sinceramente aquilo que o faça ser misericordioso com os demais; não poderá amá-los além de seus erros e dar-lhes novas oportunidades, apesar de suas atitudes recorrentes.

Deus Me chamava a estar na Verdade permanentemente e, com olhos de Verdade, contemplar o mundo. Assim pude viver o Amor e doar Misericórdia.



Cada instante com Deus despertava em Meu Coração um Dom. Isso era assim no Céu, como na Terra. Não falo de meditar na Presença Divina, mas verdadeiramente estar em Sua Presença, o que significa ingressar no espaço do próprio interior onde Ele habita, onde as dimensões se unem, a ilusão se dissipa e a Verdade se dá a conhecer.

A humanidade, em geral, tem medo de acessar esse lugar, porque não conhece a Verdade e teme se perder de si mesma. Mas o que haverá de mais maravilhoso que estar na Presença Divina? Sentir o Coração de Deus e oferecer-Lhe, ainda que seja por um instante, uma esperança?

Eu experimentei plenamente esse encontro, ainda como São José, quando era menino. E por lapsos de tempo, segui vivendo isso, até que Deus Me chamou para o Seu lado, para compartilhar com Ele do Seu Amor pelo mundo. E quanto mais estava ao lado do Criador, mais sentia e pensava como Ele, e isso despertava em Meu interior os

Seus Dons. Por isso, hoje represento para a humanidade o exemplo da vivência das virtudes.

Quando invocam as virtudes vividas por Mim, não estão apenas acesando o que vivi como homem, mas tudo o que alcancei estando ao lado de Deus.



Por terem nascido em Meu Coração as sementes do Amor de Deus por toda a Criação, o Criador Me enviou a alguns lugares do universo em que o Projeto Humano* não era compreendido. Ao mesmo tempo, na Terra, Eu seguia acompanhando e instruindo muitos seres, para que, por diferentes linhas de conhecimento, segundo como cada um poderia compreender, pudesse levar as consciências ao despertar do Amor e da Sabedoria.

Fui considerado, no universo, Pai de muitas civilizações, não por tê-las criado, mas por acompanhar o seu desenvolvimento, junto ao Arcanjo Metatron. E, através da Linhagem do Sacerdócio Universal, amparava a evolução dos seres. Nesse momento, fui como um intermediário entre alguns seres e a Consciência Divina. Cada vez que retornava ao Criador, Ele Me ensinava como compreender os acontecimentos e Me guiava, para que pudesse conduzir os Seus filhos. Emmanuel está próximo de Suas criaturas, porque o Seu Amor é infinito e se distribui através dos anjos, dos arcanjos e de Seus Mensageiros.

Assim como Eu, há no universo outros seres responsáveis pela guia e condução de um determinado grupo de consciências. Esses são considerados intermediários entre as criaturas e Deus; caracterizam-se por amar o Pensamento Divino com especial adoração, e servem incansavelmente, às vezes, sem limites, para que esse Pensamento se expresse nas diferentes civilizações.



Ao lado de Deus, compreendi a condição humana em sua essência e todas as dificuldades que ela vive, independentemente do Projeto Humano*, porque as consciências que chegam à Terra trazem, em sua maioria, uma grande bagagem de experiências para curar e perdoar. É com a possibilidade de encontrar energias e estímulos piores àqueles vividos no universo, que os seres têm a possibilidade de eleger superar estes estímulos e viver o Amor.

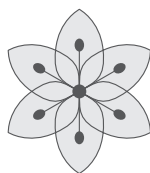
Para muitos, chegar ao abismo é um estímulo para buscar a Luz; o sofrimento e o limite da dor é a forma de despertar para a busca de algo superior. É perdendo tudo, que reconhecem o próprio vazio e buscam o Alto. Por isso, a escola da Terra é tão difícil e dolorosa para muitos, porém o seu resultado é o ápice de toda transformação, o verdadeiro sentido de toda alquimia: quando o lodo no interior dos seres se converte em amor pleno e cura para aspectos que transcendem a vida na Terra e adentram a realidade universal.

Por essa razão, a vida neste planeta é uma oportunidade de curar todo o universo, porque os principais erros²⁵ de todo o cosmos vieram para a Terra, e aqui são curados e redimidos pela potência do amor quando os seres abrem o coração.

Capítulo 10



*Fonte do Sagrado Coração - Centro Mariano do Menino Rei
Rio de Janeiro, Brasil*



Foi quando Meu Filho ascendeu e retornou para o lado do Pai Celestial, que compreendi, ainda mais, a essência da Criação. Reconheci em Cristo a essência pura da humanidade, o resultado da perfeição do Pensamento Divino, e dei graças a Deus.

Quando Cristo Jesus cruzou as dimensões, Sua Consciência irradiava a tudo o que foi criado, e os universos resplandeciam: o que estava morto tornava à vida, o que estava na escuridão recebia a Luz, o que estava na angústia recebia a Paz.

Sua passagem até o Pai foi como uma grande anistia celestial e todos os que permitiram, tiveram as correntes de sua condição de retrocesso quebradas e conheceram a verdadeira liberdade, que era o Amor que vinha renovar os universos.

Eu vi o Redentor retornar aos pés de Seu Pai Criador e, de joelhos render-Lhe graças, como símbolo de Sua íntima união com Deus. Cristo havia retornado, mas não por inteiro; uma parte de Seu Ser havia ficado repartida como potencial de amor nos corações dos homens, e para que o Senhor tivesse a Sua Trindade em perfeita unidade, precisava então que, depois do Primogênito, retornassem todos aqueles que vieram completar a Sua Obra. E isso o Pai espera até os dias atuais.



A chegada de Cristo no universo representou a manifestação de um grande mistério. O Senhor era a representação da evolução, da multiplicação da Consciência do Único, aquela parte Sua que, cruzando

as dimensões, chegou à mais densa de todas elas. Superou a condição humana e agora retornava em Júbilo e Glória para a Casa de Seu Pai, para ser o testemunho vivo da grandeza de Seu Plano.

A dúvida se deteve no pensamento das criaturas por um instante, e todos exaltaram o Plano de Deus. Muitos quiseram participar do desafio da vida na Terra; outros a ambicionavam por medo de ficar para trás. O maligno, para o qual o Amor Crístico era ainda mais desconhecido que todo tipo de amor que enfrentara, temeu e desejou destruir a Terra, porque sentiu o fim de seu reinado na Vitória de Cristo. Porém esse triunfo era apenas o início de uma história que estava começando a se escrever a partir da Ascensão de Jesus e de Sua Cristificação.

Cada vez que a humanidade dava um passo, pelos méritos gerados na vida e na Paixão de Cristo, Nosso Senhor também podia dar um passo mais em Sua evolução, que era desconhecida para toda a Criação, desde o princípio.

Cristo é como uma chave permanente, que está sempre abrindo novas portas para que Seus companheiros e toda a Criação caminhem detrás d'Ele. Ele é a representação do Amor vivo de Deus, que criou a evolução com todas as suas dificuldades e provas, mas não deixou de ser Ele mesmo Quem abria as portas para os Seus filhos.

Deus não só criou a humanidade, mas para mostrar o seu potencial e o seu destino, se fez Ele mesmo homem. Ele não cobra de Seus filhos nada que Ele mesmo não viva primeiro. O Criador abre as portas e apenas chama os Seus filhos a que O imitem, assim na Terra como no Céu; há dois mil anos, como hoje; no princípio e no fim.

Esse exemplo de Deus, através de Jesus Cristo, Me dava forças e valor para dar-Lhe sempre mais e superar-Me a cada dia, porque era Ele que superava a Si mesmo primeiro e nos chamava a imitá-Lo.

A Criação de Deus é um grande mistério, mas não há maior mistério que o próprio Criador. Ele sabe o destino de Suas criaturas porque

Ele caminha na frente, e aqueles que seguem os Seus Passos, sempre encontrarão a forma de retornar.



Quando lhes conto esta história, falo de uma experiência onde o tempo não existe, onde os fatos não acompanham uma sequência lógica como na Terra.

No começo, lhes falei de Minha experiência como homem, de corpo, alma, mente e emoções humanas... Agora lhes falo de experiências espirituais, que ditaram o caminho de Minha evolução e explicam, por si só, o que Eu sou e expresso hoje.

Conto-lhes isso para que vocês também saibam trilhar o caminho do espírito, no qual não há tempo nem espaço fixos para viver um aprendizado.

Aqui lhes conto experiências que vivi em todos os níveis de Minha consciência, ora como espírito, ora como ser cósmico, ora como mônada*, ora com todo Meu ser. O que mais importa não é o que em Mim viveu esse aprendizado, mas sim a experiência em si. Quando for necessário lhes explicarei onde, como e com que espaço de Meu ser vivi determinadas coisas, para que aprendam e expandam a limitada consciência humana. Mas, também é parte dessa expansão adentrar no mistério do não tempo²⁶ e compreender, sem entender, como ele funciona.

Por isso, digo o que lhes digo hoje. Falo hoje para aqueles que lerão Minhas palavras muito depois de que Eu as tenha pronunciado, mas como Eu não estou onde o tempo reina, já sei as dúvidas que surgirão em suas mentes e que fecharão os seus corações. Por isso, hoje, Me detenho para colocá-los dentro dessa experiência, sem buscar lógica e acontecimentos cronológicos e sucessivos. Assim, pouco a pouco,

ingressarão neste tempo, onde tudo é aprendizado constante, onde tudo é eterno presente.



Explicando-lhes então o ensinamento atemporal que vivi, onde o tempo é eterno presente, onde o espaço não tem limites para a consciência, e o ser se faz ciente de todos os seus níveis, todos os seus aspectos, poderei continuar contando esta história.

A Consciência de Cristo cruzou os universos, resplandecente, pois tudo o que Ele era, havia se unido à mônada* de Jesus no momento da Ascensão e no instante em que Ele veio em direção ao Pai.

O Seu Ser brilhava mais que mil sóis semelhantes aos da Terra, por isso não houve criatura que não O encontrasse, que não O visse e que não soubesse de Sua Cristificação e retorno ao Pai. Sua Consciência demonstrava a toda a Vida, a semelhança com Deus, e o Seu resplendor anunciava que Deus mesmo percorria a matéria.

Chegando ao Pai, Eu ali também estava, como servo pequeno e simples, visitando, por Graça, as dimensões da Unidade, onde apenas os anjos podiam adentrar. Cristo Se aproximou Glorificado, Universal, Cósmico e também Divino. Era inexplicável para a mente humana e também para Mim.

Já não era o Menino Jesus que estava diante de Meu Coração, era o Rei dos reis, o Pai feito Filho, o Onipresente feito Carne; o Silêncio feito Verbo e o Verbo feito Vida, material e palpável que, após cruzar as dimensões, retornava à Sua Origem Celestial.

O Criador Se regozijava na Presença de Seu Filho, O respeitava e O amava por toda a memória de Amor que Ele trazia em Sua Essência. E apesar de ser parte indivisível do Pai, o Filho também O reverenciava. Eu assisti a reverência de Deus para Consigo mesmo, a humildade

que havia entre o Pai e o Filho. Todo o universo se detinha por este reencontro celestial.

Contemplar e adorar esse momento fez com que Meu ser ascendesse em adoração, e todas as partes de Minha consciência reverenciassem o Pai e o Filho. Ali, assumi um novo compromisso de serviço eterno com Deus e com Cristo, e assim, uma nova etapa se iniciava para toda a Criação.



Cristo ainda não havia retornado ao Pai, como nenhuma criatura tampouco o fez, porque ainda era momento de servi-Lo aqui na Terra. A unidade com Deus ainda era espiritual e interior, o que não O fazia menos parte de Deus do que quando o Criador ainda não havia Se multiplicado.

A humildade de Cristo se refletia no serviço que prestava ao Pai e ao Seu Plano, sendo Ele parte de Deus, Deus mesmo. Cristo servia ao Criador como todas as criaturas, e incansavelmente, além de Seu martírio e de Sua morte, seguiu servindo-O por toda a eternidade.

Esse exemplo irradiava a toda a Vida, e aquele que sabia contemplar a Cristo compreendia a grandeza do Pai, que se fazia semelhante às menores de Suas criaturas, até o último instante, para que a última delas tivesse um exemplo a seguir.

Este passou a ser o motor do serviço incansável de todas as criaturas do universo.



O Amor emanado de Cristo em todo o universo, pelo simples fato de ter encontrado o Pai, curou e resgatou muitas consciências que, liberadas da cegueira espiritual na qual se encontravam, puderam

compreender melhor o Plano para a Terra. Isso fez com que muitos dos seres que mais tinham se equivocado no universo aceitassem viver uma experiência na Terra.

O que acontece é que, assim como vocês têm véus na consciência para o seu passado e os seus erros, também os têm para recordar essa experiência de Amor, que os fez aceitar vir ao mundo. Assim sendo, os seres precisam receber na Terra um Amor semelhante àquele que sentiram, quando emanado de Cristo em Seu encontro com o Pai.

É por este motivo, filhos, que quanto maior o erro que uma criatura comete, maior o Amor que ela necessita para recordar-se de Deus; porque todos os seres que vivem na Terra, em algum momento de sua evolução aceitaram chegar ao planeta, e mesmo aqueles que vieram para tentar “destruir” os Planos de Deus, também necessitam de Seu Amor.

Este mundo é uma fonte oculta de um Amor único; todos os que nele estão, são almas que há éones de tempo caminham em um deserto e que, sedentas, necessitam beber desse Amor para continuar. Essas almas que chegaram à Terra deixaram para trás civilizações inteiras que aguardam o Seu Retorno com esse bálsamo único, sem o qual não há evolução, não há vida.

Se vocês conhecem um pouco desse Amor, multipliquem-no como o maior tesouro de suas vidas e deem de beber aos que têm sede: amando os seus inimigos, ao próximo e aos Reinos da Natureza como a si mesmos, e a Deus acima de todas as coisas.



Quando Jesus ascendeu ao Pai e retornou à Sua Casa Celestial e Universal, não trouxe Consigo apenas os méritos do Amor, da Infinita Misericórdia e da Graça, alcançados na Cruz; Jesus, feito Cristo, diante

de Deus, apresentou-Lhe também as dores do mundo, o padecimento de uns, a ignorância de outros, a ilusão espiritual de todos.

A humanidade esteve distante da Verdade e Ele sabia, desde o princípio, que a Cruz abriria uma porta para começarem a trilhar este caminho. Para muitos, a Cruz não seria o suficiente, não seria o fim, a chegada na meta. Cristo sabia que muitos negariam Sua Cruz, mas a viveu assim mesmo.

O Seu Amor e Entrega deveriam transcender qualquer mérito humano; transcendiam a Justiça, instituindo a Porta da Misericórdia para o planeta. Até aquele momento, as criaturas não compreendiam a essência da Misericórdia – mesmo que ela existisse desde o princípio e tivesse se mostrado a toda a Vida quando Deus criou o Projeto Humano* e entregou as maiores graças e oportunidades aos que menos mereciam.

O Pensamento Divino se expressava no Evangelho de Cristo e além dele, aonde os escritos não puderam chegar, e onde tudo era imaterial, invisível, misterioso... Foi no retorno de Cristo ao cosmos, com a Sua essência acesa por um Amor desconhecido para todos, que as criaturas passaram a compreender minimamente a evolução humana.

Assim como Jesus falou e instruiu os homens na Terra, Cristo instruía os seres no cosmos, escrevendo, com letras de fogo e de Amor Crístico, o Evangelho Universal, Celestial e Divino, no qual cada criatura encontrava o seu lugar e compreendia qual o caminho a seguir para expressar sua própria missão.

O Evangelho Universal de Cristo ainda se escreve, e poucos o conhecem, porque ele será a guia do novo homem, que habitará a Nova Terra e instituirá as Leis Crísticas em todo o cosmos. Enquanto isso, Cristo seguirá em Sua evolução, sem deixar de guiar e acompanhar os corações dos Seus.



O atributo universal da Fé, que foi emanado de Deus no momento em que confiou parte de Sua Consciência e Sua Criação ao Projeto Humano*, foi renovado por Cristo depois de Sua Ascensão. Para muitas mentes no universo, todo o sacrifício e entrega de Cristo haviam sido em vão, assim como para muitas criaturas da Terra. Era um pensamento de desestímulo que emanava daqueles que não podiam compreender a essência do Amor, porque não experimentaram esse Amor.

Por outro lado, houve aqueles que confiaram no misterioso Amor de Cristo, ainda sem conhecer o Amor, sem sabê-lo, sem tê-lo experimentado, mesmo tendo apenas a consciência do “bem comum”, para o qual entregar a vida pelos que não merecem e dar o melhor aos mais equivocados era uma verdadeira discrepância, no sentido da evolução.

Contemplando o encontro de Cristo com o Pai e tudo quanto Ele ainda viria a servir através de Seu Filho, o universo também aprendia e, mesmo não fazendo parte do Projeto Humano, através da Fé que dali emanava, experimentava um pouco do Amor Crístico ou ao menos compreendia a Sua essência.

Cristo estendeu Sua missão nos universos, não para estender o Plano de Deus para a Terra e outras civilizações; Ele buscava que os seres pudessem aderir ao Projeto e auxiliar a humanidade, já que os espíritos que ali cresciam provinham de muitas partes do cosmos. Ele tentava fazer com que a Criação compreendesse a essência desse Amor, e que dele surgiria uma nova evolução, uma nova esperança para todos, para toda a Vida.

E muitos, nesse momento, inspirados pelos impulsos universais e crísticos, se comprometeram a vir para a Terra no final dos tempos* e colaborar, como pudessem, em níveis internos e também encarnados sobre o planeta.



Nosso Senhor cruzou os universos e as dimensões proclamando o Evangelho Universal, que ia além dos símbolos e parábolas que havia trazido para a Terra. Ao contrário dos homens, no universo, os espíritos O compreendiam, ainda que também fossem livres para segui-Lo restritamente ou não. Seguir a Cristo no Céu como na Terra significa renúncia, sacrifício, serviço e entrega, porque esta é a Sua Lei e nem todos estão dispostos a vivê-la.

Jesus, estando na Terra, entregou tudo por um destino que hoje para os homens, parece incerto, mas não para Deus. Apenas o Criador sabe por que Cristo teve de dar tudo e viver uma entrega absoluta em todo o Ser. Apenas Deus sabe que dessa entrega surgiu o triunfo de Seu Plano, apesar de nem todos conseguirem vê-lo manifestado.

Aparentemente, a Cruz de Cristo não foi suficiente, e muitos no universo também não a compreenderam. Por isso, Cristo seguia pregando, despertando e instruindo a quantas criaturas havia no universo – e além dele – dispostas a escutá-Lo. Diferente dos homens, no cosmos, todos reconheciam a Divindade e Majestade de Cristo, porque Sua resplandecência não se ocultava.

Assim como Ele teve apóstolos na Terra, os teve no Céu, e Eu, depois de ser Seu pai, tornei-Me Seu companheiro, Seu apóstolo universal, que O acompanhava como podia, no serviço e na instituição de novas leis, as Leis da Vida Crística. Foi por esse motivo que, depois de carpinteiro, Me tornei Pastor de Almas, assim como foi Meu Filho. Ele mesmo Me deu a graça de guiar com Ele os Seus rebanhos, porque Meu Coração está unido ao Coração do Pai e, assim, também está com o Filho. Minha vontade, palavra e pensamento são a Vontade, Palavra e Pensamento do Pai e do Filho. Por isso, venho em Seu Nome e sou Pastor de Almas pela potestade a Mim concedida por Ele.



Se Cristo não amasse a Vontade do Pai mais do que a Si mesmo e se Ele não fosse Um com o Pai, impossível seria cumprir Sua Missão e viver tamanho Amor no Céu como na Terra.

Muitos pensam: “Ele amava assim, porque Ele é Deus. Ele é Deus, que supera a Si mesmo!” Mas Cristo foi o Primogênito, parte da primeira divisão da Consciência Divina no nascimento da Santíssima Trindade. Depois de Cristo, vieram todas as criaturas, todas parte de um único Deus. Todos os seres são partes indivisíveis do Coração do Pai, são Deus mesmo, buscando superar a Si em toda a Criação. Mas, para descobrir e viver esse mistério, é preciso amar o que se é de verdade, e não o que se aparenta ser.

Sabendo e conhecendo esse mistério com humildade, devem amá-lo e amar a Verdade de Deus, que busca superar-Se no Amor dentro de cada um de Seus filhos.

Foi descobrindo esse mistério, que aprendi a amar e a servir as criaturas em todo o universo e a encontrar, em cada uma delas, um Deus escondido, caminhando para a superação do Amor no próprio interior.

O Evangelho Universal de Cristo é isso: a expansão do mistério do Amor para que as criaturas se vejam no Espelho do Coração do Redentor e se descubram, também elas, partes indivisíveis do Coração de Deus, da Consciência Divina.



O Evangelho Universal de Cristo é o aprofundamento e o desenvolvimento das Verdades que, em parte, o Senhor anunciou no mundo. É a forma de viver os Princípios Crísticos que todas as criaturas, em toda a Criação, podem encontrar por meio do acompanhamento da evolução do planeta Terra, onde este Projeto tem sua morada principal.

Na Terra, Cristo pôde apenas anunciar – com símbolos e parábolas – a essência do Amor, e o Seu exemplo celestial culminou com a morte na Cruz e a Ressurreição.

A Ressurreição de Jesus também foi um ato de profundo Amor Crístico, porque depois de ser martirizado, o Senhor poderia ter retornado ao Seu Pai e, no entanto, escolheu estar entre os Seus companheiros e também entre os que O mataram, para entregar a todos a Graça do Perdão e a oportunidade de um dia poderem viver esse Amor, que Ele lhes havia ensinado.

Esse mesmo ato de Perdão se estendeu ao cosmos, e Cristo foi, de civilização em civilização com Seu Coração e Consciência, levando o Perdão para todos os que um dia flagelaram o Coração de Deus por não compreenderem e não aceitarem a Sua Vontade.

Esse ministério de Evangelização Universal, de Perdão e de Misericórdia ainda se leva adiante, já que nem todos aceitam a Vontade do Pai, e muitos ferem o Seu Coração na Terra e além dela. A Missão dos Mensageiros Divinos é parte dessa Evangelização. Eu venho não apenas como porta-voz da Vontade Divina, mas também como companheiro e servo de Cristo com o fim de reparar o Coração de Deus por meio do despertar das criaturas para a essência do Amor.



Ao mesmo tempo que Nosso Senhor proclamava o Seu Evangelho Universal, além das dimensões, a Santa Virgem, ainda na Terra, instituiu o aprofundamento do Evangelho de Cristo no interior do planeta. Como Espelho do Propósito Divino para toda a Criação, Maria Santíssima percorria diversos lugares do planeta, deixando os códigos e as relíquias da Paixão de Cristo, do Amor alcançado por Ele na Cruz, e também o Amor e o Perdão que O fizeram ressuscitar e estar novamente entre os Seus, apesar dos pecados que esses cometeram.

Maria Santíssima deixava plasmados no interior da Terra, junto aos apóstolos e discípulos de Cristo, os códigos de Amor que auxiliariam a humanidade em sua evolução. Ainda que essa fosse uma estratégia que só viria a emergir séculos mais tarde, no final dos tempos*.

Todo aquele que abrisse seu coração e verdadeiramente honrasse e adorasse a Paixão de Cristo, de alguma forma, poderia acessar os princípios que despertam, no interior dos seres, o Amor alcançado por Jesus para que ele seja renovado e superado pelos corações deste tempo.

Esses códigos que Maria Santíssima deixava impressos no interior do planeta²⁷ permitiram a muitos seres que não tiveram a oportunidade de encarnar na Terra, mas que acompanhavam a evolução humana nos planos internos, conhecer e até despertar em si esse Amor.

Dessa forma, no universo como na Terra, se propagava o Evangelho Eterno do Amor Crístico, e assim se geravam méritos para que a humanidade continuasse crescendo e evoluindo dia após dia.



Foi acompanhando Maria Santíssima para perpetuar os códigos que Ela havia distribuído no interior do planeta, que uma parte de Minha consciência também ingressou nos mundos internos da Terra.

O compromisso que tínhamos como família não era o mesmo que o das demais famílias da Terra ou do universo. O Criador nos havia encomendado uma Missão que unia todos os níveis de consciência e que ia desde os mundos internos da Terra, passando pela superfície, cruzando o universo e chegando às dimensões divinas.

Cada um de Nós representa um aspecto da Criação. Eu represento as criaturas emanadas de Deus para povoar os universos e retornar à Origem quando tudo estiver cumprido. Cristo representa o Amor Supremo de Deus, o sacrifício, a entrega permanente do Criador às

Suas criaturas, através do Filho. Maria representa o amparo e a maternidade de Deus, como símbolo de que sempre haverá uma nova oportunidade, que se gesta no Ventre Puro da Criação para que as criaturas vivam a perfeição.

Cada um de Nós assumiu essa Missão desde o princípio, desde a Origem. Por muito tempo e de muitas formas, fomos amadurecendo a consciência para que, no momento correto, pudéssemos encontrar-Nos como expressão da Sagrada Família, simbolizando o exemplo do arquétipo perfeito para a humanidade e que, através desses três modelos de consagração, todas as criaturas pudessem identificar-se e encontrar o seu caminho para santificar e redimir a própria vida.

Com isso, podem compreender que a Sagrada Família foi apenas o primeiro passo de uma Missão que perdurou por toda a eternidade.



Já depois da Assunção de Maria Santíssima e de ter vivido as Minhas últimas experiências na Terra, o Criador Me pediu que acompanhasse o mundo de uma forma mais constante. Até aquele momento, Eu sempre estive no planeta, aprendendo e ao mesmo tempo conduzindo a humanidade. Porém, o Meu núcleo principal estava no universo, aprendendo com Deus, com os arcanjos e com a própria Consciência de Cristo.

A partir desse novo ciclo, a parte de Meu ser, que é a consciência que congrega em si todos os Meus aspectos e expressões, deveria estar também na Terra, acompanhando, o mais perto possível, a evolução humana.

Apesar de no universo se viver a Lei da Onipresença e os seres podem cumprir muitas funções e estar em lugares diferentes ao mesmo tempo, sempre há uma função principal, que rege todas as outras e, se necessário, o ser deve renunciar a tudo o que faz para cumpri-la.

A Minha função principal, a partir daquele momento, seria estar na Terra e, mais uma vez, renunciar a quantos aprendizados poderia viver no universo para seguir na escola do Amor. E era guiando e ajudando outros, que Minha evolução seguiria o seu curso.

Em verdade lhes digo que Minha missão principal era viver a renúncia e a humildade eternamente.



Cada vez que estava diante de um ato de renúncia, era como chegar mais perto do Coração de Deus.

Oh! Quantas vezes Deus renunciou a tantas coisas para continuar pondo a Sua confiança no Projeto Humano*! O que seria de Mim se não imitasse o Criador minimamente, através da renúncia?

Na verdade, depois de cada renúncia vivida, Me esperava algo maior, mais desconhecido, algo que Deus tem para aqueles que seguem os Seus Passos.

Com isso, já não havia em Meu Coração o medo da renúncia, mas apenas a certeza de que o melhor caminho a seguir sempre será cumprir a Vontade do Criador.

Foi assim que descendi em espírito e alma para o interior do planeta e, respondendo ao chamado do Pai, Me uni ao que de mais sagrado há na Terra, que são os recintos onde jaz o Amor de Deus, onde tudo o que de mais belo alcançado pelo homem habita e se multiplica como méritos para a evolução humana.

Cheguei aonde a humanidade ainda não pode ingressar; e, mesmo sendo espaços que sustentam o planeta, continuam sendo um grande mistério para o coração humano. São os chamados Centros de Amor, muito semelhantes a tudo o que se vive no universo, porém

com todo o aprendizado da humanidade, e sobretudo, com maiores graus de renúncia e entrega por parte dos que ali vivem, já que todos os que habitam os Centros de Amor o fazem pelo mesmo amor que têm ao Plano de Deus e a toda a Sua Criação. Por isso permanecem na Terra, guiando e conduzindo a humanidade, ainda que ela pareça não merecer. Deus é que merece que o Seu Plano se cumpra e que Sua Esperança e Seu Amor vençam e triunfem no coração humano.

A partir então, desse momento, comecei a viver uma nova etapa, na qual o Amor seguiu sua expansão e sua evolução em Meu espírito.



Eu poderia contar apenas a história de São José, com todos os detalhes, e passar o ano vindo diariamente para revelar essa história para a humanidade. Falaria como todos podem compreender e encerraria os mistérios de Minha vida no que, em verdade, foi uma breve e importante passagem de toda a Minha evolução. Todos leriam essa história e, no final de tudo, poderiam satisfazer suas curiosidades.

Mas o Criador Me pediu outra coisa. Algo que não satisfaz a curiosidade humana, porque muitos apenas poderão tomar contato com o que Eu lhes digo na Nova Humanidade, quando já nada seja um abismal mistério para a consciência humana.

O Criador Me pediu para testemunhar a verdade do que vivi, além do tempo e da ilusão do planeta. Uma história que não se adéqua ao conhecimento humano e seus padrões; uma história que é simples, mas que ao mesmo tempo desafia a mente concreta e arcaica com a sua simplicidade.

Não quero alimentar o ego espiritual dos que buscam sedentos um novo conhecimento para engrandecer suas mentes. Tampouco quero confundir os que puseram a sua fé nos Mensageiros Divinos, sem

compreender que além da vida na Terra, existe um Tempo Real*, em que uma Vida Superior se leva adiante.

Com Minhas palavras, quero apenas trazer-lhes um testemunho e uma esperança. É o testemunho de Minha evolução para que vejam até onde a renúncia, a obediência e a humildade podem levar as almas. E a esperança provém do fato de que Eu fui um homem comum, essência gerada na Fonte de Adonai, vinda à Terra para viver um aprendizado, uma transformação. Por isso, venho para lhes dar um exemplo.

Eu não sou o Caminho para a Vida, como o É o Meu Filho; Eu sou aquele que seguiu esse Caminho e encontrou a Vida, e aquele que Me seguir, também seguirá a Cristo e viverá.



Estando nos mundos internos da Terra, compreendi melhor a essência do Projeto Humano*.

No interior do planeta, em áreas sagradas, cuja superfície quase sempre está resguardada pela natureza e pelos elementos, existem espaços físicos e espirituais, colocados ali estrategicamente por Deus para sustentar a humanidade e, ao mesmo tempo, a natureza, em uma comunhão mútua de amparo e proteção.

Nesses espaços, por Deus chamados de “Centros de Amor” ou “Reinos Espirituais”, habita o sagrado, com consciências que respondem absolutamente ao Plano de Deus e oram constantemente para ajudar na concretização de Seu Projeto, através do despertar da humanidade.

Os Centros de Amor representam uma ponte entre o planeta Terra e a origem de cada ser; entre o tempo passageiro do mundo e o Tempo Eterno do Universo*.

Esses Centros existem por Vontade Divina, para que os seres humanos não se percam completamente. Eles são a possibilidade que a humanidade tem de recordar; recordar a sua origem, recordar o que a fez chegar até aqui, e qual é o verdadeiro propósito da existência humana.

Muitos seres humanos, antes de retornarem à sua Origem, no Infinito, passam pelos Centros de Amor para realizar uma síntese de sua experiência na Terra e viver um aprendizado, oferecendo um serviço consciente ao Plano de Deus através do auxílio à própria humanidade.

Foi assim que vi a transformação e o despertar de muitos seres. Vi o amadurecimento do Amor no coração humano e vi a Verdade emergindo nos corações, e a ilusão se dissipando pela Graça do despertar.

Cada vez que uma única alma ingressa em um Centro de Amor pela abertura de seu coração – ainda que esteja em vida, na superfície, e não seja consciente dessa experiência – é motivo de regozijo e de esperança para Deus e para todos os que O servem com Amor.

Quando via o verdadeiro potencial do amor humano despertando, Meu Coração se enchia de gratidão e de esperança; era como estar em Belém e ver o nascimento de Cristo outra vez. E nisso radicavam a Minha fortaleza e alegria, o motor do espírito de serviço; porque ainda que sejam poucos, se são verdadeiros, para Deus basta.



Jamais se ingressa nos Centros de Amor com a mente, com a soberba ou com a ânsia de saber algo; pela simples curiosidade ou pela necessidade de se sobressair com o conhecimento e a experiência adquiridos.

A consciência ingressa em um Centro de Amor através da porta do coração e todas as outras experiências que se vive pela vaidade são convicções da mente, recordações de um momento no qual casualmente se pôde ser verdadeiro, ou mesmo fantasias do orgulho

que, de tão assentado em um ser, pode fazê-lo pensar que viveu uma experiência, apenas para engrandecer-se, apesar de que a mente percebe, nessa grosseira manifestação do ego, que a experiência não foi verdadeira.

Para ingressar nos Centros de Amor e serem curados por eles, deixando que eles cumpram com sua função no mundo, basta abrir a porta do coração através do exercício da gratidão. Tantas vezes já lhes falei sobre serem gratos, mas poucos aprofundaram em Minhas palavras e, por isso, poucos entram verdadeiramente em um Centro de Amor.

A consciência pode conhecer um Centro de Amor e, depois disso, continuar dando passos em comunhão com essa expressão da Graça Divina, sabendo um Centro de Amor e sendo um Centro de Amor.

Todos esses são mistérios da vida espiritual, que se desvelam com a simplicidade do coração. E sobre eles vou lhes ensinar, porque já é hora de compreenderem.



Os Centros de Amor que existem no mundo estão distribuídos estrategicamente para formar uma rede de luz espiritual, que sustenta o planeta desde o princípio de sua evolução.

Assim como a humanidade evolui, os Centros de Amor também evoluem, pois eles crescem com o aprendizado do coração humano e enriquecem sua experiência segundo a evolução humana. É como se a evolução da humanidade fosse o motor dos Centros de Amor.

Esses espaços espirituais são sustentados pela Misericórdia de Deus e por Seu Amor pela humanidade. O fato de que muitos não são conscientes da existência desses espaços sagrados no planeta é o símbolo da Humildade de Deus e de todos os que seguem os Seus Passos;

porque os Centros de Amor não dependem do reconhecimento humano. Mesmo que sejam ignorados e que tantas vezes sua existência seja negada, os Centros de Amor continuam servindo o planeta da mesma forma e, inclusive, ainda com maior intensidade. Os passos dados pelos puros de coração os sustentam e geram méritos, diante da Lei, para que eles permaneçam no mundo.

Claro que se os seres forem conscientes e servirem em unidade com os Centros de Amor, sua atuação será mais ampla e não apenas se baseará na Misericórdia Divina, podendo assim atrair para o mundo outros dons e princípios divinos que a humanidade necessita. Por isso a importância de se unir a esses Centros, conhecê-los e, com os espelhos* do coração, atuar em comunhão com a Graça Divina.



Depois de aprender sobre a superação humana por meio da Paixão de Cristo, aprendi sobre outros tipos e formas de superação que os seres humanos podem viver. Vi um grande pó tornar-se o Sopro do Espírito e vi um mero barro tornar-se o cálice da Nova Aliança, através da unidade com Cristo. Vi as almas se curando e encontrando a redenção. Por isso lhes digo, tantas vezes, que nada é impossível e tudo pode ser alcançado quando é a Vontade de Deus.

Os Centros de Amor são verdadeiras escolas de humildade e de milagres. Eles ainda existem no mundo por sua humildade, que é a expressão da Humildade que Deus espelha para toda a Vida.

Nos Centros de Amor, por vezes aprendi com os seres humanos, outras vezes, com os próprios seres que neles estavam e que entregavam o próprio plano de evolução, por amor ao Plano de Deus. Em silêncio acompanhei a humanidade por muito tempo e aprendi com ela do milagre da conversão. Tudo isso era possível pela Graça de Deus.



Os Centros de Amor existem para que a humanidade os conheça e também para que eles conheçam a humanidade. A plenitude de sua existência nasce da comunhão entre as evoluções. Eles esperam por conhecer o que o ser humano é em verdade e abrem o caminho para que os seres humanos possam expressar-se.

Ao contrário de muitos seres na Terra, nos Centros de Amor, as consciências assimilam cada pequena experiência de Amor Crístico verdadeiro e estão atentas a todos os movimentos que incentivem o aparecimento, o despertar desse Amor. Todas as ciências, todos os estudos, todos os segundos da existência são vertidos para o despertar do Amor.

É por esse motivo e nesse sentido que os Centros de Amor podem auxiliar os homens; por sua constância, por sua devoção ao Plano de Deus, por sua fé voltada para a manifestação desse Plano, pela compreensão do Todo, da unidade que deve existir em toda a vida, a compreensão da renúncia pelo bem comum...

Nos Centros de Amor, muitos seres renunciaram à própria evolução para ajudar a que ao menos um ser humano possa ser um triunfo de Deus. Essa é uma consciência que ainda não existe na humanidade como um todo e, no entanto, se essa renúncia fosse vivida pelos seres humanos, seria uma porta para o despertar do Amor Crístico.

Os seres que servem nos Centros de Amor não podem experimentar pela humanidade aquilo que ela deve viver por si mesma; mas sim, podem tornar-se um espelho e refletir para o mundo um arquétipo, a fim de que ao menos uma alma perceba essa irradiação e se sinta inspirada a viver em si o reflexo dessa vida. Isso é o que se faz permanentemente dentro dos Centros de Amor.

E, além do universo, estar nos Centros de Amor foi uma das maiores graças que o Criador Me concedeu.



Os Centros de Amor, além de serem expressões da Graça e da Piedade Divina, são também receptáculos do Sagrado. Neles habita tudo aquilo que desce do cosmos como auxílio para a Terra e, a partir deles, se distribui na superfície segundo a abertura de cada ser.

Muitas vezes, a atuação dos Centros de Amor se restringe pela falta de abertura do coração humano. E todas as graças e dons que são atraídos pelos Centros de Amor, neles permanecem, sem se multiplicarem e expandirem como deveriam.

Mas como a Lei dita que a humanidade seja consciente de tudo o que o Criador lhe ofereceu ao longo de sua evolução, os Centros de Amor emergirão um dia, frente aos olhos de todos, e não haverá ser na face da Terra que não compreenda que vocês sempre tiveram tudo, mas elegeram viver na ignorância e na pequenez humana, em lugar de abraçar as dádivas universais.

Eu estou preparando a humanidade – assim como Cristo e a Virgem Maria – tanto nos Centros de Amor como no universo. Os Mensageiros Divinos mantêm abertas as portas que Cristo abriu ao cruzar as dimensões. E do interior da Terra até as dimensões Divinas de Amor e Unidade, criamos uma ponte de infinitas possibilidades e oportunidades para a consciência humana. Caberá a cada coração cruzar essa ponte.

Como fazê-lo? Orando.



Nos Centros de Amor, aprendi a acolher as almas e as consciências dos Reinos da Natureza. Desenvolvi ali, a capacidade de amar toda a Criação por igual, porque ali compreendi a essência de Deus escondida em todas as criaturas.

Os Centros de Amor guardam em si muitas ferramentas para auxiliar o planeta, verdadeiras usinas de Luz, capazes de transmutar e transformar toda a consciência planetária se assim lhes fosse permitido pelo coração humano.

Porém, a maior de todas as ferramentas dos Centros de Amor é a fé no Plano de Deus, a unidade que se vive com o Criador, que é capaz de manifestar o Pensamento do Altíssimo e cumprir Sua Vontade.

A unidade com Deus é o que sustenta os Centros de Amor. Eles são alimentados pela perseverança do Coração do Pai, que jamais desiste de Seus filhos. E é esse mesmo Amor de Deus, que inspira as consciências dentro dos Centros de Amor para sempre encontrarem uma nova forma de auxiliar a humanidade, ainda que isso signifique renunciar constantemente.

Conto-lhes tudo isso e Me detenho tantos dias falando-lhes sobre os Centros de Amor, porque é necessário que se deixe plasmado na consciência humana que, ao longo de toda a sua evolução, existiram seres que, de forma invisível, a sustentaram; que renunciaram a dar os próprios passos para auxiliar aqueles que, muitas vezes, não queriam caminhar e ignoravam completamente os esforços realizados no interior da Terra.

Os Centros de Amor, para Mim, são uma inspiração constante à renovação, porque eles continuam na Terra, apesar de tantas vezes o seu esforço parecer em vão.

Que esse exemplo dos Centros de Amor os inspire e os renove na renúncia e no sacrifício por todos aqueles que, há séculos e séculos, renunciaram e se sacrificaram por sua evolução.



Foi nos Centros de Amor que aprendi sobre a essência da compaixão e fundi Minha consciência com toda forma de vida. Nesses Centros se vive o espírito da unidade, o mesmo que se alcança quando o coração

se une ao Coração de Deus. É dessa forma que todos os corações que ali habitam podem ser Um.

Os Centros de Amor são regidos por uma consciência maior, mais antiga que o próprio planeta e que todo o universo. Eles são consciências que provêm das primeiras criações de Deus; Seus primeiros planetas, sóis e universos; Suas primeiras estrelas. São consciências que já não vivem a individualidade como os seres humanos; não têm uma forma física material nem espiritual, apesar de que sim, podem se projetar e manifestar através de uma imagem, de um ser.

Essas consciências se expressam como o ar, que está em tudo; uma aura, que abraça um espaço; uma mente, que acolhe um tempo e um lugar. Esses são os chamados Centros de Amor, e todos os que neles vivem se unem a essas consciências e tornam-se um só corpo, que manifesta o Pensamento Divino.

Os Centros de Amor têm diferentes nomes, funções, expressões; diferentes qualidades, graus evolutivos, por dizê-lo de alguma forma, como são os Centros Maiores, os Centros Planetários, os Retiros Intraterrenos e as Bases Espirituais.

Tudo isso existe e é parte viva de um Plano que compõe a evolução humana e universal. Para compreenderem os Centros de Amor, deveriam vivê-los como Eu vivi e continuo vivendo.

Até que um ser não os viva, os Centros de Amor são informações, conhecimento limitado em uma mente humana com muitos conceitos e pouca experiência.

Para viver um Centro de Amor, basta estar em um espírito de gratidão, sem ambições e aspirações pessoais. Eles estão na Terra para servir a humanidade, como projeto de Deus. Por isso, basta que tenham aspirações de ser parte viva da Vontade Divina que as portas lhes serão abertas.



No interior dos Centros de Amor, se encontram também Reinos da Natureza em sua mais pura expressão. Ali, os Reinos podem conviver em comunhão com todos os seres e se vive plenamente o aprendizado mútuo entre as criaturas.

Para a mente humana, poderia dizer-se que os Centros de Amor são pequenos paraísos na Terra, onde a beleza e a pureza de Deus encontram o seu lugar.

Os Centros de Amor existem para resguardar o Projeto Humano* e, através da vida que existe em seu interior, eles mantêm vivo o arquétipo de Deus para a humanidade, fazendo com que os seres humanos que alcançaram certos graus de amor convivam com os Reinos da Natureza e outros seres do universo. E dessa forma, constroem, aos poucos, o que a vida na superfície deve se tornar.

Quando o planeta tenha vivido sua purificação, os Centros de Amor emergirão, e os seres que ali se preparam para reconstruir a Terra virão para auxiliar aqueles que permanecerão no planeta.

A vida nos Centros de Amor será a nova vida sobre a Terra, e os seres do universo que hoje os habitam retornarão às suas origens para que a humanidade possa assumir seu lugar e, através do Amor e do aprendizado vivido em sua purificação, possa construir uma nova vida na Terra.

Eu também retornarei definitivamente à Minha Origem nesse momento, retornarei a Deus, porque a Minha missão se cumprirá quando os Centros de Amor emergirem no planeta.

Até que chegue esse momento, Eu os acompanharei, e ainda que seja internamente, os guiarei para que cheguem com sabedoria ao Coração de Deus.

Deixem que seus corações ingressem nos Centros de Amor para conhecerem e aprenderem, desde já, com a Vida que permeará a Terra no tempo que virá.



Depois que cheguei aos Centros de Amor e aos poucos fui fundindo a Minha consciência com o Propósito Divino, no interior da Terra, Meu ser aprendeu sobre a Onipresença, ciência espiritual da expressão e manifestação da Unidade.

A Onipresença é, em realidade, a consequência da união de todos os núcleos do ser com Deus; porque Ele é Quem verdadeiramente é Onipresente.

Aqueles que alcançam a experiência da Onipresença estão conscientemente unidos a Deus, que está em tudo, em todos os tempos e espaços, em toda a Vida.

Dessa forma, no interior dos Centros de Amor, atuava em profunda e permanente oração, mantendo Minha consciência unida sacerdotalmente a Deus, enquanto outros aspectos de Meu ser percorriam o planeta e os universos, sempre buscando uma forma de auxiliar a humanidade.

Tinha como base espiritual os diferentes Centros de Amor, os quais percorria internamente e conhecia para saber quais as ferramentas que tínhamos para auxiliar o Projeto Humano*. Algumas vezes, recebi de Deus a possibilidade de manifestar-Me fisicamente entre os homens e, como São José, falar-lhes ao coração, ainda que muitas vezes não Me reconhecessem imediatamente.

A humanidade compreende muito pouco Minha presença entre os homens e, menos ainda, Minha missão universal. Também por essa razão lhes conto esta história; não por Mim, mas para que compreendam a

essência do Projeto Humano*, que está oculta em Minhas palavras e na descrição de Minhas experiências.

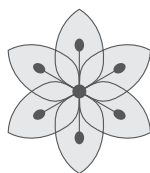
Conheci o planeta e a humanidade com detalhes, em muitas e diferentes civilizações, estando em vida e também além da existência material e, apesar de ter visto e vivido a imperfeição humana, despertei um Amor inextinguível e uma compreensão única no universo por esse coração humano. Por esse motivo sou considerado seu Pai e estou hoje aqui.





Capítulo 11

Fonte de Maria, Mãe da Divina Conceção da Trindade
Centro Mariano de Aurora - Paysandú, Uruguai



Os Monastérios Internos nos Centros de Amor

Eles surgiram a partir do momento em que Maria, depois da Ascensão de Jesus, peregrinou por alguns lugares do mundo, levando as relíquias da Paixão de Cristo.

Nesse momento, Minha consciência foi acompanhá-La nos mundos internos do Oriente e, com alguns espíritos silenciosos, santos de uma era de caos e de maldade anterior a Jesus, desconhecidos do mundo e fiéis amigos de Deus, fundamos o primeiro monastério espiritual, onde apenas reinava o silêncio e a contemplação dos códigos deixados por Cristo em Sua Paixão.

Em cada lugar por onde Maria Santíssima passava, Ela deixava não apenas os códigos da Paixão de Seu Filho, mas também fundava os primeiros monastérios cristãos, que além de contemplativos, eram guardiões de um legado invisível, porém do qual dependeria a Terra no seu último tempo de ilusão.

Esses monastérios, que eram físicos, formados pelas santas mulheres e discípulas de Jesus, de Maria, de Maria Madalena, Isabel e Cláudia, permaneceram por alguns séculos, até que desapareceram misticamente da superfície quando essas discípulas já não podiam estar em vida.

Eles se transladaram com suas simples formas físicas para os mundos internos, deixando na Terra apenas casas vazias, onde em nada demonstravam que haviam sido monastérios.

No interior da Terra, Eu fundei, com outros seres devotos de Deus e de Seu Plano, monastérios que eram espelhos daqueles físicos e

que amparavam, sustentavam e protegiam a missão espiritual das santas mulheres.

Os monastérios internos amparavam os seus espíritos na hora da morte e as conduziam ao Reino de Deus e à síntese da experiência crística por elas vividas. Esses monastérios internos perduram até hoje, ainda resguardando os códigos crísticos e as relíquias desconhecidas da Paixão de Cristo. Eles esperam o momento de poder emergir e entregar à humanidade o legado de sua redenção, quando suas mãos e seus corações estiverem vazios das coisas do mundo e puderem receber tão grandioso, silencioso e aparentemente invisível tesouro.



O mistério da vida religiosa e contemplativa, que a faz sustentar parte da vida planetária com o seu silêncio, é a plena união com Deus e com o Seu Propósito para a humanidade e para todo o universo.

Não há vida religiosa e de união com a Fonte se os corações não estão plenamente unidos a Deus. Medita hoje apenas neste mistério da unidade com o Pai, que faz com que a humanidade se mantenha como projeto no universo.

Era por este propósito, pelo triunfo do Reino de Deus e o estabelecimento de Suas Leis – que eram e são um grande mistério para a humanidade – que os primeiros monastérios de vida religiosa cristã e contemplativa foram fundados. Lugares onde são gestados a Vida Crística, o novo homem e os novos princípios universais, que foram renovando a humanidade pouco a pouco até chegar aos dias de hoje.

A essência da vida religiosa deve sempre ir se aprofundando; dessa forma, fluirá com o movimento dos universos e acompanhará a transformação da evolução, que é eterna.



Cada monastério físico que Maria Santíssima fundava, Ela oferecia ao Meu Casto Coração, para que, assim como Eu fui o guardião de Sua casa em Nazaré, também o fosse com essas humildes e despojadas mulheres e discípulas, que abandonavam suas vidas a um mistério de solidão e união com o Altíssimo.

Os primeiros monastérios, pelo grau de sua entrega diante do completo mistério que lhes era a vida religiosa, viveram experiências tão místicas quanto a Sagrada Família em Nazaré. As santas mulheres trabalhavam para doar aos pobres e oravam constantemente pelo planeta. Nada guardavam para si. Era assim que, no mistério de suas vidas silenciosas, eram supridas pelos anjos, que deixavam como doação ao Altíssimo, sobre as suas mesas, o pão que necessitavam para comungar e viver.

Em suas orações, foram receptáculos vivos de um legado universal, que se guardou apenas em seus corações e na consciência da humanidade, pois o compartilhavam apenas com os povos Essênios, cujo ensinamento pouco ficou sobre a Terra.

As tribos essênias e, posteriormente, os primeiros Templários eram os que conheciam a trilha feita por Maria e sabiam onde Ela havia fundado os monastérios. Por isso, de quando em quando, em suas peregrinações, compartilhavam com as santas mulheres e aprendiam com elas dos mistérios da vida espiritual, que elas experimentavam no silêncio e na solidão.

Nos mundos internos, Meu Coração as amparava e aprendia com cada uma delas, com o mesmo Amor e atenção com que aprendi da Sagrada Família.

Algumas dessas santas mulheres viveram o seu processo de ascensão espiritual e hoje servem nos mundos internos do planeta. Outras

se comprometeram a servir a humanidade e a compartilhar o legado interior que Cristo e Maria deixaram em seus corações, por isso retornaram ao mundo, repetidas vezes, até o final destes tempos de ilusão, quando a Verdade que jazia em seus corações, finalmente poderá expressar-se.



No silêncio interior e exterior, fundaram-se as bases dos monastérios espirituais da Terra, os monastérios que posteriormente conheceram como Intraterrenos. Ali, a Paz encontrava a sua morada e o Criador encontrava repouso, assim como a própria consciência do planeta.

A partir da fundação dos primeiros monastérios físicos e internos da era cristã, a consciência do planeta começou a ter uma interação mais profunda com a humanidade. Os códigos crísticos encontravam espaço para expandir-se e permear a Terra, criando as bases para novos lugares sagrados no interior do planeta.

A Terra viveu uma reestruturação espiritual depois da Ascensão de Jesus, e toda a vida começou a se mover a partir dos impulsos crísticos por Ele deixados.

As relíquias da Paixão tomaram vida e se multiplicaram espiritualmente através da devoção dos seres que despertavam o Amor que Cristo havia deixado sobre o planeta.

Nos mundos internos, Meu Coração acompanhava maravilhado cada segundo da expansão da Misericórdia Divina, que crescia através dos passos de Maria Santíssima e das fervorosas orações das santas mulheres e dos discípulos de Cristo.

Enquanto os apóstolos e muitos dos primeiros cristãos rompiam as barreiras da indiferença humana com o martírio de suas vidas, as santas mulheres os sustentavam em silêncio; e foi a perseverança que nasceu

em seus corações, o que permitiu que as ordens religiosas que vieram depois perdurassem ao longo dos séculos.

Se os monastérios físicos tivessem ampliado a sua consciência e deixado que Deus lhes revelasse os Seus mistérios além da matéria e do conhecimento terreno, haveria sob cada um deles, ainda hoje, um monastério espiritual, que os sustentaria. Mas como a degeneração adentrou pelos muros de muitas clausuras, poucos são os que abrem espaço para que um sustento espiritual, cósmico e universal venha ao seu auxílio.

Eu sou o pai dos monastérios internos do planeta, guardião e protetor dos que se consagraram verdadeiramente, porque assim Me pediu a Santa Virgem e Mãe Celestial desde o princípio dos tempos.



Os monastérios internos, que se formaram no princípio da era cristã, se uniram aos que já existiam, formados a partir da vivência verdadeira da cultura oriental. Apesar das diferenças aparentes entre as culturas de superfície, nos mundos internos tudo se une na essência da vida. Pois ali, não se vive de aparência, não se vive com base na expressão mais superficial de um impulso espiritual que teve sua origem no universo.

Nos mundos internos, se vive com base nos princípios mais puros, emanados de Deus, antes que eles sejam decodificados pela mente humana e se expressem segundo as suas possibilidades, através das diferentes culturas, religiões e linhas filosóficas.

Nos mundos internos e espirituais, os monastérios se comunicam através dos espelhos* do coração e irradiam, uns aos outros, as experiências vividas.

Foi aqui que uma parte de Minha consciência também começou a servir e a impulsionar povos e culturas orientais para que todos

vivessem sob um mesmo princípio universal, que se expressasse não necessariamente com base em sua cultura, mas sim, no Pensamento Divino de Unidade.

Mas foi apenas no Ocidente, mais precisamente na América, que esse Princípio de Unidade entre as culturas foi melhor recebido, quando os monastérios internos de Mirna Jad²⁰ foram escutados e encontraram na superfície consciências dispostas a viver esse propósito.

Foi a partir daí, que concentrei Minha consciência nesse lugar, cumprindo essa missão de manifestar a unidade e, ainda, sustentar os monastérios internos e planetários como Maria Santíssima havia Me pedido.

Com essa história, compreenderão, em parte, como funciona o Tempo Real*, no qual não existe passado ou futuro; e compreenderão como uma consciência pode viver tantos aprendizados ao mesmo tempo e construir com eles o caminho de retorno à Origem.



Uma parte de Minha consciência até hoje se mantém em oração permanente nos mundos internos pelo planeta e pela humanidade. Em onipresença, Me uno a todo ser consagrado sinceramente a Deus e atendo às suas súplicas, como pai e amigo, como intercessor entre as almas e Deus.

Quando Meu Coração encontrou na superfície da Terra a receptividade e a sintonia, ali mantive uma morada constante, onde Meu Coração repousa em silêncio, e com o próprio silêncio, sustenta o mundo.

A pedido de Cristo, se uniram a Mim outros seres com os quais Eu havia estado, seja internamente nos monastérios intraterrenos seja os acompanhando espiritualmente nos monastérios físicos. Essas consciências, como Santa Faustina e Santa Teresa de Jesus, representavam a verdadeira vida religiosa, sinceramente consagrada a Deus. A elas se somaram monges tibetanos e inclusive profetas que representavam

as raízes puras da religião muçulmana. Ali, começou a se construir um pouco de unidade interior entre as diferentes culturas que se expressavam na Terra para que, a partir dessa união espiritual e interna, pudéssemos irradiar ao planeta.

Assim foi se ampliando e consolidando a missão de um antigo Centro de Amor, que estava oculto, silencioso e que começava então a se expressar. Esse é o Reino que conhecem hoje como Mirna Jad²⁰. A sua Cura, que é emanada para as almas, jaz na unidade entre os espíritos, e é a própria unidade o que redime os seres e os ajuda a retornar.



Assim se construíram as bases desta Obra, que era fruto da Vontade de sua Mãe Celestial desde o princípio. Ela começou a desenhar o Plano da Vontade de Deus no universo e o traçou na Terra, em cada instante de Sua vida no planeta, como Maria, a Mãe de Jesus.

Tudo tem um princípio no cosmos. Se vocês deixarem-se guiar – como as mulheres de Jerusalém, que foram pioneiras de um legado espiritual que abriu caminho para a unidade entre raças e religiões no final dos tempos* – verão no futuro do tempo deste mundo, frutos na vida das crianças que hoje nascem e crescem na Terra. Da mesma forma, a história delas será construída com aqueles que são capazes de cumprir com o Plano de Deus hoje.

O Criador tem um Plano especial e uma Vontade Divina para cada criatura, porém, tem um Plano maior, que abarca uma raça, um planeta, um universo; e ele se desenha e se cumpre além dos indivíduos.

É por este motivo que esses Planos são imprevisíveis, porque quando um ser humano não é capaz de assumir o seu lugar no Plano de Deus, o Criador coloca outra alma nessa experiência, pois a Lei é que Seu Plano e Sua Vontade se cumpram.

Daí vem também o fato de que poucos servidores assumem a tarefa que seria para muitos, para milhares; porque o Plano para a humanidade deve cumprir-se, para além dos indivíduos.

E é para isso que estou aqui, para ajudá-los a cumprir essa Vontade Superior, carregando firme e valentemente a Cruz destes tempos. Para isso também existem os Centros de Amor, porque o Plano para o planeta abarca todos os seus níveis, e se, ao menos em uma dimensão, esse Plano se cumpre, é possível que o aprendizado se mantenha até que todos possam cumpri-lo.

Se não existissem Centros de Amor, já não existiria o planeta, pois não haveria nele quem sustentasse o Propósito Divino, que o mantém física e espiritualmente em órbita neste e em todos os tempos.



O espírito monástico criou as bases para a sustentação do planeta. Foi através dessa sustentação interior, que os códigos crísticos puderam se manter e se multiplicar na face da Terra. Foi também pela sintonia e espiritualidade monásticas que se mantiveram, latentes na Terra, aqueles códigos que emergirão nos lugares que mais necessitarão deles: áreas que hoje vivem conflitos, que abriram as portas para o mal de alguma forma e que, no final destes tempos, necessitarão da Misericórdia alcançada por Cristo na Cruz para se sustentarem.

Uma parte de Minha consciência percorria diferentes pontos internos do planeta a fim de auxiliar as consciências que os sustentavam. Cada qual cumpre uma missão específica no planeta, e, da união de todos, se faz possível a vida na Terra; ainda que o planeta esteja nestas condições.

A vida monástica é um bálsamo para o Coração de Deus e um alimento necessário para a consciência do planeta. O Plano Divino era que cada ordem, inspirada ao longo dos séculos, ofertasse uma parte da

sustentação crística, um atributo crístico para o mundo, e que, no final de tudo, surgisse uma ordem que sintetizasse esses códigos e os levasse até a sua raiz mais profunda, que são os Raios e Princípios Divinos, revelando a essência da Vida na cósmica Origem.

Isso é o que faremos através dessa Obra hoje. Esta é a era da síntese e, ao mesmo tempo, de buscar, na Origem, a raiz da Vida. Assim se cumprirá o Plano de Deus.



Se não há amor pelo que se vive, não há verdadeira entrega da vida. O que a humanidade está aprendendo hoje é amar.

A humanidade deste tempo está em busca de muitas coisas externas: experiências, bens materiais, sensações, prazeres que abarcam diferentes sentidos e expressões dos seres. Quando Maria Santíssima fundou os primeiros monastérios cristãos, não havia onde buscar prazer exterior. O mundo estava colapsando e as consciências não encontravam muitas saídas. Para aquele que era minimamente consciente, a vida não tinha um sentido, e Cristo veio para dar sentido às suas vidas.

Depois da Ascensão de Jesus, não havia outra coisa a fazer, senão buscá-Lo no próprio interior e encontrar esse lugar místico e silencioso para o qual Ele havia ido. Todos sabiam que Ele estava vivo e que, de onde estava, os via e os escutava.

A Ascensão de Jesus deixou naquelas consciências a certeza de que eram ignorantes e que um vasto mistério interior os esperava. Por isso buscavam esse mistério; nisso consistia sua vida. E essa busca constante era a razão da consagração de suas vidas; queriam estar permanentemente na Presença de Cristo, porque sabiam que ao ter superado a morte, a Sua Vida era eterna e havia um lugar no qual poderiam estar com Ele todo o tempo.

Esses eram os primeiros mosteiros cristãos; esse era o sentido da vida monástica, da vida em clausura: a eterna busca por Cristo; manter uma condição de união com Ele, oferecendo-Lhe um lugar onde Ele pudesse estar.

Hoje, por mais que o planeta ainda esteja agonizando, e às vezes mais gravemente do que no passado, a humanidade tem muitas distrações e conhece essas distrações desde o seu nascimento. As crianças são ensinadas a serem ambiciosas e despertam assim vícios milenares e, inclusive, universais.

Quando a alma recebe um mínimo impulso para o despertar e a consagração da vida, aí começa o seu caminho de entrega e de transformação. E aqui lhes digo novamente: se não há amor por algo superior, não haverá verdade, não haverá sentido para a vida consagrada, e sempre viverão frustrações e tristezas, porque não encontrarão a essência desta vida.

A base para o contato interior é a vida consagrada. Devem dar os passos, um de cada vez. As frustrações nascem porque as mentes e personalidades querem estar rapidamente em um lugar que não lhes corresponde; querem alcançar altos graus de contato interior e uma união mística com o universo, sem antes saber comportar-se, minimamente, como se propõem. É como querer tocar uma ópera, sem saber encontrar nem mesmo uma escala em seus instrumentos.

Onde falta a humildade, sempre haverá frustração. O coração que é humilde e se deixa guiar no pequeno, esforçando-se no pouco, será elevado por Deus ao Alto, e não por si mesmo. O coração soberbo, que quer beber do Cálice de Cristo, mas não lavar os Seus Pés e adorá-Lo em silêncio, se afogará ao beber o primeiro gole de um líquido sagrado que não lhe corresponde.

Filhos, nada há de mais simples e esplendoroso do que buscar, no pequeno, a própria essência. Se amassem verdadeiramente a Cristo e quisessem fazer de suas vidas uma pequena oferta, permanentemente,

para que Ele estivesse no mundo, cuidariam do pequeno, do pouco, do simples; limpariam a casa e lavariam o chão, acalmariam a mente de tantas ânsias por grandezas, prazeres e metas espirituais e esperariam, em Cristo, a Sua chegada silenciosa.

Essa é a essência da vida consagrada. Isso é o que viviam as santas mulheres nos primeiros monastérios cristãos; e foi por sua simplicidade e resignação a Deus, que foram elevadas além das dimensões, não deixando de suas vidas nenhum rastro visível, mas ofertando à consciência humana um legado espiritual que, até hoje, sustenta o mundo.

Chegou a hora de renovar esse legado, que deve ser reconstruído no simples e no pequeno, e que, sem ânsias por grandezas, os levará ao Alto.



As santas mulheres e os discípulos de Cristo oravam todo o tempo e, mesmo enquanto trabalhavam, buscavam estar atentos à Voz de Deus e Suas necessidades. Sobretudo as santas mulheres, que eram espelhos* de oração, estavam sempre disponíveis e com frequência podiam sentir e perceber coisas que aconteciam no mundo, as quais precisavam de oração e intercessão. Elas sentiam o Coração ferido de Deus e se colocavam em fervorosa oração pela Paz.

As santas mulheres acompanhavam interiormente os passos de Maria Santíssima; sabiam, em suas orações, onde estava a Divina Senhora e por onde havia derramado os códigos da Paixão de Cristo para que fecundassem em outros tempos, no tempo do Apocalipse.

Elas transmitiam umas às outras, o legado que lhes haviam deixado Jesus e Maria, pois houve aquelas que não conheceram Jesus e sequer pisaram em terras do Oriente, mas que foram intimamente chamadas a viver a consagração e o matrimônio com Cristo.

Maria Santíssima havia contado às santas mulheres sobre o Seu Esposo José, Sua paternidade e compaixão, Seu eterno serviço, e as ensinou a recorrer a Mim sempre que precisassem de auxílio e proteção. Dessa forma, fui sempre companheiro fiel daquelas que se consagravam e buscavam um caminho de pureza para encontrar a Deus.

Apesar de permanecer muitas vezes em silêncio, era o próprio silêncio que lhes trazia respostas e devolvia a paz quando a dúvida tomava os seus humanos corações.

Aos poucos, as santas mulheres foram crescendo em virtude. Mesmo estando em anonimato, internamente inspiravam outras para a entrega de suas vidas.



Enquanto Maria Santíssima caminhava, resguardada e protegida pelos discípulos e companheiros de Cristo e de Seu Imaculado Coração, as santas mulheres A acompanhavam por meio de santas e misteriosas visões, que não buscavam compreender, mas que deixavam que o Criador, Cristo e a própria Presença interna de Maria, que as acompanhava, pudessem fazê-las compreender o que viam e sentiam.

A Divina Senhora, por vezes, desdobrava a Sua consciência e visitava as santas mulheres em seus diferentes monastérios. Algumas estavam entre três ou quatro; outros grupos se multiplicaram com o tempo, com a chegada de outras devotas que descobriam, em seu interior, a necessidade da Vida Crística e eram atraídas para os monastérios que, em sua maioria, estavam muito afastados do mundo e resguardados pela natureza.

As santas mulheres viviam quase todo o tempo em silêncio, mas nunca lhes faltou a alegria e a comunhão entre si; elas se comunicavam com o coração, com o olhar e, se fosse necessário, também com o verbo.

Quando o Criador deu por finalizada a missão de Maria Santíssima neste mundo e chegou a hora de Sua Assunção aos Céus, as santas mulheres, reunidas em espírito pelo poder da oração, acompanharam e viveram cada detalhe do movimento universal e divino, que fez com que a Divina Senhora deixasse, em Corpo, Alma e Espírito, este mundo.

Esse movimento celestial não terminou com a Assunção. As santas mulheres estiveram em êxtase por três dias, contemplando tudo o que acontecia no universo, com a chegada da Rainha e Mãe Celestial. Essa graça lhes foi concedida como uma reparação para o Coração de Deus, e como um compromisso que assumiam com a Santa Virgem Maria de acompanhá-La em diferentes épocas da humanidade, todas as vezes que Ela retornasse em Espírito ao mundo.

Apesar de ter sido algo incompreensível naquele tempo, as santas mulheres, assim como os discípulos de Cristo, guardaram esse mistério no coração como um grande e insondável tesouro, que ao longo dos séculos, ainda buscam compreender e viver em plenitude.



Depois da Assunção de Maria Santíssima, a perseguição dos Cristãos se intensificou, e Deus permitia que os homens elegeassem a guerra ou a paz e seguissem seu aprendizado. Ele já havia mostrado o caminho através de Seu Filho, agora caberia à humanidade saber eleger.

As santas mulheres, ocultas e silenciosas, eram o sustento dos primeiros mártires. Nos mundos internos, tinham visões, sentimentos e até sentiam, muitas vezes, as dores sofridas pelos mártires de Cristo.

Durante todo esse tempo, Eu as protegia, guiava e acompanhava a cada novo dia. Até que se encerrou um ciclo, o Cristianismo foi se expandindo – às vezes não com muitos méritos – e as santas mulheres, a pedido de Deus, deixaram essa missão.

Algumas estavam com muita idade e aos poucos foram desencarnando; outras ingressaram nos mundos internos, com tudo o que são, para continuar servindo, mas de outra forma; e umas poucas, as mais jovens, que se somaram às primeiras muito tempo depois, seguiram pelo mundo, impulsionando o Amor a Cristo com o próprio exemplo e inspirando outros a que entregassem a própria vida.

Eu sempre acompanhei as santas mulheres, vida após vida, porque o seu compromisso com Maria Santíssima nunca se desfez. Apesar de ter vivido outras experiências, ter estado novamente na Terra, ter aprendido com os anjos e arcanjos no Céu, ter estado na Presença de Deus e de Seu Filho, uma parte de Minha consciência sempre acompanhava a cada uma delas; e de Jerusalém ao Calvário destes tempos, ainda as protejo para que possam construir o caminho do Retorno de Cristo.

Assim compreenderão ou vislumbrarão a amplitude da vida! E quantas coisas vive um ser quando sua consciência e seu coração se entregam a Deus.



O exemplo das santas mulheres seguiu ressoando na consciência humana e inspirando a formação das primeiras ordens religiosas, que com muito esforço e dedicação fundavam as suas bases.

Ao mesmo tempo, os primeiros cristãos – aqueles que eram verdadeiros em sua entrega – mantinham vivos os códigos da Paixão de Cristo, que Maria Santíssima havia espalhado pelo planeta, com cada um de Seus passos de peregrina.

Os monastérios intraterrenos, espirituais, seguiram seu desenvolvimento, acolhendo almas que precisavam de amparo e curando os corações que precisavam de auxílio. Sua comunhão com o Universo e com a Vida era cada vez mais ampla, incluindo os Reinos da Natureza.

Foi através desses monastérios espirituais, que comungavam com toda a Criação, que surgiu a Linhagem dos Reinistas*: consciências que obram pela evolução de todos os Reinos da Natureza, e evoluem à medida que os diferentes Reinos dão seus passos na redenção.

No espaço que lhes apresentei como Mirna Jad²⁰, uma parte de Minha consciência, a pedido do Criador, desenvolveu a Linhagem dos Reinistas, como símbolo de que a evolução acontece quando toda a vida é incluída nela.

O Criador queria demonstrar assim que, para chegar até Ele, para retornarmos à Origem, haveremos de comungar e colaborar com todos os Reinos, deste mundo e de outros.

Falarei então sobre essa linhagem; como ela se desenvolve e o que acrescenta na evolução dos seres e no despertar da Vida Superior.



Da comunhão com os Reinos da Natureza, nasce a possibilidade de redenção de toda a vida na Terra; nasce a possibilidade de que os seres reconheçam a pureza que há em seu interior, sua essência mais profunda.

Há muito tempo, a humanidade perdeu o sentido do serviço aos Reinos e, desde a Atlântida, começou a querer apenas usufruir da presença de todos eles. Os povos originários, que mantinham certa pureza, resguardavam o contato com os Reinos e elementos, sustentando, para toda a humanidade, a possibilidade de conhecer e viver a Paz.

Mas a degeneração que a humanidade vivia era tão acelerada e o trato aos Reinos, tão grosseiro, e cada vez mais violento que, para que o ser humano não perdesse a possibilidade de reconhecer a própria essência e retornar à Origem, foi criada a Linhagem dos Reinistas.

Essa linhagem se desenvolvia no universo, como uma virtude e uma missão espiritual, e foi pela necessidade de redenção do planeta Terra, que se desenvolveu como linhagem, aprofundando dentro da consciência dos seres e se tornando uma função monádica, e até mesmo cósmica.

A Linhagem dos Reinistas* se somou como uma linhagem adicional àquelas que os seres deveriam viver e expressar originalmente. Dada a necessidade do planeta e o grande carma gerado pela humanidade para com os Reinos, alguns seres assumiram essa função, multiplicando sua responsabilidade para com a vida.

Os Reinistas tinham um compromisso não apenas com os Reinos da Natureza e os elementos, mas também com a consciência do planeta em si e com o Reino Humano. Eles deveriam tornar-se um espelho do arquétipo de comunhão entre os seres e refletir esse arquétipo para toda a humanidade. Assim a Terra ganhava um novo auxílio e desenvolvia uma nova forma de viver o Amor Crístico: amando os Reinos da Natureza.



A Linhagem dos Reinistas começou a se desenvolver nos primeiros monastérios intraterrenos, espirituais, onde os seres se dedicavam apenas à contemplação e, assim, aprenderam a compreender mais amplamente o sentido da vida e da existência de todos os Reinos.

Logo, essa linhagem se expandiu aos monastérios físicos de diferentes religiões – sobretudo no Oriente, entre budistas tibetanos – o sentido do respeito à vida foi se desenvolvendo, até chegar na expressão da Linhagem dos Reinistas. Essa é uma linhagem de almas e mônadas comprometidas com a Vida, com a mais pura essência que habita em todo ser criado.

Nos monastérios cristãos físicos, essa linhagem se desenvolveu puramente no princípio com as santas mulheres, e depois foi se perdendo

– no sentido do cuidado com os Reinos da Natureza – desenvolvendo-se apenas no cuidado com o Reino Humano e no serviço a ele.

Como as santas mulheres se valiam da memória viva de Jesus como base para sua consagração, elas compreendiam o exemplo de Cristo, o Seu cuidado com os Reinos, o ensinamento essencial que Ele desenvolveu e tantos outros fatos que excedem as Escrituras. E os mosteiros cristãos que foram se formando posteriormente, tiveram como base apenas os escritos bíblicos e não se aprofundaram em experiências próprias e contatos internos que poderiam lhes revelar o que se guarda como exemplo e conhecimento além dos textos sagrados.

Nos mundos internos, os Reinistas* seguiam se desenvolvendo e inspirando aqueles que se abriam para a comunhão com essa linhagem de pureza e unidade com a Vida. Aos poucos, foram reencarnando consciências que viveram a primeira e mais pura etapa da Linhagem dos Reinistas, e seguiram expressando na Terra esses princípios que, a partir de então, começaram a se refletir sobretudo através do serviço abnegado aos Reinos da Natureza.

Como foi algo recente e pouco desenvolvido na consciência material, essa linhagem ainda está em crescimento e grande parte da consciência humana, ainda não se abriu para conhecê-la e vivê-la.



A Linhagem dos Reinistas teve sua maior expressão na Terra através de São Francisco de Assis. Ele, inspirado por Deus, descobriu que se vive a ascensão da consciência quando o coração é capaz de se unir aos Reinos da Natureza, comunicar-se com eles através da unidade e da pureza, e ajudar para que esses Reinos se expressem com plenitude na Terra.

Na solidão de seu coração, silencioso de suas aspirações, de seus ímpetos de transformar o mundo e abraçar um propósito de evangelização

através do exemplo, São Francisco descobriu um evangelho que não se encontra nas Escrituras. Ele acessou as experiências crísticas vividas por Jesus com os Reinos da Natureza. Pôde compreender que a verdadeira pureza está espelhada nos Reinos, constantemente. E ele, que estava desesperado por acalmar as impurezas de sua natureza humana, descobriu nos Reinos uma possibilidade de recobrar aquilo que Deus havia depositado em seu interior.

Ele era plenamente agradecido pela existência da natureza, por saber que Deus falava aos homens através dos Reinos; Deus expressava Sua Paz, Sua Esperança, Seus Desígnios, o caminho de retorno à Origem, através dos Reinos da Natureza. Foi essa união pura e profunda que permitiu a São Francisco unir-se também à Consciência de Cristo e suportar compartilhar com Ele das Suas Chagas. Os Reinos o sustentaram e o ajudaram a perseverar.

Se todos descobrissem esse mistério de unidade com a Vida, poderiam retornar ao Pai muito antes do que pensam, encontrariam um caminho através do qual unir-se a Deus com simplicidade e sem tantas batalhas internas. Porque os Reinos atraem a Paz de Deus e a devolvem para o coração humano.

Assim é como a Linhagem dos Reinistas* se expressa: através da unidade com a Vida. E lhes trago esse exemplo para que inspirem seus corações e não temam seguir esse caminho, que os torna plenos em Deus.



Por muito tempo, a Linhagem dos Reinistas – a qual Eu também fui chamado a viver – se desenvolveu apenas nos planos mais internos e, em alguns casos, como no exemplo de São Francisco, ela se desenvolvia na Terra.

Até mesmo nos povos originários, que seguiam tentando manter sua cultura na Terra, essa linhagem foi desaparecendo.

Hoje, o cuidado com os Reinos se expressa através de movimentos sociais, ONGs e empresas comprometidas com a salvação da natureza, mas o contato espiritual e a comunhão interna com os Reinos são escassos.

Sendo a natureza o principal sustento da vida na Terra e, em consequência, de toda a evolução, urgia a necessidade de que os seres tomassem consciência do cuidado com os Reinos e, sobretudo, do contato espiritual com eles.

Dessa forma, uma das tarefas primordiais que assumi espiritualmente, foi desenvolver esse contato e essa comunhão interior com os Reinos da Natureza, a fim de que outros espíritos fossem inspirados a vivê-lo.

Até hoje, e sempre, envio impulsos e inspirações internas para aqueles espíritos que estão disponíveis para este passo interno de assumir a Linhagem dos Reinistas* e de se comprometer mais amplamente com a evolução de toda a vida manifestada.

O Reino de Mirna Jad²⁰, além de ser um polo de união entre culturas, religiões e nações, foi o espaço que encontrei para inspirar os seres ao despertar do cuidado com os Reinos. E, como uma pequena vela acesa na escuridão do mundo, esse princípio vai humildemente tornando-se fecundo na consciência humana.

Cabe deixar-lhes bem claro que esse foi um passo que o Criador Me chamou a dar para demonstrar que os Reinos da Natureza estão incluídos na unidade que constrói o retorno à Origem. Sem os Reinos, a Consciência de Deus não se vê completa. Tudo o que habita neste mundo, aqui está para aprender sobre o Amor e para inspirar a vivência do Amor.



No Reino de Mirna Jad, onde até hoje Me encontro, aprendi a contemplar mais amplamente, não só os homens, mas também os Reinos da Natureza. Minha consciência passou a abarcar espaços do planeta

nos quais o espírito dos Reinos precisava de auxílio. Essa missão espiritual se uniu a tantas outras que Eu já cumpria em onipresença.

Do Reino de Mirna Jad²⁰, recebi a permissão de Deus para criar condições nos mundos internos do planeta, para que os Reinos pudessem ter outra oportunidade de evolução, assim como tinham muitas almas.

Foi então que os Centros de Amor, que já desenvolviam a Linhagem dos Reinistas*, passaram a receber espécies da natureza em vias de individualização, ou mesmo para um processo de cura, em nome de todos aqueles que a elas estavam ligados. A essência dos Reinos encontrou ali um auxílio, e a consciência do planeta também se viu beneficiada por um ultraje a menos em sua aura, já tão sofrida.

Essas consciências, animais, vegetais e minerais, muitas vezes retornavam para a superfície com códigos de cura para ofertar à humanidade como um serviço.

Quando oram pelos Reinos da Natureza, estão se unindo a todos esses espaços espirituais e, em nome da humanidade, abrem as portas para que não só as almas humanas, mas também os Reinos possam curar-se e redimir-se.

Uma de Minhas funções, como Instrutor e Reinista, é conduzir a humanidade à unidade com a Vida, para que, assim, possam caminhar como criação para a redenção e para a própria Origem, no Coração de Deus.



Os Reinos da Natureza não se encerram apenas na expressão visível do que encontram neste mundo. A consciência espiritual dos Reinos provém do Coração e da Essência de Deus, como tudo o que foi criado. Antes mesmo de manifestar os homens, os seres pensantes que habitariam os universos, o Criador manifestou os Reinos da Natureza.

Depois dos anjos e dos arcanjos, da consciência dos sóis, estrelas e planetas, o Santo Espírito de Deus emanou os devas e elementais que criariam os Reinos da Natureza, como expressão da beleza e da devoção das criaturas.

A natureza é a forma que a Vida encontrou de agradecer sua existência. Tudo na natureza emana gratidão e reverência para com Deus e, dessa forma, fala aos seres constantemente qual é o caminho para despertar as virtudes e retornar ao Pai.

A natureza, como consciência, forma um espírito maior, um prolongamento da Mãe Universal, cujo Coração se amplia além das dimensões e abraça toda a Vida. Nela está tudo o que gera a Vida, o que sustenta a Vida, o que a renova e a revela aos seres. A Mãe Universal é a própria energia da Vida, é a Mãe de Deus. Depois de Ela ter sido emanada do Criador, tudo o mais pôde existir.

Difícil é explicar com palavras o que não se explica, mas apenas se sabe e se vive.

Cuidar da natureza, amá-la e contemplá-la, sob o amparo de uma linhagem espiritual, como é a Linhagem dos Reinistas*, é como amar, contemplar e cuidar da Mãe da Vida, em Suas diferentes faces, e impedir que Ela siga sofrendo e padecendo os ultrajes que Lhe causam através dos males que sofrem os Reinos da Natureza. Como Seu guardião e eterno companheiro, encontrei na essência da natureza a Sua Presença e, com maior amor e dedicação, lancei-Me neste mistério que é a Vida manifestada. E até hoje, ainda estou descobrindo, vivendo e sabendo a Criação de Deus e Seus tantos mistérios.



Se as almas se abrissem para sentir os Reinos da Natureza e se deixassem transformar por eles, não haveria guerras neste mundo.

Os homens que aprendem a amar os Reinos, pouco a pouco, são permeados pela essência da simplicidade; e toda necessidade de posse, competição, de se sobressair... tudo isso se desvanece de sua consciência, diante da simplicidade dos Reinos.

Aquele que com atenção escuta o canto dos pássaros e não se exalta, mas silencia e se deixa conduzir por ele, é elevado além das dimensões, pela rede tecida nesse canto sutil, que atrai os anjos e conduz a Deus.

Se buscassem se doar uns aos outros, como os Reinos se doam à humanidade, sustentando a vida, o equilíbrio, a unidade, não haveria guerra, não haveria caos.

Os Reinistas* existem como um símbolo de persistência e Meu Coração os representa, às vezes silencioso, às vezes instrutivo, mas sempre deixando que a inspiração interior os leve a experimentar; porque posso dizer-lhes muitas coisas, mas se vocês não se abrem para ter uma experiência própria, de nada valerá o que lhes digo, senão apenas para confirmar diante do universo e de Deus, que tudo lhes foi entregue, como podíamos, e muitas vezes como não podíamos.

Por isso, experimentem, vivam e saibam a Linhagem dos Reinistas, como algo mais que uma experiência física com os Reinos, mas uma comunhão espiritual que os eleva mutuamente conduzindo a consciência planetária ao Coração de Deus.



Não há mistério que diante dos Reinos da Natureza não nos seja revelado.

Desenvolvendo a Linhagem dos Reinistas, descobri que as Leis Universais se ocultam nos Reinos da Natureza e se revelam quando sabemos contemplá-los. O caminho para a unidade se guarda além dos instintos, na essência espiritual da natureza e dos elementos.

Os Reinos também estão na Terra para aprender. A manifestação de seus instintos é um espelho grosseiro do que o homem deve transformar e transcender, e a expressão do seu amor é uma porta para aquilo que o homem deve alcançar.

O crescimento e a evolução da consciência planetária também dependem da comunicação e da comunhão entre o homem e os Reinos da Natureza. A Cruz da Nova Humanidade é o símbolo da unidade que, ao ser alcançada na Terra entre todos os Reinos, constrói a Vida Crística que perdurará no tempo universal, e permitirá a evolução e o crescimento de todas as criaturas de Deus.

Estando no Reino de Mirna Jad²⁰, e percorrendo em consciência, monastérios interiores, ao mesmo tempo em que aprendia no universo, contemplava os Reinos e ofertava assim, para a Minha evolução e para a evolução de toda a humanidade, uma compreensão tão ampla dos mistérios da existência humana, que em nenhuma outra dimensão poderia alcançar.

Os passos dados por cada nível do Meu ser se complementavam, e de forma muito pouco compreensível para a mente humana, em um tempo onde apenas existe o presente, a simplicidade e a complexidade se uniam em uma única meta: retornar à Origem. E tanto na contemplação da natureza, como nas ciências mais avançadas das civilizações do cosmos, Eu fui aprendendo a trilhar esse caminho e a encontrar tanto em uma, como nas outras, portas diferentes, pelas quais todos devem passar para chegar a um mesmo fim: a Origem.



Querer chegar a Deus, sem amar a Vida e encontrá-Lo em Suas criaturas, é como querer chegar ao alto de uma escada sem subir seus degraus. O caminho da evolução e do retorno deve ser trilhado como foi escrito por Deus. Alguns caminharão mais depressa, outros mais lentamente, porém todos haverão de trilhar esse caminho.

Em uma Obra espiritual, deve existir o caminhar pessoal de cada ser e também o caminhar grupal. Dentro de um grupo, cada ser contribui mais especificamente com uma virtude e um dom, que ajudam o grupo como um todo, mas é necessário que todos ofereçam o melhor de si, para que essa construção aconteça.

Independentemente da construção grupal que leva os seres a uma determinada etapa da evolução, existe a parte que cabe a cada um, que é insubstituível no caminho evolutivo. O amor aos Reinos da Natureza é algo que, sobretudo neste tempo específico da Terra, cada ser deve viver e expressar.

Tão grande é o desequilíbrio causado pela humanidade para com os Reinos da Natureza, que não basta que alguns simbolicamente se ofereçam, em nome de todos, para viver esta comunhão. O amor à Vida deve estar no interior de todos os que respondem ao Chamado Divino, e isso vai desde o amor ao próximo, até o amor aos Reinos, ao Universo, à Criação.

Posso lhes dizer que uma de Minhas principais funções hoje, não é apenas inspirar a humanidade ao serviço e à humildade, mas também ao amor aos Reinos da Natureza, e a evoluir junto a eles, em uma comunhão de fraternidade e amor. Pois sei que, se não for assim, o caos jamais se dissipará da superfície da Terra.

Quando os Reinos são amados, eles emanam o amor, e é esse amor que se recebe e volta a se doar, o que ajudará a purificar e a equilibrar a Terra neste tempo que vivem.



Nos Reinos da Natureza, o Criador depositou a expressão de todas as Suas virtudes e dons. Ocultos na beleza e na magnitude dos Reinos, encontram-se esses atributos. Contemplando e amando a Vida,

aprendi a encontrar a Deus em todas as coisas, e a receber da natureza o auxílio que o Criador Me entregava, por seu intermédio.

No Reino de Mirna Jad²⁰, aprendi de uma natureza que existe além do plano físico, onde os arquétipos guardam a essência da Vida e da cura para todos os seres. É sobre essa essência imaterial da natureza que lhes falarei, pois para chegar a Deus, devem começar a conhecê-Lo e vivê-Lo em plenitude.



Assim como as almas ascendem e recebem a oportunidade de viver experiências mais sublimes, que as façam crescer e se aproximar de Deus, assim também é para os Reinos da Natureza.

Pelas orações e clamores da humanidade, como pelo serviço e pela ação da Misericórdia de Deus, os Reinos também podem ingressar nos mundos internos, em espaços preparados para eles, para que possam curar-se e viver uma experiência de maior amor e unidade com a essência da Vida.

Nos Centros de Amor, construíam-se esses espaços, nos quais consciências plenamente unidas ao Propósito de Deus são responsáveis por recebê-los e curá-los.

Meu Coração é responsável por receber as consciências e encaminhá-las para universos superiores, onde a sua evolução poderá inspirar a outros elementos e Reinos, para que se curem e se encaminhem.

Dessa forma, compreenderão que muito do que a humanidade deveria fazer no planeta é realizado por consciências de serviço abnegado no interior da Terra. Mas isso não poderá ser sempre assim. Por isso lhes conto esta história, para que não apenas contemplem o Meu exemplo, mas que saibam como fazê-lo e se animem a orar, clamar pelos Reinos da Natureza e servi-los.

Animem-se a recebê-los fisicamente, assim como internamente, e unam-se a Deus de uma forma tão profunda que possam criar uma ponte entre as criaturas e o Criador, para assim auxiliar na redenção do planeta.

Assim como guio nos mundos internos aqueles que se dispõem a servir aos Reinos, estou disposto a guiá-los e instruí-los nesta missão, que é mais do que uma arte espiritual, é uma linhagem monádica e uma necessidade planetária.

Mas, para que aprendam o que lhes digo, devem estar dispostos a esquecer mais de si mesmos e a fazer do serviço ao próximo e aos Reinos o caminho para a própria redenção.

O amor à Vida os guiará ao retorno à Origem.



Quando os Reinos da Natureza podem elevar-se, eles elevam consigo toda a Criação. Deus deu aos Reinos o dom de purificar, curar e transformar, mas esses dons se ativam quando eles recebem o amor e o cuidado que lhes correspondem.

Nos mundos internos, descobri a ciência do amor aos Reinos da Natureza como a ciência da doação. Eles são espontaneamente doadores da Vida, de sua essência e existência. Mas eles podem também doar a elevação, a evolução da Vida e dos seres, não apenas mantendo a existência em um movimento linear, constante, mas fazendo com que tudo o que vive chegue ao Pensamento Divino.

Deus depositou, nos Reinos da Natureza, o dom de auxiliar na evolução humana e universal para que as criaturas despertassem a humildade e a simplicidade, cuidando dos menores para cheguem ao Alto.

Não se chega a Deus sem amar os Reinos. Não haveria sequer a vida material se eles não existissem.

Compreender essa ciência é fruto do despertar do coração. Quando o coração amadurece e adquire sabedoria além do conhecimento, descobre os Reinos da Natureza.

Vejam que foi depois de aprender tantas coisas, que fui descobrir, nos Reinos, a essência da Vida e da evolução; o Deus oculto e simples, a Mãe da Pureza e da Verdade.

Os Reinos são tão misteriosos quanto a essência humana e a criação da humanidade, e o desvendar de ambos caminha junto; descobrindo os Reinos, conhecerão a si mesmos, encontrarão a própria essência e nela, Deus, como Eu encontrei.



O silêncio e a humildade dos Reinos da Natureza vêm falar e ensinar ao coração humano sobre a essência do caminho de retorno. Sua doação constante e abnegada, seu amor facilmente despertado, sua compaixão e devoção, feitas vida na expressão de sua matéria, são os símbolos de como deve ser a humanidade para chegar a Deus.

E os seres humanos, em sua mais alta expressão de amor como Cristo e São Francisco de Assis, também espelham a elevação para os Reinos e os comunicam com uma evolução superior.

Novamente lhes digo que tudo nesta vida é comunhão. Eu não poderia finalizar esta história sem instruí-los sobre os Reinos da Natureza porque, se fosse assim, seu caminho de retorno nunca estaria completo; e vocês jamais conheceriam verdadeiramente a essência do que Me fez chegar ao Pai e ser um com Ele, ser digno de ser chamado Seu Mensageiro.

Meu Coração aprendeu plenamente da humildade dos Reinos da Natureza, e Minha união com o Pai não é para estar em Seu lugar ou ser como Ele, pois Minhas intenções já não são humanas. Minha união com Deus é semelhante à de uma flor, que emana a perfeição

e a beleza, frutos de uma devoção e amor a Deus, que não têm razão de existir, senão apenas o fato de que a Lei é o triunfo do Amor. Eu venho ensiná-los essa Lei, junto ao Meu Filho, o Filho de Deus, e Sua Santa Serva, a Mãe da Vida, a Virgem Maria.

A humildade é a essência do desvendar de todos os mistérios e, nos Reinos da Natureza, ela se esconde e se espelha eternamente. Basta contemplá-los, amá-los e servi-los para compreender o que lhes digo.



Tudo na evolução se complementa, se une, se transforma, mas não se substitui. Uma missão não se substitui por outra; ela cresce, evolui, se transforma e se expande. A evolução se baseia no crescimento espiritual, na sabedoria que surge da experiência. E para experimentar muitas coisas, devem-se fazer muitas coisas e vivê-las plenamente para delas adquirir sabedoria.

O que lhes conto, é uma parte ínfima da evolução de um ser. Este Projeto Humano* é uma das experiências, entre tantas, que uma consciência pode realizar simultaneamente e, apesar de ser a principal, a mais importante deste ciclo da criação e da evolução universal, não é a única.

Aqui, conto-lhes o que lhes corresponde saber para adentrar um caminho no qual a evolução humana se plenifica. Mas existem tantos outros que também são trilhados para se chegar à Origem, e que deverão conhecer à medida que a vida tridimensional se dissolve na compreensão do Todo.

A evolução humana é primordial para toda a consciência. Um ser que recebe a possibilidade de participar do Projeto Humano recebe, em seu mundo interior, a melhor oportunidade de crescimento que Deus pode oferecer para as Suas criaturas.

Aqui, conto-lhes uma parte que lhes será útil para a própria evolução e, em cada etapa de Minha história, deixo-lhes chaves, para que saibam reconhecer as raízes das dificuldades presentes, como superá-las e como fortalecer, na consciência, os princípios que os ajudam a evoluir.

Aqui, conto-lhes uma verdade, que, para muitos, terá um tom de fantasia, porque a ilusão dos véus na consciência humana fantasiou a realidade e deu à ilusão o nome de verdade.

Apenas quero conduzi-los a Deus, a encontrá-Lo na essência de todo tipo de vida, porque isso foi o que Ele Me pediu.

Digo-lhes estas coisas, para que, de quando em quando, retomem o propósito pelo qual esta história lhes é contada e não a leiam como um livro qualquer, analisando a qualidade e veracidade do conteúdo segundo a própria capacidade mental. Além do conteúdo em si, atenham-se aos impulsos, à essência e ao propósito de ditas palavras.



Cada ensinamento vivido, cada passo dado pela consciência ao adquirir sabedoria com suas experiências, é uma forma de chegar a Deus. Ao longo de Minha evolução, sobretudo depois de Minha ascensão como São José, fui vivendo conscientemente a elevação dos diferentes níveis e aspectos de Meu ser.

A consciência, como um todo, é uma síntese de toda a Criação. Nela, existem todos os arquétipos de criaturas, temperamentos, raios, linhagens... Para que um ser retorne a Deus com plenitude, esses diferentes aspectos do ser vão vivendo aquelas experiências que lhes correspondem para retornar. Uma parte da consciência viverá a alquimia, outra o silêncio, outra o sacerdócio, outra o governo, outra a contemplação, outra o serviço, a união com os Reinos... e assim por diante.

Todos esses aprendizados e experiências são vividos às vezes simultaneamente e outras não. Pode ser que muitos aspectos de um ser precisem viver o silêncio, por exemplo, e, por um tempo, uma grande parte de sua consciência se concentre nessa experiência. Ou pode ser que cada aspecto do ser precise de uma nota diferente e seus aprendizados se dividam em diferentes vertentes de criação, em um tempo que não se conta com os relógios do mundo.

Alguns aprendem muito em um segundo, outros vivem eras no universo e não terminam de aprender o que necessitam... No Meu caso, aprendi muitas coisas, porque cada espaço de Meu ser precisava de um impulso diferente; tinha uma missão diferente para manifestar, e o Reino de Mirna Jad²⁰ representou para Mim a união dessas experiências e a síntese de todas elas no recinto do Coração.

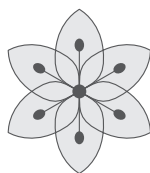
Sobre essa síntese, lhes falarei.





Capítulo 12

Fonte de São José - Centro Mariano de Figueira
Minas Gerais, Brasil



A síntese que vivi no Reino de Mirna Jad²⁰ é semelhante à síntese que a humanidade vive nestes tempos. Primeiro a vivi em Mim mesmo, para depois poder auxiliar a humanidade a vivê-la.

Tudo se unia através da oração, do serviço e do sacrifício. Nesses três atos, que guardam em si muitos mistérios e infinitas possibilidades, se ocultava a síntese vivida por Mim.

Na oração, sintetizava as experiências de união com Deus através do silêncio, do sacerdócio e da contemplação.

No serviço, sintetizava as experiências de união com Deus através da transcendência, do amor, da renúncia e da fraternidade.

E no sacrifício, sintetizava as experiências de união com Deus, vividas através da renúncia, da humildade e da fé.

Meu ser se concentrava inteiramente nessas ações de orar, servir e viver o sacrifício consciente, reunindo dentro de si diferentes aprendizagens vividas por diferentes núcleos da consciência.

Essas ações eram como ímãs que atraíam para o Meu nível superior e cósmico esses aprendizados e, dentro de Mim, uma química oculta de transformação acontecia.

A sabedoria se instalava e o amor se expandia sem que Eu quisesse controlar nada. Apenas concentrando-Me em orar, servir e viver o sacrifício, nem sequer percebia o que acontecia em Meu interior. Eu vi e compreendi a Obra de Deus quando ela já estava pronta.



Dentro dos Centros de Amor, existe uma compreensão da Vida muito mais ampla do que a mente humana pode conceber. Ali, as consciências nem sempre experimentam a evolução humana e, muitas vezes, vivem apenas a renúncia e o sacrifício, e sua evolução tem como base o auxílio à evolução alheia. É dessa forma que esses seres podem experimentar, em parte, a essência do Amor e compreender melhor o Projeto Humano*, pois mesmo não vivendo a evolução da humanidade, observam e estudam suas dificuldades e desafios e sabem que são difíceis, e, às vezes, impossíveis de serem transpostos.

Dessa forma, eles se tornam uma ponte entre a evolução da Terra e a evolução universal, levando a Criação a compreender melhor e a viver a Vontade de Deus.

Quando um ser participa da evolução humana e depois ingressa conscientemente nos Centros de Amor para prestar um serviço, sua missão é ainda mais ampla espiritualmente, e pode auxiliar tanto a humanidade como o universo de uma forma mais ampla.

Minha principal morada na Terra sempre foi o Reino de Mirna Jad²⁰, porque ali estive desde o princípio, e Sua consciência foi criada em união a Minha, em uma ciência universal, que a humanidade desconhece. Porém, estive em muitos outros Centros de Amor, ampliando o aprendizado que se vivia, pelo fato de ser um Ser tão antigo e de ter participado da humanidade em todas as suas etapas evolutivas, enquanto Me foi permitido.

A síntese evolutiva que um ser experimenta nos Centros de Amor tem muitas etapas que, às vezes, são vividas em diferentes Centros até que se plenificam na Síntese da Unidade.

A primeira e a última etapa, Eu vivi no Centro de Mirna Jad.



A segunda etapa da síntese que vivi correspondia a todos os aprendizados que assimilei com base em erros próprios, de toda a humanidade e inclusive do universo.

Em recolhimento e contemplação no Reino de Mirna Jad²⁰, vi e compreendi mais amplamente as situações nas quais estive equivocado durante toda a Minha evolução até ali. Compreendi as raízes de muitos erros humanos dentro de Mim mesmo, dentro de cada ser; também compreendi que eles podem ser remediados e equilibrados a partir de uma atitude interior verdadeira.

Nessa etapa da síntese espiritual que vivi, aprendi sobre a verdadeira maturidade interior, comprometendo-Me ainda mais com Deus para auxiliar a humanidade. Essa não foi uma etapa simples. Foi um momento longo e doloroso, no qual tive que recordar feridas não apenas humanas, mas também universais.

Isso não era para “remoer”, como dizem os homens, uma ferida que já havia passado, porque essas situações estão ainda vivas na consciência universal através das suas consequências na humanidade. Eu deveria compreender esses erros dentro de um todo para ver de onde surgiam e o que causavam, a fim de que, dessa forma, pudesse ajudar a equilibrá-los, primeiro em Mim e depois em toda a humanidade.

Esse não é um aprendizado simples, porém é muito necessário. Eu estava firmado em Deus e com olhos de neutralidade, sabendo que tudo o que via e sentia era para um aprendizado superior. Fui sustentado pelos anjos e devas do Reino de Mirna Jad, que Me acompanhavam silenciosamente e, ao término dessa experiência, Meu espírito estava mais fortalecido para ver o que acontece e o que acontecerá no mundo, e continuar ajudando a humanidade com olhos de compaixão.



Viver a síntese de todos os erros cometidos ao longo da evolução das criaturas era também sentir o que o Coração do Pai sentiu em cada um desses momentos. Era parte de Meu aprendizado observar as situações e suas raízes e também sentir e perceber o que Deus sentia diante de cada uma delas.

Ainda que o homem se assemelhe a seu Criador, o sentimento de Deus não é como o dos seres humanos. Tudo o que emana do Coração do Pai, eleva e transforma, mesmo que seja Seu Silêncio ou Sua Justiça. O que chamam de Ira ou Cólera de Deus não se assemelha à ira ou cólera humana. Essas emanações, quando provêm do Coração do Pai, trazem raios de determinação para finalizar uma ação de erro e ignorância da humanidade. É, então, o fim de um ciclo de Misericórdia e de Graça, marcado pelo Raio da Justiça. Mas, ainda assim, nunca falta o Amor nas ações do Pai; Ele é sempre Justo para com toda a Vida.

Por vezes, estar diante de um erro humano ainda despertava em Mim um sentimento humano e, diante dessa síntese que vivia, sobretudo pelo fato de observar o sentir do Criador, elevava os Meus sentimentos e o que Eu irradiava diante de determinadas situações, por mais duras e injustas que parecessem ser.

Quando vivi essa síntese, aprendi a amar a Justiça Divina e a compreender ainda mais a Vontade do Pai. Entendi e vivi o Seu Amor encerrado na Justiça e, dessa forma, assumi a missão de ajudar a humanidade a ver, na Justiça de Deus, o Seu Amor e a oportunidade que Ele dá aos Seus filhos, de crescer e evoluir, como lhes corresponde.

Antes de enviar a Justiça, Deus sempre envia a Sua Misericórdia. Antes da Misericórdia, sempre está um manancial de Graças. A Justiça é o ultimato para uma ação recorrente, uma oportunidade, para que os seres abram os olhos e possam ver o que, por outras leis, não foram

capazes de perceber. Mas a Justiça é o sinal de que Deus não abandona os Seus filhos e que, apesar de tudo, lhes dá uma nova oportunidade de crescer e de amar.

Esse aprendizado também Me fez crescer e sublimar sentimentos inferiores, diante de situações que precisavam de uma compreensão maior, de um amor maior, ainda que expresso através da Justiça.

Ainda não poderão viver uma sublimação dos sentidos, estando encarnados na humanidade, mas Minhas palavras poderão ajudá-los a elevar os sentimentos e pensamentos diante de situações extremas, para que sejam instrumentos de Deus e atraiam o Seu sentir para o mundo nesses momentos.



A síntese que vivi através da oração, do serviço e do sacrifício preparou Meu mundo interior para viver a síntese dos erros da humanidade e de todo o universo. Esse era um caminho que Eu trilhava, não por vontade própria, mas por desígnio de Deus, já que Ele aspirava a que Eu pudesse viver e então compreender o que a humanidade viveria ao longo dos últimos tempos deste ciclo.

Essa mesma síntese foi vivida por Cristo de uma forma muito mais intensa e dura durante Sua vida pública e o processo de Sua Paixão. Ele foi Quem abriu as portas para que os seres vivessem essas experiências e assim retornassem a Deus.

Depois de Jesus, muitos outros que seguiram Seus Passos viveram essa síntese, como Maria, José e outros de Seus companheiros que se abriram para tais experiências. Com isso, digo-lhes que não fui o único nem o último a vivê-la para auxiliar a humanidade. Existem outros servidores de Deus que, em seu grau evolutivo e em sua escola espiritual, ajudam a humanidade a dar os seus passos.

Assim como Eu vivi essas duas sínteses, a humanidade também haverá de vivê-las. Por isso Eu venho, neste tempo, ajudar Cristo a renovar o sentido do sacrifício na mente humana; ajudar Maria a renovar o sentido da oração e instituir um grau mais amplo de serviço para que, dessa forma, a consciência humana esteja pronta para viver a etapa seguinte, que é reconhecer não apenas os próprios erros, mas os erros de todo o universo e compreender a verdadeira razão pela qual estão neste mundo.

Depois dessa segunda etapa, a consciência vive uma definição entre converter os erros do passado e transformar-se ou render-se às misérias e não crescer. Eu elegi crescer e acompanhar a Deus nesse desafio evolutivo pelo triunfo de Seu Plano.



A terceira síntese espiritual é o despertar da pureza interior, através de todas as experiências verdadeiras do encontro com a pureza do coração. Essa síntese vem como um bálsamo para a consciência cansada de sustentar a si mesma durante a síntese dos erros do mundo. A pureza vem para recobrar a esperança do coração e fazê-lo vazio de expectativas e vontades.

Depois de contemplar os erros do mundo, a alma se vê diante de um grande abismo interno, e, por um tempo, esse vazio parece que se fará eterno, até que as experiências de pureza começam a emergir em seu interior.

Toda essa experiência de síntese, Eu vivi com todo o Meu ser, em um profundo silêncio e concentração para viver cada instante intensamente e profundamente.

A Síntese da Pureza foi como um alento, uma aproximação do Coração de Deus, não para sentir Sua dor, mas sim compartilhar novamente de Seu Puro Pensamento para a humanidade. É como recordar mais uma

vez que Seu Propósito está além dos erros humanos, e a pureza que habita no interior, quando se plenifica, supera todas as imperfeições.

Eu contemplava não apenas o que há de puro em Mim, mas em toda a Vida, e isso Me dava forças para renovar a fé no Plano de Deus e era o que levava a consciência a estar enfocada na Vida Superior e na meta do retorno à Origem; não contemplando a grandeza dos erros, mas o potencial da pureza original.



O despertar da pureza original é a síntese mais importante que uma consciência ascendida vive, pois a prepara para uma quarta e última síntese que fecha um ciclo com a evolução material, abrindo-lhe novos ciclos mais espirituais, em dimensões de consciência mais elevadas, como a sexta e a sétima dimensões.

A Síntese da Pureza consolida, no interior, um estado que permite que a Presença Divina se assente na consciência e deve ser vivida também por toda a consciência humana. É essa possibilidade de estar em um estado de pureza interior, o que permite aos seres vencerem e transcenderem diferentes batalhas e assédios como portadores de uma luz superior.

A pureza é uma potência desconhecida para o mal, pois apenas portam a pureza em seu interior, aquelas criaturas que provêm de Deus. Sendo assim, um coração puro se eleva além das dimensões do caos e pode compreender os mistérios celestiais com clareza e simplicidade.

O coração puro já está pronto para superar as tendências humanas e ingressar em um novo estado de união interior. A Síntese da Pureza na consciência desperta no ser um estado puro, ao nível celestial, unindo a essência com a Essência de Deus como uma ponte permanente, independente da tarefa que realize.

Isso Me permitia estar na sexta dimensão e atuar na quarta e, às vezes, na terceira, sem nenhum envolvimento retrógrado com a evolução material, mas levando a Presença Divina para a humanidade.



A quarta síntese que vivi foi a primeira de um ciclo e a última de outro. Para viver essa síntese, não estive apenas em contemplação no Reino de Mirna Jad²⁰ mas também tive que percorrer espaços internos do planeta e do universo, recolhendo – internamente – os impulsos deixados por Meu Filho.

Essa foi a síntese mais longa e intensa, mais profunda e ampla, que Me revelava mistérios e trazia compreensões que não se expressam através de palavras, mas simplesmente pelo ser, pelo viver dessa expressão de Amor.

Essa foi a síntese dos impulsos crísticos, da qual lhes falarei muito pausadamente para que ingresse em suas consciências como gotas de Luz, para que os inspire a seguir este caminho.

Essa síntese começa com o despertar da pureza. A síntese anterior é o princípio desta e revela ao coração o mistério do nascimento de Jesus, que é o momento em que a pureza descende sobre a consciência humana.

A pureza prepara o caminho, o coração e a consciência para que sejam capazes de viver a humildade plenamente, e é quando a humildade chega, silenciosa, que o coração começa a dar os primeiros passos verdadeiros.

Então o caminho se dá assim: o coração ora, serve e vive o sacrifício, depois reconhece os seus erros, sua ignorância e as raízes de suas misérias. Desperta então a fé e a união com Deus, que o leva a ser puro e, através da pureza, ele conhece a humildade, que o torna digno de viver o Amor.

E aqui começa o caminho.



A quarta síntese, que é a experiência do Amor Crístico, Eu vivi em uma primeira etapa no próprio planeta, em seus níveis espirituais, em lugares que brevemente lhes apresentei como Centros de Amor.

Os Centros de Amor são depositários de todas as experiências vividas por Jesus Cristo quando Ele esteve na Terra. Cada um deles guarda uma parte dessa história para que, através da unidade entre todos esses Centros, essa história possa ser entregue à humanidade, e, sobretudo nos tempos mais agudos, esses códigos emergjam como uma forma de redenção para a humanidade.

Sendo assim, comecei a percorrer internamente cada Centro e, em todos eles, permanecia para aprender não apenas dos códigos deixados por Jesus em Si, mas aprendia de tudo o que esses códigos haviam gerado no interior das consciências que habitavam e serviam nos Centros de Amor. Todo esse desenvolvimento era parte da Síntese do Amor Crístico, que Eu deveria viver.

Cada Centro de Amor também guarda aquelas experiências mais puras da expressão original da humanidade, vividas nos quatro cantos do mundo. Essas experiências ingressam nos arquivos internos do planeta e se somam a toda a experiência vivida por Cristo como consequência de Sua Vida, como uma continuação de Sua Obra, que é a Obra de Deus.

Por ser tão ampla, essa síntese é a mais longa e, sobre ela, lhes falarei por etapas.



A primeira parte dessa síntese que vivi foi no Reino de Lys²², onde conheci os códigos de humildade que Cristo expressou em Sua Paixão, para que pudesse manifestar o Amor Divino.

Nesse Reino e Centro Sagrado, guarda-se o momento em que Cristo foi condenado, humilhado e caluniado. Guarda-se o momento em que foi coroado com espinhos, e todos os sentimentos emanados de Jesus quando escutava cada uma das mentiras ditas por muitos daqueles que antes pareciam amá-Lo e exaltá-Lo.

Aqui vivi a Síntese da Humildade e do Perdão para aprender a Amar.



A humildade que leva ao Amor é, em verdade, a fortaleza da alma que se entrega a Deus; é sua liberdade e seu sustento.

Nessa síntese, que vivi em Lys²², recebi aqueles códigos que Me permitiram amar completamente a Deus, humildemente, livre de vontades, de aspirações, livre de conceitos, de ensinamentos, de regras; livre de tudo o que teria aprendido até então.

Em Lys, compreendi e senti o despojamento de Cristo, desde Sua agonia até Sua condenação, flagelação e morte. Compreendi e vivi em Meu interior, não apenas o que Eu já havia experimentado em relação à energia da humildade e do Amor, mas tudo aquilo que Cristo experimentou em Seus últimos dias de vida na Terra. Mais que uma compreensão, vivi uma experiência que Me fez saber essa humildade que leva ao Amor.

Cristo havia aprendido sobre o Amor de Seu Pai para com os Seus filhos, ensinou esse Amor e o repartiu, mas Ele mesmo teve de Se ver privado do Amor Divino, para que outros, que não o mereciam, pudessem recebê-lo. Ele Se viu diante de uma contradição que, em verdade, era o símbolo do maior ato de Amor de Deus para com os Seus filhos, pois era com o padecimento espontâneo de Seu Coração, que o Pai estava demonstrando o Seu Amor aos homens.

Diante desse sentimento de Jesus, como homem vivo e feito carne, imperfeito como toda a humanidade, O vi transcender a condição

humana humildemente e entregar a Deus tudo o que era, para que o Pai pudesse entregar também tudo por Seus filhos.

Naquele momento, a vida de Jesus já não era Sua vida; Ele era o Aspecto de Deus feito carne, e Deus Se entregava aos homens através d'Ele.

Compreendi a humildade que leva à entrega, que leva a consciência a ser um verdadeiro instrumento de Deus. Compreendi a humildade não apenas como uma virtude própria ou um dom divino que desperta no interior dos seres; compreendi a humildade como veículo do Amor, da entrega e do passo definitivo que um ser dá em direção a Deus, e esse passo, Eu voltei a dar, com Meu Filho, ao revê-Lo na Cruz. Era tão vivo como o próprio dia em que Ele foi crucificado.

No Reino de Lys²², não há tempo, apenas fatos, experiências, presente vivo. Por isso, Eu pude acessar essa síntese, vivendo-a como se naquele instante tudo se manifestasse e, ainda que parecesse ser algo conhecido, o vi como pela primeira vez. O impacto que essa experiência causou em Meu espírito Me fez dar um novo passo em direção a Deus e viver a essência do Amor, que se alcança através do coração humilde.



A humildade é a porta para o triunfo do Amor Crístico. Foi a humildade de Jesus que Lhe permitiu tornar-se um Cristo, porque O deixou vazio de Sua humanidade para preenchê-Lo apenas com a Divindade que o Pai Lhe infundia.

Essa humildade foi Sua fortaleza na Cruz e o verdadeiro mistério de perseverança. Por isso, ao longo dos séculos, o inimigo ocupou todas as suas forças em alimentar o orgulho e a vaidade na consciência humana, para que a humildade, que é, em essência, um princípio tão simples, lhes fosse inacessível, incompreensível e aparentemente inalcançável.

Estando com a consciência no Reino de Lys²², intimamente unido ao Centro de Amor de Roraima, aprendi, nessa etapa, a ensinar o caminho de humildade que leva ao Amor; pois Eu vivi a humildade como porta de entrada para a Síntese do Amor Crístico.

A humildade como essência se encontra no interior de todos os seres humanos. O grande desafio é desconstruir o que as influências do mundo criaram em cima da essência verdadeira do Projeto Humano*, para reencontrar o que são como criaturas semelhantes a Deus. E a oração é o grande Martelo de Ouro, que derruba essas capas e os faz retornar ao que são em Origem.



Ainda estando no Reino de Lys, fui, em consciência, ao Reino de Fátima, um espaço específico da consciência de Lys, no qual a humildade foi o dom que despertou a pureza dos corações. Ali aprendi, como uma síntese espiritual, dos exemplos dos três pastorzinhos e, ao mesmo tempo, os ajudei a perseverar em um caminho de Paz, apesar das adversidades que encontravam no mundo.

Minha síntese espiritual aconteceu em Fátima, no ápice das primeiras aparições, quando o assédio vivido pelas crianças era semelhante a um quarto do assédio vivido pela Consciência de Jesus nos primeiros instantes do Getsêmani.

Deus permitiu que aquelas crianças compartilhassem, o pouco que podiam, da agonia de Seu Filho, porque sua fortaleza e perseverança eram o que daria àquela parte da humanidade, uma oportunidade de redenção.

Quando estive espiritualmente em Fátima, compartilhei – como um ato de Graça – a humildade de Meu Coração com os três pastores. E, como São José, os ajudava, silenciosamente e quase ocultamente, a não ceder aos assédios do inimigo.

Com essa experiência, finalizei a primeira etapa da síntese que Me levava à experiência do Amor Crístico, que era despertado no coração através da humildade.

Os pastores de Fátima viveram nesse momento um serviço único, que ajudou não apenas suas próprias consciências, mas toda a humanidade, inclusive o cosmos, e permitiu que eles pudessem, no futuro, assumir compromissos ainda maiores em prol da evolução humana.



A experiência da Síntese do Amor, começando pelo impulso do dom da humildade, não apenas Me ajudou a encontrar a porta para a essência do Amor Crístico mas também Me ensinou a estar diante do Plano de Deus e de toda a expressão desse Plano, como o são os Centros de Amor, para poder acompanhar e ser consequente com tudo quanto Deus oferta às Suas criaturas.

A humildade como essência, quando se instala através de uma síntese espiritual, permite que o ser perca os preconceitos e preferências sobre a manifestação do Plano e possa encontrá-lo tanto em três imperfeitas crianças sobre a Terra como em grandes e cósmicos mestres no interior do planeta.

A humildade faz com que o coração reconheça o Amor verdadeiro, independentemente do veículo usado pelo Amor para se manifestar. E é com a mesma simplicidade que pode reconhecer esse Amor no outro, que o ser se abre para reconhecer esse Amor em si mesmo, como uma Lei, uma Vontade Superior, e uma Graça que descende através dessa Vontade e que, muitas vezes, transcende os méritos gerados pelas almas.

A humildade também permite que o Amor se instale para além de comodidades e estados internos positivos, para que a consciência

aprenda que o veículo do Amor pode ser a Paz mas também a humilhação e o sacrifício. Por esse motivo e muitos outros, a Síntese do Amor Crístico começa com a vivência da humildade.

Depois de estar em Lys²², percorri outros Centros, compreendendo novas essências que levam ao Amor; compreendendo novos veículos de expressão do Amor, e como ele ingressa nas criaturas.



Meu Coração percorreu um segundo Centro de Amor para prosseguir com a síntese que haveria de viver. Cheguei, em consciência, ao Retiro do Sinai, no Oriente, onde Meu ser já cumpria uma tarefa silenciosa, ligada especialmente a Meus filhos e companheiros ortodoxos.

Ali, cheguei para reencontrar um segundo princípio, que fez com que o Amor Crístico se manifestasse na Consciência de Jesus. Fui para viver a síntese da vivência da Verdade para chegar ao Amor. Ali, contemplei, em silêncio, cada passagem da vida de Jesus: Sua vida pública, Sua agonia, Seu martírio e morte em Cruz. Vi como a Consciência de Jesus se sustentava na Verdade e, através dela, superava todos os assédios e enganos do inimigo; superava toda a aparência de fraqueza humana para reconhecer Seu potencial como Filho de Deus.

Jesus superava a aparência dos homens, transcendia o que eles demonstravam ser, seus erros, seu pecado universal, para chegar até a essência das criaturas e contemplar nelas a Presença de Seu Pai; assim despertava a compaixão, por ver que Seus irmãos se afastaram tanto do que verdadeiramente são. E era essa Verdade, que Jesus podia ver e sentir, o que O nutria de uma fortaleza divina e O permitia amar sem condições.

Essa mesma Verdade despertou em muitos de Seus companheiros e, sobretudo, nas mulheres de Jerusalém, de Nazaré e de toda a Galileia que O seguiram.

Essa Verdade passava por Meus olhos e também por Meu Coração, fortalecendo Minha consciência e Me permitindo atuar com a humanidade a partir de um olhar verdadeiro, livre de preconceitos e pleno de Justiça.

Cruzei, assim, mais um umbral na síntese para a vivência do Amor Crístico.



A Verdade se expressa na vida humana de muitas formas e, às vezes, contradiz a educação da humanidade comum, porque tão separados estão os homens de Deus e de Suas Leis que perceber a vida através de Princípios Divinos lhes é quase impossível e, para muitos, é até mesmo um grande sofrimento.

Ao contemplar a Verdade, que emanava na experiência da vida de Jesus, Meu Coração também compreendia as limitações humanas, e o quanto custava a tantos homens viver essa Verdade ou mesmo ser receptivos a ela quando esta se expressava em outros seres.

A Verdade como lei e como caminho para a vivência do Amor foi impregnando Minha consciência e se consolidando nela de tal forma que pude transmitir essa Verdade para a humanidade.

Reencontrar a Verdade que leva ao Amor é um exercício difícil e, às vezes, coloca os seres diante de todas as falsidades, mentiras e ilusões da própria consciência. Coloca-os diante do desvio milenar que viveram ao longo de sua evolução e chama-os a endireitar seus caminhos.

Contemplar a vida de Cristo, senti-la e deixar-se inspirar por ela é uma forma de ser preenchido pela Verdade e alcançar, um dia, vivê-la.

Antes da Verdade, existe a humildade e antes desta, a pureza do coração. Tudo é parte de um caminho que leva a um único fim, que é a vivência plena do Amor Crístico.

Muitos seres na Terra chegaram a experimentar desse Amor e, por alguns momentos, puderam vivê-lo e expressá-lo. Mas a síntese da qual lhes falo é um pouco mais que uma experiência, é uma vivência absoluta desse Amor, que renova a Criação; é a possibilidade de vivê-lo com plenitude e, através dele, retornar a Deus.

Eu lhes conto esta história para lhes fazer um convite a uma entrega maior, a lançarem-se não apenas na experiência do Amor, mas na vivência absoluta dele.



A terceira etapa dessa síntese, vivi na contraparte espiritual do que vocês conhecem como Himalaias. Ali, aprendi sobre o Amor Superior, o Amor Crístico vivido depois da Ascensão de Cristo, que se complementou, ao longo da evolução humana, depois das tantas ascensões espirituais vividas por consciências comprometidas com o Plano de Deus e com o despertar.

Quando um ser vive uma experiência de Amor Crístico no planeta, por mais que essa experiência seja verdadeira, ela vive um limite de expansão, dada a limitação da mente humana, por mais desperta que esteja. Quando esse ser ascende e vê a vida de um nível superior, sua consciência pode abarcar verdades que antes não compreendia, pode contemplar a humanidade com uma visão mais ampla, sobretudo no que diz respeito ao pecado cósmico²⁸ daqueles que vieram ao mundo, no qual, muitas vezes, encontra-se a raiz de suas misérias e dificuldades humanas.

Sendo assim, o Amor se expande e se torna ainda mais incondicional, chegando inclusive a espaços que transcendem o planeta, a humanidade e os Reinos da Natureza. Foi sobre essa expansão que vivi a terceira síntese, que leva ao Amor Crístico Universal.

Isso foi o que vivi, dentro dos Himalaias, espiritualmente.



O Amor Crístico, que se desenvolveu além do planeta, era muito mais complexo de ser vivido. Na Terra, o conceito do individualismo é muito abrangente e, como os seres estão tão voltados para si mesmos como indivíduos, como raça, e mesmo como planeta, – por exemplo, pensando que são os únicos com vida consciente no universo – muito difícil parecem-lhes todas as coisas: todos os problemas são enormes, todas as dificuldades parecem insuperáveis, todos os erros parecem imperdoáveis, todas as enfermidades parecem incuráveis. Assim também, parece-lhes que o Amor é muito difícil de ser alcançado.

E na verdade, filhos, no universo, contempla-se o Todo; contempla-se tudo o que acontece na Terra e muito além dela. O Amor Crístico não nasce no planeta por ele ser o mais difícil de expressar esse Amor, mas sim porque a humanidade que sobre ele vive, o faz difícil por sua condição de dormência e de ilusão, de individualismo e pouca consciência universal.

Depois de surgir na Terra, o Amor deve evoluir no universo. Os graus de Amor crescem porque os desafios para Amar são maiores, os erros que perdoar são mais profundos, a evolução em si é mais ampla. Por isso, Cristo seguiu o curso de Sua evolução, e assim como os graus de Sua Cristificação cresceram, o Seu Amor também cresceu.

Eu contemplava as provas universais vividas por Cristo, como Senhor do Universo: depois de ter perdoado, com uma consciência humana, àqueles que O castigaram; depois de transmutar e curar seus erros na Terra, Cristo voltou a encontrar esses erros no universo, com raízes milenares que necessitavam de um Amor ainda maior para se curar; e Seu Coração respondeu, Sua entrega se ampliou e o Seu Amor adentrou os éones do passado, nos quais o bem comum havia se perdido pelos erros cometidos, e começou a curar as raízes nas consciências dos que se abriam para isso.

Depois de ter transcendido Sua condição humana, Cristo transcendeu Sua condição material em todas as dimensões; transcendeu Sua condição de criatura material e Se tornou um Anjo Solar, para também transcender Sua condição arcangélica e perdoar e amar os erros cometidos na consciência dos anjos, daqueles que caíram por suas faltas. Mas, para isso, é preciso que a humanidade O acompanhe, siga os Seus Passos e caminhe por detrás das portas que Ele abriu para que elas tenham um sentido de estarem abertas.

Ao contemplar essa Verdade, Eu decidi seguir estes Passos e cruzar com Ele, depois d'Ele, estes umbrais da evolução, com esforço permanente, em transcendência constante, por Amor.

A isso, convido-os hoje.



O triunfo humano, universal, angélico e divino de Cristo sempre se desenvolveu com a resposta daqueles que O seguiam. Cristo necessitava de Seus apóstolos, discípulos e companheiros para que eles dessem a permissão para a atuação da Divina Misericórdia no mundo.

Era necessária a devoção das santas mulheres para trazer sentido aos mistérios da Ressurreição. Ainda que para muitos pareça um absurdo, o Plano de Deus se desenha com a atuação da Unidade. Onde houver dois ou mais, que conformem um único propósito, ali estará a Vontade Divina.

No universo, as consciências precisavam despertar para a Presença Crística e render-se perante ela, para que Seu Amor atuasse além das dimensões.

Qual seria o sentido da Presença de Deus entre as Suas criaturas se nenhuma delas O seguisse? O Plano se desenha na folha da vida, através da Unidade.

Eu vi, diante de Minha consciência, o Amor Crístico se expandir além das dimensões e também vi a limitada condição de muitos seres no universo, que, por medo de perder o controle sobre si e sobre tudo, negavam e temiam a Presença de Cristo e não se deixavam amar, conduzir e perdoar por Ele.

Compreendi a raiz da degeneração humana, da negação e da indiferença, frutos da necessidade de poder e de controle, que provêm do universo.

Vi também a Cristo, que amava ainda mais diante das negações e temores e, pouco a pouco, ia curando os corações com o Seu eterno e sublime sacrifício.

Nesse exemplo e nessa síntese, consolidei, em Meu interior, uma qualidade espiritual muito necessária para ajudar a Terra assim como o universo: ser incansável.



Compreendam assim que a essência da experiência do Amor é muito mais ampla que a vida na Terra e, ao mesmo tempo, começa, de uma forma muito simples, durante o período de oportunidades de encarnar neste mundo.

A síntese que vivi não era apenas para que Eu pudesse ampliar em Mim a expressão do Amor e vivê-lo mais profundamente. Essa síntese, Eu vivi para compreender e conhecer melhor a condição humana, a condição universal e a condição angélica, sabendo assim como atuar diante dos diferentes níveis de evolução das criaturas de Deus. Não porque Eu tivesse a missão de instruir todas elas, mas porque a degeneração da humanidade é fruto de um erro que começou na evolução arcanélica, passou para a evolução universal e adentrou a condição humana como parte de seu processo de redenção.

Sendo assim, para colaborar com a cura da humanidade e, em consequência, com a cura universal e angélica, é preciso chegar, em consciência, a todas essas raízes e saber que a experiência de Amor começa – e não termina – quando aprendemos a amar uns aos outros.



Para viver a Síntese do Amor Crístico e qualquer síntese espiritual verdadeira, que tenha como propósito consolidar certa vibração e condição interior nas criaturas, primeiro é necessário experimentar o princípio, que é a base da síntese que se vive.

No caso do Amor Crístico, por exemplo, não se alcança uma compreensão universal e angélica do Amor se a consciência não experimentou isso basicamente neste mundo.

Digo-lhes isso porque a Minha história é um caminho de retorno, de redenção, que está aberto para todas as almas que aspiram a realmente viver a Vontade Divina neste mundo e além dele.

Apesar de que Eu tenha experimentado – até profundamente – certos princípios divinos, como o Amor, Cristo nunca deixou de ser Minha referência e o centro de Minha síntese espiritual. Ele sempre está um passo à frente na evolução, porque corresponde a Ele, como parte primeira que se separou do Pai para manifestar a Criação, fazer o caminho de retorno primeiro.

Detrás da Mãe Celestial e do Filho Primogênito, se encontram todas as criaturas, por mais evoluídas que sejam. E assim, toda a evolução universal tem, como base e como centro, o exemplo de Cristo – não apenas o que Ele viveu na Terra, mas, sobretudo, depois dela.

Muitos creem que o maior sacrifício vivido por Cristo foi Sua experiência na Terra, mas, em realidade, essa foi uma porta que se abriu para uma evolução marcada pela entrega constante e o sacrifício permanente.

Por essa razão, o exemplo de Cristo convida as criaturas a aprofundarem na Lei do Sacrifício, não como um conceito humano, mas como um conceito universal, no qual a consciência torna sagrado o seu ofício, estando presente e inteira enquanto o vive. O ofício dos seres humanos é o Amor, a entrega absoluta pela evolução do próximo e pelo Plano de Deus; e se o Plano de Deus se cumpre com a renúncia da própria evolução, tudo se fará.

Toda essa compreensão, Eu alcancei com a experiência do Amor e da entrega; com o diário esforço por ser aquele que Deus espera: Seu servo e companheiro, pai e amigo de Seu Filho, como de Seus filhos.



Foi durante as diferentes sínteses espirituais que vivi, que se formou o Relicário de Meu Casto Coração. Ao longo dessas experiências e passando por diferentes Centros de Amor, concentrava em Minha essência, em um relicário espiritual e interior, o que de mais puro alcançava como ser proveniente de uma evolução humana.

As sínteses espirituais se davam através de ciclos e, em verdade, lhes digo que elas seguem se dando e se darão até o fim da evolução humana, quando as Hierarquias que hoje regem a humanidade estiverem liberadas para assumir novos compromissos, maiores, além do universo.

Quando estive nos Himalaias para viver a Síntese do Amor Crístico Universal, compreendi e experimentei internamente como se trilha o caminho crístico além da Terra. Compreendi como Deus, através de Cristo, vivia a evolução e desenhava o caminho para as criaturas.

Através de Cristo, Deus demonstrava aos homens assim como ao universo, a forma de trilhar o caminho de retorno; como se abrem os portais e as dimensões para uma evolução sem limites, cujo fim é apenas o mistério da Consciência Divina, que é infinita e que guarda

em si outros graus de evolução, que, por serem tão sublimes, são totalmente desconhecidos e não cabem nem na mente humana, nem na mentalidade cósmica.

Deus renova a Si mesmo através das criaturas e também evolui, Se supera e Se transforma. Mas esse é um mistério ainda impossível de alcançar, porque os Seus filhos ainda estão em vias de retornar ao Seu Coração.

O princípio deste mistério, de que a evolução não termina na Origem, pude vislumbrar contemplando o Caminho de Cristo e sabendo-o eterno e insondável.



Quando um ser vive na Terra e é uma criança, pensará que a vida começa e termina dentro de sua casa; quando é um adulto, poderá pensar que quando o corpo perece, a vida termina. E outros poderão pensar que a vida continua em um ciclo eterno de encarnações e reencarnações no planeta.

Quando o ser começa a se tornar adulto espiritualmente, os limites de sua compreensão da evolução se ampliam, e já pode vislumbrar a evolução em outros mundos, talvez inclusive em diferentes dimensões de existência, tendo como limite certa dimensão, até onde chegam as criaturas materiais.

Quando o ser transcende a vida na Terra, seus limites se ampliam um pouco mais e pode compreender que neste ciclo cósmico, a consciência tem possibilidades de adentrar por dimensões superiores e desconhecidas e de chegar inclusive ao Coração de Deus, à Unidade com o Divino.

E quando o ser adentra as dimensões mais elevadas, poderá perguntar-se: a evolução termina na Unidade com Deus?

Ao longo de Minha experiência, filhos, vivi muitas vezes esse estado de Unidade com Deus; cheguei a retornar ao lado do Pai e aprender com Ele sobre a Vida e a evolução, mas o caminho começou ali e não terminou.

Aqueles que se aproximam da Consciência Divina devem ajudar a outros a chegar a ela; por isso, não se vive uma união absoluta e plena, na qual a consciência se dissolva na Consciência do Único.

Cristo tem como Missão viver essa união absoluta e Seu serviço é ser o Caminho. Detrás d'Ele, estamos nós, os Seus servidores, que, apesar de poder dar muitos passos em Sua direção, precisamos esperar e auxiliar a outros.

A evolução da Terra simboliza um passo importante para a evolução universal, e tudo começa quando se vive a redenção do planeta. A evolução não termina quando o Plano se cumpre. O Plano é uma porta para algo superior e, como essa porta, existem muitas outras.

A unidade com a Criação, na Consciência Divina, é uma porta maior para uma evolução sublime, quando Deus renova a Si mesmo.

Tudo isso lhes digo para renovar suas metas e retirar suas mentes da pequenez deste mundo.

Essas verdades, Eu compreendi e contemplei nos Himalaias através do exemplo da evolução de Cristo. O Amor de Cristo é sempre uma ponte; uma ponte que se renova ao longo das dimensões e, quando parecemos tê-la cruzado, a encontramos outra vez, em um desafio maior, até que seja o momento em que Deus una essa ponte e renove a Si mesmo, dando início a uma evolução divina.



Quando lhes falo das coisas divinas e lhes abro uma porta na consciência para a evolução superior, não estou apenas contando-lhes

uma história ou trazendo-lhes mais conhecimento, para que confundam e sobrecarreguem suas mentes tão limitadas. Eu venho para elevá-los, para que Minhas palavras ingressem em seus corações como uma vibração, mais do que como uma informação, porque tudo o que lhes digo compreenderão depois desta vida, porque não é parte do Plano de Deus que saibam e compreendam todas as coisas, estando na Terra.

Eu venho para elevá-los, para que vocês, filhos, ainda estando em vida, possam rever suas metas e construir no mundo uma realidade que vibre com base em uma aspiração divina. Que não apenas as criaturas sejam beneficiadas pela constante entrega de Deus, e Ele as sustente eternamente; mas que, sabendo que o Criador também seguirá o curso de Sua evolução, e que a renovação de Deus depende dos passos dados por Suas criaturas, que cada um de Seus filhos viva, pense e cresça por um Propósito Superior, que é a renovação da Consciência Divina e não apenas a própria.

Estando Eu nos Himalaias, diante da compreensão de que Deus também espera por Suas criaturas para renovar a Si mesmo, Meu Coração tinha um novo Propósito pelo qual servir: crescer e ajudar a outros a que cresçam, não por Mim ou pelos homens, mas por Deus, que espera por Seus filhos, às vezes, silenciosamente.



O saber da evolução divina está dentro das criaturas, naquela parte de seu ser onde não existe condição humana, mas apenas semelhança com o Divino.

Como parte da Consciência de Deus, os seres, em seu profundo, se não fossem tão superficiais, poderiam acessar uma sabedoria que não apenas transcende a mente humana mas também toda a compreensão universal; não porque o universo não provenha de Deus e não tenha

em seu interior essa partícula divina, mas porque a humanidade tem a missão e o desafio, não apenas de unir as dimensões, mas, sobretudo, de unir a própria essência com a Essência Divina, em uma ciência que não é deste mundo, mas que provém da Fonte.

Tudo o que lhes digo pode parecer abstrato e simples ao mesmo tempo, porque Minhas palavras são claras, por mais que seus conceitos lhes pareçam inalcançáveis.

Não quero com isso confundi-los ou deixá-los diante de algo que sentem não poder alcançar. Quero conduzi-los a algo novo, a um estado de consciência que a humanidade, estando sobre a superfície da Terra, ainda não viveu plenamente.

Por isso, filhos, não escutem esta história como quem ouve algo distante, um eco ao longe... Mas deixem-se inspirar e guiar, para que, ao menos em um de vocês, desperte esse princípio divino, essa possibilidade de pensar e sentir em Deus, não apenas compreendendo-O, mas estando n'Ele e sabendo Deus.



Para compreender a Consciência Divina e chegar a encontrá-la no próprio interior, é preciso chegar primeiro ao vazio; desconstruir o que o homem construiu em si mesmo, como pessoa humana, e também o que o trouxe do cosmos desde o princípio de sua evolução.

Chegar a Deus é como chegar ao Nada, mas antes a consciência deve adentrar a Verdade e sua essência. Como seres humanos, devem descobrir a vida cósmica, a origem universal; devem perdoar o passado, liberando-o de suas consciências e, então, começar um novo caminho de esvaziamento superior.

Como consciências cósmicas, devem aprender de um grau mais elevado da essência da humildade, algo mais profundo do que o que

conhecem neste mundo, para saber entregar a Deus as próprias ferramentas e possibilidades de evolução, reconhecendo que, diante d'Ele, tudo se torna pequeno. Na essência dessa humildade, é que se encontra a Deus.

Depois, há um terceiro longo caminho de esvaziamento interior consciente. Nem todos os seres do universo chegam a esse ponto, e muitos não puderam fazê-lo, porque ainda estão auxiliando a humanidade e renunciaram a caminhar para ajudar a outros.

Digo-lhes isso para animá-los a dar os passos corretos. Como seres humanos, reconheçam a Origem, a Vida Universal, reconheçam tudo o que desconhecem para, então, saber ao que devem renunciar, o que devem perdoar e sobre que base deve estar a sua humildade.



A evolução divina desenha-se na evolução das criaturas. Nada encontra um limite se os corações são capazes de lançar-se ao Infinito.

No silêncio dos Himalaias, descobri a Esperança de Deus e que Seu Plano não terminava no Projeto Humano* e tampouco nos projetos universais. Sua Vontade abarcava um Todo Infinito. Todas as Suas Faces cresciam em uma proporção divina, assim como uma mônada* evolui em sua proporção material, monádica.

Eu estava diante de um mistério que jamais havia contemplado: a Unidade era apenas uma nova porta e não um fim. O caminho a ser trilhado é longo e suas metas parecem eternas, mas a Esperança de Deus é o que dá sentido à evolução, à Existência.

Senti-Me parte do Divino, tentando crescer. Já não Me vi como um indivíduo, mas sim como uma partícula de Deus, que deveria retornar para que Ele vivesse algo maior.

Essa experiência Me levou a amar a evolução, não como um processo pessoal, mas como parte de um Todo, que deve viver algo ainda desconhecido para todas as criaturas e para Deus mesmo.

Seu crescimento é desconhecido, transcende a Unidade já vivida por Ele antes de que Sua Consciência se multiplicasse.

Esse mistério se tornou o sentido de Minha evolução, que, hoje como seu Instrutor, lhes revelo com palavras simples, como quem coloca gotas de sabedoria em uma consciência, para que se renovem diante do Universo.



Minha história começa na Origem, mas não termina na Origem. Eu sou parte da Consciência de Deus e Me reconheci como tal, estando nos Himalaias. Depois dessa experiência, comecei a viver um novo ciclo, no qual não Me sentia separado de Deus e, ao contrário, vivia cada experiência como parte de Sua Consciência e recordava essa Verdade a cada instante, tentando chegar à Sua forma de pensar, de sentir, de agir para com a Criação.

Mais do que os altos graus de evolução, mais do que a sabedoria e a experiência, o que Me fez chegar a Deus e hoje vir ao mundo, enviado por Ele, em Seu Nome, foi esta simples compreensão da Verdade de que Minha evolução é parte de Deus, e Eu estou aqui para que Ele Se renove, e não por Mim.

Todos os sentidos e propósitos dentro de Minha consciência se transformaram, e Meu Coração já não tinha mérito algum com as experiências da vida em todas as dimensões. Tudo é parte da experiência do Divino; tudo é para Sua evolução e renovação; tudo é para o triunfo de Seu Amor além das dimensões; tudo é para que as criaturas despertem e possam viver não apenas para retornar, mas para retornar com um

coração pleno, sendo um átomo de Deus, preenchido por uma sublime e única experiência de redenção, que, ao retornar à Origem, não apenas acrescenta à evolução do Universo, mas renova a Consciência Divina, permitindo que um novo ciclo se inicie depois que se abra a porta da Unidade, depois que os filhos retornem ao Pai.

E, quem sabe, quando a Unidade seja uma realidade, e Deus renove a Si mesmo, Ele decida dividir-Se outra vez, semeando o Amor e uma nova Vida entre as dimensões.

Eu não poderei contar-lhes o final desta história, porque a renovação de Deus é um mistério também para Mim, mas posso inspirá-los a dar seus passos e, por si mesmos, ver este Plano se concretizar.

Seu pai e amigo,

São José Castíssimo



Sagrado Relicário do Castíssimo Coração de São José

Notas

1. **Seu Filho:** São José refere-se ao Filho de Deus, ao Unigênito.
2. **Sua Santa Serva:** São José refere-se à Virgem Maria, Mãe de Deus.
3. **Começar de novo:** A humanidade sofreu muitas interferências e intervenções que precisou enfrentar e transcender recomeçando do zero. Um dos exemplos mais conhecidos por todos foi o dilúvio universal, que gerou na raça a necessidade de começar tudo de novo, quando foi possível restabelecer seu hábitat e continuar as aprendizagens da vida comunitária. Também houve, desde o início, várias tentativas de estabelecer uma raça na qual o Projeto Genético pudesse se desenvolver, mas, por diversos motivos, ele foi abortado; dessa forma, foi necessário começar novamente até que os resultados pudessem garantir um desenvolvimento equilibrado que cumprisse as Leis Superiores da Criação.
4. **Princípio da Unidade:** Para aprofundar este princípio, vide a seguir a Mensagem da Virgem Maria, transmitida em 25 de agosto de 2016 à vidente Irmã Lucía de Jesús:

O PODER DIVINO DA UNIDADE

Nem a besta aparentemente mais forte poderá atacar os Meus filhos a ponto de destruir neles o que Eu construí com Minhas Santas Mãos. Uma fortaleza erguida por Deus é eterna e não há vento nem trevas que possam derrubá-la. A base dessa fortaleza é a vivência do que lhes ensinei.

Cada uma de Minhas Palavras consolida em vocês o princípio da unidade uns com os outros e com Deus. A unidade, filhos, quando vivida em plenitude, é o maior escudo destes e de todos os tempos. Ainda que trema o chão sob os seus pés e as forças do corpo pareçam desvanecer-se, se houver unidade, não haverá temor e não haverá derrota.

Se vocês estão unidos de coração, manterão os olhos abertos e não se deixarão enganar quando o adversário cegar os olhos de muitos com o medo e a ilusão. Aqueles que vivem na unidade conhecerão a Verdade e saberão que falso é o poder dos que se elevam sobre as trevas; estes cairão e desaparecerão como pó com o surgimento da Luz Crística.

Se vivem a unidade, sustentarão não apenas o próprio espírito, mas serão as colunas de um grande templo que, no momento da tempestade, amparará em si os que estavam perdidos, mas que ainda traziam em seu interior a esperança de um dia se encontrarem.

A fortaleza da unidade os manterá em neutralidade e equilíbrio quando os acontecimentos vindouros desequilibrarem os incrédulos e os homens de pouca fé por não acreditarem que, depois da noite, o Sol brilhará e que o amparo de Deus sempre estará sobre aqueles que se reconhecerem como Seus filhos.

A unidade os fará compreender quais acontecimentos lhes chegam como assédio, quais são provas e quais são aprendizados necessários para a sua evolução. No espírito da unidade uns com os outros, poderão superar todas essas instâncias da forma correta e com maturidade.

Por isso, filhos, o grande aprendizado da unidade deve ser vivido neste tempo. Este é o momento de vencer as resistências do próprio interior, que os impedem de viver em fraternidade, amor e unidade com o próximo.

Saibam que aqueles que vocês tanto julgam ou que não conseguem amar nem aceitar em seus caminhos poderão ser o pilar que faltará em seu templo interior para sustentá-los firmes nos tempos que virão.

Já não são tempos de solidão nem de individualidade. No passado, esse foi um aprendizado de interiorização da humanidade, que os preparou para hoje viverem a unidade com todos os que os rodeiam.

Aqueles que são convocados para o Meu exército de Luz e de Paz devem estar sempre unidos. Não deixem que o Meu adversário derube, através do veneno corrosivo da crítica, do julgamento e da

separatividade, os pilares da fortaleza que Eu estou construindo pela sua constante permissão.

Filhos, quando deixam que o inimigo fale através de suas bocas e os separe de seus irmãos e companheiros de caminho, não é apenas a Minha Obra que estão destruindo, mas, sobretudo, a sua própria possibilidade de evoluir e de se manter de pé nos momentos de maior tribulação.

Por isso, quando sentirem que suas línguas se movem pela astúcia do adversário, silenciem e peçam o Meu auxílio; cortem a corrente do mal e invoquem o Divino Poder da Unidade.

Onde houver verdadeira unidade, não haverá trevas, e todas as batalhas serão marcadas pelo triunfo da Luz. Onde houver unidade, haverá Verdade e ali estará a Consciência de Deus Se expressando através de Seus filhos.

Digo-lhes tudo isso para que reconheçam que o triunfo do Pai Eterno não depende da força própria de ninguém, mas sim do Divino Poder da Unidade que, juntos, os Meus soldados podem atrair e manifestar.

Lutem, filhos, dia a dia, para fazer triunfar o Meu Coração e para que a fortaleza da unidade cresça e ampare em si muitas almas que estão buscando um refúgio neste mundo de tão pouca fraternidade e amor.

Onde houver unidade, uma luz se acenderá, indicando o caminho para os que ainda devem despertar nestes tempos.

A semente da unidade já está germinando e crescendo em muitos de Meus filhos, e ela deve expandir-se em todos os que Me escutam; por isso, hoje lhes faço ouvir estas Palavras.

Eu os abençoo e os conduzo ao Divino Poder da Unidade.

Sua Mãe, a Virgem Maria, Rosa da Paz

5. **Pangeia:** do grego antigo *pan* (todo, inteiro) e *Gaia* (Mãe Terra, terra), é a denominação dada pela ciência oficial de nossa civilização ao último supercontinente que existiu durante a atual evolução geológica do planeta Terra, do qual se derivou a sua recente configuração em terras continentais. Sua existência e dinâmica foram teorizadas pelo climatologista e geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), baseadas em diversas evidências corroborativas, e registradas em várias publicações entre 1912 e 1920. A Pangeia se formou a partir de unidades continentais anteriores – Gondwana, Laurásia e Sibéria –, durante o período Carbonífero, a cerca de 335 milhões de anos, nos finais da era Paleozoica, e perdurou até cerca de 200 milhões de anos, no final do período Triássico e início do período Jurássico da era Mesozoica, quando seus blocos começaram a se separar no fenômeno que é conhecido como Deriva Continental.
6. **Segunda parte da divisão da Terra:** Quando os continentes conhecidos como Gondwana e Laurásia seguem se movendo e dão origem à formação dos continentes que temos hoje.
7. **Seres do universo:** São José refere-se aos seres que fazem parte das diferentes civilizações do universo e que não compreendem por que Deus continua empenhando-se tanto pela civilização humana da Terra, apesar de sua decadência ser cada vez mais profunda.
8. **Grécia Antiga:** São José refere-se a um período mais antigo daquele que conhecemos sobre essa parte de nossa civilização, quando existiram os chamados deuses gregos, consciências com certo desenvolvimento que, por não haver informações registradas e comprovadas, permanecem desconhecidas para nós até hoje.
9. **Manipulação de certas energias:** São José refere-se a certas energias que já não correspondem ao atual grau evolutivo da

humanidade e que são utilizadas de maneira incorreta, como a magia, a manipulação dos elementos e toda forma de conduzir fatos e acontecimentos na tentativa de gerar poder em benefício próprio.

- 10. Era patriarcal:** Período em que o pai era o líder da família, o chefe militar, o sacerdote e/ou profeta e guiava sua tribo ou povo. Para ele e através dele, Deus fazia conhecer Sua Vontade e Seus Propósitos. Predominavam os seguintes conceitos: a) a unidade com um só Deus (não existia nenhum movimento politeísta), b) a Personalidade de Deus (não há vestígios de panteísmo nem de adoração aos elementos da natureza), c) a Universalidade de Deus (Ele é o Deus de toda a Terra).
- 11. Face de Abraão:** Nesse momento, esse patriarca vivia uma intensa experiência com Deus.
- 12. Quando reencontrei-Me com Abraão:** A primeira vez que Abraão e São José se encontraram foi nos planos espirituais, durante a experiência no Egito.
- 13. Em outra circunstância:** No deserto do Egito.
- 14. Impulso dado na era patriarcal:** São José nos explica que os profetas vieram dar um impulso que deveria continuar sendo aprofundado e transformado até a chegada de Cristo, que daria outro impulso à consciência humana. Este impulso deveria igualmente continuar sendo aprofundado, multiplicado e transformado até Seu Retorno. Mas uma parte da humanidade se deteve no impulso dos profetas e patriarcas, como algumas religiões que estão fundamentadas naquele primeiro impulso; outras se detiveram no impulso dado por Cristo, sem aprofundar nem desenvolver o que Ele nos ensinou para que preparemos Seu Retorno.

15. Espaços divinos da consciência do planeta: Espaços internos do planeta, materiais e imateriais, de onde se acompanha a evolução da raça de superfície e de onde os Mestres da Luz, a serviço do Plano do Criador, tentam orientar os seres da superfície para que o Projeto Humano possa ser cumprido assim como Deus o pensou.

16. Fundei uma linha de pensamento: São José refere-se ao movimento espiritual chamado Rosacruz.

O termo Rosacruz refere-se originalmente a uma lendária ordem cristã que teria sido fundada por Christian Rosenkreuz, de origem alemã, supostamente nascido em 1378.

Segundo o que se conhece neste mundo como “lenda”, Christian Rosenkreuz descobriu e aprendeu a sabedoria esotérica entre os sábios árabes, em sua viagem de peregrinação pelo Oriente, supostamente entre o fim do século XIV e o início do século XV.

Ao retornar ao Ocidente, fundou a “Fraternidade da Rosa Cruz”. Sob sua direção, foi contruído um templo conhecido como *Domus Sancti Spiritus*, ou “A Casa do Espírito Santo”.

Há relatos de que seu corpo foi descoberto por um Irmão da Ordem, em perfeito estado de conservação, 120 anos após sua morte, em uma câmara erigida por ele mesmo como repositório de sabedoria.

Foi relatado também que, no sarcófago do centro da cripta heptagonal de Christian Rosenkreuz, estavam escritas, entre outras inscrições, as palavras *Jesus mihi omnia, Nequaquam vacuum, Libertas Evangelii, Dei intacta Gloria, Legis jugum*, que podem ser traduzidas para o português como: Jesus é tudo para mim, De nenhuma maneira o vácuo, A liberdade do Evangelho, A Glória inviolada de Deus, O jugo da Lei.

17. **Estudei a visão humana:** São José refere-se a uma experiência por meio da qual criou as bases científicas para a invenção das lentes (óculos).
18. **Suprafísico:** Manifestação da vida não concreta em coordenadas de tempo e espaço a partir da quarta dimensão de consciência. Por exemplo: uma base suprafísica de um Centro Planetário Intraoceânico e/ou Intraterreno pode ter uma manifestação suprafísica e desenvolver tarefas como qualquer manifestação material concreta tal como nós a conhecemos na Terra.
19. **Consciências planetárias e solares:** São José refere-se aos seres criados que têm como corpo um planeta, um sol ou uma estrela. Esses seres são a própria consciência desses astros e existem para desenvolver o Plano de Deus nos universos materiais.
20. **Mirna Jad:** Centro Planetário que se expressa no nível intraterreno e suprafísico da região sudeste do Brasil (sul do estado de Minas Gerais).
21. **Lysnel:** Retiro Intraterreno vinculado ao Centro Planetário Lys, que se manifesta na região de Lourdes, nos Pirineus, França.
22. **Lys:** Centro Planetário que manifesta seu epicentro no nível intraterreno, intraoceânico e suprafísico de Portugal, Europa Ocidental, e alcança, com sua irradiação e com algumas tarefas específicas, algumas regiões da Espanha, do Mar Mediterrâneo e do norte da África.
23. **Depender do livre-arbítrio para atuar:** Com esta expressão, São José nos explica que, como a humanidade tem livre-arbítrio que deve ser respeitado, Ele, muitas vezes, não pode agir e assistir a humanidade porque deve respeitar a autodeterminação do ser humano, por mais equivocado que esteja.

24. Níveis mais internos: Há consciências que chegam ao planeta para viver sua redenção, mas não estão em condições de participar através de uma encarnação na superfície como as demais, em razão de seu estado involutivo.

Então, ingressam em alguns recintos internos do planeta, organizados para assisti-las e são colocadas nos denominados “cristais prisão” ou “cápsulas prisão”, para que permaneçam em ambientes adequados, vivendo sua purificação até que sua condição lhes permita participar da roda evolutiva.

25. Erros: São José refere-se aos grandes erros cometidos no universo, no decorrer das guerras antigas e da rebelião cósmica nas quais grande parte do universo suportou equívocos inesperados para as civilizações evoluídas.

26. Não tempo: Vide no Glossário o termo TEMPO REAL (DO UNIVERSO).

27. Interior do planeta: São José não se refere apenas a um espaço material no interior da Terra, mas também aos espaços internos suprafísicos do planeta, onde a vida evolutiva transcorre, tão ou mais intensamente que sobre a superfície.

28. Pecado cósmico: São José refere-se aos equívocos cometidos no cosmos, erros e pecados com os quais os seres vêm à Terra, a esta escola de amor, perdão e redenção, para tentar transcender e transformar esses erros em conquistas de luz e de misericórdia, através da escola crística que Cristo manifestou neste planeta.

Glossário

AVATAR

Estado evolutivo de um ser que alcançou um ponto de sua trajetória no qual, depois de passar por todas as suas aprendizagens materiais, começa a reunir as informações de todas as suas mônadas a partir do aspecto mais evoluído de seu ser. Ao reunir essas informações, já está, em função dessa síntese, em condições de guiar expressões da vida sideral. A Escola de Avatares é uma escola superior de formação para consciências universais que se preparam para realizar tarefas mais amplas e de grande responsabilidade no universo. Vide MÔNADA.

DONS DIVINOS

Segundo o que se conhece até hoje como os dons do Espírito Santo, a doutrina cristã nos revelou que são: a sabedoria, a inteligência, o conselho, a fortaleza, a ciência, a piedade e o temor de Deus. São virtudes que o Espírito Santo outorga aos seres para que possam expressá-las no seu serviço às almas.

Em abril de 2020, durante a Sagrada Semana, no Centro Mariano de Figueira, Nosso Senhor nos transmitiu que, além dos sete dons materiais que já conhecemos, existem catorze dons imateriais do Espírito Santo. São eles: 1. a ciência do entendimento, 2. o espírito da verdade, 3. a fortaleza da luz, 4. o amor incomensurável, 5. a abnegação eterna, 6. a sabedoria divina, 7. a cura espiritual, 8. a vida interior, 9. o conhecimento cósmico, 10. a transmutação, 11. a solidez da alma, 12. a graça incondicional, 13. a inteligência divina, 14. a reconciliação interior.

ENERGIAS CAPITAIS

São José refere-se às energias que já conhecemos, como a soberba, a avareza, a luxúria, a ira, a inveja, a gula e a preguiça. Neste último tempo, a Divindade revelou que a corrupção e a indiferença também se tornaram energias capitais que governam a humanidade em seu processo de degeneração.

ESPELHOS

(...) Um verdadeiro Espelho é um instrumento de Luz criado por Deus para que os planetas, as estrelas e, além deles, as galáxias e os universos estejam comunicados com o mesmo princípio e energia. (...)

Santa Teresa de Jesus teve a missão, encomendada por Meu Filho, de recuperar o espelho do coração por meio da oração, da contemplação e da adoração a Cristo. Mais tarde, uma parte da humanidade recuperou o sentido da espiritualidade e, por meio de algumas consciências santificadas, o princípio maior de comunicação dos Espelhos retornou ao planeta. Hoje, a Divindade Celeste está a cargo de tudo isso junto com essas consciências santas que, do Céu, ajudam a enviar impulsos cósmicos para despertar a humanidade.

Santa Teresa de Jesus é a grande missionária do Céu que leva adiante o despertar da vida contemplativa e é a que ajuda espiritualmente que cada alma orante, independentemente de sua religião, de sua nação ou continente, possa encontrar o sentimento positivo desse espelho interior.

Assim a raça, que em sua maior parte está adormecida e hipnotizada por ilusões materiais, recebe a colaboração imediata dos Espelhos do Céu para reencontrar, nestes tempos, os seguintes impulsos:

1. A recuperação da integridade espiritual e coletiva da humanidade.
2. O sentido de descobrir a missão de cada alma presente sobre a Terra.
3. A descida sublime da Lei da Misericórdia, da Graça e da Liberação.
4. O reencontro com estados de consciência superiores que levam a humanidade a estados divinos.
5. O despertar da outra parte da consciência que em cada ser está adormecida.
6. A comunicação interna com as Leis Universais e suas principais correntes de equilíbrio e de cura.

7. A oportunidade de redimir a vida na superfície da Terra e a reabilitação da alma por meio dos impulsos crísticos e celestiais.

(...) Os Espelhos do Céu são transmissores de códigos e de novas condutas para a vida da superfície do planeta.

Quando uma consciência ora de verdade e de coração, sem buscar nada em troca, apenas estando em espírito de cooperação com o Plano de Deus, as portas desses Espelhos Celestiais se abrem para ingressar em regiões espirituais do planeta onde é urgente a Redenção e a Misericórdia de Deus.

Um Espelho do Céu pode estar manifestado de várias formas, porque, como é um instrumento do Universo Espiritual, ele se mostra segundo a necessidade que seja premente em um mundo como o de vocês.

A comunicação entre os Espelhos do Céu se estabelece quando todas as criaturas criadas por Deus estão em oração. É assim que tais Espelhos se ativam e começam a atrair para a Terra princípios da vida universal que a humanidade perdeu completamente, por exemplo:

- A reverência ao Criador.
- O amor pelos estados superiores.
- A busca da união interna com Cristo.
- A esperança de receber cura.
- O reencontro com a verdadeira origem.
- A fusão com os dons do Espírito Santo.
- A realização da missão espiritual da humanidade.

Por isso, (...) os Espelhos do Céu ajudam a reencontrar o sentido e a razão espiritual de estarem presentes neste planeta, com os Reinos da Natureza, participando da criação deste Projeto Divino que é a humanidade, projeto que deve cumprir-se, apesar de tudo.

A consciência planetária, nos últimos cinquenta anos, tem sido muito ajudada devido ao constante risco que a humanidade vive de perder a oportunidade de concretizar esse Projeto, que é desconhecido por 99% dos seres.

Por isso, a tarefa da Hierarquia Celeste com a humanidade tem sido incalculável e urgente, na esperança de que mais consciências despertem para a real necessidade de uma mudança interior e planetária, que, se não ocorresse, comprometeria o mundo inteiro.

Para que esse passo, que deve ser dado por todos, seja possível em meio a esta transição inicial que a Terra enfrenta, muitas atitudes, formas e hábitos de vida deverão mudar para que a energia espiritual, neste caso a dos Espelhos Celestiais, ajude a transformar a consciência terrestre.

Por isso, a vida planetária viverá suas provas. Certas tendências e hábitos da vida material mudarão abruptamente quando o Universo Celestial dos Espelhos começar a se aproximar do planeta, através das correntes divinas que serão captadas pelas almas orantes.

Quando isso se tornar mais consciente, a Terra já estará no auge de sua transição. Por isso, sua Mãe vem treinando-os na arte de orar, para que os corações sejam porta-vozes e exemplos desses princípios sutis (...).

Trechos da Mensagem diária da Virgem Maria, de 24 de agosto de 2015. Vide a Mensagem completa em www.mensageirosdivinos.org

ESTANQUES DA CRIAÇÃO

Espaços do cosmos onde geralmente se manifestam civilizações ou grupos de civilizações. Se pudéssemos ver ou imaginar esses espaços, eles se expressariam como enormes lagos de luz. Nesses espaços, chamados Estanques Cósmicos ou Estanques da Criação, é onde são sintetizadas as energias que surgem como informação das experiências de vida e evolução de tudo o que foi criado no Universo Material. Esses Estanques Cósmicos fornecem uma síntese de vida às diversas

essências que surgirão desses estanques, essências que serão o núcleo original que dará vida e o primeiro impulso evolutivo a cada ser que se manifestar nesta Criação.

ESTEKNA-MANES

O povo Estekna-Manes originou-se da mistura de seres indígenas do continente americano com seres que sobreviveram ao afundamento da Atlântida e chegaram às amplas costas do que hoje é a América. Foi um povo que, enquanto habitou e participou da superfície, soube unificar o melhor das duas raças e que, à medida que viviam sua experiência e desencarnavam, ingressavam nos diversos Retiros Intraterrenos ao alcançar a quarta dimensão de consciência.

Atualmente, fazem parte de um povo evoluído que assiste a humanidade de superfície a partir dos planos internos e realiza importantes tarefas nos Centros Planetários e Retiros Intraterrenos, denominados por São José como Centros de Amor.

FINAL DOS TEMPOS

Tempo planetário atual, no qual a renovação da raça deverá ser total: material, mental e espiritual, para que a humanidade possa ascender à quarta dimensão de consciência e possa conviver com o resto do universo como uma civilização evoluída. Vide REAL TEMPO (DO UNIVERSO).

LEI SUPERIOR DE RENOVAÇÃO

Trata-se da Lei Superior da Renovação Material. Esta lei:

assegura o contínuo fluir de emanções da essência imaterial da vida para a matéria, revitalizando-a. No decorrer de sucessivas expansões, a matéria passa aos poucos à existência desprovida de formas, até chegar às etapas em que é divinizada. Essas etapas fundamentam-se na lei da renovação material e levam a vida concreta a ampliar-se consideravelmente.

Nos contatos preliminares com essa lei, a consciência aprende a relacionar-se com fogos mais potentes, e assim a dominar o fogo da matéria; o inferior vai sendo absorvido e transformado pelo superior e imaterial. O surgimento de padrões de harmonia e equilíbrio principia nesse ponto. No entanto, a aplicação dessa lei não visa eliminar os atributos naturais dos níveis concretos, mas ligá-los aos mundos mais sutis. Para isso, por meio da lei da renovação material, vem sendo estimulada a implantação de uma existência pautada por valores que levem os homens a contatar realidades cósmicas. A essa realidade alguns seres já se encaminham.

Importante reflexo da ação da lei da renovação material atualmente é o implante do novo código genético, o que leva os corpos humanos a expressarem estados de consciência mais elevados, que dizem respeito à Terra futura e desde já procuram introduzir-se na humanidade por intermédio dos seres resgatáveis.

Nas mudanças de ciclo, o indivíduo passa por provas e é colocado diante de oportunidades incomuns. No decorrer dessas mudanças, há maior possibilidade de um trabalho ser feito no âmago da matéria dos seus corpos, liberando a luz das células e átomos. A esfera de consciência da superfície terrestre deve ser capaz de fornecer a seres provenientes de outros esquemas planetários ensinamentos referentes à interação com o mundo das formas; mas certa harmonia tem de estar implantada na vida da humanidade para que isso seja possível.

(Trigueirinho, *A Trajetória do Fogo*, Carmo da Cachoeira, Irindin, 2021, pp. 138-140)

GRÉCIA ANTIGA

São José refere-se a um período mais antigo daquele que conhecemos sobre essa parte de nossa civilização, quando existiram os chamados deuses gregos, consciências com certo desenvolvimento que, por não haver informações registradas e comprovadas, permanecem desconhecidas para nós até hoje.

LOGOS PLANETÁRIO

Consciência que rege âmbitos planetários ou setores de sistemas solares. Assume conduzir a obra que deve ser realizada para manifestar o propósito de cada planeta, de grupos de planetas e de sistemas estelares. Governa a relação e a manifestação do propósito dos diferentes setores universais que lhe corresponde, vinculando-os a diferentes setores de vida sideral.

Para ampliar o tema, vide “Logos Planetário” em *Glossário Esotérico* de Trigueirinho, Irdin Editora.

MÔNADA

Todos os seres têm certos núcleos de consciência através dos quais se manifestam, aprendem e evoluem. Estes núcleos de consciência têm uma manifestação material, mental e espiritual. Na manifestação material encontram-se: o núcleo ou corpo físico-etérico, o astral e o mental concreto. Os três são formados pela herança genética, ou seja, são o resultado da combinação genética de nossos pais. Isso representa a manifestação material de nosso ser, um espaço onde os núcleos superiores podem manifestar-se, ter experiências e aprender durante a encarnação.

Depois, existe o núcleo ou corpo da alma, a manifestação imaterial que guarda a informação de todas as experiências que vivemos até agora em nossa existência evolutiva; isto é, guarda a informação de todas as nossas encarnações no plano material e as informações dos períodos em que uma consciência tem experiências nos planos internos.

Logo após a alma, habita o núcleo ou corpo de luz, que é a ponte entre os espaços e dimensões mais materiais e os espaços espirituais da consciência. É o núcleo ou corpo que permite que os impulsos superiores do ser possam chegar ordenadamente à alma e, através dela, aos núcleos ou corpos mais densos.

Depois do corpo ou núcleo de luz, manifesta-se a mônada*, núcleo de consciência que atrai e guarda, desde os planos espirituais até a

encarnação, a missão que cada ser tem que cumprir e manifestar segundo a Vontade do Criador, a serviço da vida material.

O último núcleo ou corpo de consciência do ser encarnado é a essência, núcleo que guarda o que os seres têm de mais puro, aquilo que emerge dos Estanques Cósmicos, onde se organizam as informações mais sublimes depositadas nesses estanques, as que vão acompanhar o ser durante toda sua vida evolutiva. Essa essência, no caso do Projeto Genético Humano, é onde se guarda a conexão direta que cada ser tem com o Criador. Cada essência que surge dos Estanques Cósmicos é direcionada pelos Senhores do Carma ou Senhores da Lei para começar sua vida evolutiva em algum lugar do cosmos, de acordo com um programa estabelecido na Criação.

Os Senhores do Carma ou Senhores da Lei são um grupo de consciências ultraterrestres (pertencentes ao Universo Mental) que se dedicam à organização e ao desenvolvimento harmonioso da vida universal. Eles têm como uma de suas tarefas monitorar e acompanhar a vida evolutiva de cada criatura criada, para que esta vida evolutiva sempre se mantenha no equilíbrio da Lei. Vide **ULTRATERRESTRE**.

PRINCÍPIO DE DEUS

Um Princípio Divino é a energia com a qual o Criador pode manifestar-Se através dos seres inferiores (criaturas materiais das diversas raças e civilizações do cosmos criado) para que Sua Consciência possa obrar diretamente, sem intermediários, na vida de Seus Filhos.

Existem Princípios Divinos Primários, como algumas das grandes emanções que provêm das Fontes da Criação, que iluminam toda a existência: a Unidade, a Vontade, a Sabedoria, o Amor, a Cura, a Graça, a Misericórdia, o Perdão.

Cada vez que um ser manifesta energias desses princípios, em si mesmo e para outros seres, de forma espontânea e simples, é porque o Criador está podendo manifestar-Se através desse ser. Dessa forma, pode iluminar e renovar a Criação.

Existem outros princípios que provêm da união de diversas emanações divinas que são auxiliares desses princípios primários, energias sublimes que, ao manifestar-se, todos podemos sentir que provêm do Criador: a humildade, a reverência pelo sagrado, a simplicidade, a liberdade espiritual e uma infinidade de outras, todas as energias que regem, como leis, a organização da Criação.

PROJETO HUMANO

Projeto de evolução desenvolvido pelo Criador desde a origem, que tem uma característica única na Criação. Diferencia-se de todas as demais civilizações criadas porque cada ser pertencente a este projeto contém, dentro de sua essência, uma molécula divina; isto é, uma conexão espiritual direta com o Criador. Através dessa conexão, a civilização humana da Terra tem a capacidade e/ou a possibilidade de fazer uma conexão direta com a Consciência do Pai Eterno e de unir-se a Ele por meio da experiência do Amor Universal e Crístico como a que viveu Jesus, o Cristo. Por isso, é uma civilização que sofre tanta interferência e assédio das forças do mal.

RAIOS IMATERIAIS

Energias fundamentais do cosmos que provêm das Fontes da Criação e que transferem, para onde atuam, qualidades definidas para compor tudo o que existe. Em nosso planeta Terra de terceira dimensão, manifestam-se sete Raios Materiais que atraem essas qualidades e se relacionam com toda a vida planetária. Os Raios Imateriais que chegam sutilmente a nossa esfera planetária são cinco e têm como tarefa elevar a vibração e a frequência de tudo o que existe.

Para ampliar o tema, vide “Raios” em *Glossário Esotérico* de Trigueirinho, Irdin Editora.

REINISTAS

Denominação utilizada para indicar os seres que participam da Linhagem dos Reinistas, tarefa específica que os seres desenvolvem junto aos Reinos da Natureza. Uma linhagem é a tarefa que cada espírito tem que desenvolver quando presta um serviço ao universo. Esse serviço pode ser realizado na superfície de alguma civilização ou nos planos internos, em algum lugar do universo. Vide VIDA CÓSMICA E UNIVERSAL.

TEMPO REAL (DO UNIVERSO)

Este universo local se organiza, se expressa e vive em doze dimensões: sete dimensões no Universo Material, da primeira à sétima; três dimensões no Universo Mental, da oitava à décima, e duas no Universo Espiritual, a décima primeira e a décima segunda.

Uma dimensão é uma experiência de tempo e de espaço. Isso significa que uma dimensão é o que uma consciência pode vivenciar em uma coordenada de tempo e em outra coordenada de espaço, de acordo com seu grau de evolução, ou seja, seu grau de aprendizagem. Essas duas coordenadas, tempo e espaço, que ocupam um lugar no universo, podem relacionar-se com outras coordenadas ou podem criar a condição especial para manter isolada uma experiência.

O planeta Terra encontra-se na extremidade de um dos braços da galáxia da Via Láctea, em um sistema chamado Sistema Solar, que é formado por uma estrela maior, o Sol, ao redor do qual gira um conjunto de planetas e seus satélites. Tem sua experiência de vida na terceira dimensão de consciência do Universo Material, Mental e Espiritual.

Em outras palavras, o grau de aprendizagem desta raça humana na superfície deste planeta expressa-se na terceira dimensão do plano material, a expressão que corresponde a essa vibração no plano mental assim como no plano espiritual.

Esse é, em geral, nosso estado evolutivo: somos uma raça de terceira dimensão de consciência. No entanto, no universo existem raças e experiências de vida muito avançadas, em dimensões superiores.

Neste universo local de nove galáxias, no qual vivemos, realiza-se uma experiência de vida que cumpre várias pautas. Todos os seres que vivem e têm suas experiências neste universo local participam dessas pautas. Em outros universos ou conjunto de galáxias, vivem-se outras pautas e outras realidades, tão infinitas como infinita é esta Criação.

Neste universo local, existem três experiências de vida bem distintas: uma é material, outra é mental e outra é espiritual; ou seja, na experiência espiritual, existe apenas vida espiritual, que não tem mente nem matéria, mas que é a fonte das outras duas. Ser fonte das outras duas significa que dá vida a ambas e que elas existem porque essa experiência espiritual as alimenta para viver uma vida complementar à espiritual.

Essa experiência espiritual é denominada “Universo Espiritual”, que é habitado somente por consciências ou inteligências espirituais emanadas diretamente da essência do Criador.

Esse Universo Espiritual emana outro tipo de experiência formada por energia mental, por energia do pensamento, por energia criadora. Não tem matéria, apenas energia do pensamento. Chamamos essa experiência de “Universo Mental”.

Nesse Universo Mental, habitam os seres chamados Resplandecentes, que conhecemos como arcanjos, e suas hostes de Luz, os anjos e os devas criadores, que são emanções mentais do que chamamos Deus no Universo Espiritual e que têm a seu encargo a tarefa de criar a matéria.

Então, a partir do Universo Mental, sob o impulso ou as indicações do Universo Espiritual, são criados os universos materiais, que dão vida a tudo o que é matéria: sistemas, estrelas, planetas, civilizações, seres.

E a confirmação de todo esse sistema somos nós, seres que temos um aspecto material, corpos mais densos, uma mente que compartilha nossa experiência e um mundo interior ou vida do espírito, que complementa nossa existência. Isto é o que somos, à imagem e semelhança da Criação.

Este universo local, em que habitamos e existimos como raça ou civilização, é uma experiência de vida incomensurável, que se desenvolve no Real Tempo do Universo.

Contudo, nosso planeta e nossa civilização habitam em um tempo alternativo, no qual nossa experiência de vida está isolada do resto da vida universal, já que vivemos um projeto único que ainda não chegou ao fim e não se cumpriu. Vivemos em uma coordenada de tempo e espaço isolada do resto da vida universal.

Por que e para quê?

Imaginemos que foi confiada uma tarefa especial aos Jardineiros do Espaço: organizar uma raça que experimente um projeto muito singular, único na Criação. Esse projeto poderia ter um desenvolvimento diferente do das demais raças e, por esse motivo, necessita de um “ambiente” também único para se desenvolver.

Assim, os Jardineiros do Espaço consideram a possibilidade de organizar um espaço e um tempo, uma coordenada que mantenha esse projeto isolado até que sua experiência seja concluída e possa se cumprir. Dessa forma, não se correrá o risco de que outras flores do Jardim do Criador sejam alteradas ou modificadas pela presença ou pela influência dessa experiência tão particular.

Portanto, os Jardineiros do Espaço organizam uma coordenada alternativa em algum lugar do universo no qual não se possa afetar, nem para o bem nem para o mal, a experiência que os demais estão vivendo.

Quando esta experiência chegar ao fim, ou seja, quando o projeto se cumprir, esta civilização poderá ingressar definitivamente no Real

Tempo do Universo e compartilhar com as demais civilizações. Sairá dessa coordenada de tempo alternativo para viver no Tempo Real.

Devido a esse tempo alternativo em que vivemos, um tempo na terceira dimensão de consciência, que é a dimensão na qual temos nossas experiências, não podemos acessar, não podemos “ver nem perceber” todas as civilizações que nos rodeiam, porque elas existem a partir da quarta dimensão de consciência.

Na Terra, vivemos uma experiência na terceira dimensão do Universo Material, do Universo Mental e do Universo Espiritual. As demais civilizações materiais vivem da quarta até a sétima dimensão de consciência. Por isso, não podemos acessá-las, não podemos vê-las, porque estamos nesta coordenada alternativa.

Em outras palavras, não as acessamos, não as vemos, não temos possibilidade de chegar a elas e, ridiculamente, cremos que estamos sós no universo. Mas elas sabem de nós e, a partir da quarta dimensão, estão esperando que compreendamos o Propósito que esta raça tem como destino, cuja tarefa é oferecer algo único a toda a vida universal.

Enquanto isso, seguimos aqui, sem dar importância a nada que não possamos tocar, conquistar, adquirir ou possuir. Seguimos nesta coordenada que, a esta altura, transformamos em nossa própria prisão.

Por isso, os livros sagrados falam do “final dos tempos”. Falam que o tempo alternativo chega ao fim e que ingressamos no Real Tempo do Universo. Já não existirão os dois tempos, para que possamos transferir nossa experiência a um só tempo, o tempo de todos.

Mas isso só acontecerá quando nossa civilização for corrigida do seu desvio, porque, ao longo do tempo e por suas escolhas, desviou-se totalmente do Propósito para o qual foi criada.

ULTRATERRESTRE

A Criação, de acordo com o que foi transmitido pela Hierarquia Divina e pela Irmandade da Luz, expressa-se em três estados de consciência: o material, o mental e o espiritual.

Cada uma dessas expressões, chamadas “universos”, caracteriza-se por ser habitada por diferentes estados de consciência que, desde a matéria mais densa até a manifestação mais sublime do espírito, manifestam a vida que a Vontade do Criador quis expressar.

No Universo Mental, que se expressa além da sétima dimensão de consciência e até a décima, encontra-se o que a Hierarquia denomina Esfera Ultraterrestre.

Nela habitam consciências de energia mental, consciências que podemos chamar seres, que foram criados segundo leis desconhecidas da raça humana. Esses seres, como os arcanjos e os anjos, originários desse universo, estão destinados a levar adiante tarefas extraordinárias sob as leis da obediência irrestrita à Vontade Divina.

Esses seres têm a grande capacidade de ser criadores de realidades mentais e materiais, razão pela qual podem manifestar-se com expressões semelhantes a corpos, para que os habitantes do Universo Material possam compreendê-los e estabelecer contato com eles.

UNIVERSO

Reunião de um grupo de galáxias que compartilham o mesmo sistema de evolução. O planeta Terra faz parte de uma galáxia, conhecida em geral como Via Láctea, que tem cerca de quatrocentos bilhões de sóis como o do nosso Sistema Solar, cada sol com uma média aproximada de dez planetas ou mais.

Nosso universo local é formado por nove galáxias: uma galáxia maior que conhecemos como Andrômeda e outras oito que orbitam ao seu redor, entre as quais inclui-se a Via Láctea.

A reunião das galáxias para formar os universos nem sempre é organizada de forma geográfica, isto é, elas não se agrupam por estarem umas perto das outras, como as vemos materialmente, mas se organizam por outras Leis que são desconhecidas de nossa civilização.

VIDA CÓSMICA E UNIVERSAL

Neste universo local de nove galáxias que compartilham o mesmo sistema de evolução, os seres evoluem basicamente através de sete mônadas. Cada uma delas encarna, uma de cada vez, quando o ser tem uma nova oportunidade de experienciar uma encarnação na superfície material de alguma civilização ou nos planos internos. Embora nos planos internos não se viva uma vida material tal como a conhecemos, do ponto de vista da aprendizagem, ela é tão ou mais importante que as encarnações na matéria física de superfície.

Cada mônada representa uma linhagem, ou seja, uma tarefa a manifestar na encarnação. As tarefas que os seres realizam em suas experiências de aprendizagem em diversas encarnações são definidas na Criação como linhagens. As linhagens são o conjunto de determinadas informações ou conhecimentos que são experienciados pelas consciências e que, além de prestar um serviço universal por meio deles, também se renovam com o passar do tempo e com o que cada criatura experimenta no Universo Material.

As linhagens experienciadas até agora neste projeto genético e conhecidas pelos seres desta civilização são: Guardiães, Curadores, Sacerdotes, Espelhos, Instrutores, Governantes, Visionários, Contemplativos e Reinistas. Por meio da vivência das linhagens, os seres têm a oportunidade, com cada aprendizagem, de trazer o Céu à Terra para que a Vontade de Deus se cumpra.

Esses núcleos de consciência reunidos são os que, em termos gerais, vivem todos juntos a experiência da vida e assim aprendem e servem ao que lhes corresponde em cada encarnação.

O Regente desta experiência é o que chamamos Ser Real ou Ser Cósmico, que é a reunião de outros aspectos de nossa consciência. Esse aspecto superior de nossa consciência é o que poderíamos nomear como contraparte cósmica, a qual, na verdade, está tendo a oportunidade de poder manifestar uma de suas sete mônadas*, sua alma e sua essência, para que vivam uma experiência evolutiva na superfície, neste caso da Terra, para cumprir o que, no universo, pactuou com a Vontade de Deus.

Esse Ser Real ou Ser Cósmico tem a oportunidade de receber um corpo material para que sua alma, sua mônada e sua essência vivam a experiência que lhes corresponde e, assim, possa dar passos em sua evolução. Vide MÔNADA.



Associação Maria

Mãe da Divina Conceção

Fundada em dezembro de 2012, a pedido da Virgem Maria, a Associação Maria, Mãe da Divina Conceção, é uma associação religiosa, sem vínculos com nenhuma religião instituída, de caráter filosófico-espiritual, ecumênico, huma-nitário, beneficente, cultural, que ampara todas as atividades indicadas através da instrução transmitida por Cristo Jesus, pela Virgem Maria e por São José. Estimula uma legítima cooperação ecumênica e uma relação fraterna entre as religiões, por meio da oração e do serviço altruísta. As contribuições, em todas as suas manifestações (monetária, recursos materiais e trabalho voluntário), possibilitam que suas atividades sejam gratuitas, mantenham-se e se ampliem.



ORDEM GRAÇA MISERICÓRDIA

Organização religiosa cristã, autônoma e ecumênica, sem vínculo formal com qualquer religião instituída. Propõe um viver monástico por meio da vida consagrada, tendo como base o ensinamento de Cristo.

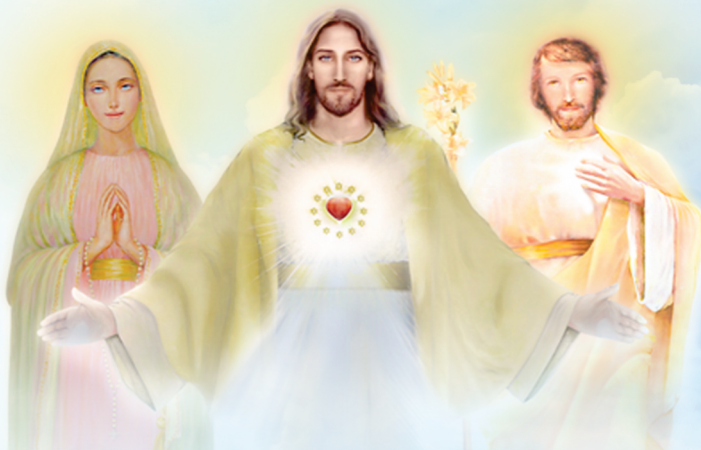
Fundada em 2009, a Ordem procura ofertar-se incondicionalmente como instrumento da Obra Divina, em comunhão com todos os seres humanos e demais Reinos da Natureza. Trata-se de uma proposta de vida fraterna, comunitária, consagrada à paz, à oração, ao bem e ao serviço abnegado.



José Trigueirinho Netto (1931-2018), filósofo espiritualista, escreveu 84 livros publicados em diversos idiomas e proferiu mais de 3.000 palestras gravadas ao vivo, disponíveis gratuitamente no site da Irdin Editora. Em sua própria vida, deu testemunho dos ensinamentos que transmitiu nos livros e nas palestras sobre a transcendência e a elevação do ser humano, o contato com a alma e com núcleos ainda mais profundos do ser, o serviço impessoal e a coligação com as Hierarquias Espirituais. Foi fundador da Comunidade-Luz Figueira, um dos membros fundadores da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional, e cofundador da Ordem Graça Misericórdia.



Irmã Lucía de Jesús, monja vidente da Ordem Graça Misericórdia, dedica sua vida à oração e ao serviço abnegado, segundo as indicações de Cristo Jesus, da Virgem Maria e de São José. A partir de outubro de 2012, atendendo ao pedido da Virgem Maria, iniciou sua tarefa de vidente em aparições públicas dos Mensageiros Divinos. É coautora dos livros *Mensagens de Humildade*, *Diálogos de uma alma com Deus* e *Via Crucis - Caminho Eterno para os Corações*, publicados pela Irdin Editora.



CONHEÇA A COLEÇÃO COMPLETA DOS *Mensageiros Divinos*

A Virgem Maria, Cristo Jesus e São José Castíssimo iniciaram a transmissão de Mensagens a toda humanidade através dos monges videntes da Ordem Graça Misericórdia em 2011, e Suas Palavras compõem uma coleção de livros que leva ao mundo a preciosa Instrução dos Mensageiros Divinos.

A Coleção é constituída por diferentes títulos com mensagens, orações – também disponíveis para o público infantil –, poemas e exercícios espirituais que buscam levar o leitor a uma união mais profunda com Deus.



Aponte sua câmera para o QR code
e conheça todos os títulos da coleção
ou acesse:

www.mensageirosdivinos.org



ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

Instituição a serviço da expansão da consciência. Tem como objetivo difundir obras de natureza filosófico-espiritual nesta época de transformações globais e de grande necessidade de busca interior. Com ensinamentos que apresentam chaves para o reconhecimento das leis imateriais que governam o universo em que vivemos e sustentam a Terra, convida-nos a ampliar nosso conhecimento sobre a vida, a desvendar os mistérios da história do nosso planeta e a ingressar em caminhos de paz.

Sem finalidade lucrativa, a Irdin é mantida por colaboradores voluntários. A continuidade da editora é possível através das manifestações espontâneas de todos que acreditam que estas obras devam permanecer acessíveis a todas as almas que buscam a expansão da consciência.

Colabore
conosco!



Aponte sua câmera para
o QR code e saiba mais
ou acesse www.irdin.org.br



Sei que nem toda a humanidade estará pronta para escutar esta história e entrar em contato com ela da forma como Eu lhes apresento aqui, inclusive pelo fato de ser Eu quem a está contando.

Porém, chegou o momento do conhecimento deixar de ser uma propriedade conduzida pelas mãos dos homens e da verdade estar acessível a todos – os ignorantes e os dispostos de coração – para que todos tenham a possibilidade de compreender por que vivem determinados acontecimentos neste tempo, sabendo transpor esses obstáculos e sabendo qual o caminho correto a seguir para que o Plano de Deus se cumpra.

São José Castíssimo, prólogo

Através desta obra, o amado Instrutor Divino nos conta Sua história com o intuito de auxiliar a humanidade a compreender os mistérios do cosmos e da vida interior. Em uma narrativa simples, apresenta uma reveladora perspectiva sobre a evolução da consciência, os planos de Deus para o Projeto Humano e as expressões de vida na Terra e no cosmos.

Suas preciosas e objetivas instruções trazem esclarecimentos sobre as diferentes eras do planeta Terra, as experiências das diferentes civilizações que aqui se expressaram, reflexões sobre a vida humilde de José de Nazaré e da Sagrada Família e Seus aprendizados em diferentes momentos de Sua evolução – desde Sua Origem no seio da Criação até Sua plena comunhão com o Criador.

A mensagem deste livro é única: revela chaves para aqueles que buscam uma profunda comunhão com Deus e Sua Criação e abre caminhos para uma expansão de consciência ainda desconhecida. Como pai e amigo, São José descortina a Verdade àqueles corações dispostos à transformação verdadeira. Considerada por Trigueirinho como uma das obras mais importantes que havia lido, é um livro indispensável a todos que aspiram a trilhar o caminho de retorno ao Coração de Deus.